



**OS ESCRITOS SOBRE ARTE DE
MARIA CLARA
DA CUNHA SANTOS
NA REVISTA *A MENSAGEIRA* (1897 – 1900)
diálogos possíveis**

Ana Cláudia de Moura Cabral
PPGAV/UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

ANA CLÁUDIA DE MOURA CABRAL

**OS ESCRITOS SOBRE ARTE DE MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS NA
REVISTA *A MENSAGEIRA* (1897 – 1900)**

diálogos possíveis

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Cabral, Ana Cláudia de Moura
Os escritos sobre arte de Maria Clara da Cunha Santos na revista A Mensageira (1897-1900): diálogos possíveis / Ana Cláudia de Moura Cabral. -- 2023.
223 f.
Orientadora: Daniela Pinheiro Machado Kern.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Maria Clara da Cunha Santos. 2. Revista A Mensageira. 3. Crítica de arte. 4. Luis Gonzaga Duque Estrada. 5. Entresséculos. I. Kern, Daniela Pinheiro Machado, orient. II. Título.

ANA CLÁUDIA DE MOURA CABRAL

**OS ESCRITOS SOBRE ARTE DE MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS NA
REVISTA *A MENSAGEIRA* (1897 – 1900)**

diálogos possíveis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestra em Artes Visuais.

Linha de pesquisa: História, Teoria e Crítica de Arte

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Daniela Pinheiro Machado Kern

Porto Alegre

2023

ANA CLÁUDIA DE MOURA CABRAL

OS ESCRITOS SOBRE ARTE DE MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS NA REVISTA
A MENSAGEIRA (1897 – 1900)

diálogos possíveis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS como
requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de
Mestra em Artes Visuais.

Linha de pesquisa: História, Teoria e Crítica de Arte

Orientadora: Prof^a Dr^a Daniela Pinheiro Machado Kern

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern – Orientadora – PPGAV/UFRGS

Prof.^a Dra. Camila Carneiro Dazzi – CEFET/RJ; PPGTURPATRI/UFOP

Prof. Dr. Paulo César Ribeiro Gomes – PPGAV/UFRGS

Prof.^a Dra. Joana Bosak de Figueiredo – PPGAV/UFRGS

À minha mãe, pela transgressão do (r)existir, mulher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desta dissertação. Em especial, à minha orientadora, Prof.^a Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern, pela confiança, incentivo, apoio e dedicação desde o início desta trajetória, que se iniciou ainda na graduação. Obrigada por acreditar em mim.

À Banca da qualificação e defesa, composta pela Prof.^a Dra. Joana Bosak de Figueiredo e pelo Prof. Dr. Paulo César Ribeiro Gomes. Suas contribuições foram valiosas e essenciais para o percurso e aprimoramento deste trabalho, bem como sou grata por todo conhecimento compartilhado ainda no bacharelado.

À Prof.^a Dra. Camila Carneiro Dazzi, que prontamente aceitou o convite para integrar a Banca. Agradeço pela sua participação e pela contribuição fundamental para esse trabalho.

À Maristela Saponara, Diretora da Academia Pouso-Alegrense de Letras, pela atenção e compartilhamento de informações preciosas.

Ao Museu Histórico Municipal Tuany Toledo de Pouso-Alegre, MG, à Biblioteca do Instituto de Artes, à Biblioteca Central UFRGS e à Biblioteca da Universidade do Novo México, pela ajuda, comprometimento e compartilhamento de documentos que contribuíram imensamente para o desenvolvimento desta dissertação.

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa que recebi durante o período de um ano de mestrado. Ao PPGAV e à UFRGS por todo suporte que viabilizou este trabalho.

Aos colegas da turma 30, pelas trocas nessa caminhada. Especialmente às colegas e amigas Aline Zimmer, Jezabel Katz, Kahena Sartore e Karina Nery, pelo incentivo, suporte e, principalmente, por não me deixarem só. Vocês foram fundamentais para enfrentar os desafios e manter a motivação durante este percurso.

À amiga Ana Priscila Nunes da Costa e ao querido Vinícius Reis Furini, pelo apoio ainda na elaboração do projeto para a seleção do mestrado.

Agradeço à minha família pelo carinho, apoio constante e compreensão nos momentos de ausência. Especialmente ao Marcelo Cabral, que sempre incentivou meus sonhos e me faz acreditar que era possível e ao Lucas Dorneles, pelo exemplo de dedicação, por todas as trocas e, em especial, pelo afeto diário.

À Clara, Frida, Togo, Leia e Yoko, pelo companheirismo e amor incondicional.

Por fim, agradeço à Claudia Zendron, pelo acolhimento, pelo diálogo e por proporcionar um lugar seguro para enfrentar os momentos difíceis.

Meu mais verdadeiro muito obrigada!

RESUMO

Esta dissertação aborda os escritos sobre arte de Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas/RS, 1866 — Rio de Janeiro/RJ, 1911), publicados na revista literária *A Mensageira*, de 1897 a 1900. A análise desses textos foi realizada à luz da crítica de arte, discutindo alguns princípios presentes em seu discurso, buscando demonstrar de que maneira eles poderiam se aproximar dos textos de críticos legitimados de sua época. Para isso, propomos um diálogo entre a sua produção e o trabalho do crítico Luis Gonzaga Duque Estrada (Rio de Janeiro, 1863 – 1911). Sem perder de vista a abordagem da história das mulheres e da história feminista da arte, buscamos compreender o cenário em que Maria Clara estava inserida, considerando os contextos social, cultural, político e econômico do Brasil, especialmente para as mulheres daquela sociedade, nos anos finais do século XIX. A partir de alguns preceitos levantados por Camila Dazzi sobre a crítica de arte brasileira nos fins do Oitocentos, sobretudo o desejo pelo moderno que guiava o juízo de muitos intelectuais daquele momento, foi viável estabelecer um diálogo entre o trabalho dos dois críticos, especialmente no que diz respeito às suas produções como periodistas. Dessa forma, foi possível situarmos os escritos sobre arte da crítica Maria Clara na historiografia da arte brasileira do *Entresséculos*.

Palavras-chave: Maria Clara da Cunha Santos. Revista *A Mensageira*. Crítica de arte. Luis Gonzaga Duque Estrada. *Entresséculos*.

ABSTRACT

This dissertation addresses Maria Clara da Cunha Santos' writings on art (Pelotas/RS, 1866 — Rio de Janeiro/RJ, 1911), published in the literary magazine *A Mensageira* from 1897 to 1900. The analysis of these texts was carried out in the light of art criticism, discussing some principles present in her discourse, seeking to demonstrate how they could approach the writings of legitimized critics from her time. To do so, we propose a dialogue between her production and the work of the critic Luis Gonzaga Duque Estrada (Rio de Janeiro, 1863 – 1911). Without losing sight of the approach to women's history and feminist art history, we seek to understand the context in which the Maria Clara was inserted, considering the social, cultural, political, and economic contexts of Brazil, especially for women in that society in the late 19th century. Drawing from some precepts raised by Camila Dazzi about Brazilian art criticism in the late 1800s, particularly the desire for the modern that guided the judgment of many intellectuals of that moment, it was possible to establish a dialogue between the productions of the two critics, especially regarding their works as journalists. In this way, it was possible to situate Maria Clara's writings on art in the Brazilian historiography of the "*Entresséculos*" period.

Keywords: Maria Clara da Cunha Santos. *A Mensageira* magazine. Art criticism. Luis Gonzaga Duque Estrada. *Entresséculos*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira edição da revista <i>A Mensageira</i> , São Paulo, ano I, n. 1, 15 out. 1897.....	20
Figura 2 – Anúncios publicitários na primeira edição da revista <i>A Mensageira</i>	22
Figura 3 – Primeira página da edição inaugural da revista <i>A Mensageira</i> , São Paulo, ano I, n. 1, 15 out. 1897.....	23
Figura 4 – Retrato de Maria Clara da Cunha Santos, na revista <i>A Mensageira</i> , São Paulo, ano I, n. 23, 15 set. 1898	23
Figura 5 – Capas da edição fac-similar da revista <i>A Mensageira</i> , volumes 1 e 2, 1987.....	32
Figura 6 – Retrato de Maria Clara da Cunha Santos.....	54
Figura 7 – Annaes da Camara dos Deputados (RJ), sessão de 8 de dezembro de 1894.....	57
Figura 8 – Fotografia de Maria Clara e seu marido ao lado de figuras importantes da época, na colação de grau dos bacharéis do Colégio Paula Freitas	59
Figura 9 – Maria Clara entre os medalhistas de ouro no Grupo oitavo – livros e publicações, da <i>Exposição Nacional</i> de 1908.....	64
Figura 10 – <i>Pyrilampos e Rumorejos</i> , de Maria Clara Vilhena da Cunha e Presciliana Duarte, 1890 (esquerda); Reprodução da obra <i>Pyrilampos e Rumorejos</i> , pela Nabu Press, 2012 (direita)	66
Figura 11 – <i>Paineis</i> , Maria Clara da Cunha Santos	68
Figura 12 – <i>América e Europa</i> , Maria Clara da Cunha Santos.....	70
Figura 13 – Reprodução da obra <i>Marinha</i> (Praia de Santa Luzia), Maria Clara da Cunha Santos, Catálogo Ilustrado da IX Exposição Geral, Escola Nacional de Bellas-Artes, 1902	75
Figura 14 – Crítica de Alberto Sousa à obra <i>Paineis</i> , de Maria Clara da Cunha Santos	82
Figura 15 – Trecho da crítica de João Ribeiro à Exposição Geral de Belas-Artes (1897).....	87
Figura 16 – Crítica de Arthur Azevedo à Exposição Geral de Belas-Artes (1901).....	89
Figura 17 – Escrito sobre arte de Maria Clara com marcação em chave no trecho destinado à produção de mulheres	99
Figura 18 – Retrato de Almeida Junior, publicado na revista <i>A Mensageira</i>	113

QUADROS

Quadro 1 – Relação das pinturas de Maria Clara da Cunha Santos expostas sequencialmente em seis Exposições Gerais de Belas-Artes, da Escola Nacional de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, de 1897 a 1902.....	74
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. <i>A MENSAGEIRA</i> : REVISTA LITERÁRIA DEDICADA À MULHER BRASILEIRA....	20
1.1. FAC-SÍMILE: UM PROJETO DE ESTADO	31
1.2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO BRASILEIRO NOS FINS DO OITOCENTOS	34
1.3. PREPARANDO O TERRENO: MOVIMENTAÇÕES FEMINISTAS NO BRASIL OITOCENTISTA	44
1.4. IMPRENSA FEMININA, IMPRENSA FEMINISTA E A TESSITURA DE UM DIÁLOGO	47
2. FORTUNA CRÍTICA DE MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.....	54
2.1. PROFISSÃO: ESCRITORA!	62
2.2. PINTURAS E EXPOSIÇÕES	74
2.3. MARIA CLARA VISTA PELA CRÍTICA.....	75
3. <i>CARTA DO RIO</i> : DIÁLOGOS POSSÍVEIS	91
3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DE ARTE NOS FINS DO SÉCULO XIX.....	101
3.2. O ARTISTA MODERNO NOS ESCRITOS SOBRE ARTE DE MARIA CLARA.....	108
3.3. MARIA CLARA E GONZAGA DUQUE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
FONTES PRIMÁRIAS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
APÊNDICE A – RESUMO ANALÍTICO DA COLUNA <i>CARTA DO RIO</i> , CUJA TEMÁTICA RELACIONA-SE COM AS BELAS-ARTES (15 CARTAS)	139
APÊNDICE B – TABELA DE ARTISTAS, OBRAS E/OU EXPOSIÇÕES MENCIONADOS POR MARIA CLARA NA COLUNA <i>CARTA DO RIO</i>	140
APÊNDICE C – TABELA COM TERMOS DE JUÍZO SOBRE AS BELAS-ARTES PRESENTES NO DISCURSO DE MARIA CLARA	141
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA COLUNA <i>CARTA DO RIO</i> EM ORDEM CRONOLÓGICA DE ACORDO COM A EDIÇÃO FAC-SIMILAR DE 1987 (31 CARTAS).....	142
ANEXO B – ENQUETE <i>AS NOSSAS ESCRITORAS</i> , RESPONDIDA POR MARIA CLARA AO ALMANACH DO PAIZ, 1910	211
ANEXO C – ENQUETE <i>ELEGANCIA FEMININA</i> , RESPONDIDA POR MARIA CLARA A A IMPRENSA, 1911	216
ANEXO D – <i>PROVOCAÇÕES E DEBATES, Um LIVRO DE VIAGENS</i> (CAPÍTULO V), DE SYLVIO ROMÉRO.....	217
ANEXO E – HOMENAGENS PÓSTUMAS COM FOTOGRAFIAS	221

Porto Alegre, 12 de junho de 2023

Mimosa,

já faz algum tempo que iniciei a tessitura dessa carta, foi em agosto de 2021, e, desde então, foram muitas às vezes que a reescrevi. São tantas as questões que gostaria de dividir com você, que acabava perdendo-me na curadoria dos fatos: ora acrescentando uma informação, ora a retirando, sempre tentando encontrar as mais relevantes para compartilhar nesse momento, bem como os percursos mais interessantes para tal.

Na primeira vez que exercitei essa escrita fiz uma afirmativa que desejo manter: a de escrevê-la vigiando e combatendo quaisquer indícios de presunção que ousassem irromper; entretanto, não me sinto salva de proferir pequenas intimidades como a de dirigir-me a você pelo apelido carinhoso que suas patrícias às vezes utilizavam. Digo isso, Maria Clara, porque já faz algum tempo que venho seguindo os seus rastros e não quero arriscar limitar meu olhar, meus questionamentos e minha investigação, acreditando ingenuamente que já conheço sua história, sua trajetória ou, ainda, seu trabalho.

Isto posto, gostaria de compartilhar brevemente o caminho que me levou até seus textos, o estudo que comecei a partir da sua coluna de crônicas *Carta do Rio* — publicada durante os dois anos de circulação da revista *A Mensageira*, de 1897 a 1900, dirigida por sua prima e grande amiga Presciliana Duarte — e os desdobramentos que venho abordando na atualidade dessa pesquisa. Aliás, a respeito desses avanços, preciso dizer que alguns foram aqui atendidos; enquanto outros ainda aguardam possíveis respostas.

Foi percorrendo páginas e páginas de jornais publicados na imprensa brasileira, a partir de meados do Oitocentos até o início do século XX, que me deparei com seus escritos e com seu nome que circulava intensamente nas colunas sociais. Naquela ocasião, eu estava realizando uma espécie de mapeamento da produção de mulheres — pintoras e escultoras — de tal período, ainda sem saber ao certo se isso me levaria a algum terreno fértil.

Embora orientada pela razão, a verdade era que eu procurava algo que me emocionasse. Era isso, entende? Algo que me despertasse, que fosse substancial ao meu “ser” pesquisadora, mulher pesquisadora. Eram os seus textos que eu procurava, mesmo sem saber. Se vão seis anos ou algo em torno disso e ainda recordo da sensação ao encontrar a crônica na qual você comentava sobre a *6ª Exposição Geral da Escola Nacional de Bellas Artes*

do Rio de Janeiro. Já havia cruzado com algumas menções aos seus trabalhos em pintura nos catálogos de alguns salões, mas eram os seus textos que eu procurava. Eram os textos e não somente os quadros.

Inspirada por esse encontro e incentivada pela minha orientadora, que, aliás, segue ao meu lado na atual jornada, o meu trabalho de conclusão de curso em História da Arte tinha como objetivo principal dar visibilidade aos seus escritos sobre arte, que naquele momento eu considerava um material singular. Foi uma tarefa difícil, visto que se tratava de um trabalho de fôlego contido e existiam diversas questões a contextualizar e discutir. Explico: uma parte muito significativa de mulheres intelectuais e artistas (para mencionar apenas o campo que nos interessa), não só da sua época, mas de muitos períodos da história, acabou tendo seus nomes e suas produções fadados ao esquecimento. Situação que infelizmente também recaiu sobre o seu trabalho — seus escritos sobre arte, assim como suas pinturas, por exemplo, foram pouco pesquisados até o momento.

A boa notícia é que crescem as discussões e pesquisas que questionam esses apagamentos na história da arte. Imagino que esse fato muito lhe alegraria, visto que você também se engajou em algumas lutas feministas em prol dos direitos das mulheres, não é mesmo?

Verdade seja dita, o movimento feminista cresceu muito nas décadas finais do século XX. Conquistamos a tão sonhada emancipação, que de vocês ainda estava tão distante. Fico pensando qual seria a sua reação em saber que em 2011, inclusive, elegemos no Brasil a primeira mulher à Presidência da República? E foi reeleita! Infelizmente o desfecho dessa história não é dos melhores, visto que ela sofreu um golpe de Estado antes de finalizar o seu segundo mandato. Já referente ao acesso à educação e ao trabalho, embora tenhamos dado importantes passos, é fato, preciso lhe dizer que ainda estamos distantes da equidade, sobretudo, em relação às mulheres negras. Enfim, a boa nova é que a luta que você e suas patrícias principiaram, ainda no Oitocentos, ganhou força, ramificou-se em novos pensamentos e foi pluralizada.

Mas, como estava lhe dizendo, sobre o percurso da minha pesquisa embrionária, foi necessário partir do resgate da sua biografia. Eu precisava entender quem foi Maria Clara da Cunha Santos? Qual a sua trajetória e a relevância do seu trabalho para o campo da arte? Ainda, entendi que era necessário direcionar um olhar e um lugar sensíveis à sua produção. Para tal, recorri à história feminista e das mulheres no campo artístico.

Trago estas colocações para dizer que, obviamente, não consegui dar conta de esgotar o estudo a respeito dos seus escritos sobre arte, se bem que entendendo que o seu esgotamento não seja mesmo possível. Embora, meu objetivo inicial tenha sido contemplado

— dar certa visibilidade aos seus textos —, sentia que o assunto exigia outros desdobramentos e maior aprofundamento frente a relevância da sua produção.

Debrucei-me, então, sobre as inquietações desse trabalho inicial para compreender quais eram os desdobramentos necessários à continuidade dessa pesquisa. Pois bem, entendi que um desenvolvimento importante, ou melhor, essencial, seria analisar seus escritos no âmbito da crítica de arte. Para tal, compreender o contexto (ampliado para uma conjuntura social, política e econômica) e os fundamentos que norteavam as críticas do período seria primordial. Isso, por sua vez, ajudaria a explorar a possibilidade de estabelecer um diálogo entre seus textos sobre arte e as críticas feitas por seus contemporâneos, alguns dos quais foram legitimados no campo.

Ainda, quero lhe dizer que me deparei com muitas críticas destinadas aos seus livros e às suas pinturas. Logo, considero importante abordar os espaços que os seus trabalhos tinham na recepção da sua época e as especificidades e desproporções desses espaços entre os campos da arte e literário, que naquele período eram tão próximos. Também observei que você escreveu ativamente nos jornais que circulavam no Brasil entre as décadas finais do século XIX e a primeira do século XX. Porém, até o momento encontrei seus textos sobre arte publicados especificamente na revista *A Mensageira*. Fico pensando: você escreveu exclusivamente nessa revista ou será que existem outros escritos sobre o assunto em veículos que eu ainda não encontrei? Você utilizava algum pseudônimo? Presciliana Duarte de Almeida assinava a coluna de crítica literária como Perpétua do Valle. A utilização era comum entre os seus contemporâneos, não é mesmo?

Como disse: são tantas dúvidas e inquietações. É engraçado pensar que algumas delas você poderia simplesmente responder, acalmando meus anseios e, ao mesmo tempo, me privando do prazer das pequenas descobertas; para outras, acredito, não terias respostas, mas lhe deixariam contente por estarem sendo abordadas, discutidas.

Veja, em algum momento dessa carta mencionei que nos primórdios desse estudo considerava os seus escritos singulares. Hoje já não arriscaria pensar neles dessa forma. Os entendo como material rico e potente, mas sei que você não estava só. Enfim, espero que a tessitura desse diálogo se ramifique cada vez mais.

Afetuosamente,
A. C. M. C.



INTRODUÇÃO

A presente pesquisa deriva de inquietações do meu trabalho de conclusão do curso de História da Arte, defendido em 2017, que tinha como principal objetivo dar visibilidade aos escritos sobre arte de Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas/RS, 1866 — Rio de Janeiro/RJ, 1911), publicados na revista *A Mensageira* (1897 – 1900), no campo historiográfico da arte. Uma das principais motivações dessa pesquisa estava relacionada à aparente singularidade da produção de uma mulher voltada para a crítica de arte, visto que, no período em análise (1897–1900), as bibliografias nos indicam que essa produção era predominantemente realizada por homens. À vista disso, propunha-se ainda fomentar uma discussão sobre a necessidade iminente de um novo olhar para as narrativas predominantes da história da arte, a fim de romper com a hegemonia e com a história silenciada das mulheres. Porém, vale sublinhar que o fato de propormos o estudo dos escritos de uma mulher, se afasta da ideia de que Maria Clara era uma exceção; pelo contrário, devemos considerar os esquecimentos da historiografia da arte e, nesse caso, também da literatura, que acabou por encobrir o trabalho de muitas mulheres. Logo, parece que se faz necessário um “descortinamento” histórico sobre a realidade da produção feminina, pois da mesma forma que o trabalho de Maria Clara não era uma exceção, uma revista dirigida por uma mulher e, no caso de *A Mensageira* autodeclarada feminista, também não era.

Entretanto, devido à ausência até aquele momento de pesquisas sobre o tema no campo da arte e até mesmo sobre a trajetória de Maria Clara serem escassos, foi necessário primeiramente entender quem foi essa mulher e a sua relevância para a área. Então, o trabalho se ocupou de aspectos biográficos e do englobamento de sua produção, frente a sua atuação interdisciplinar: escritora, pintora e musicista. A fim de direcionar um olhar e lugar sensíveis a essa produção, a análise se deu através do estudo da história das mulheres no campo artístico e da história feminista da arte.

Portanto, embora a questão central da pesquisa inicial fosse os escritos sobre arte de Maria Clara, esse primeiro estudo não deu conta de esgotar o assunto. Pelo contrário, podemos compreendê-lo como um ponto embrionário para desdobramentos e aprofundamento do tema, logo, é a isso que se propõe a presente dissertação.

Isto posto, apontamos agora para uma problemática que vem sendo discutida no campo da história da arte nos últimos anos: a construção de uma ideia sobre a arte brasileira produzida no século XIX, a partir da concepção historiográfica, exclusivamente, modernista — sobretudo aquela que se forma em meados dos anos de 1945, com a publicação de *Retrato*

da arte moderna no Brasil, de Lourival Gomes Machado, de acordo com recente estudo de Rafael Cardoso (2022). Tal questão se concentra, principalmente, no fato da historiografia modernista, condicionada aos valores de sua época e alinhada a uma abordagem de revalorização do período colonial, muitas vezes rejeitar o que fora produzido no século XIX, e, dessa forma, acaba por limitar a compreensão da arte do período ao rotulá-la genericamente como acadêmica, conforme apontamento de Camila Dazzi (2004).

Essa discussão nos sugere a olhar para os escritos sobre arte, como os que Maria Clara publicou, de 1897 a 1900, na coluna *Carta do Rio* para *A Mensageira: revista literária dedicada á mulher brasileira*, como potentes testemunhos de seu tempo. Logo, podem possibilitar aos historiadores da arte novas perspectivas de uma produção ou de um cenário artístico de determinada época. Dessa forma, cabe mencionar que Maria Clara esteve presente vigorosamente nas exposições, nos salões, nos concertos e nos mais variados acontecimentos culturais da cidade do Rio de Janeiro. Assim, podemos compreender seus textos como registros e fontes de informações relevantes, que colaboram com a compreensão do circuito artístico e cultural brasileiro, especialmente o carioca, dos fins do século XIX.

Ademais, é relevante sinalizar que os estudos destinados à sua produção ainda são tímidos. Em diálogo com outros campos, encontramos no das Letras a tese intitulada *Os brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos* (2009), de Maria Alciene Neves, dedicada ao estudo específico e de fôlego das suas crônicas. Por vezes, é possível encontrar breves textos sobre ela em estudos a respeito de mulheres escritoras do período. Um exemplo é o projeto *Retratos de Camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses* (2020), coordenado pela professora Dra. Maria Eunice Moreira e vinculado à *Escola de Humanidades* da PUCRS, que destina uma parte da pesquisa à produção literária de Maria Clara. Ou, ainda, nas pesquisas relacionadas à revista *A Mensageira*, dada a sua relevante participação no periódico. Sobre os estudos destinados à análise específica dessa publicação, destaca-se a dissertação *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira* (1999), de Leonora De Luca, na área da Sociologia, e o livro *Imprensa Feminista e Literatura: contribuições da revista A Mensageira* (2019), organizado por Cecil Jeanine Albert Zinani, que foram importantes referências para o presente trabalho.

Já no campo das artes, em que se concentra nosso interesse, a atuação de Maria Clara até o momento foi pouco abordada — tanto seus escritos sobre arte, quanto seu trabalho na pintura. Portanto, observamos carência de investigação e análise de sua produção, o que se acentua quando consideramos a sua relevância para a historiografia da arte brasileira do Entresséculos.

No tocante às inquietações decorrentes da pesquisa inicial, é oportuno destacar que Maria Clara colaborou com um número muito significativo de jornais. Entretanto, pelo que sabemos até o momento, suas críticas foram publicadas exclusivamente na revista *A Mensageira* e inseridas na coluna de crônica *Carta do Rio*. Esse fato sugere o seguinte questionamento: por que uma intelectual com uma produção tão ativa escreveria seus apontamentos críticos em apenas um veículo? Ou, ainda, é possível que haja mais textos com apontamentos sobre arte da autora para além dos encontrados na revista mencionada? Ou até mesmo seria possível considerar a existência de um pseudônimo?

Sabemos que o pseudônimo era uma prática relativamente comum para a época. Presciliana Duarte de Almeida (1867 – 1944), diretora da revista *A Mensageira*, por exemplo, utilizava o pseudônimo de Perpetua do Valle para assinar a coluna *Impressões de Leitura*, espaço da revista destinado aos apontamentos críticos sobre as publicações literárias. De modo semelhante, no cenário internacional, Mary Ann Evans (1819 – 1880) utilizou como pseudônimo o nome masculino George Eliot, tal como fez Charlotte Bronte (1816 – 1855), assinando seus romances como Currer Bell, para citar apenas alguns casos na vastidão de existentes¹.

Ao analisar as críticas publicadas nos jornais, de autoria de críticos homens, direcionadas aos livros literários de Maria Clara, percebemos facilmente alguns posicionamentos hostis diante dessas produções. Vale lembrar que as escritoras do período em estudo muitas vezes enfrentavam condições desfavoráveis na recepção dos seus trabalhos e, nesse sentido, o uso do pseudônimo poderia ser um recurso oportuno. Esse cenário, em certa medida, fundamenta ainda a proposta da revista *A Mensageira*, que denunciava a necessidade de existir um espaço no qual as mulheres intelectuais pudessem publicar seus trabalhos, pensamentos, opiniões.

Diante desses apontamentos, nos perguntamos acerca das relações entre os sujeitos que ocupavam esses espaços do campo da crítica de arte e, de modo complementar, do campo literário e da imprensa, e o contexto que os geria. Assim, nos importa primordialmente entender se há possibilidade de estabelecer um diálogo entre os escritos sobre arte de Maria Clara e o trabalho crítico de outros autores coetâneos. Afinal, quais são as aproximações e distanciamentos entre esses textos? Podemos situar esses escritos de Maria Clara no campo da crítica de arte?

À vista das inquietações apresentadas, portanto, verificou-se a necessidade de realizar uma pesquisa que se debruçasse sobre a investigação da produção de Maria Clara à luz da

¹ Questão abordada no subcapítulo *Mulheres artistas na História da Arte: retratos apagados*, do meu TCC (Cabral, 2017, p. 30).

crítica de arte, desdobrando-se no presente estudo. Assim, partindo do desejo de estudar a produção crítica do cenário artístico realizada por mulheres do século XIX, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar a coluna de crônicas *Carta do Rio* sob a ótica do campo da crítica de arte, discutindo os princípios que estavam presentes nesses textos e demonstrar de que maneira eles podem se aproximar dos textos de críticos legitimados daquela época. Sem perder de vista a abordagem da história das mulheres e da história feminista da arte, visto, inclusive, que podemos compreender a revista enquanto um periódico feminista, conforme estudo de Constância Lima Duarte (2016). Consequentemente, é fundamental olharmos para as discussões e reivindicações das mulheres que estavam em pauta naquele momento.

Para tal propósito definiu-se como objetivos específicos: a) observar algumas das discussões que circundavam os textos publicados na revista *A Mensageira*, considerando o contexto político, social e econômico daquele período; b) analisar o contexto social da mulher naquele momento histórico, através das questões levantadas pela revista; c) compreender algumas discussões substanciais que circulavam no campo artístico durante os anos finais do século XIX; d) investigar alguns critérios da crítica de arte nacional nos anos finais do século XIX; e) analisar os escritos sobre arte de Maria Clara, observando seus fundamentos, a partir do diálogo com pares;

Referente à crítica de arte, é importante ressaltar que uma interpretação mais abrangente, que não se limite ao sentido estrito do gênero, a exemplo dos *Salons* de Denis Diderot (1713 – 1784), pode colaborar para a análise desse objeto de estudo. No proposto como “literatura artística”, a partir da abordagem de Julius von Schlosser (1866 – 1938), exposta em artigo de Dario Gamboni (2012), considera-se todo comentário sobre uma obra, incluindo outros gêneros literários: o artigo de imprensa ou o verbete de dicionário, a crônica de arte, a resenha de exposição, o relato de viagem, o estudo histórico, o texto polêmico, o manifesto, o romance sobre arte, o romance de arte, a correspondência de arte, entre outros. Desse modo, a ponderação da crítica em seu sentido ampliado pode contribuir no trânsito por trabalhos que se esforçaram em estabelecer uma perspectiva de desenvolvimento da pintura no Brasil, a exemplo da obra *A Arte Brasileira* (1888), de Luís Gonzaga Duque Estrada (1863 – 1911). Assim como pelas críticas periódicas que circulavam na imprensa, que eram maioria no período. E é no periodismo que se localiza o trabalho em análise de Maria Clara.

Em certa medida, a concepção mais abrangente da crítica de arte apontada por Gamboni (2012) revela o entrelaçamento existente entre os campos artístico, literário e da imprensa, característico da crítica desse período. Visto que a crítica de arte brasileira do século XIX era escrita principalmente por literatos, ou seja, em geral, não havia uma formação específica na área. Fato observável de forma semelhante em território francês.

Aliás, considerando a influência francesa no cenário artístico nacional e as premissas de uma ideia universal da arte que circulavam na época, é pertinente um olhar extrínseco, a fim de estudar algumas discussões travadas no cenário internacional e as suas ressonâncias na crítica brasileira, visto que um entendimento abrangente do campo pode contribuir para o aprofundamento da nossa análise. Entretanto, nos alinhamos com a abordagem que busca se afastar da fiel adoção dos movimentos que efervesciam na Europa, sobretudo na França, e da concepção de uma reprodução acrítica dessas ideias, em concordância com Sônia Gomes Pereira (2017), voltando-nos para as nuances que permeiam as influências teóricas no Brasil. Nos interessa, portanto, uma discussão aprofundada a respeito do cenário brasileiro dos fins dos Oitocentos.

Dado o exposto, consideramos, para a elaboração desta pesquisa, o levantamento bibliográfico e o uso de fonte documental. A revisão bibliográfica nos fornece suporte para a análise dos textos sobre arte de Maria Clara e para o diálogo com as críticas de outros autores de sua época, levando em consideração os princípios da crítica de arte produzida no final do século XIX, especialmente entre os anos de 1897 a 1900, bem como os contextos social, cultural, político e econômico.

Quanto às fontes documentais, além da edição fac-similar da revista *A Mensageira*, publicada em 1987, encontram-se as obras publicadas por Maria Clara: *Pyrilampos e Rumorejos*, edição de 2012, pela *Nabu Press*; *Paineis*, de 1902, gentilmente compartilhado digitalmente pelo *Museu Histórico Municipal Tuany Toledo*, de Pouso Alegre, MG; e, *America e Europa*, de 1908, fornecido digitalmente pela *Biblioteca da Universidade do Novo México*, que prontamente atendeu à solicitação da *Biblioteca do Instituto de Artes*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contamos, ainda, com os catálogos das *Exposições Gerais de Bellas-Artes*, da *Escola Nacional de Bellas-Artes*, de 1897 a 1902, período em que Maria Clara expôs, disponibilizados na *Biblioteca Digital de Obras Raras*, plataforma vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Outra importante referência foi a já citada obra *A arte brasileira* de Gonzaga Duque, edição de 1995, e, do mesmo autor, as coletâneas dos textos periodistas *Impressões de um Amador: textos esparsos de crítica (1882 – 1909)*, organizado por Júlio Castañon Guimarães e Vera Lins, edição de 2001, e *Graves & Frívolos (por assuntos de arte)*, edição de 1997.

Por fim, foi realizado um levantamento nos periódicos de circulação nacional por meio da plataforma *Hemeroteca Digital*, disponibilizada pela *Fundação Biblioteca Nacional*. A busca concentrou-se no período de 1890, data da publicação do primeiro livro literário de Maria Clara, até 1911, o ano de sua morte. Utilizamos o recurso de busca por frases

específicas, pesquisando pelo nome da escritora, com algumas variações possíveis, e título de suas obras (literárias e artísticas).

Quanto à estrutura, a dissertação é composta por três capítulos, além desta introdução, da carta de abertura e das considerações finais. O capítulo 1 apresenta a revista *A Mensageira*, bem como sua edição fac-similar, observando as discussões feministas e os contextos social, político e econômico que embasavam os textos nela publicados. Além disso, trata da tessitura curada por essas escritoras, através e além dos espaços da revista, destacando a articulação por elas estabelecida. As principais referências para esse capítulo são a edição fac-similar de *A Mensageira* (que guiará os demais), o original da primeira edição, disponibilizado pela *Hemeroteca Digital*, a já mencionada dissertação de Leonora De Luca (1999), o livro também já apontado de Cecil Zinani (2019), *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX* (2016), de Constância Lima Duarte, as obras *A mulher no Brasil* (1978) e *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 – 1937* (1981), de June E. Hahner, *Uma breve história do Brasil* (2010), de Mary Del Priore e Renato Venancio e *Brasil: uma biografia* (2015), de Lilian Schwarcz e Heloisa Starling.

Já no capítulo 2, apresentamos a trajetória de Maria Clara, abordando a sua carreira como escritora e o seu envolvimento com a pintura e a música. Por fim, discutimos essa trajetória através da crítica dirigida à sua produção, tanto na literatura como nos salões de belas-artes em que expôs. As principais referências para esse capítulo são os periódicos levantados através da *Hemeroteca Digital*, os catálogos das seis *Exposições Gerais de Bellas-Artes*, os livros publicados por Maria Clara, bem como a pesquisa de Eliane Vasconcellos, que compreende a obra *Escritoras brasileiras do século XIX* (2004), volume 2, organizada por Zahidé Muzart.

Finalmente, no capítulo 3, abordamos os escritos sobre arte de Maria Clara. Apresentamos a coluna de crônicas *Carta do Rio*, para então analisarmos, em seus textos, especificamente os pontos em que traz apontamentos críticos sobre o cenário das belas-artes do Rio de Janeiro e os princípios que a guiavam. A fim de contextualização, são apresentadas algumas considerações sobre a crítica de arte dos anos finais do século XIX, para depois adentrarmos no diálogo com seus pares, mais especificamente com o crítico de arte Gonzaga Duque. É fundamental destacar que, ao estabelecermos um diálogo com a obra de Gonzaga Duque, nosso propósito não reside em validar, por meio deste autor, a produção de Maria Clara no âmbito da crítica, mas sim aprofundar nossa análise em relação aos textos por ela produzidos. As principais referências para esse capítulo são as obras anteriormente mencionadas de Gonzaga Duque, os artigos de Camila Dazzi, *Crítica de arte: uma nova forma*

de escrever o século XIX no Brasil (2004) e *O moderno no Brasil ao final do século 19* (2012), de Sonia Gomes Pereira, o livro *Arte, Ensino e Academia: estudos e ensaios sobre a Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro* (2016) e o artigo *Algumas discussões sobre a historiografia da arte no Brasil: os modelos teóricos na passagem dos séculos XIX e XX* (2017), a já comentada dissertação de Maria Alciene Neves (2009), de Lauren Elkin, *Flâneuse* (2022) e de Morgana Carniel, *A ironia como meio de subversão do discurso em “Cartas do Rio”, de Maria Clara da Cunha Santos* (2019).

Nessa Introdução, procurou-se compartilhar resumidamente o percurso dessa pesquisa, que já soma alguns anos, bem como esboçar as linhas principais que atravessam essa dissertação, na tentativa de melhor estruturá-la. Desejamos ter conseguido, mais do que responder às diversas questões que o estudo suscitou, propor alguns diálogos e outras tessituras possíveis.



1. A MENSAGEIRA: REVISTA LITERÁRIA DEDICADA À MULHER BRASILEIRA

No dia 15 de outubro de 1897 foi lançado o primeiro número da revista *A Mensageira: revista literaria dedicada á mulher brasileira*², com direção de Presciliana Duarte de Almeida (Pouso Alegre, 1867 — Santos, 1944). Ao todo, foram 36 números publicados, encerrando com a edição datada em 15 de janeiro de 1900. A periodicidade quinzenal foi mantida durante o seu primeiro ano de existência — aos dias 15 e 30 (este último com pequenas variações entre os dias 28 e 31) —, passando para o período mensal³ no seu segundo e último ano —, saindo sempre no décimo quinto dia de cada mês.



Figura 1 – Primeira edição da revista *A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 1, 15 out. 1897
Fonte: Hemeroteca Digital

² Conforme grafia original.

³ Observa-se que a periodicidade dos periódicos que circularam em período próximo à revista *A Mensageira*, variava entre semanal, quinzenal e mensal. Entretanto, tudo indica que revistas com edições mais substanciais, como *A Mensageira*, mantinham uma publicação mensal, como é o caso do *Álbum das Meninas – Revista Literária e Educativa dedicada às jovens brasileiras*, produzida em São Paulo por Anália Emília Franco, que circulou entre 1898 e 1901 (Chagas, 2016).

Houve uma pequena pausa entre os dois anos de publicação da revista, devido, sobretudo, à perda prematura de Bolívar, filho caçula de Presciliana Duarte. O triste episódio, foi comentado por Maria Clara da Cunha Santos, na sua coluna fixa de crônica intitulada *Carta do Rio*, em 1899, explicando a motivação que levou à interrupção do periódico:

A perda, quasi que repentina, de seu ultimo filhinho, o adoravel Bolivar — formoso lyrio que enchia de alegria o seu lar e de esperanças o seu coração — abalou-a fortemente, como é facil de imaginar. Por esse motivo, aliás muito justo, esta revista suspendeu por 4 mezes, sua publicação. (Santos, 1987m, p. 1)⁴

É relevante mencionar, referente ao fatídico episódio, as possíveis críticas direcionadas a Presciliana que tentavam associar a morte de Bolívar à dedicação desprendida com a revista. Não podemos esquecer que muitos intelectuais, críticos e público leitor da época se opunham à presença feminina na imprensa. A situação era ainda mais grave, conforme apontou Rosana Kamita (2004, p. 165), se a produção feminina “demonstrasse senso crítico ou se posicionasse em relação a temas que se distanciassem do espaço doméstico ou do sentimentalismo vazio, a crítica se tornava mais severa”; como veremos logo mais, era o caso da *Mensageira*.

Ainda sobre essa questão, ao sugerir uma análise psicossocial da tragédia que assolou Presciliana, Leonora De Luca (1999) trouxe um discurso elogioso e, também, sugestivo à tal descabida associação. Trata-se da fala de Aureliano Leite em ocorrência de sua posse, em 1944 (décadas após o ocorrido), à cadeira que outrora havia sido da sua prima, Presciliana Duarte, na *Academia Paulista de Letras*, que dizia o seguinte: “Prisciliana, roubando à maternidade momentos despreocupados, edita e redige a revista ‘A Mensageira’, de orientação inteligentemente feminista. Consegue, à custa, sabe lá Deus de quantos sacrifícios, mantê-la (...)” (Discurso de Aureliano Leite publicado na *Revista Da Academia Paulista De Letras*, n. 29, 12 março 1945, *apud* De Luca, 1999, p. 62, grifo do autor).

Mas, retomemos agora aos dados referentes à revista. *A Mensageira* foi publicada na cidade de São Paulo, inicialmente com sede na Rua dos Estudantes, número 23. Observa-se, porém, que a partir de 30 de setembro de 1898, ou seja, quando completa o primeiro ano de existência, o endereço da revista muda para Rua de Sta. Iphigenia, número 57. Tais localizações correspondiam às residências, sequenciais, da diretora. Não localizamos dados precisos referente a tiragem da revista, entretanto De Luca (1999) especula que estivesse

⁴ Manteve-se a grafia original conforme edição fac-similar para todas as citações diretas.

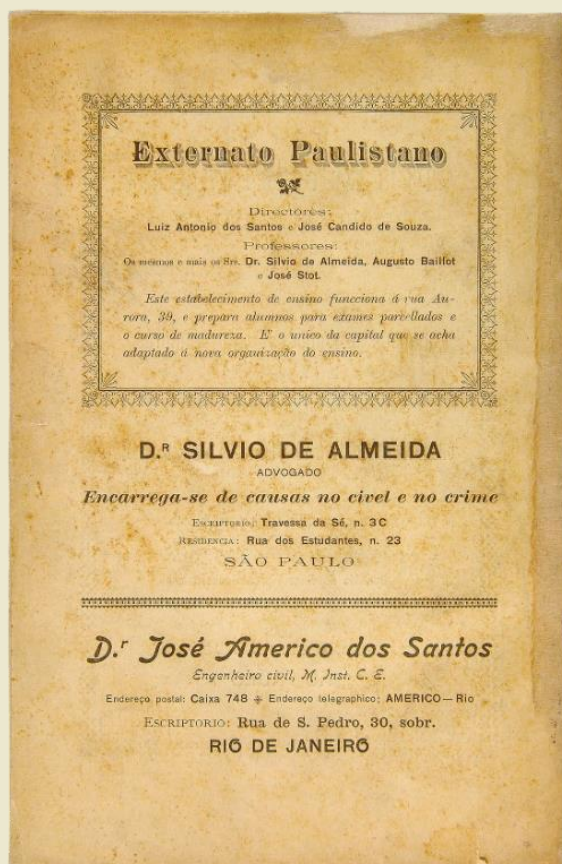
entre 500 e 1000 exemplares. A impressão *in quarto* do periódico era feita pela *Typographia Brazil de Carlos Gerke & Comp.* Quanto à venda, havia a opção de assinatura anual, no valor de 12\$000 (doze mil-réis), e avulsa, que custava 1\$000 (hum mil-réis). Encarregavam-se da comercialização em São Paulo a *Casa Garraux* e a *Livraria Brazil*. Já no Rio de Janeiro, ficava ao encargo da *Casa de musicas de Julia Filippone*.

Ainda sobre a venda da revista, Maria Clara fez a seguinte observação ao final de uma de suas cartas incentivando a aquisição do periódico e alertando sobre os prejuízos no seu empréstimo:

Disse-me hontem um de meus primos que perdeu alguns numeros da “Mensajeira” em emprestimos contínuos que faz da revista a amigos que a apreciam muito. E terminou por me dizer que o n.º 12 havia sido emprestado a cinco ou seis amigos, que esse n.º estava em Nictheroy actualmente, depois de haver estado uns dias em Cascadura. Ouvi e...não fiquei alegre, como era de esperar. Ninguém deve emprestar a “Mensajeira”. Esse pedido eu o faço a todos os assignantes. Quem quizer lêl-a que a assigne ou compre avulsa, custa tão pouco..., é só dar um pulo á rua do Ouvidor, 93, na conhecida casa de Julia Filippone. Se todos fizerem como meu primo... adeus “Mensajeira”, sua historia, no futuro será está: morreu, mataram — na [sic] os seus amigos; cuidando que lhe faziam *reclame*, davam — na [sic] a lèr de graça a pessoas que bem podiam ter tomado uma assignatura. (Santos, 1987g, p. 245-246, grifo da autora)

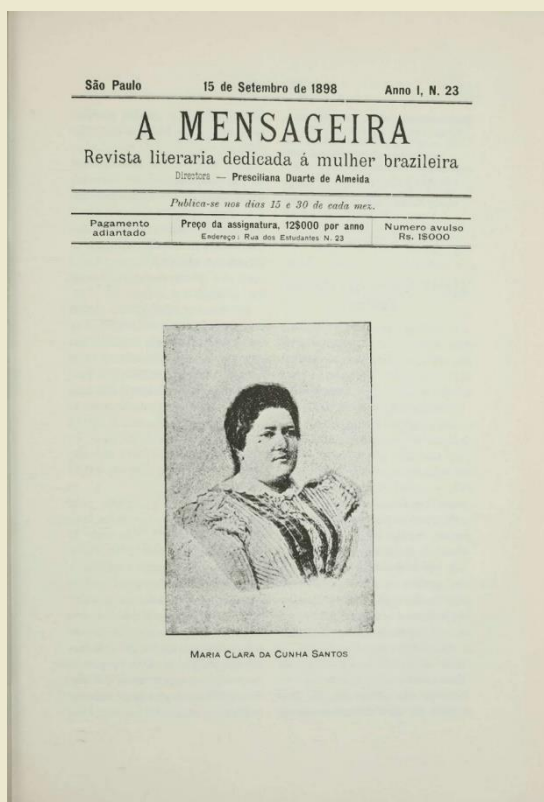
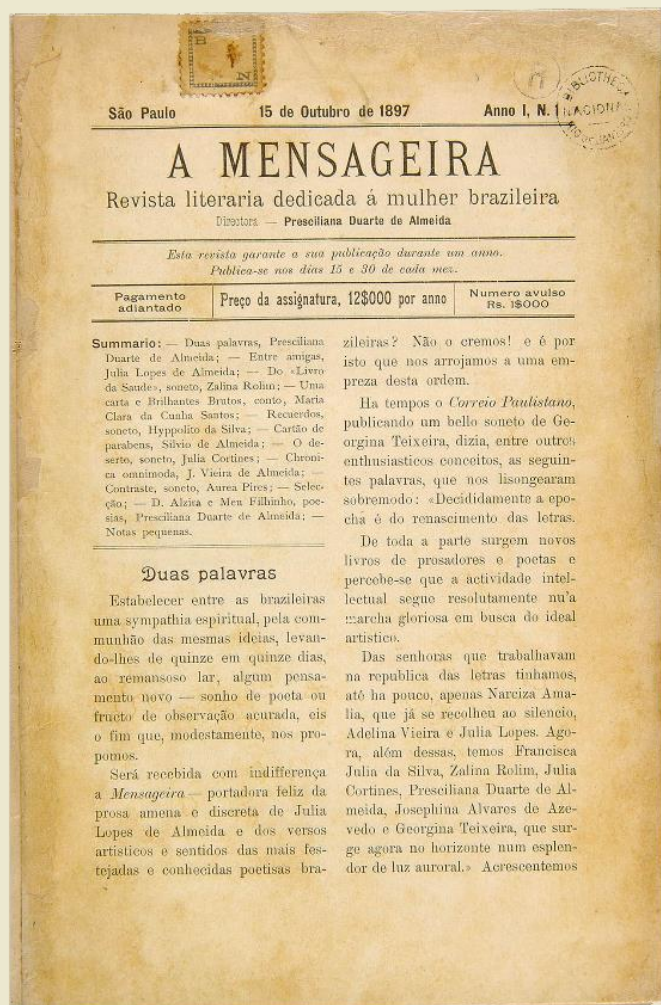
A revista disponibilizava um espaço para publicidade, ao que tudo indica, em sua última página ou na quarta capa, sobrecapa de proteção, como sugeriu De Luca (1999). Ao certo, as condições para os anúncios eram as seguintes: página inteira custava 15\$000 (quinze mil-réis); meia página custava 8\$000 (oito mil-réis); por fim, o quarto de página era 4\$000 (quatro mil-réis). Podemos observar, na edição inaugural da revista, a presença de publicidade dos escritórios dos maridos de Presciliana, Dr. Silvio de Almeida, e de Maria Clara, Dr. José Americo dos Santos.

Figura 2 – Anúncios publicitários na primeira edição da revista *A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 1, 15 out. 1897
Fonte: Hemeroteca Digital



Na primeira página do periódico, eram apresentadas as informações basilares como local, data, ano, número, nome da revista, diretoria, periodicidade e valor. Na sequência, no canto superior esquerdo, encontrava-se um pequeno sumário apresentando os textos e autores presentes no exemplar. Além disso, vale apontar que os textos que compreendiam os volumes, eram apresentados sempre em duas colunas e separados usualmente por vinhetas.

Figura 3 – Primeira página da edição inaugural da revista *A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 1, 15 out. 1897
Fonte: Hemeroteca Digital



Outra observação pertinente diz respeito a ilustrações. Ao longo de todas as publicações, foram apresentados seis retratos, sempre em destaque. A sabe: gravura de Almeida Junior, fotografia de Maria Clara da Cunha Santos, gravura de Aurea Pires, gravura de Mme. Dreyfus, gravura de Julia Lopes de Almeida e gravura do Dr. Candido Espinheira.

Na cidade do Rio de Janeiro, *A Mensageira* tinha como representante a Maria Clara, importante colaboradora e incentivadora da revista; já na capital francesa, Paris, era a

Figura 4 – Retrato de Maria Clara da Cunha Santos, na revista *A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 23, 15 set. 1898
Fonte: *A Mensageira*. Edição fac-similar, v. 1, 1987, p. 353

Madame Blanche Xavier de Carvalho⁵ que a representava. Tudo indica que a revista teve forte circulação do nordeste ao sul do país. Além disso, circulou no exterior, por Paris e, provavelmente, também por Portugal e Chile (De Luca, 1999). Vale destacar que a sua coleção foi exposta na *Exposição Universal de Paris* de 1900, conforme divulgado em nota, de 15 de dezembro de 1899, intitulada *A literatura feminista na exposição de 1900*⁶.

Quanto aos seus colaboradores, a análise sistemática elaborada por De Luca (1999), demonstrou que a revista contou com 74 escritores ao longo das publicações. Porém, é importante mencionar que existe um pequeno núcleo de sustentação muito próximo à Presciliana, tanto ideológico como geográfico, e outro mais distante com contribuições esporádicas.

Isto posto, destacamos algumas escritoras residentes especialmente no eixo Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo: Áurea Pires (Angra dos Reis, 1876 — Rio de Janeiro, 1949)⁷, Stella Lentz⁸ (1870 – ?), Dolores Alcântara Vilhena de Araújo⁹ (1870 – ?), Maria Emília Lemos¹⁰, Zalina Rolim (Botucatu, 1869 — São Paulo, 1961), Ibrantina Cardona (Nova Friburgo, 1868 — Rio Pardo, 1956), Adelina Amélia Lopes Vieira (Lisboa, 1850 — Rio de Janeiro, 1923), Josefina Álvares de Azevedo¹¹ (Paraíba, 1850 — Rio de Janeiro, 1913), Ignez Sabino (Salvador, 1853 — Rio de Janeiro, 1911), Júlia Lopes de Almeida (Rio de Janeiro, 1862 — Rio de Janeiro, 1934) e Georgina Teixeira (Rio de Janeiro, 1877 – ?).

A revista não se limitava apenas a colaboradoras. Embora essas fossem a base da *Mensageira*, o periódico também acolhia o trabalho de escritores homens, conforme justificou Presciliana: “Para mais variada e interessante tornarmos a nossa revista, temos, além da colaboração das mais illustres escriptoras nacionaes, o concurso de distinctissimos cavalheiros, cultores fidalgos e devotados da arte da palavra” (Almeida, P. 1987, v. 1, p. 1). Assim sendo, os colaboradores mais assíduos foram: Alberto Sousa (Santos, 1870 — São Paulo, 1927), Artur Andrade (Itapira, 1872 — São Paulo, 1902), João Vieira de Almeida (Porto Feliz, 1840¹² — São Paulo, 1912), Xavier de Carvalho¹³ (Lisboa, 1862 — Paris, 1919) e Silvio de Almeida¹⁴ (Pouso Alegre, 1867 — São Paulo, 1924).

⁵ Não encontramos a data de nascimento e morte.

⁶ A Literatura feminista na exposição de 1900, 1987, v. 2, p. 215.

⁷ Radicada em Minas Gerais no final do século XIX.

⁸ Escritora mineira, irmã de Silvio de Almeida, logo, cunhada de Presciliana Duarte.

⁹ Escritora mineira, prima de Presciliana e Maria Clara.

¹⁰ Escritora mineira, sem referência ao ano de nascimento e morte.

¹¹ Fundadora do jornal *A Família*.

¹² Possível ano de nascimento.

¹³ Marido da representante da revista em Paris, Madame Blanche Xavier de Carvalho.

¹⁴ Já mencionado marido de Presciliana.

Antes de examinarmos quais eram as colunas regulares, bem como, os tipos de textos e assuntos que compunham o periódico, é essencial termos clareza sobre o propósito da revista. Para isso, o texto que inaugura a publicação, assinado por Presciliana, é elucidativo:

Estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo — sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos. (Almeida, P., 1987, v. 1, p. 1)

Na continuidade da escrita, a diretora irá mencionar o avanço intelectual, científico e profissional das mulheres. Embora a ênfase seja para as mulheres do campo das letras, inclusive cita nominalmente muitas colaboradoras da revista, Presciliana também menciona o avanço das mulheres em outras áreas, como a medicina.

O texto de abertura é seguido pelo artigo avulso *Entre amigas*¹⁵, de Julia Lopes de Almeida, que além de dar as boas-vindas à revista, comenta sobre o avanço do movimento feminista no Brasil e afirma a necessidade de desenvolvimento intelectual e de educação para as mulheres. Ainda, na temática de felicitações pela estreia da *Mensageira*, Silvio de Almeida escreve *Cartão de parabens*¹⁶. Além dos parabéns já anunciados, comenta sobre algumas contrariedades enfrentadas para a concretização da estimada revista.

Maria Clara, que teve a coluna de crônicas *Carta do Rio* regularmente publicada, na qual apresentava as notícias da capital, Rio de Janeiro, participa nesse primeiro número com o pequeno texto *Uma carta*¹⁷, tratando do aceite ao convite de colaboração à revista feito por Presciliana e anunciando a sua coluna para o próximo número. Além disso, recorda o primeiro periódico que publicaram juntas em Pouso Alegre, *O Colibri*. Na sequência da carta, foi apresentado o seu conto *Brilhantes brutos*¹⁸, ambientado no sertão de Minas Gerais.

Outra coluna que se apresentou de modo regular, ao menos até a décima terceira publicação da revista, foi *Chronica omnimoda*, de João Vieira de Almeida. Como tema inaugural, o autor tratou das históricas expedições à Índia e à América e, também, das modernas explorações aos polos¹⁹. Nas crônicas que seguiram, João Vieira discutiu variados assuntos, alguns abordados com certo conservadorismo. Entretanto, o nosso interesse concentra-se, sobretudo, na crônica publicada em 30 de novembro de 1897, na qual criticou o fato de São Paulo estar longe de ser devidamente considerada a capital artística do Brasil.

¹⁵ Almeida, Julia, 1987, v. 1, p. 3-5.

¹⁶ Almeida, Silvio, 1987, v. 1, p. 10-11.

¹⁷ Santos, 1987, v. 1, p. 5-6.

¹⁸ *Id.*, 1987, v. 1, p. 6-9.

¹⁹ Almeida, João, 1987a, v. 1, p. 12-13.

Pois, segundo seu argumento, não tinha uma Academia de Belas-Artes, um Conservatório de música ou coleções artísticas. Observemos parte de seu escrito:

A não serem Almeida Junior e Pedro Alexandrino, que outros artistas poderíamos nós apontar?! [...] S. Paulo precisa de provar, directamente e por factos, que póde e quer ser a capital artistica do Brazil; mas, para tanto se faz necessário que comece por edficar [sic] um theatro, na altura da sua civilização [...]. Convem que funde uma Academia de Bellas-Artes e um Conservatório de Musica [...]. (Almeida, João, 1987b, p. 55)

Agora, para concluirmos a rápida análise dos textos que inauguraram *A Mensageira*, é necessário mencionar ainda Zalina Rolim, Hippolyto da Silva (Campinas, 1858 — Águas Virtuosas, 1909), Julia Cortines (Rio Bonito, 1863 — Rio de Janeiro, 1948), Aurea Pires e a própria Presciliana Duarte que apresentaram poesias, as quais foram dispostas ao longo dessa primeira edição. Por fim, apresentou-se as seções *Seleção*²⁰ e *Notas pequenas*²¹. A primeira era destinada à apresentação de citações de variados autores, sendo mencionados na primeira edição: Gracia H. C. Mattos, Madame Da La Fayette, Júlia Lopes de Almeida, Catharina Timandro e J. Norberto. Já a outra seção tratava de noticiar assuntos diversos, com destaque às conquistas das mulheres em variados campos. Nesta edição foram abordados os seguintes assuntos: visita à maternidade de São Paulo, dirigida pela Doutora Maria Renotte; vitória das forças oficiais em Canudos; mencionadas as senhoras fluminenses (Alina Teixeira, Beatriz F. C. de Miranda, Mary M. Sayão e a colaboradora, Maria Clara da Cunha Santos), que participavam da exposição de pintura da *Escola Nacional de Belas-Artes*; e, por fim, o *Dicionário biográfico brasileiro*, organizado em Paris, pela Viscondessa de Cavalcanti. Ambas as seções foram habituais nos números seguintes da revista.

Ainda que a coluna *Com ares de chronica*, de Maria Emilia Lemos, não apareça nos primeiros dois números da revista e sim, a partir da terceira publicação, merece destaque, pois foi uma coluna assídua do periódico. Na primeira *Carta com ares de chronica*, vinda de Minas Gerais, a escritora discorreu, entre tantas questões, sobre a igualdade entre os gêneros. Observemos em suas palavras:

Queremos a igualdade da mulher tal como é descripta pelo immortal e bom Legouvé, *igualdade na differença*, igualdade que póde existir sem prejuizo de nenhuma das duas metades do genero humano, igualdade que eleva a mulher e prova em favor do homem. Concorda? Então passemos adiante. (Lemos, 1987, v. 1, p. 43, grifo da autora)

²⁰ Seleção, 1987, v. 1, p. 14.

²¹ Notas pequenas, 1987, v. 1, p. 15-16.

Outras colunas e seções surgiram com o passar das edições. Dois exemplos: a coluna *Impressões de leitura* e a seção *A Mensageira*. A primeira era assinada por Perpetua do Valle, pseudônimo de Presciliana, e tratava das críticas literárias. Já a segunda apresentava aos seus leitores os comentários elogiosos que a revista recebia da crítica, que muitas vezes eram bem numerosos ou longos, como a crítica laudatória feita pelo jornal *Cidade de Campinas*, com mais de três páginas, assinadas pelo “admirador e servo” Alberto Farias²².

Ainda, sobre o pseudônimo Perpetua do Valle, é relevante mencionar que Presciliana também o utilizou para assinar alguns textos avulsos. Como o texto em homenagem ao artista Almeida Junior²³ e outro em homenagem à Maria Clara da Cunha Santos²⁴; no artigo sobre a exposição póstuma de Almeida Junior²⁵; na tradução do texto *Mme. de La Fayette*²⁶; e em diversos poemas e poesias.

Agora, referente aos textos avulsos, ou seja, os que não correspondiam a uma coluna regular, destacaremos alguns, entre tantos, que podem ajudar a dimensionar as discussões que circundavam a revista. Em 30 de outubro de 1897, a edição é aberta com o texto *Falso encanto*, de Maria Emilia, autora da já citada coluna *Com ares de chronica*. A escritora discorre sobre a educação das mulheres e a resistente apologia que tende a colocá-las num lugar de fraqueza, ignorância, timidez e infantilidade. Podemos observar que a defesa argumentativa da instrução para as mulheres baseava-se, de certo modo, na possibilidade de melhor reger os cuidados com os filhos e colaborar com o marido:

A mulher instruída, forte, capaz de velar á cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as prescrustações da sciencia; ou de repellir com energia as chalaças de qualquer imbecil, será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos seus pensamentos e ajudal-o em todas as resoluções difficeis. (Lemos, 1987, v. 1, p. 17)

É interessante apontar, ainda, que Maria Emilia retoma as gerações de mulheres, na figura das avós e depois das mães, para demonstrar os avanços, através de esforços e sacrifícios, que foram feitos até a sua geração. Com isso, destaca o papel das mães no empenho pela educação das filhas:

Os paes, tendo grandes aspirações sobre seus filhos, não ambicionavam, salvo honrosas excepções, sino que as filhas fossem honestas. Isto bastava! As mães, porém, por intuição e por uma altivez natural iam sempre que

²² *A Mensageira*, 1987, v. 1, p. 155-158.

²³ Valle, 1987, v. 1, p. 107-109.

²⁴ *Id.*, 1987, v. 1, p. 353-355.

²⁵ *Id.*, 1987, v. 2, p. 238-239.

²⁶ *Id.*, 1987, v. 1, p. 235-237.

podiam ministrando ás suas filhas todos os meios de serem educadas e dignas, sugeitando-se para isto aos maiores dissabores e sacrificios. (Lemos, 1987, v. 1, p. 18)

Outro texto interessante é *A nossa condição*, assinado com as iniciais M.P.C.D., que abre a edição de 30 de novembro de 1897 e que será finalizado na edição de 30 de dezembro do mesmo ano. De Luca (1999) especula que tais iniciais sejam um heterônimo de Presciliana Duarte, visto que as iniciais coincidem com seu nome de batismo: Maria Presciliana Vilhena da Cunha. Feita essa ressalva, o texto analisa o desequilíbrio social e dos direitos das mulheres. A autora defende a necessidade de uma “completa reforma na educação moral da mulher” e a liberdade na manifestação de seus pensamentos. Novamente, percebemos que o viés argumentativo coincide com a proposta de que uma mulher instruída melhor colabora com o cuidado da família, do lar. O seu argumento contrapõe a ideia, que para a autora é oriunda de “espíritos frívolos”, de que “a mulher instruída não pode ser bôa esposa, porque julgam que o estudo lhe rouba o tempo destinado aos arranjos domésticos e á criação dos filhos” (M.P.C.D, 1987a, v. 1, p. 49). Logo, o seu discurso será em via contrária: “Quanto mais illustrada e intelligente for uma mulher, tanto mais zelosa e cumpridora de seus deveres será” (M.P.C.D, 1987a, v. 1, p. 50). Quanto à segunda parte do texto, publicada no mês seguinte, embora apresente um certo pesar pela condição da mulher ainda desfavorável, ao buscar comparação em tempos passados, oferece um fechamento que é esperançoso:

O século dezenove traz consigo um facho luminoso [...]. A esse passado tenebroso, a esse egoísmo revoltante, o esquecimento completo; ao presente, que promete a igualdade na diferença, animo e perseverança; e a esse risonho futuro que trará a emancipação moral da mulher, uma chuva de palmas e uma salva de ovações! (M.P.C.D, 1987b, v.1, p. 81)

A mulher do futuro é o extenso texto da portuguesa Maria Amalia Vaz de Carvalho (Lisboa, 1847 – 1921), que inicia a publicação de 31 de agosto de 1899. Neste artigo, a autora discorre sobre o *Congresso Internacional das Mulheres*, que ocorreu em Londres em meados daquele ano. Vai destacar as importantes mulheres que participaram do congresso, assim como, as cinco pautas propostas: educação, profissões liberais, legislação, indústria e questões políticas e sociais. É pertinente apontar que a autora observa as rápidas modificações sociais, morais, políticas e econômicas impostas pela modernidade. Se antes era contra os direitos políticos das mulheres, nesse momento entende a sua urgente necessidade:

[...] eu, tantos annos adversaria inconciliavel dos *direitos politicos* da mulher, tenho de converter-me a essa innovação, desde que nella se incluem

vantagens de ordem economica e de ordem moral, que não são tão necessárias á mulher antigamente e que hoje lhe são absolutamente indispensáveis para que a brutalidade da vida moderna a não esmague. (Carvalho, 1987, v. 2, p. 134)

Maria Amalia destaca que a educação das mulheres era influenciada pelos ideais dos franceses Ernest Legouvé (lembramos: também mencionado no texto de Maria Emilia), Jules Michelet e Aimé Martin. Contudo, com as transformações na sociedade moderna, ela observa que esses princípios orientadores das mulheres também passam por mudanças. Em sua análise, Maria Amalia percebe que, naquele momento, esses princípios estavam mais fortemente influenciados por questões econômicas do que meramente políticas. Sobre o futuro, a autora faz a seguinte previsão:

O século XX verá a mulher trabalhando ao lado [do] homem, concorrendo com elle em todas as carreiras liberaes, vencendo-o, talvez, em algumas dellas pela sua tenacidade, pela sua paciência, pela sua habilidade manual, pela perspicacia ingenita que a distingue, pela sua faculdade apurada em longos séculos de padecer calada, de supportar o mal sem se queixar (Carvalho, 1987, v. 2, p. 135-136).

Ademais, para a autora o feminismo é parte integrante do socialismo. E, referente à mulher pobre, ela comenta:

Já não a condemno porque ella, esquecida das graças, da fraqueza, da doçura frágil do seu sexo, batalha valentemente para alcançar uma profissão que a salvguarde de todas as tentações da miséria. E' que tenho visto como para a mulher solitaria e pobre é dura a vida e cruelmente difficil o caminho (Carvalho, 1987, v. 2, p. 138-139).

Ainda em relação à profissionalização da mulher, destaco o texto *Diretos da mulher*, sem autoria, que abriu a penúltima edição da revista, em 15 de dezembro de 1899, e foi então concluído no seu último número, em 15 de janeiro de 1900. Um pouco antes da publicação desse texto, havia sido muito comentada pelos colaboradores da revista a atuação da Dra. Myrthes de Campos no Tribunal do Jury. Os muitos comentários eram devidos à singularidade da atuação feminina na área jurídica, visto que na ocasião ainda não estava aprovada a permissão do exercício da advocacia pelas mulheres. A Dra. Myrthes pode exercer sua profissão, pois teve autorização direta do juiz Dr. Viveiro de Castro. Pois bem, no texto em questão a discussão parte da negação dada a outra diplomada em direito de defender um réu no tribunal do júri. Ora, enfrentava-se um grande impasse: elas tinham conquistado, em partes, o acesso à educação, porém não tinham o consentimento garantido para exercer a profissão.

O tema foi discutido em várias páginas. Mas chama nossa atenção os últimos parágrafos, pois se alinham à reflexão de Maria Emilia, anteriormente mencionada:

Hoje, mais do que nunca, perante a lenta dissolução da família, perante a onda mercantilista que nos invade e ulcera, substituindo na structure social o amor pela fortuna, as mulheres pobres e inteligentes precisam garantir o logar na existência pelo unico poder da sua actividade, do seu estudo, do seu valor. (Direitos da mulher, 1987a, v. 2, p. 204)

Na finalização, o texto recorre a razão do Congresso na decisão favorável a atuação feminina junto ao tribunal:

Demais a mais, as leis, como a razão, acham-se ao seu lado. Respeitemo-lhes a dignidade, o esforço, o sagrado instinto da independencia. E segreda-nos o coração que contra o carrancismo das ordenações, evocadas para a rebaixarem e perderem, o Congresso so affirmará o direito da igualdade na profissão, salvando-a e engrandecendo-a. (Direitos da mulher, 1987a, v. 2, p. 204-205)

A segunda parte do artigo²⁷, que abre a última edição da *Mensagem* e que igualmente apresenta uma longa discussão, é comemorativa: foi reconhecido, em 1900, pelo Supremo Tribunal Federal o direito da mulher à prática da advocacia. Diante da empolgante conquista, foi discorrido sobre diversos avanços profissionais das mulheres no mundo e destacou-se nomes significativos em variadas áreas como artes, literatura, medicina, matemática, astronomia e histologia.

Vale mencionar, que o tom otimista presente em muitos dos textos da revista, assim como os posicionamentos adotados pelos colaboradores desde o texto inaugural de Presciliana Duarte, devem muito ao fato dos anos de circulação da *Mensagem* terem sido de maior estabilidade, em razão, sobretudo, da consolidação da República civilista. O cenário político do período no qual a revista circulou se contrapõe ao dos primeiros anos da república (proclamada no ano de 1889, enfrentou muita instabilidade até meados da década de 90), marcado por certa insegurança para o campo da imprensa, em razão dos riscos de apreensão e censura, como afirma Leonora De Luca (1999). Para ela, o contexto político de circulação da *Mensagem* está “[...] correlacionado com o tom sereno, otimista e confiante que caracteriza, desde o começo, sua linha editorial” (De Luca, p. 32, 1999).

Enfim, além desses textos rapidamente apurados, muitos outros são apresentados aos longos dos 36 números da revista discutindo educação, profissionalização e os direitos das

²⁷ Direitos da mulher, 1987b, v. 2, p. 217-222.

mulheres. Alguns outros exemplos: *O suffragio feminino em a Nova Zelandia*²⁸, transcrição de artigo da *Gazeta de Petropolis*; *O feminismo*²⁹, de Xavier de Carvalho; *Ainda um assunto feminino*³⁰, de Pelayo Serrano³¹(Serro, 1876 — Belo Horizonte, 1852); *A mulher é uma força ativa na sociedade*³², da Dra. Maria Rennotte (Souverain-Wandre, 1851 — São Paulo, 1942); *A solidariedade feminista*³³, de Eugénie Potonié Pierre (Lorient, 1844 — Fontenay-sous-Bois, 1899).

Nessa rápida apresentação da revista, além da sua materialidade e circulação, buscou-se principalmente demonstrar os tipos de textos (artigos, críticas, crônicas, contos, poesias, entre outros) e os assuntos que eram abordados pelos colaboradores do periódico. Diferentemente de outras revistas da época destinadas às mulheres, salientou Kamita (2004), *A Mensageira* propunha um viés politizado e conscientizador dos direitos das mulheres às suas leitoras. Os tradicionais assuntos como trabalhos manuais, moda, culinária, etiqueta e puericultura, dão espaço para discussões relativas à educação e emancipação feminina.

É nesse sentido que o trabalho de Constância Lima Duarte (2016) contribui em nossa análise, visto que ela diferenciou a imprensa feminina e a imprensa feminista, sendo a primeira mais voltada a trivialidades e entretenimento, e a outra a discussão sobre a situação da mulher na sociedade, ou seja, textos que convidam à reflexão. Logo, é nesta última que podemos compreender o alinhamento de *A Mensageira*, mas esse assunto será melhor tratado adiante.

1.1. FAC-SÍMILE: UM PROJETO DE ESTADO

A edição fac-similar da revista *A Mensageira* foi publicada em dois volumes, sendo que o volume 1 corresponde ao seu primeiro ano de publicação, quando essa tinha periodicidade quinzenal, e o volume 2, ao seu segundo e último ano de circulação, já com a periodicidade mensal. O primeiro volume possui um texto de apresentação assinado pela então Secretária da Cultura do Estado de São Paulo, a Ex-deputada Federal Bete Mendes. Além desse, há um segundo texto que antecede a reprodução dos originais da revista intitulado *A Mensageira*:

²⁸ O suffragio feminino em a Nova Zelandia, 1987, v. 1, p. 70-72.

²⁹ Carvalho, Xavier, 1987, v. 1, p. 97-99.

³⁰ Serrano, 1987, v. 1, p. 129-132.

³¹ Pseudônimo de Néelson Coelho de Sena.

³² Rennotte, 1987, v. 1, p. 141-142.

³³ Pierre, 1987, v. 2, p. 206-208.

uma contribuição feminista, de Zuleika Alambert, que naquele momento era Presidenta do Conselho Estadual da Condição Feminina.



Figura 5 – Capas da edição fac-similar da revista *A Mensageira*, volumes 1 e 2, 1987
Fonte: Acervo pessoal

Em 20 de maio de 1902, Presciliana Duarte de Almeida fornece ao *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* uma coleção da revista. Foi essa ação que possibilitou, décadas mais tarde, ao *Arquivo do Estado da Secretaria da Cultura*, acesso aos originais, reproduzidos nessa edição fac-similar, publicada em 1987, pela *Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP*. O fac-símile faz parte de um projeto do Estado de São Paulo que propunha disponibilizar ao público acesso a obras já esgotadas e a documentos de significância cultural e histórica. No texto de apresentação, Bete Mendes, além de explicar essa política de divulgação de documentos históricos, destaca a importância de preencher a lacuna historiográfica dos estudos sobre a imprensa feminina no país. Por fim, problematiza rapidamente as dificuldades em relação às fontes de pesquisa sobre a trajetória de reivindicações pelos direitos das mulheres no Brasil. Sobre essa questão a secretária comenta:

Em que pese o interesse despertado pelo tema nos dias de hoje, as dificuldades de acesso às fontes (incompletas, dispersas e raras) são ainda um forte empecilho na reconstituição histórica do processo pelo qual as mulheres, em nossa sociedade, reivindicaram seus direitos. Importa conhecer cada um dos momentos desse longo percurso: as causas pelas quais lutaram, os recursos de que se valeram, as barreiras encontradas, os

“espaços” que puderam conquistar [...]. (Mendes, 1987, v. 1, s/p, grifo da autora)

Em sequência ao texto de apresentação, para enfatizar a singular relevância da publicação do fac-símile, Zuleika Alambert inicia as suas considerações citando *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, compreendida como uma obra revolucionária do feminismo, problematizando o fato de a história das mulheres ser majoritariamente, até aquele momento, escrita por homens ou, ainda mais grave, ignorada pelos cientistas sociais. Em seguida, em tom otimista, menciona que devido às conquistas de espaço na vida política, social e cultural a mulher passa paulatinamente a ser objeto específico de estudo. Logo, a publicação dos volumes de *A Mensageira* contribui na reconstituição de uma parte da história do movimento feminista no Brasil.

É pertinente o fato de Alambert propor ao leitor contemporâneo um olhar que considere o contexto histórico e social no qual os textos da revista foram produzidos. Sobretudo, para evitar uma interpretação ligeira das ideias presente na revista, a autora entente que o movimento feminista “não pode ser avaliado neste ou naquele País, fora de determinadas condições econômicas-políticas-sociais e culturais, ou ignorando-se os reflexos dessas condições de vida da mulher e em seu grau de consciência para transformá-la” (Alambert, 1987, v. 1, s/p).

À vista disso, o texto apresenta um breve panorama histórico da sociedade brasileira à época de *A Mensageira*. Entre as considerações, pondera-se que até meados do século XIX a economia do Brasil baseava-se no trabalho escravo e a maior parte da população era rural. É na segunda metade do XIX que se observam maiores mudanças no contexto social, econômico e político: avanços tecnológicos, estradas de ferro, barco a vapor, telégrafos, entre outros; e, com isso, o crescimento dos centros urbanos. Rio de Janeiro e São Paulo destacavam-se na liderança cultural, intelectual e econômica do país.

Essas considerações são importantes, pois contextualizam um pouco do cenário em que aquelas escritoras estavam inseridas, logo, buscam ajudar com um entendimento mais apurado das ideias que se apresentavam no periódico. Inclusive, Alambert menciona as contradições e ambiguidades do feminismo que naquele período começava a se movimentar. Espalhava-se uma ideologia legitimadora do modo de produção capitalista, orientada então pelo discurso liberal, que impulsiona a luta pelos direitos trabalhistas e educacionais para as mulheres, porém, não as afastando de suas obrigações no âmbito doméstico. Como vimos no início desse primeiro capítulo, na apresentação da revista, um argumento importante na defesa da educação para as mulheres era justamente o de melhor instruí-las para os cuidados

com os filhos, o marido e a casa. Referente às tais confusões, que afastados do período assim podemos perceber, Alambert (1987, v. 1, s/p, grifo da autora) defende:

Isso não pode invalidar o desempenho de “A Mensageira” no sentido de divulgar as produções femininas, enaltecer os feitos da mulher dentro e fora do lar, seu papel na literatura, nas artes, nas ciências, no magistério, nas profissões liberais; no sentido de abrir em suas páginas, espaços para a mulher dizer o que pensava de si, da família, e do mundo; no sentido de tornar conhecido os nomes das mulheres que no mundo e no País estavam fazendo história.

Por fim, considerando o fato que muitas mulheres foram apagadas da história, é significativo mencionar que essa edição fac-similar de *A Mensageira* possibilita o estudo não só do periódico, como de parte da produção e da trajetória de suas colaboradoras. Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre a revista foi possível observar que dela ramificam-se pesquisas, como a presente dissertação, sobre as mulheres que ali colaboraram. Outro exemplo é o livro *Imprensa Feminista e Literatura: contribuições da revista A Mensageira*, organizado por Cecil Zinani (2019), que apresenta uma coletânea de textos sobre a revista, e entre esses, alguns dedicam-se a análise específica do trabalho de determinadas colaboradoras do periódico. Além de Presciliana, Maria Clara e Júlia Lopes, são contempladas Ibrantina Cardona, Andradina de Oliveira (Porto Alegre, 1864 — São Paulo, 1935), Cândida Fortes (Cachoeira do Sul, 1862 – 1922) e Revocata de Mello (Porto Alegre, 1853 — Rio Grande, 1944).

1.2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO BRASILEIRO NOS FINS DO OITOCENTOS

Há uma complexidade, por vezes ambígua, em algumas ideias apresentadas em *A Mensageira*. O que nos atenta para o fato, que, aliás, não podemos perder de vista, de que os seus colaboradores estavam envoltos na transição que a sociedade brasileira vivenciava no período, sobretudo, nas décadas finais do século XIX. Com a consolidação do sistema capitalista, a industrialização, abolição do sistema escravagista, a proclamação da República e a emergência de uma nova classe social — a burguesa —, ocorriam mudanças significativas na organização social da época, surgindo, assim, novas concepções e valores. Logo, discorrer sobre os acontecimentos históricos, políticos, econômicos e sociais desse período de transição de maneira sintética não é uma tarefa fácil. Por isso, optamos por abordar a contextualização do período a partir do diálogo com os textos de Maria Clara da Cunha Santos, publicados na revista *A Mensageira*, na coluna regular de crônicas *Carta do Rio*.

Considerando a pesquisa histórica de Mary Del Priore e Renato Venancio (2010), entendemos que o processo de industrialização no Brasil iniciou por volta de 1880 e com ele uma nova forma de economia emergiu. Intensificou-se, dessa maneira, a campanha a favor da abolição da escravatura — que havia tido um marco importante em 1850 com a extinção do tráfico de pessoas em condição de escravidão —, que foi a vias de fato em 1888, a partir da Lei Áurea, com a libertação dos escravizados.

Porém, vale ressaltar que tal conquista ocorreu, sobretudo, em virtude da luta e ação dos próprios escravizados, das campanhas abolicionistas e da pressão oriunda do exterior. Além do mais, no imaginário social rondava o medo da “africanização”, que além da segurança pública, frente às temidas rebeliões, afastava o país da almejada “civilização”. Priore e Venancio (2010) lembram que nos debates abolicionistas europeus surgiram as primeiras teorias racistas de base biológica. Logo, não é de estranhar que tal medo chegasse por aqui.

Entretanto, como aponta Schwarcz e Starling (2015), a estratégia política em torno da abolição consistia em criar uma narrativa redentora mediante a ação proferida pela Princesa Isabel, que, como sabemos, foi quem assinou a lei em 1888, para que esta fosse entendida como uma dádiva, um presente:

E a imagem pública de Isabel seria mesmo muito valorizada com a lei, sendo ela lembrada como “a redentora dos negros”. A própria maneira como a abolição foi apresentada oficialmente — como um presente e não como uma conquista — levou a uma percepção equivocada de todo esse processo marcado pelo envolvimento decisivo dos próprios escravizados na luta. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 424-425)

É de referir que o 13 de maio de 1888 foi mencionado nas cartas de Maria Clara, visto que ela participou ativamente do movimento abolicionista. Na carta datada de 15 de março de 1898, a cronista conta a triste história de uma lavadeira liberta no advento da Lei Áurea. Quando cativa, o patrão a alugava por 120\$000 (cento e vinte mil-réis) para servir a uma criança rica como ama de leite, por outro lado, via de mês em mês o próprio filho. Referente ao amor, de certa forma espelhado entre as duas crianças, comenta: “A criança que eu creava, eu a amava tanto que as vezes – que loucura! quando a beijava e affagava sentia que beijava o meu filho e que diferença – meu filho negro como carvão, e a criança alva como jasmim, mais o coração não quer saber dessas cousas!”. Na sequência da história, a lavadeira comenta seu sentimento ambíguo quando proferida a notícia da libertação: “eu senti uma alegria sem conta e uma tristeza sem nome! Alegre! poderia viver com o meu filhinho! triste! – porque me lembrava que minha mãe morreu cativa e era tão velha! sempre trabalhou e não pode

gostar desse favor da Princesa” (Santos, 1987e, p.164). Nessa passagem, cabe chamar a atenção para a consideração proferida à princesa Isabel, que consoante a narrativa construída, foi aqui encarada como benevolente.

Mas o clímax da história se dá após os festejos pela liberdade conquistada, quando o pai do menino amamentado solicita ao ouvido da lavadeira que continuasse a prestar seus serviços, porém o pagamento seria dali por diante de 40\$000 (quarenta mil-réis) e não mais 120\$000 (cento e vinte mil-réis). Na sequência Maria Clara questiona por qual motivo ela havia aceitado a descabida proposta e a resposta foi a seguinte: “Ah! sinhazinha! me disse a lavadeira com os olhos rasos d’agua, eu já tinha dado meu leite 5 mezes á creança e já a amava tanto que não tive coragem para reagir. O patrão poderia despedir-me, elle era homem zangado”. No desfecho triste, a lavadeira comenta que seu filho havia morrido no mesmo dia 13 de maio, mas só soube da fatalidade tempos depois. A cronista finaliza com a seguinte reflexão:

Eu fiquei a pensar na alma angelica dessa creatura e na abnegação de seu proceder tão nobre. Todos conhecem casos hediondos e atrozes de barbaridade comettidas no tempo do captiveiro, por isso não é demais que eu conte esse da lavadeira e do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mez enquanto um outro homem – tambem rico – recebia o aluguel para consumil-o em capitosos vinhos e luxuosas ostentações e que no momento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o terço do seu valor! Edificante, não acham? (Santos, 1987e, p.165)

Novamente, na carta de 30 de maio de 1898, a data foi recordada, considerada pela escritora como a data mais gloriosa da história do país, e da mesma forma a ação proferida pela Princesa Isabel foi destacada: “No meio das festas e das apotheoses, da alegria e dos folguedos desse dia 13 de Maio, meu coração volta-se agradecido para o passado e o vulto sympathico e bondoso da princeza Izabel vem, docemente, receber os applausos de meu entusiasmo sincero” (Santos, 1987g, p.244). Ainda, sobre a Princess Isabel, Maria Clara comenta: “Vejo-a, como uma carícia materna, por entre os azulados veos da phantasia, na apoteose enthusiastica e sublime que o povo lhe fez, ha 10 annos passados, quando ella assignou a aurea lei que redimia uma raça, por tantos annos, egoisticamente usurpada pela outra!” (Santos, 1987g, p. 244-245). Sequencialmente, vai homenagear José do Patrocínio e o engenheiro André Rebouças, que recentemente havia falecido, por lutarem pela emancipação dos escravos. Referente ao último, ainda menciona que na campanha abolicionista teve seu marido, José Americo dos Santos, como companheiro. Como uma última homenagem a Rebouças, finaliza:

Seu nome, a historia de seu passado brilhante e glorioso, suas obras scientificas, seus trabalhos technicos, seu illibado character e grande coração não podem ser tratados no estreito espaço desta Carta. Elle foi sempre um trabalhador e um justo. Morreu pobre e em paiz longinquo, longe dos seus. A classe de engenharia brasileira perde com a morte de André Rebouças um de seus mais illustres representantes. (Santos, 1987g, p. 245)

Importante retomar que em focos separados de oposição ao império, estavam sumariamente os abolicionistas, os republicanos e o Exército. Com o enfraquecimento da monarquia de D. Pedro II, devido em parte ao advento da abolição da escravatura, que não agradou aos ruralistas, mas também o descontentamento dos militares, agravado com a Guerra do Paraguai e a formação de partidos políticos afastados da realeza, como o Partido Republicano, fundado em 1870, conforme Schwarcz e Starling (2015), instituiu-se em 1889 a Primeira República brasileira, presidida por Deodoro da Fonseca. A Primeira República teve seus anos iniciais embalados por grandes conturbações e também por novas ideias, sobretudo, positivistas, que associaram-na “a imagem do progresso e a concepção de modernização” (Schwarcz e Starling, 2015, p. 432).

Além da abolição, como acabamos de ver, a República, a industrialização, a modernização dos centros urbanos também foram assuntos presentes em vários dos textos que compõem a revista *A Mensageira*, especialmente nas crônicas da Maria Clara. Algumas vezes, inclusive, foram abordados por ela com certa ambiguidade ou ironia, como na sua escrita sobre o processo de modernização da capital, que, a propósito, foi um tema constante em sua coluna.

São diversas as passagens em que a escritora vai trazer exemplos de progresso, de civilização e de modernização na cidade do Rio de Janeiro, que, nas entrelinhas, eram ideias associadas à República. Na crônica de 31 de março de 1898, ela discorreu sobre a inauguração de uma fábrica de gelo, considerando o oportuno como mais um melhoramento para o bairro Engenho Velho (Grande Tijuca). Destacou que as máquinas foram montadas por um engenheiro francês e o marco da inauguração foi realizado pela Sra. D. Maria da Gloria, esposa do proprietário da fábrica, Sr. Artur Aguiar, que acionou o maquinário. Observemos em suas palavras:

Mais um melhoramento para o nosso formoso bairro: uma fabrica de gelo. Decididamente o Engenho Velho está na ponta. O Snr. Arthur Aguiar, proprietario da fabrica de gelo, tem concorrido muito para o aformoseamento das ruas deste arrabalde, edificando muitos predios bonitos e elegantes e agora de um modo muito poderoso, com a fundação da fabrica de gelo, que se serve da celebre Agua do Vintem para sua fabricação. A festa

do dia da inauguração foi muito bonita e muito concorrida. Diversos brindes foram feitos ao Snr. Aguiar, á imprensa, ao progresso e á França, porque é preciso que se saiba que foi um engenheiro francez o auctor da montagem das machinas. Aos convidados foi servido um profusso *lunch*. A Exm.^a esposa do Snr. Aguiar, D. Maria da Gloria, foi quem iniciou os trabalhos da machina fazendo com que o vapor entrasse na gaveta da distribuição. Ao progresso do Engenho Velho foi a saúde que bebi com mais prazer e mais entusiasmo! (Santos, 1987f, p. 186)

Porém, em 30 de maio de 1898, dois meses após a notícia da inauguração da fábrica de gelo, Maria Clara apresenta uma postura irônica em relação aos efeitos controversos do rápido processo de modernização que toma a capital do país, mais especificamente no bairro Tijuca, no qual residia. Observemos o seguinte trecho dessa Carta:

A formosa Tijuca vae ser devassada pela civilisação! A electricidade vae ter ingresso n'aquellas mattas seculares, é o que noticiam as folhas desta capital. D'aqui a alguns annos, quando a Tijuca estiver cortada de bonds e avenidas, quando as confeitarias e casas de modas ostentarem suas vistosas placas, quando houver coretos para as bandas marciaes e miasmas e desinfecções e hyppodromos e clubs, os passaros que agora cantam e alegam aquelles sitios fugirão em demanda de outros logares, onde possam viver em liberdade; as arvores frondosas terão caído por terra, derribadas para dar passagem aos vehiculos e espaço para modernas construcções; as flores exquisitas e raras d'aquelle logar, não se aclimando com as mãos de jardineiros mercantís, terão emmurhecido para sempre e a luz e o ar purissimo e o cheiro agreste e saudavel d'aquella luxuriante vegetação, estarão corrompidos pelo progresso! Pobre Tijuca. Maldicta civilisação! (Santos, 1987g, p. 245)

É notória a admiração de Maria Clara pela paisagem natural do Rio de Janeiro. Além da valoração pela representação panorâmica da natureza, que veremos mais atentamente quando tratarmos dos seus escritos sobre arte, ela destaca constantemente as belezas naturais e narra as suas observações dos passeios que realizava por esses espaços. Logo, não é de admirar que desprenda comentários críticos aos embates que a modernização provocava no espaço urbano carioca, como a modificação na paisagem.

Para retratar a predileção de Maria Clara pela paisagem natural, destacamos uma passagem da crônica publicada em 15 de junho de 1898, na qual comenta sobre um passeio ao ar livre que realizou pela Tijuca num domingo de sol. A cronista fez o seguinte relato:

Um passeio á Tijuca é um dos mais delicados prazeres que se pode proporcionar á alma! Lá fui um dia destes, para aproveitar o formoso domingo de sol, tão claro e tão alegre! Arvores gigantes, cipós entrelaçados, rumorejar da cascatinha em alvas pedras e despenhadeiros, cantos maviosos de passaros, perfume inebriante da saudavel vegetação, lindas flores de manacá desde o branco ao roxo escuro e por sobre todas estas bellezas o ceo

azul sereno a perder-se no horizonte, onde se confundia com o verde negro dos longínquos montes! (Santos, 1987h, p. 258)

Ainda, como exemplo, cabe mencionar o seu comentário publicado em 15 de maio de 1899 referente à paisagem mineira. Da viagem a Minas Gerais, realizada com o marido em ocasião da inauguração do estabelecimento balneário em Cambuquira, da *Empresa Lambary e Cambuquira*, Maria Clara observa: “Os verdes montes, as formosas campinas, o ar puro e vivificador de Minas encantaram a todos da comitiva” (Santos, 1987o, p. 86). A propósito, vale reforçar que a paisagem mineira, sobretudo o sertão mineiro, foi inspiração para Maria Clara; tal como vimos anteriormente, ambientava o primeiro conto publicado na revista, *Brilhantes brutos*.

Voltemos à discussão sobre os conceitos de civilização, modernização e progresso presentes em sua coluna, pois há outra passagem em uma de suas crônicas que merece nossa atenção. Trata-se da *Carta do Rio*, datada de 30 de dezembro de 1897 e publicada no sexto número do periódico. Um dos assuntos abordado era sobre uma onça pintada que havia sido vista circulando pelo bairro Irajá, zona norte do Rio de Janeiro. Em tom humorado, Maria Clara discorre sobre a exploração da “forasteira”, porém é interessante a imagem contrastante que a cronista apresentou em relação à presença do animal silvestre e o centro urbano: “Amanhã si a onça ampliando mais o seu passeio, vier até aqui ao Engenho Velho, não nos poderemos queixar caso algum estrangeiro nos chame botocudos”; e, entre os motivos exploratórios do tal aparecimento, considera, entre irônicas hipóteses, que a onça “[...] é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilizado. A civilização e as onças são incompatíveis” (Santos, 1987c, p. 83-84).

O tom irônico e o tema da civilização, também aparecem na carta do décimo primeiro número de *A Mensageira*. O caso Dreyfus, que já havia sido notícia nas páginas da revista, inclusive, pela escrita de Maria Clara, retorna aos holofotes quando o escritor Émile Zola é condenado por defender publicamente o capitão francês. Em 13 de janeiro de 1898, Zola publica no jornal *L'Aurore*, emblemático texto, intitulado *J'accuse*, em defesa de Alfred Dreyfus, francês de origem judaica³⁴. Nitidamente, essa notícia incomodou Maria Clara, que já considerava espantosa a situação do capitão Dreyfus, logo, a situação tornou-se ainda mais perturbadora: “a condenação do grande romancista, cujo unico crime foi o de ter tido a coragem de defender publicamente o infeliz prisioneiro, veio abalar ainda mais o nosso coração já tão rudemente ferido por esse caso tão estranho quanto emocionante” (Santos, 1987e, p. 163). Finaliza temporariamente o assunto, comparando a civilizada Paris que

³⁴ Alfred Dreyfus havia sido acusado injustamente de espionagem e traição à pátria, sendo vítima do antissemitismo que crescia na Europa, protagonizando um processo fraudulento e grande erro do judiciário.

condenou Zola e Dreyfus aos tempos medievais: “Nos obscuros tempos medievaes, creio, não seriam mais barbares os homens do que os que hontem, em pleno Pariz, — o fóco da civilização — condemnaram ao degredo e ao exílio o genial escriptor que honrou o século que o vio nascer!” (Santos, 1987e, p. 163-164).

Na continuidade dessa crônica, Maria Clara abordou outro acontecimento: uma exposição de uvas. As uvas de São Paulo foram largamente elogiadas, inclusive a cronista traz uma passagem que ouviu de uma senhora admirada com a abundância da terra paulista durante a sua visita à exposição: “Que bellas uvas! Parecem da Europa!”. A partir dessa colocação, Maria Clara de modo irônico retoma o caso Dreyfus para contrapor à ideia de civilização: “E’ verdade, pensei eu, as apparencias illudem, as uvas parece que são da Europa, assim como a condemnação de Zola parece um facto que se tenha dado no centro da África ou nos sertões de Goyaz!” (Santos, 1987e, p. 164).

Diante dessas questões, apresentadas através de alguns trechos das crônicas de Maria Clara, se faz necessário algumas observações referentes ao cenário nacional daquele período. Os primeiros anos da República, vale reforçar, chegaram carregados de mudanças. A historiadora Mary Del Priore (2017) apresenta uma interessante descrição desse momento de transição feita pela escritora Maria Carolina Nabuco de Araújo³⁵ (1890 – 1981), que vivenciara em sua juventude essas alterações. Observemos:

Nos primeiros anos da República, o Brasil sofreu uma desorganização econômica financeira resultante da desordem da lavoura, com o regime de trabalho livre. A crise aumentou com o Decreto 164, de Rui Barbosa, baixado a 17 de janeiro de 1890, permitindo que companhias ou sociedades anônimas se estabelecessem sem autorização do Governo. Iniciou-se assim um período de jogatina desenfreada na Bolsa, com projetos de riqueza imediata sem base de produção, período que durou vários anos, nos quais se criaram e se destruíram fortunas inteiras. Lançavam-se cada dia ações de novas companhias. Pleiteavam-se concessões. Enquanto de um lado se levantavam empresas, de outro se abriam falências. Quase todos os bancos soçobraram. Tudo isso ficou marcado em minha infância apenas pelo vocábulo “encilhamento”. As palavras que não entendemos são, às vezes, as que mais fascinam. Hoje, sei que esta foi originalmente sugerida pelo frenesi das apostas e palpites no elegante azar dos hipódromos, nas cocheiras onde se encilhavam os animais de corrida. (Araújo *apud* Del Priore, 2017, p. 25)

A política econômica do Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, tinha como objetivo incentivar a industrialização e estimular a atividade econômica do Brasil por meio da emissão de moedas e do aumento da liberação de créditos bancários. Em outras palavras, desejava-se modernizar o Brasil por meio da industrialização, fomentar novos negócios e estimular o

³⁵ Filha do político e diplomata Joaquim Nabuco (1849 – 1910).

setor financeiro. Porém, o resultado não foi positivo como se esperava e o país sofreu um colapso econômico, que fortemente marcou o cenário instável do período de passagem da Monarquia à República.

À crise do encilhamento, somaram-se os fazendeiros falidos e a população dos libertados, que ficaram à própria sorte. Além disso, havia grande instabilidade política, com o exército dividido, e movimentos de revolta começaram a dar encaminhamento para uma possível guerra civil. Desta forma, culmina na renúncia de Deodoro da Fonseca, assumindo seu vice, Floriano Peixoto, que igualmente mantém um governo autoritário, inclusive ficou conhecido como Marechal de Ferro. O cenário permaneceu agitado, havendo uma segunda Revolta da Armada, que exigia a convocação de eleições presidenciais e, além, disso, o governo enfrentava a Revolução Federalista no Sul do país, que como explica Schwarcz e Starling (2015):

[...] resultou numa sangrenta guerra civil que começou em 1893, só terminou em 1895 e contrapôs o Partido Republicano Rio-Grandense, favorável à ditadura republicana dos positivistas gaúchos, ao Partido Federalista, defensor da Constituição de 1891, da autonomia municipal e do governo federal com poder centralizado. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 438)

Logo, os primeiros anos da República foram marcados por crise econômica, revoltas sociais, tensões políticas e autoritarismo. Em 1894, é eleito Prudente de Moraes, do Partido Republicano Paulista, primeiro governo civil da República; que será sucedido por Campo Sales em 1898 (Schwarcz; Starling, 2015). Relevante enfatizar que o governo civil foi nitidamente elogiado por Maria Clara em algumas passagens de suas cartas. Na crônica de 15 de novembro de 1897, por exemplo, ela vai noticiar com pesar o atentado ao Presidente Prudente de Moraes, no qual o Marechal Carlos Machado de Bittencourt perdeu a vida: “Ha dois dias que esta grande capital está sob a dolorosa impressão que causou o nefando atentado contra o Presidente da Republica e occasionou a morte do inclyto e valoroso Marechal Bittencourt. A expressão do pesar e da magoa lê-se em todos os semblantes” (Santos, 1987b, p. 36). Ela comentou, ainda, a comoção no enterro do republicano, exaltando o feito glorioso de defesa ao “respeitável” presidente:

O Marechal está hoje immortalizado. O seu enterro foi uma apotheose, sentia-se que a alma do povo soluçava diante de seu tumulo coberto de flores! E que morte cheia de heroismo! Quanta abnegação! Para salvar um amigo querido e um chefe respeitável, ele o valoroso e bravo Marechal não trepidou em expor seu peito ao punhal assassino. Morreu como vivera — legando num exemplo de altruísmo e de heroica disciplina aos republicanos sinceros. (Santos, 1987b, p. 36)

Outro aspecto relevante dessa notícia é quando Maria Clara, em nome das mulheres brasileiras, desaprova a ação violenta mencionada: “Nós, mulheres brasileiras, envergonhamo-nos desse triste acontecimento que enlutou a alma nacional, porque foi um brasileiro o autor de tão barbaro crime” (Santos, 1987b, p. 36). Esse ponto é relevante porque reforça a ideia pacificadora da mulher, fortemente difundida no período.

Naquele momento, além do distrito federal, o Rio de Janeiro, outros dois Estados eram polos de poder e de concentração populacional, que crescia e deslocava-se para os centros urbanos: São Paulo e Minas Gerais. O crescimento populacional deveu-se muito a política ostensiva de incentivo à imigração estrangeira, e se num primeiro momento buscou-se mão de obra para o campo, em substituição ao sistema escravocrata, em seguida houve um deslocamento também para os espaços fabris das cidades. Schwarcz e Starling (2015, p. 457) ressaltam que

[...] de 1880 em diante, já se notavam índices de aceleração no desenvolvimento industrial, acompanhado por uma demanda crescente de mão de obra: entre 1880 e 1884, foram abertas 150 novas fábricas; em 1907, esse número saltou para 3410, e, em 1929, 13336 novos estabelecimentos absorviam um total de 275512 operários. A base social dessa classe operária vinha das migrações inter-regionais e, a partir dos anos 1860, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, era originária também da mão de obra imigrante, sobretudo italiana.

Referente ao desenvolvimento dos centros urbanos, De Luca (1999) aponta que as festas públicas eram significativas desse processo de modernização das cidades. Nesse sentido, é importante ressaltar que Maria Clara vai noticiar em diversas crônicas os eventos que aconteciam pelo Rio de Janeiro. Não por acaso, na primeira *Carta do Rio* noticiava com entusiasmo: “Projecta-se para breve uma bella festa ao ar livre, no Passeio Publico, organisada por senhoras das principaes famílias desta Capital. Haverá corridas de bicycletas, baile infantil e mil outras cousas encantadoras” (Santos, 1987a, p. 19-20).

“Vertigem e aceleração do tempo”. É dessa forma que Margarida Neves (2003) descreve o momento vivido pela sociedade brasileira, especialmente a carioca, nos fins do século XIX. Como pudemos observar até aqui, as mudanças econômica e política aconteciam rapidamente, por consequência a organização social e os valores ideológicos também se modificavam.

Com o advento da República, a expansão da onda imigratória da Europa e o desejo de formação de uma sociedade civilizada, espalhava-se pelo cotidiano urbano, especialmente no Rio de Janeiro, um ideário nacional, paradoxalmente, espelhado nos costumes “civilizados”

européus, sobretudo francês. Nessa onda de novas ideias, não podemos deixar de destacar as correntes positivistas e o embasamento científico que reinou entre os intelectuais, políticos e militares brasileiros nas décadas finais daquele século. Nas considerações de June Hahner (1978, p. 86): “Os primeiros anos da república foram o período de maior impulso do positivismo no Brasil, quer no governo, quer entre os militares e muitos círculos intelectuais”. Não por acaso o centro da bandeira do Brasil carrega até hoje o lema positivista: “ordem e progresso”.

Porém, são muitas as camadas e vertentes do positivismo no Brasil. Nesse momento nos interessa essencialmente compreender como a filosofia positivista vai influenciar o comportamento social da mulher, fundamentalmente da mulher da elite. Para Schwarcz e Starling (2015, p. 436), com a instauração da República: “[...] as mudanças eram claras. Enquanto o indígena foi símbolo dileto do Império, a partir da República seria a inauguração de uma mulher heroica que roubaria a cena”.

Essa mulher heroica, no Brasil, constituiu-se numa figura santificada. A estadunidense June Hahner (1978), uma das pioneiras nos estudos dedicados às mulheres no Brasil, discorre sobre a imagem positivista da “Santa Mãe”. Na concepção de Hahner, os positivistas brasileiros, especialmente os ortodoxos,

[...] elevaram a mulher por meio do que poderia ser considerado a transfiguração do culto da Virgem. A feminilidade como um todo devia ser adorada e colocada a salvo de um mundo perverso. Para os positivistas, a mulher era a base da família, que por sua vez era a pedra fundamental da sociedade. Ela formava o núcleo moral da sociedade, vivendo basicamente por meio dos sentimentos, ao contrário do homem. Dela dependia a regeneração da sociedade. (Hahner, 1978, p. 86)

Logo, a veneração, a pureza, a bondade e o amor são considerados instintos próprios da mulher. Hahner apresenta um longo texto do positivista Raimundo Teixeira Mendes, no qual ele discorre sobre o altruísmo feminino: “É assim que a sociedade moderna, no meio de todas as vicissitudes revolucionárias, sustenta-se pelo sentimento, graças à solicitude materna, graças à ação moralizadora, santificadora da Mulher” (Mendes *apud* Hahner, 1978, p. 90). Essa nova concepção social da mulher, de acordo com a teoria positivista, vai impulsionar a defesa pela educação feminina. Obviamente, a educação das mulheres teria como objetivo aprimorar os cuidados com a família, como vimos, por exemplo, no texto *Falso encanto*, de Maria Emilia, anteriormente apresentado. De toda forma, abriram-se novas frestas nas lutas pelos direitos das mulheres.

1.3. PREPARANDO O TERRENO: MOVIMENTAÇÕES FEMINISTAS NO BRASIL OITOCENTISTA

A análise do movimento feminista no Brasil de meados do século XIX nos parece essencial, visto que as discussões de *A Mensageira* buscavam refletir sobre a situação social da mulher daquele período. Entretanto, considero igualmente essencial iniciar este subcapítulo situando as mulheres a que estamos nos referindo quando olhamos para as reivindicações pautadas no periódico. O grande corpo basilar da revista era formado por mulheres brancas e de classe social favorável. Precisamos lembrar que nem sempre as pautas feministas ou as lutas femininas deram conta dos interesses de todas as mulheres, logo a necessidade de situá-las.

Há poucas décadas do período em estudo, por exemplo, as mulheres negras eram submetidas ao trabalho forçado. A liberdade conquistada, firmada no 13 de maio de 1888, veio acompanhada de forte marcadores sociais, inclusive, como sabemos, presentes até hoje. Ângela Davis (2016, p. 18) ressalta “que feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias”. Trabalhadoras em tempo integral, ocasionalmente podiam cumprir o papel de mãe e dona de casa, como apontou a triste história da lavadeira contada por Maria Clara.

Além das mulheres negras, precisamos mencionar as operárias, que no advento do processo da industrialização enfrentavam dupla jornada de trabalho: no lar e nas fábricas. Ademais, como aponta Maria Amélia Teles (1993), em comparação com os operários homens, enfrentavam jornadas mais longas de trabalho e recebiam salários menores. Logo, precisamos pontuar que as reivindicações à educação, ao trabalho e à emancipação política eram discussões voltadas muito mais para as mulheres brancas e de elite.

Isto posto, vamos destacar agora — partindo do apanhado de nomes significativos para o movimento feminista elaborado por Maria Teles (1993) — algumas ações realizadas por determinadas mulheres naquele período. Além de Nísia Floresta, na qual vamos nos deter em seguida, ela apresentou outros nomes notáveis: Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917), escritora negra, autora de *Úrsula*, considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro escrito por uma mulher; Narcisa Amália (1852 – 1924), professora primária e jornalista, escreveu artigos em defesa da abolição da escravatura e sobre a situação da mulher no Brasil; Luísa Mahim³⁶, figura importante das revoltas negras em Salvador; Chiquinha Gonzaga (1847 – 1935), compositora, abolicionista, realizou campanha pública contra a

³⁶ Datas de nascimento e morte não confirmadas, entretanto, alguns estudos indicam que seu nascimento ocorreu por volta de 1812.

monarquia; e, Maria Baderna (1828 – 1892), bailarina italiana radicada no Brasil, colaborou na formação de quilombos no Estado do Rio de Janeiro.

Entre os nomes inaugurais da luta feminista no Brasil, ainda na primeira metade do século XIX, destaca-se sobremaneira Nísia Floresta Brasileira Augusta³⁷ (Rio Grande do Norte, 1810 — Rouen, 1885). Nísia defendeu a abolição da escravatura, a instauração da República, a educação e emancipação das mulheres. Uma relevante contribuição para o movimento feminista foi a tradução que realizou da obra *Reivindicação dos direitos das mulheres*, de Mary Wollstonecraft (1759 – 1797). Além disso, por volta de 1838 ela inaugurou o *Colégio Augusto*, dedicado à formação de qualidade para meninas. Laura Sánchez e Rute Pinheiro (2018, p. 80-81) comentam que a abertura do colégio não foi bem recebida e causou agitação na sociedade da época, visto ser “Um colégio para meninas onde poderiam receber uma educação igual ou superior a dos homens do período”.

É significativo mencionar ainda o nome de Luciana de Abreu (Porto Alegre, 1847 — 1880), professora de grande reputação. Defensora tenaz dos direitos das mulheres, proferiu importante discurso sobre a educação feminina na *Sociedade Partenon Literário*, na capital do Rio Grande do Sul, em 1873. Benedito Saldanha (2006) em estudo sobre a sua trajetória, compartilha parte desse discurso: “O que convém pedir, o que venho aqui em vosso nome altamente reclamar, é, de parceria com a educação, a instrução superior comum a ambos os sexos; é a liberdade de esclarecer-nos, de exercer as profissões a que as nossas aptidões nos levam [...]” (Abreu, 1873 *apud* Saldanha, 2006, p. 38).

A propósito da educação das mulheres, sabemos que a primeira legislação sobre o tema data de 1827, quando a lei admitiu meninas nas escolas elementares. Porém, Hahner (1981) explica que havia poucas escolas públicas para meninas e, além disso, os salários oferecidos aos professores era baixo; ou seja, não era atrativo lecionar para meninas. Logo, as professoras que as ensinavam “eram ainda menos treinadas e bem menos pagas do que os homens que instruíam os meninos” (Hahner, 1981, p. 33). O que nos ajuda a entender as críticas negativas destinadas à ousada proposta educacional de Nísia.

Segundo Duarte (2016, p. 24), até 1870 poucas mulheres eram alfabetizadas. O analfabetismo de modo geral era alto, em 1872, por exemplo, 81,43% da população livre era analfabeta. O que justifica a defesa dos liberais à melhora no sistema de ensino, já que a educação era vista naquele período como o principal caminho para uma sociedade civilizada e para o progresso do país.

³⁷ Ou Dionísia Gonçalves Pinto.

Entretanto, as portas das instituições de ensino superior foram abertas às mulheres somente em 1879 e com certa instabilidade. Ainda que a hostilidade pairasse no ar, as primeiras brasileiras ingressaram nas faculdades de Medicina e de Direito. A saber: Rita Lobato, Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Mirtes de Campos, esta última, como vimos anteriormente, teve forte citação nas páginas da *Mensageira*, devido à repercussão de sua atuação jurídica no tribunal.

Em 1881 foi a vez do *Liceu de Artes e ofícios*, admitir a matrícula de mulheres. Já na renomada *Escola de Belas-Artes*, isso foi acontecer somente em 1892. Porém, vale reforçar, que apesar dessas instituições passarem a permitir a presença feminina, o ambiente não era tão favorável assim. A *Escola de Belas-Artes*, por exemplo, havia prometido ministrar as aulas para as mulheres em sala exclusiva, sem a presença masculina, mas isso só foi acontecer de fato em 1896. Para Ana Paula Simioni (2007), esse pode ter sido um dos motivos pelos quais as mulheres matricularam-se tardiamente nas aulas de modelo vivo, pois “É importante lembrar que o acesso ao corpo nu, embora facultado na lei, continuava a ser um grande tabu social e, nesse caso, os costumes podiam ser ainda mais decisivos para cercear as práticas femininas [...]” (Simioni, 2007, p. 95).

Além do tabu social, o desinteresse pela *Escola Nacional de Belas-Artes* por parte das artistas pode ter sido ocasionado também pela rigidez da grade curricular e pelos cursos noturnos. Dessa forma, mesmo com as portas institucionais entreabertas, eram os ateliês particulares que acabavam fornecendo o ensino artístico para as mulheres abonadas. Vantagens como o horário e o ambiente, garantiam aos pais e aos maridos maior controle sobre suas filhas e esposas. O ateliê particular era, de certa forma, a continuação do lar: “mantinha o desejável recato feminino, evitava a ‘promiscuidade entre os sexos’ e circunscrevia as alunas ao âmbito privado, apartando-as de um universo mais público, competitivo e também profissional, representado pela Academia” (Simioni, 2008, p. 140, grifo da autora).

Logo, foi a partir da segunda metade do Oitocentos que as mulheres intensificaram suas reivindicações. Do domínio da leitura e da escrita à consciência feminista, paulatinamente passaram a ocupar o espaço público de modo ativo, sendo o espaço ocupado na imprensa essencial para a disseminação de informações e opiniões tocantes às suas lutas. Assim, a publicação de *A Mensageira* não foi um caso isolado e diversos periódicos de viés feminista foram publicados no Brasil naquele momento, contribuindo para a organização do emergente movimento feminista.

1.4. IMPRENSA FEMININA, IMPRENSA FEMINISTA E A TESSITURA DE UM DIÁLOGO

Constância Lima Duarte (2016), em sua pesquisa sobre os jornais destinados ao público feminino do século XIX, diferencia a imprensa feminina e a imprensa feminista. Para a autora, a imprensa feminina voltava as suas colunas para temas mais triviais e do cuidado com o lar, ou seja, abordavam assuntos como moda, culinária, família e novidades. Por outro lado, a imprensa feminista, estava mais preocupada com as discussões referentes à situação social das mulheres. Logo, temas como acesso à educação de qualidade, ao exercício da profissão e a emancipação feminina eram o foco desses periódicos.

Como dito anteriormente, é na imprensa feminista que podemos compreender a revista dirigida por Presciliana Duarte. Não por acaso, no texto *Duas palavras*, que inaugurava a revista e firmava alguns de seus propósitos, a diretora já alertava que levaria as suas leitoras “algum pensamento novo”. Para Cecil Zinani (2019, p. 30):

[...] as ideias expostas em *A Mensageira*, no final do século XIX, constituem um encorajamento para que as leitoras possam conhecer pensamentos novos, outras opiniões, desfrutar do talento artístico de escritores e escritoras que nela publicam poemas, contos, crônicas. Assim, entrando em contato com novos princípios e novas ideias, consigam se apropriar de uma gama de conhecimentos diferentes e possam repensar suas vidas.

Vale ressaltar que no levantamento realizado por Duarte (2016) foram encontrados 143 títulos de revistas e jornais femininos ou feministas que circularam no Brasil ao longo do século XIX. Logo, *A Mensageira*, apesar do marcante protagonismo de determinadas lutas feministas, não é uma publicação isolada — nem pela característica política, nem pelo protagonismo feminino. Muito antes de sua circulação, se tem notícias de jornais de autoria feminina de cunho político. De acordo com Duarte (2016, p. 22, grifo da autora), “o clima conturbado que dominava o país durante o período regencial levava também o ‘segundo sexo’ — quisessem ou não os homens — a tomar partido e eleger a política como tema prioritário”. Foi nesse ínterim que os primeiros jornais de autoria feminina, que se tem conhecimento, emergiram em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, com direção de Maria Josefa Barreto (1786 – 1837): *Belona Irada contra os Sectários de Momo* (1833 – 1834) e *Idade d’Ouro* (1833). Segundo Duarte (2016), esses jornais eram de viés político e posicionavam-se a favor do Partido Conservador.

Porém, foi no Rio de Janeiro, em 1852, que ocorreu a publicação do *Jornal das Senhoras* (1852 – 1855), da argentina Joana Paula Manso de Noronha (1819 – 1875), considerado o fundador do periodismo feminino no Brasil (Duarte, 2016). A respeito desse

jornal, Rosa Gautério (2015) comenta que embora estivesse alinhado com questões de cunho pedagógico e voltado para uma “estética da utilidade”, ainda assim, “primava essencialmente pelas causas feministas, o que levou a dirigir-se ao público masculino com o intento de conseguir apoio para suas campanhas pela igualdade de direitos” (Gautério, p. 133, 2015).

Ademais, no recorte temporal de publicação da revista de nossa análise, podemos destacar o jornal *A Família* (1888 – 1897), de Josephina Álvares de Azevedo, que circulou inicialmente em São Paulo, depois foi transferido para o Rio de Janeiro. E, ainda, no Rio Grande do Sul, jornais como *O Corymbo* (1884 – 1944), de Revocata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro (1855 – 1928), e *O Escrínio* (1898 – 1910), de Andradina América de Andrada e Oliveira, cujas diretoras mantinham diálogo próximo com *A Mensageira*. Inclusive, podemos observar que anos após o encerramento desta revista, mais precisamente em 26 de fevereiro de 1910, Maria Clara, saudosa, envia sua *Carta do Rio* para o *Escrínio*:

Início hoje, para o “Escrínio”, as “Cartas do Rio”, como fazia outrora para a “Mensageira”, de São Paulo, a bella e scintillante revista de minha incomparável amiga Prisciliana Duarte de Almeida, um dos maiores talentos femininos da literatura contemporânea. Tenho saudades daquelle tempo e daquelle revista que teve mais mérito do que sorte. (Santos, 1910 *apud* Gautério, p. 522, 2011)

Isto posto, é importante esclarecer que a proposta que guia esse subcapítulo é a de demonstrar que essas mulheres não estavam sozinhas. Em outras palavras, não se tratava mais de casos isolados de lutas por direitos e espaços e, sim, da urdidura de uma rede de mulheres em prol desses propósitos. Reforça tal concepção o texto publicado pela *Mensageira*, na seção *Notas pequenas*, sobre as escritoras nacionais:

[...] nos convencemos de que tínhamos necessidade de uma publicação como a *Mensageira*, visasse o conagraçamento das escriptoras nacionaes. Assim pensando, almejamos que, tanto as do Norte como as do Sul, venham ligar-se ás do centro para que toda a pujança e brilhantismo seja a nossa revista um attestado vivo da capacidade intellectual das brasileiras. (Notas pequenas, 1987b, p. 45, grifo do autor)

Ou, ainda, a nota referente à filantropa D. Veridiana Prado, na qual a revista afirma: “[...] que tem procurado, á medida de suas forças, elevar o nivel intellectual e moral da mulher brasileira, tem tido sempre suas columnas francas para consignar os factos que possam nobilitar ou engrandecer o nome de qualquer patricia” (Notas pequenas, 1987c, v.2, p. 23).

Como vimos na apresentação de *A Mensageira*, uma série de mulheres assinaram as páginas da revista, algumas com mais periodicidade que outras, mas foram várias que ali contribuíram. Inclusive, é relevante mencionar que algumas delas mantinham periódicos próprios e outras assinavam textos em diversos deles. Maria Clara, por exemplo, tinha a sua coluna fixa, *Carta do Rio*, no periódico de Presciliana, mas também mantinha uma escrita ativa em outros jornais. Além disso, percebe-se a ênfase na crítica destinada ao trabalho de autoria feminina, bem como foi constante a dedicação de textos das colaboradoras a outras mulheres.

Começamos a nossa análise destacando alguns nomes que colaboraram com *A Mensageira*, ao passo que mantinham jornais próprios. Como Josefina, a já mencionada diretora do jornal *A Família*. Tanto Presciliana quanto Maria Clara fizeram ativas contribuições no jornal de Josefina. O contrário, também é verdadeiro. Em 15 de dezembro de 1899, Josefina assinou a tradução, do francês para o português, do texto *A solidariedade Feminina*, de autoria de Potonié Pierre. É de se referenciar que o longo texto traduzido, entre tantas considerações, evocava-se: “Mulheres, uni-vos” (Pierre, 1987, v. 2, p. 207, tradução de Josephina Alvares do Azevedo).

Ademais, as irmãs e diretoras do jornal *O Corymbo*, de circulação no Rio Grande do Sul, Revocata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro, também marcaram as páginas da revista. Revocata, por exemplo, assina o texto *Felice Cavallotti*³⁸, referente à morte do escritor italiano, enquanto Julieta publicou o soneto *Téla Sombria*³⁹ e a poesia *Recordando*⁴⁰. Ainda sobre esta, vale mencionar que um longo texto em sua homenagem foi publicado na edição de 15 de novembro de 1899, assinado por Damasceno Vieira⁴¹.

Para enfatizar a relação tecida entre essas escritoras, é relevante mencionar a seção *Recebemos e agradecemos*, publicada normalmente ao final das edições. Nesse espaço, assim como na seção *Notas pequenas*, diversos periódicos eram destacados. Além dos já mencionados *Corymbo*, Rio Grande, RS⁴², *O ESCRINIO*, Bagé e Santa Maria, RS⁴³ e *A Família*, São Paulo e Rio de Janeiro⁴⁴, valemo-nos de outros exemplos como *A Palavra* (1889 – 1898), *Penedo*, AL⁴⁵, com colaboração de escritoras e escritores; e *O Album das meninas* (1898 – 1901), São

³⁸ Mello, 1987, v. 1, p. 252-254.

³⁹ Monteiro, 1987, v. 1, p. 361.

⁴⁰ *Id.*, 1987, v. 1, p. 372-373.

⁴¹ Vieira, 1987, v. 2, p. 189-192.

⁴² *Recebemos e agradecemos*, 1987a, v. 1, p. 175; 1987b, v. 2, p. 95.

⁴³ *Notas pequenas*, 1987d, v. 1, p. 240.

⁴⁴ *Id.*, 1987d, v. 1, p. 240.

⁴⁵ *Recebemos e agradecemos*, 1987a, v. 1, p. 175.

Paulo, SP⁴⁶, dirigido por Analia Franco Albuquerque (1856 – 1919). O cenário internacional também era acompanhado de perto, logo, jornais como o francês *La Fronde*⁴⁷, de Madame Dervoud de Valfire, o chileno *La Mujer*⁴⁸, de Leonor Urzúa Cruzat (1868 – 1924) e *Les Matinées Espagnoles*⁴⁹, de circulação em Madri e Paris, de Madame Marie Létizia de Rute (1831 – 1902)⁵⁰, foram apresentados ou mencionados nas páginas do periódico.

Além disso, diversos artigos enfatizavam o desempenho das mulheres no jornalismo, no magistério, na literatura, na política e demais campos. Por exemplo, Ibrantina Cardona, em carta destinada à Presciliana⁵¹, publicada no terceiro número de *A Mensageira*, cita nominalmente várias brasileiras de norte a sul, sendo estas mencionadas em maior quantidade. A saber: Julia Lopes de Almeida, Revocata Heloisa de Mello, Guiomar Torrezão, Julieta de Mello Monteiro, Maria Benedicta de Borghman, Andradina de Oliveira, Luiza Cavalcanti Guimarães, Candida Fortes, Tercilia Nunes Lobo, Anna Aurora do Amaral, Carlota do Amaral Lisbôa, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Carolina Koseritz, Paula Ferreira, Geldipa Guimarães, Dra. Antonieta Dias Morpurgo, Dra. Rita Lobato Lopes e Gabriella de Mattos, que acompanhou o exército Federalista em 1893. Já Ignez Sabino, no número seguinte, publica o texto *Na Thebaiba*⁵², no qual discorre sobre a intelectualidade feminina, elogiando os periódicos: *A Mensageira*, *O Corymbo*, *A Família* e a *Estação*⁵³.

Como pudemos observar até agora, embora *A Mensageira* não se limitasse a publicação apenas de autoria feminina, é evidente o seu empenho na divulgação da produção e de conquistas das mulheres. Desse modo, a crítica destinada à produção literária feminina é notória. São muitos os exemplos encontrados ao longo dos dois anos de existência da revista, por isso citaremos apenas alguns a partir da coluna *Impressões de leitura*, de Perpetua do Valle (como já sabemos, trata-se de um pseudônimo de Presciliana Duarte).

Em 15 de dezembro de 1897, Perpetua do Valle se debruçou sobre o livro de versos *Plectros*, da recém mencionada Ibrantina Cordona. Sobre o trabalho, lança-se o seguinte juízo: “[...] na ultima parte do livro é que revela a poetisa. Alli encontram-se estrophes originaes, feitas com ardor e grande espontaneidade. Ao lê-las convencemo-nos de que estamos diante de uma alma que sente, que vive e que espontaneamente canta” (Valle, 1987, v. 1, p. 74). Cabe

⁴⁶ Notas pequenas, 1987d, v. 1, p. 239-240; 1987B, v. 2, p. 95.

⁴⁷ *Id.*, 1987c, v. 1, p. 127-128.

⁴⁸ *Ibid.*, 1987f, v. 2, p. 70.

⁴⁹ *Id.*, 1987g, v. 2, p. 116.

⁵⁰ Publicado a partir de 1888, mudou seu nome para *Nouvelle Revue Internationale* em 1896, sendo dirigido por Madame Rute até seu falecimento em 1902.

⁵¹ Cardona, 1987, v. 1, p. 38-41.

⁵² Sabino, 1987, v. 1, p. 58-60.

⁵³ Circulou no Rio de Janeiro entre 1879 e 1904, foi um periódico de sucesso vinculado à publicação francesa *La Saison* (Duarte, 2016, p. 223).

ressaltar, ainda, o comentário da escritora sobre aspectos mais gerais da crítica literária destinada à produção de mulheres. Ela apontou as discrepâncias de acesso à educação existentes entre homens e mulheres. Observemos:

É verdade que a critica, para ser justa, precisa ter certa disposição de bondade para com as escriptoras, attendendo ao pouco cultivado que tem commumente a mulher. Não frequentando ella, como os homens, collegios, lyceus e academias, desconhecendo os segredos de sciencias tão bellas como a botanica e a astronomia, não sabendo historia e não tendo conhecimento de linguas estrangeiras e até mesmo da vernacula, como poderá fazer tanto quanto os que têm a intelligencia esclarecida por esses multiplos conhecimentos? Os homens, mesmo quando não receberam solida instrucção, encontram mais facilmente meios de elucidar seu espirito, já em palestras com pessoas auctorizadas, já em viagens, etc. etc. (Valle, 1987, v. 1, p. 73-74)

Na coluna de 15 de fevereiro de 1898, foi discorrido sobre a obra *Livro das crianças*, de Zalina Rolim. Livro destinado às escolas, foi elogiado pelo “[...] grande pendor de seu espirito para as obras didacticas, soube, com muita simplicidade e graça insinuante, introduzir os seus versos destinados á infancia, grande somma de conselhos e verdades, que estamos habituados a ver em paginas sombrias e carrancudas” (Valle, 1987, v. 1, p. 138).

Para concluir, mencionamos o décimo nono número da revista, no qual Perpetua do Valle aborda o trabalho, publicado no Rio Grande do Sul, de Candida Fortes, intitulado *Phantasias*. Segundo a escritora, trata-se de “um delicado livro, onde a poesia e a prosa apparecem manejadas com inspiração e carinho” (Valle, 1987, v. 1, p. 296).

A dedicatória também pode ser vista como um indício do entrelaçamento dessas mulheres. São muitos os textos das colaboradoras dedicados entre elas e a outras escritoras, principalmente os contos, os poemas e as poesias. Vejamos rapidamente alguns deles: Julia Cortines dedica o soneto *O Deserto*⁵⁴ à Presciliana Duarte; Aurea Pires dedica o poema *De longe*⁵⁵ à Ignez Sabino e o soneto *Dezoito de novembro*⁵⁶ à Maria Clara; Presciliana também faz menção à Maria Clara com o poema *Feliz Encontro*⁵⁷; à Aurea Pires, Maria Clara dedica o conto *Martyr de amor*⁵⁸; Presciliana dedica a poesia *Na Selva*⁵⁹ à Georgina Teixeira; Ignez Sabino à Aurea Pires, dedica o texto *Por montes e valles*⁶⁰; Andradina de Oliveira dedica o

⁵⁴ Cortines, 1987, v. 1, p. 11.

⁵⁵ Pires, 1987, v. 1, p. 42.

⁵⁶ *Id.*, 1987, v. 1, p. 67.

⁵⁷ Almeida, P., 1987, v. 1, p. 176.

⁵⁸ Santos, 1987, v. 1, p. 193.

⁵⁹ Almeida, P., 1987, v. 1, p. 270.

⁶⁰ Sabino, 1987, v. 1, p. 309-313.

conto *O Amador*⁶¹ às irmãs Julia Lopes Almeida e Adelina Lopes Vieira; o soneto, *Dois Oasis*⁶², assinado conjuntamente por Adelina Lopes Vieira e Maria Clara, foi dedicado à Presciliana; Rideline Ferreira publica o conto *O Tio Job*⁶³, dedicando-o à Maria Clara; desta à Ignez Sabino, o conto *Saudade Incuravel*⁶⁴.

É verdade que a partir do segundo ano da revista, muitas colaboradoras dedicaram seus escritos como forma de sentimentos à Prescilina, que como dito no início desse capítulo, sofreu a perda lastimável do filho Bolívar em tenra idade. Maria Clara, por exemplo, escreve a crônica *De Luto* dedicada à Prescilina, na qual diz: “Pobre mãe! Hoje em dia tua alma é como a leve petala de rosa a boiar sobre as ondas encapelladas de revolto oceano; é como o suspiro de amor arrancado d’alma e perdido pelas brenhas da floresta. Quem poderá sondar a imensidade de tua dor?” (Santos, 1987, v.2, p. 13).

Importante mencionar que as dedicatórias não se restringiam aos textos publicados na revista. Entre tantos exemplos, citamos o livro de Ignez Sabino, publicado em 1899, no qual ela realiza um apanhado biográfico de muitas brasileiras, intitulado *Mulheres illustres do Brazil*. O capítulo destinado à Maria de Cezar foi ofertado à Maria Clara, já o capítulo sobre Joanna de Souza à Aurea Pires, enquanto Marilia de Dirceu à Andradina de Oliveira e, por fim, Annita Garibaldi às irmãs Julietta e Revocata de Mello.

Finalmente, é digna de nota a relação entre Maria Clara e Presciliana. Retomemos, então, a primeira contribuição de Maria Clara para a revista:

Uma Carta

Minha querida amiga

Disseste-me em a ultima carta que me escreveste, envolta em saudades e caricias, que a “Mensageira” sahiria coxa se não trouxesse um trabalhozinho meu. Agradecida! Eu sei que o muito que me queres te faz divisar em mim qualidades superiores, que infelizmente não possuo.

Em todo o caso, obedecerei a teu desejo, dar-te-hei todo o meu esforço.

Pudesse eu satisfazer-te plenamente!!

A distancia que nos separa é um grande tropeço ás minhas aspirações literarias. Estou tão acostumada a escrever sempre ao teu lado! Lembras-te do *Colibri*? O saudoso jornalzinho manuscripto que escreviamos em Pouso Alegre?! (*)

De longe...mandar-te-hei as minhas impressões, na singela linguagem que escrevo sempre, tão despida de encantos e de arte.

Assim pois, guarda pra mim, em tua revista, um logarzinho para as “Cartas do Rio”, que iniciarei ao proximo numero.

Por hoje, para que a “Mensageira” traga em lettra redonda meu nome, satisfazendo assim teu desejo que me alegra tanto, envio-te um *conto*

⁶¹ Oliveira, 1987, v. 1, p. 328-333.

⁶² Santos; Vieira, 1987, v. 2, p. 44.

⁶³ Ferreira, 1987, v. 2, p. 51-58.

⁶⁴ Santos, 1987, v. 2 p. 143.

que escrevi hontem, após a visita de uma velha amiga, impressionada por um caso por ella observado no sertão de Minas, n'aquellas paragens longínquas e formosas e relatado com toda a singeleza e naturalidade. Adeus.

Toda tua,

M. Clara.

(* O Colibri, periodico, bi-mensal que publicámos durante tantos annos em Pouso-Alegre, fala bem alto em nome de nossos ideaes! Sem typographia nem meios de mandal-o imprimir, conseguimos todavia publical-o em manuscrito, com certa regularidade relativa! Tendo sempre por alvo o engrandecimento moral e intelectual da mulher, nunca trepidámos diante de preconceitos ou de qualquer sorte de difficuldades que nos surgissem no caminho. Como periodico manuscrito, de limitadissima tiragem e distribuição gratuita, ficou quasi inteiramente desconhecido o Colibri; entretanto, a sua collecção, religiosamente guardada por nós, servirá um dia para mostrar a nossas filhas que, mesmo sem o preparo e cultivo necessarios, soubemos compreender a grandeza da causa que defendiamos e pela qual ainda hoje trabalhamos. *Nota da redacção.*

(Santos, 1987, v.1, p. 5-6)

As duas escritoras, além de parceiras e amigas, eram primas. Na juventude, na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, produziam juntas o mencionado jornal *Colibri*. Embora, não haja muitas referências sobre este, De Luca (1999) considera que a circulação se deu entre 1886 e 1890. E, como a edição da revista tratou de esclarecer, já tinha como princípios a valorização moral e intelectual da mulher. A nota ressalta, ainda, a resistência das escritoras diante dos obstáculos encontrados.

Por fim, conforme apontou De Luca (1999), Maria Clara foi uma das principais colaboradoras e incentivadora da revista de sua prima, Prescilina. Corrobora com isso, o fato de serem raros os estudos sobre a revista que não dedicam algumas linhas aos seus escritos. Logo, no capítulo a seguir veremos com maior profundidade a produção de Maria Clara na pintura e, sobretudo, na escrita.



2. FORTUNA CRÍTICA DE MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Maria Clara da Cunha Santos, nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 18 de novembro de 1866, foi uma intelectual brasileira com consistente produção literária. Oriunda de uma tradicional família mineira, mudou-se ainda jovem para a cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, onde iniciou sua carreira como escritora — assertiva que o já mencionado jornal, em colaboração com Presciliana Duarte, *Colibri* confirma. Manteve uma produção literária ativa até o seu falecimento, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1911. Ao longo da vida, dedicou-se ao estudo da pintura e da música, mas é no campo literário que encontramos maior fôlego e registros de seu trabalho.



Figura 6 – Retrato de Maria Clara da Cunha Santos
Fonte: Garnier, 1913

Referente à música, os registros dos jornais de sua época demonstram que a sua atuação se deu especialmente no canto e no violino — além do piano, que era uma competência praticamente obrigatória as mulheres de famílias abastadas. Vejamos alguns exemplos: no canto, notamos a sua participação através da matéria do *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, publicada em 26 de novembro de 1891, alusiva à festa comemorativa da instituição *Grupo de Santa Cecilia*. O jornal apontava:

A festa começou, cêrca de 9 horas da noite com um còro de senhoras, Canção de Maio, de Shumann, interpretado pelas Sras. DD. Antonietta Saldanha da Gama, Josepha Saules, Maria Nabuco, Maria Isabel Vieira do Couto, Ignacia de Gouvêa, Clara Isaac, **Maria Clara da Cunha Santos**, Angelina Santos, Marianna Gonzaga, Julieta Cordeiro, Henriqueta Capanema, Maria Laup, Camilla Maria da Conceição, Branca da Silva Porto, Libania Baraúana, Luiza Guilard, Anna Reis Furtado, Zulmira Furtado de Andrada Machado Cardozo Pereira, Helena Torres de Albuquerque, Justina Leite da Silva, Carolina Leite de Oliveira e Olympia Benevides. O coro foi dirigido pelos professores de harmonia do Conservatorio, maestro Antonio Carlos de Andrade Machado Filho. Esteve muito correto, afinado e produzio o esperado effeito. (Grupo de Santa Cecilia, 1891, p. 1, grifo nosso)

Já em 30 de dezembro de 1901, o jornal *Cidade do Rio* noticiava o festival organizado pelo *Club Bogart*, no qual Maria Clara participou como membro do concerto ao lado de Aurea Pires, já mencionada, Isabel Mancado, Zalica Salomi, Ernestina Camar, Algira de Castro Mathilde Monteiro, Julia Barroso Nunes, Eufrazio Job Albano de Castro Junior, Sellím Castello e Arthur Sá, “todos muito aplaudidos” (Clubs e Salões, 1901, p. 2). Ou, ainda, em 27 de abril de 1906, o jornal *Correio da Manhã* fez uma publicação sobre o casamento do Dr. José Belizário de Lemos Cordeiro, médico mineiro que atuava na cidade do Rio de Janeiro. A notícia apontava a participação de Maria Clara como violinista, conforme o seguinte trecho extraído do jornal: “[...] Sólo de violino, pela Exma. Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos [...]” (Dia Social: Casamentos, 1906, p. 3).

Também há registros que demonstram o seu domínio em outros instrumentos, como o piano. Foi o que apontou o pequeno trecho que havia sido publicado sobre ela pela *Academia Pouso-alegrense de Letras*: “Brilhava como declamadora e pianista nos saraus das noites preguiçosas e estreladas da terra do Bom Jesus, e com sua beleza delicada enfeitava nossos salões” (Academia Pouso-Alegrense de Letras *apud* Neves, 2009, p. 40).

Essa atuação, digamos, multidisciplinar da Maria Clara, ou seja, na literatura, nas belas-artes e na música, mais do que uma excepcionalidade de talentos, alinhava-se a formação educacional destinada às mulheres de uma classe social abastada na sociedade

brasileira daquele momento. Ainda que o nosso objetivo não seja o de apresentar uma biografia da escritora e, sim, situar alguns marcos da sua trajetória intelectual, é importante mencionar que Maria Clara era filha do Dr. João Vieira da Cunha, juiz de Direito em Alfenas, que, inclusive, atuou como auditor na Guerra do Paraguai, segundo afirma Elaine Vasconcellos (2004). Já a sua mãe era Cecília Alcântara Vilhena da Cunha, descendente da tradicional família de Pouso Alegre, os Alcântara Vilhena, conforme estudo de Neves (2009).

Esses dados são relevantes à medida que nos ajudam a entender o *status* social ao qual Maria Clara esteve inserida. Logo, considerando o papel de “prezadas do lar” forjado para as mulheres de classe alta, não é de causar estranheza o fato de Maria Clara ter tido acesso aos estudos, especialmente das artes, desenvolvendo, dessa forma, uma gama de habilidades. Corroborar o trabalho de Maria Thereza Bernardes (1989) ao olhar para educação das mulheres, entre 1840 e 1890, a partir de personagens femininas de alguns romances. Observa-se que entre os maiores destaques da educação da mulher de elite estão o domínio do piano e de línguas estrangeiras, especialmente o francês⁶⁵. Segundo a autora: “Falar francês, além de tocar piano, é questão obrigatória em vista dos requintes da vida elegante” (Bernardes, 1989, p. 67).

Na vida adulta, Maria Clara casou-se com o engenheiro civil Dr. José Americo dos Santos. A respeito deste, cabe mencionar que foi membro da *Confederação Abolicionista do Rio de Janeiro* e sócio fundador do *Clube de Engenharia*. Além disso, teve notória atuação no *Instituto Histórico e Geográfico brasileiro*, no *Instituto Histórico*, na *Sociedade de Geografia de Lisboa no Rio de Janeiro*, no *Instituto dos Engenheiros de Londres*, na *Sociedade Central de Imigração*, na *Associação Protetora da Infância desamparada* e na *Associação Promotora de Instrução*, vale destacar que nesta última sua esposa foi sócia remida e oradora oficial⁶⁶. Colaborou, ainda, para diversas revistas técnicas, dirigindo por muitos anos a *Revista de Engenharia*. Essas informações a seu respeito, em sua maioria, foram pontuadas em nota da revista *A Mensageira*, em sua última edição, como sabemos, datada de 15 de janeiro de 1900. Inclusive, nessa mesma edição, foi publicado o texto *Tabella para o traçado das curvas de nível*⁶⁷, com um estudo do engenheiro referente ao reconhecimento de terrenos para construção de estradas de ferro.

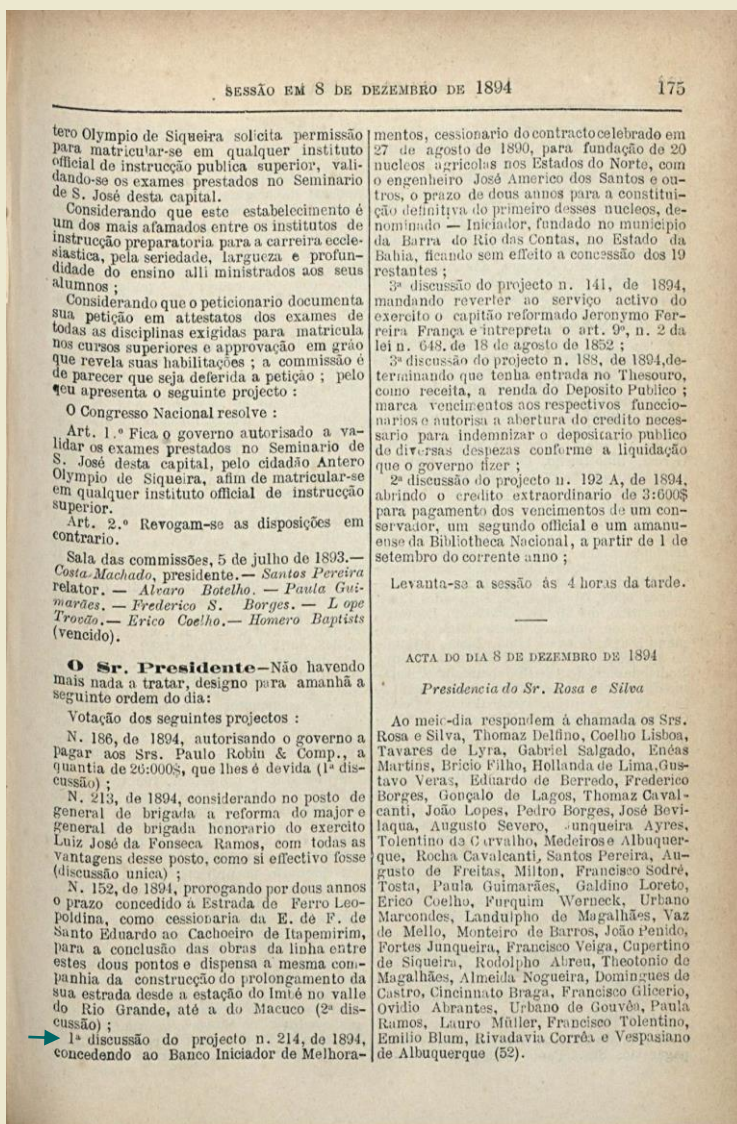
⁶⁵ Maria Clara recebia correspondências de Paris, logo, possivelmente era próxima do idioma, além disso, há registro de textos traduzidos por Maria Clara do espanhol para o português, o que aponta para o domínio de outros idiomas.

⁶⁶ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1902. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_02&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=11653. Acesso: 17 maio 2023.

⁶⁷ B., 1987, v. 2, p. 232-234.

É importante assinalar o envolvimento do engenheiro — além da elaboração da mencionada tabela para marcação das curvas de nível, que auxiliou outros engenheiros na confecção de plantas de terreno⁶⁸ — na expansão e manutenção das estradas de ferro no Brasil. Dr. José Americo foi representante da companhia *Brazil Great Southern Railway*⁶⁹, fundada em 1877, com participação de investimento inglês, e, ainda, fez parte da diretoria do *Banco Iniciador de Melhoramentos*⁷⁰, cessionário, por exemplo, da *Estrada de Ferro do Rio Doce*⁷¹.

Figura 7 – *Annaes da Camara dos Deputados (RJ)*, sessão de 8 de dezembro de 1894
Fonte: Hemeroteca Digital



Ademais, documentos como os *Annaes da Camara dos Deputados (RJ)*, apontam a concessão também para a fundação de vinte núcleos agrícolas nos Estados do Norte. Conforme demonstra o relatório da sessão da Câmara dos Deputados de 8 de dezembro de 1894, referente a extensão de prazo para entrega do primeiro núcleo.

⁶⁸ *Revista de Engenharia*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1890. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&pesq=%22Dr.%20Jose%20Americo%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=3161>. Acesso: 10 maio 2023.

⁶⁹ *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, Rio de Janeiro, 1891. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=%22Dr.%20Jose%20Americo%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=1624>. Acesso: 10 maio 2023.

⁷⁰ *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, Rio de Janeiro, 1893. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=%22Dr.%20Jose%20Americo%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=5888>. Acesso: 10 maio 2023.

⁷¹ *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, Rio de Janeiro, 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=%22Dr.%20Jose%20Americo%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=12920>. Acesso: 10 maio 2023.

Outro fato interessante de ser sublinhado, ainda no início das atividades de *A Mensageira*, especificamente em seu quarto número, diz respeito à publicação na coluna *Seleção* de um texto de autoria do Dr. José Americo. No trecho selecionado, o autor discorria sobre a educação da mulher, associando-a a ideia de uma sociedade civilizada, como atesta a frase: “Quereis civilisar uma nação? Educae a mulher”. Seguindo os ideais positivistas que, como vimos, circulavam sobremaneira na sociedade daquele período, defende a educação da mulher como atributo essencial no cuidado com a família. Em suas palavras,

A’ mulher confiou a natureza a sublime missão de acompanhar desde os primeiros momentos de vitalidade, o desenvolvimento dos individuos, cuja reunião constitue a sociedade humana. Ella imprime-lhes desde o berço as primeiras ideias, que por toda a vida lhes ficam gravadas na mente e cuja elevação depende do gráo de educação. A influencia, que tão fortemente ella exerce sobre a humanidade, sobejamente justifica a necessidade de provêr a sua educação. (Santos, J., 1987, v. 1 p. 57)

Na conclusão do trecho, manifesta o seu “ardente desejo” de que proliferassem os estabelecimentos voltados à educação das mulheres. Ansiando, então, “Que estes se fundem e prosperem aos milhares por toda a vasta superficie do territorio brasileiro [...]” (Santos, J., 1987, v. 1 p. 57).

Com as informações que obtivemos até o momento, não é difícil imaginarmos que o casal mantinha um *status* de prestígio na sociedade carioca do período. São diversos documentos e notas dos jornais da época, bem como as colocações de Maria Clara na coluna *Carta do Rio*, que nos dão rastros do envolvimento político e social que conservavam com figuras importantes na sociedade e no governo do período. É digna de nota, por exemplo, a fotografia publicada no jornal *O Malho*⁷², em 27 de outubro de 1906, na ocasião da cerimônia de colação de grau dos bacharéis do *Colégio Paula Freitas*.

Na imagem publicada, o jornal destacou na legenda alguns dos nomes que compõem a fotografia. Entre eles estão: (1) o Presidente da República, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, (2) Dr. José Americo dos Santos e (3) sua esposa, a “distinta escriptora” Maria Clara da Cunha Santos. Logo, percebemos que a presença do casal em tal cerimônia, em certa medida, era relevante, ganhando destaque da imprensa.

⁷² *O Malho*, Rio de Janeiro, 27 out. 1906. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20190&pesq=maria%20clara%20da%20cunha%20santos&pagfis=8189>. Acesso: 09 maio 2023.

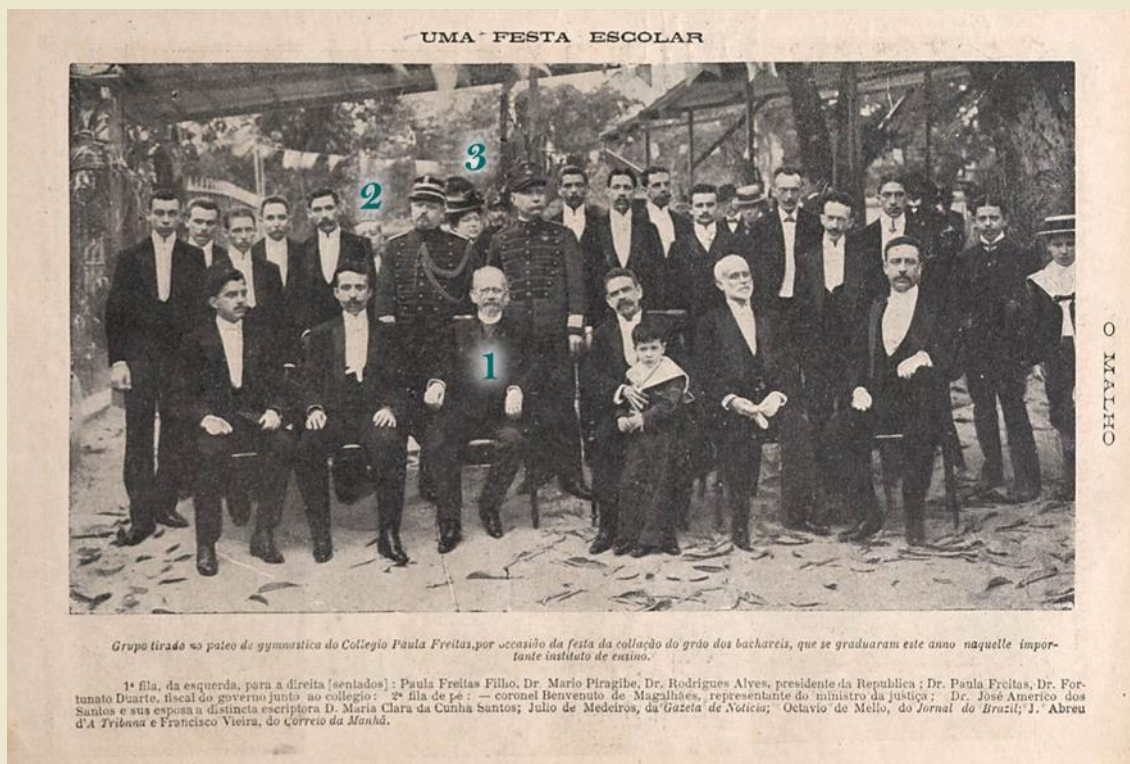


Figura 8 – Fotografia de Maria Clara e seu marido ao lado de figuras importantes da época, na colação de grau dos bacharéis do Colégio Paula Freitas
 Fonte: *O Malho*, 1906

Agora, cabe mencionar a atuação de Maria Clara em prol das instituições de caridade. Para melhor abordagem do assunto, retomemos a ideia positivista, apontada por Hahner (1978), que relacionava a mulher à figura da “Santa Mãe”, logo, a uma imagem benevolente. Essa perspectiva, que compreendia a superioridade moral e social da mulher, associando-a à pureza e ao sentimentalismo, tratou de mantê-la afastada da esfera ativa dos homens. Desse modo, o “trabalho feminino”, além do cuidado com a família, era o de dedicar-se à caridade.

É necessário enfatizar que Maria Clara manteve uma profissão ativa, sobretudo, no campo literário. Entretanto, a posição social que Maria Clara ocupava, direcionava determinadas ações, em outras palavras, em acordo com o que se esperava de seu gênero e de sua posição social, notamos que ela se envolveu vigorosamente em ações beneficentes ou no “trabalho feminino”, para usarmos o termo de Hahner (1978). Talvez pareça redundante, mas é importante reforçar que embora essas mulheres – como Maria Clara e outras colaboradoras de *A Mensageira* – estivessem engajadas nas lutas de viés feminista como o direito a educação, ao trabalho (lembrando que essencialmente nessa reivindicação há um recorte nítido de classe e raça) e ao voto, não podemos perder de vista que estavam inseridas num sistema de disposições sociais.

O conceito de *habitus* pode contribuir num entendimento mais aprofundado das ações

dessas mulheres. Segundo Pierre Bourdieu (2021), o *habitus* é um conceito fundamental para entender como os indivíduos se comportam em sociedade. Trata-se de um conjunto de disposições que são incorporadas e internalizadas pelo indivíduo como resultado de sua experiência social e cultural. Essas disposições incluem formas de pensar, sentir e agir que são moldadas pela posição social, histórica e cultural dos indivíduos. Logo, *habitus* não se refere tão somente a um condicionamento, mas também a um princípio de ação. De acordo com Bourdieu, o *habitus* é ainda um produto da interação entre as estruturas sociais e a ação individual. Ele permite que os indivíduos se orientem e ajam em diferentes contextos sociais, orientando suas escolhas, atitudes e comportamentos.

Vale retomar Zuleika Alambert (1987), no texto *A Mensageira: uma contribuição feminista*, discutido anteriormente, pois reforça, por exemplo, a relevância de analisarmos o feminismo daquele momento levando em conta o seu contexto histórico, social e político. É importante considerarmos que, apesar dessas mulheres perceberem a existência das estruturas de dominação masculina, ou a diferença social entre os gêneros, e lutarem em certa medida contra a opressão que sofriam, estavam inseridas num determinado campo, logo, agiam de acordo com certas disposições.

A ideia de Bourdieu (2021) sobre o jogo social pode ser interessante e contribuir para a nossa análise das ações de Maria Clara. Segundo o autor:

Uma das formas de adaptação mais bem-sucedidas do espaço social é realizada pelas pessoas que são como peixes n'água nesse espaço e que, ao mesmo tempo, não precisam ser calculistas para se encaixarem bem. O exemplo por excelência são aquelas pessoas que, de alguma maneira, têm sucesso num universo porque foram feitas para esse universo e foram feitas completamente por esse universo [...] a excelência consiste em jogar com a regra do jogo, quer dizer, em realizar a regra do jogo ao jogá-lo e, para mostrar que compreendemos a regra do jogo ao jogá-lo, jogamos com a regra, quer dizer, transgredimos a regra levemente de modo a mostrar simultaneamente que a respeitamos e que poderíamos transgredi-la mas escolhemos respeitá-la. (Bourdieu, 2021, p. 98)

Isto posto, vamos observar agora algumas formas de envolvimento de Maria Clara no trabalho de viés benevolente. Na cidade do Rio de Janeiro, ela participou da *Associação das Damas da Assistência à Infância*, que realizava diversas ações educativas, assistenciais e filantrópicas. Sônia Camara (2017), em estudo sobre essa associação, ressalta que após a proclamação da República houve uma “convergência identitária” entre saúde, educação e nação, que naquele momento passava a “[...] guiar os movimentos reformadores por parte da intelectualidade, cujo eixo orientador assentava-se na profusão de iniciativas de cunho educativo e higiênico para a sociedade” (Camara, 2017, p. 201).

A associação foi concebida em 1906, sendo Maria Clara 1ª secretária durante o período de 1909 a 1911, como uma extensão das ações do *Instituto de Proteção e Assistência à Infância* (IPAI), do Rio de Janeiro. Maria Clara, além de assumir o cargo administrativo na associação das damas, destinou o valor da venda de suas obras para o IPAI. Atesta essa afirmativa, o anúncio feito por Julia Lopes de Almeida, no jornal *O Paiz*, em 8 de setembro de 1908, ao apontar que os lucros da venda da primeira edição do livro *America e Europa*, seriam destinados ao IPAI: “O livro de Maria Clara, vendido em benefício da Assistencia á Infancia, a cuja associação a autora ofereceu a primeira edição de sua obra, circunstancia a notar com elogio [...]” (Almeida, Julia, Dois dedos de prosa, 1908, p.1).

Mas essas ações de viés beneficente eram realizadas por Maria Clara antes mesmo de sua participação nas “mensageiras do bem”, como eram chamadas as mulheres dessa associação (Camara, 2017). Observamos que o mesmo jornal acima mencionado, *O Paiz*, em 2 de fevereiro de 1899, anunciava que a venda de um quadro de Maria Clara seria destinada aos órfãos: “Lembro aos meus leitores que ainda se acha exposto á venda na galeria Cambiaso (loja de Preço Fixo) o bonito quadrinho pintado por D. Maria Clara da Cunha Santos, e destinado pela distincta amadora á subscrição aberta para os orphãos” (A. A. Palestra, 1899, p.2).

Cabe apresentar outro exemplo, agora referente às ações de Júlia Lopes, apontadas por Maria Clara na crônica de 31 de julho de 1898, em prol da fundação de creches e jardins de infância:

A sympathica ideia da fundação de Creches e Jardins da Infancia, nesta capital, tem sido acolhida em geral com muito entusiasmo e amor. Julia Lopes de Almeida, a brilhante escriptora que tão conhecida e estimada é, está trabalhando com afan para tornar em realidade o seu sonho de tantos annos. (Santos, 1987j, p. 305)

Para a concretude da fundação de creches e jardins de infância, Maria Clara comenta algumas ações previstas a fim de angariar verbas: “Sei que se organizará um leilão de prendas — de trabalhos de nossas gentis patricias — e como não desejo que alguém alegue falta de tempo para execução de um trabalho bonito e delicado, aviso desde já as cariocas, ou melhor ainda, as brasileiras em geral” (Santos, 1987j, p. 306).

Ainda sobre os comentários de Maria Clara referentes a essa ação, na qual Julia Lopes estava envolvida, é interessante notarmos as relações de classes diretamente mencionadas por ela, ao considerar que a fundação de creches e jardins de infância trariam benefícios para as mulheres pobres, que para trabalhar precisavam ter onde deixar seus filhos, e para as

mulheres ricas, que tendo condições de pagar pelo serviço, queriam o serviço bem feito, o que aponta para o entendimento de que a presença da criança atrapalharia o serviço da mãe:

Uma mulher pobre que precisa ganhar o pão de cada dia no trabalho penoso de criada de servir, encontrará na Crèche, conforto para o filhinho que ali será bem tratado e alimentado convenientemente. A' noite, ao voltar do trabalho, receberá seu filhinho amado. Ao contrario é impossivel se conciliarem as cousas. Trabalhar com o filho ao colo é um supplicio para a creança e para a mãe. Será um fardo pesado para os braços, embora não seja para o coração. E a mulher rica que pode pagar creadas exige, e com razão, que o serviço seja bem feito. Assim pois, a generosa ideia da fundação das Creches, nesta cidade, é de grande beneficio para as famílias ricas ou pobres. (Santos, 1987j, p. 305-306)

No fim de suas colocações sobre o assunto, percebemos que Maria Clara enfatiza as ações das mulheres em prol de suas necessidades: “Não se contando absolutamente com o auxilio official para a realização deste sonho — sonho? não, ideia muito pratica, devemos nós mulheres, as mais interessadas em bem organizar nosso *ménage*, trabalhar com coragem para esse fim (Santos, 1987j, p. 305-306, grifo da autora)”. Entretanto, é importante considerarmos que ao se referir a “nós mulheres”, embora tenha mencionando que o benefício seria às mulheres ricas e às mulheres pobres, esse trabalho era protagonizado pelas mulheres de elite, seja econômica e/ou intelectual, da qual, sabemos, Maria Clara fazia parte.

Essa breve apresentação de Maria Clara, buscou apontar alguns dados biográficos relevantes para a análise de sua trajetória profissional. Preocupamo-nos, até aqui, em estabelecer uma demarcação, mesmo que ligeira, de raça e classe para melhor compreendermos o contexto de seus escritos e para posicionar as ações e reivindicações feitas por ela e por outras colaboradoras de *A Mensageira*. Além disso, o recorte de classe nos ajuda a perceber o campo social, cultural e artístico no qual circulou no Rio de Janeiro dos fins do XIX.

Nos próximos subcapítulos, passaremos a nos deter especialmente na trajetória profissional de Maria Clara — como escritora e como pintora — para, então, analisá-la através da crítica de sua época.

2.1. PROFISSÃO: ESCRITORA!

Ao investigar a trajetória de Maria Clara, fica evidente o seu envolvimento profissional com a escrita. Essa constatação é reforçada por Elaine Vasconcellos (2004, p. 353) quando menciona que a escritora se destaca “[...] não pela quantidade de livros

publicados, mas pelo sentimento de se julgar escritora [...]”. Vasconcellos aponta ainda para a constância na produção literária de Maria Clara, a qual confirmamos, por exemplo, através da sua assídua colaboração na revista *A Mensageira*.

Sabemos, que a sua condição social — oriunda de uma família tradicional mineira e de um matrimônio bem-sucedido socialmente — permitiu-lhe, primeiro, acesso a bons estudos e, posteriormente, a relacionamentos influentes na sociedade carioca e circulação junto à elite intelectual e política da época. Entretanto, vale ressaltar, que a sua classe social não a eximiu das opressões sobre o seu gênero. Muitos críticos, como veremos mais adiante, desvalidavam qualquer escrito de autoria feminina. Mas, por ora, vamos discorrer a respeito da colaboração de Maria Clara na imprensa e de sua dedicação à literatura.

Além do seu envolvimento com a revista *A Mensageira*, Maria Clara colaborou em diversos periódicos de sua época. Ainda em São Paulo, publicou na *Revista do Brasil*. No Rio de Janeiro, por exemplo, escreveu para o anteriormente referenciado *A Família*, *Rua do Ouvidor*, *A Semana*, *Cidade do Rio*, *Jornal do Brasil*, *O Album*, *Gazeta de Petrópolis*, *Gazeta de Notícias*, *A Republica*, *O Fluminense*, *Pharol* e *O Leque*. Também colaborou para jornais de outras regiões, como os já mencionados *O ESCRINIO* e *O Corimbo*, do Rio Grande do Sul, *A Pacotilha*, do Maranhão, *Almanach de Juíz de Fora*, de Minas Gerais, *O Cysne*, de Ouro Preto, *Jornal de Recife* e *Lyrio*, de Recife, *Diario de Natal*, do Rio Grande do Norte, entre outros. Encontramos, inclusive, registros do trabalho de Maria Clara em circulação no jornal *Correio da Manhã*⁷³, de Lisboa, Portugal.

Todavia, não é somente na imprensa que se concentra o trabalho de Maria Clara. Até o momento, temos conhecimento de três livros literários publicados por ela, a saber: *Pyrilampos e Rumorejos* (1890), poesias, publicação em parceria com sua prima Presciliana Duarte; *Painéis* (1902), contos; e *América e Europa* (1908), crônicas de viagens. É de referir que na *Exposição Nacional de 1908*, ocorrida no Rio de Janeiro, Maria Clara recebeu medalha de Ouro na categoria *Livros e Publicações*, como mostrou o anuário do *Almanak Laemmert*⁷⁴, de 1909:

⁷³ *Correio da manhã*, Lisboa (Portugal), 18 ago. 1895. Disponível: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890529&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=15621>. Acesso: 29 maio 2023.

⁷⁴ *Almanak Laemmert*: Administrativo, Mercantil e Industrial, Rio de Janeiro, 1909. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pesq=%22exposi%C3%A7%C3%A3o%20nacional%20de%201908%22&pagfis=39042>. Acesso: 16 maio 2023.

2420 EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908		
PARÁ <i>Grande premio</i> Instituto Lauro Sodre.	BAHIA <i>Medalhas de prata</i> Penitenciaria do Estado. Viscote de Ponta Afredo.	S. PAULO <i>Grandes premios</i> Governo do Estado. Dr. Marc'Antonio Romiro. Dr. Gustavo d'Utra.
BAHIA <i>Grande premio</i> Officinas do <i>Dois Mundos</i> , da Capital.	RIO DE JANEIRO <i>Medalhas de prata</i> Collegio Salesiano Santa Rosa.	RIO GRANDE DO SUL <i>Grandes premios</i> Governo do Estado. Rajaz Esclites Joazez. Centro Economico.
S. PAULO <i>Grande premio</i> Weinlog Irmãos.	RIO GRANDE DO SUL <i>Medalhas de prata</i> W. Hettermann, de S. Leopoldo. Alfonso Castano de Sousa, de Trasso Fundo.	MINAS GERAES <i>Grande premio</i> Municipio de Uba.
RIO GRANDE DO SUL <i>Grande premio</i> Souza & Barros.	Grupo oitavo — Livros e publicações	MATTO GROSSO <i>Grande premio</i> Est. de Avelino Siqueira.
DISTRITO FEDERAL <i>Medalhas de ouro</i> Papeitaria Mendes. G. C. Valde. Instituto dos Sordos e Mudos. Corpo de Bombeiros.	UNIAO <i>Grandes premios</i> Imprensa Nacional. Directoria Geral de Estatistica. Directoria Geral dos Telegraphos. Directoria Geral dos Correios. Biblioteka do Estado Maior do Exercito. Biblioteka Nacional.	UNIAO <i>Medalha de ouro</i> Escola de Guerra de Porto Alegre.
AMAZONAS <i>Medalhas de ouro</i> M. Silva & G., de Manaus.	DISTRITO FEDERAL <i>Grandes premios</i> Instituto Historico e Geographico. Sociedade Nacional de Agricultura. Academia Nacional de Medicina. Centro Industrial. Jornal Medico. Revista do Instituto Historico e Geographico. Dr. João Barbosa Rodrigues. Francisco Alves. Augusto de Souza Lobo. Jornal dos Agricultores. Joaquim Vinte Ferreira sobrinho.	DISTRITO FEDERAL <i>Medalhas de ouro</i> Instituto Profissional Mascadino. A <i>Renascença</i> . Recensamento do Rio de Janeiro. E. Bevilacqua & C. Dr. José Elias Cadava. Jornal da Repostilha. Dr. Gregorio N. de Mello e Cunha. <i>Labor et Honor et Bella</i> , de Beltracão. Pernambuco. Carmo Silva. Dr. Anuro A.buquerque. Olavo Freire. Brevete <i>Relato Esperanto</i> . Dr. Alfredo do Nascimento e Orlando Rangel. Dr. Maria Clara da Cunha Santos. Dr. Carlos A. M. Noves.
PARÁ <i>Medalhas de ouro</i> Imprensa official, de Belém. Tavares Claudo & C., idem.	PARÁ <i>Grandes premios</i> Moses Gobdi. A <i>Promessa do Pov. de Belém</i> . Dr. Virgilio Carlos de Oliveira.	AMAZONAS <i>Medalhas de ouro</i> Governo do Estado. Commissario do Estado. A <i>Imprensa do Amazonas</i> .
PARALIBA DO NORTE <i>Medalhas de ouro</i> Mansel Henriques de Sá.	MARANTIAO <i>Grande premio</i> Biblioteka Publica.	PARÁ <i>Medalhas de ouro</i> Instituto Lauro Sodre. Imprensa Official. Dr. João Palma Moniz. Dr. Eugenio Simoes. Tavares Claudo & G. Dario G. Castro. Sociedade Industrial Agricola Paranaense, Belém. Dr. Thomas Ribeiro, Belém. Dr. José Ferraz Leitmann, Belém. Paul de Court, Olinda. Coronel Raymundo Cyrillaco Alves da Cunha. Manoel João Alves, Belém.
BAHIA <i>Medalhas de ouro</i> Reis & C., da Capital. Lyons Salesiano, idem. Lithotypographia Almonia. Roumaldos dos Santos.	PARANÁ <i>Medalhas de ouro</i> Osar Sebim, de Curitiba.	
RIO DE JANEIRO <i>Medalhas de ouro</i> São Livro Novos, de Campos.	RIO GRANDE DO SUL <i>Medalhas de ouro</i> Krahe & C. L. F. de Barcellos, de Porto Alegre.	
S. PAULO <i>Medalhas de ouro</i> Duprat & C. Henrique Pachetti. Carloso, Filho & C.		

Figura 9 – Maria Clara entre os medalhistas de ouro no *Grupo oitavo – livros e publicações*, da *Exposição Nacional de 1908*
Fonte: *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ)*, n. A00066, p. 2420, anuário de 1909

Observa-se que na primeira publicação, *Pyrilampos e Rumorejos* (1890), ainda constava o seu nome de solteira, Maria Clara Vilhena da Cunha. As demais obras foram assinadas já com a alteração no sobrenome, após seu casamento, que ocorreu no início de 1891, com Dr. José Americo, retirando “Vilhena” e incluindo “Santos”.

Referente ao prefácio dessa primeira obra, Adelina Amelia Lopes Vieira, a já mencionada colaboradora da revista *A Mensageira*, foi quem o escreveu, a pedido de Maria Clara e Presciliana, conforme revelou no seguinte comentário: “Acompanhou os versos, uma carta amabilissima na qual, mandam as gentis Senhoras, que prefacie o seu livro e que, tomando-lhes as mãos, lhes guie os passos tremulos ainda, através do mundo litterario em que desejam viver” (Vieira, 2012, prefácio, p. V). Sobre o juízo da autora que prefaciou a obra, “as poesias das duas jovens poetisas têm muito lyrismo e muito sentimento” (Vieira, prefácio, 2012, p. VIII).

Ao que parece, as primas estavam buscando uma aproximação com Adelina, escritora mais experiente, que fora bem sucedida, visto o que esta mencionou: “A’s gentilissimas auctoras dos *Pyrilampos e Rumorejos* liga-me, de ora avante, uma grande sympathia. Não nos

avistamos ainda, não nos fallamos mas está estabelecida a corrente mysteriosa, comprehendemo-nos e amamo-nos. Temos o mesmo culto” (Vieira, 2012, prefácio, p. IX, grifo da autora).

Sobre as poesias que compreendem o livro, é de referir que algumas apresentam data e local, abrangendo os anos de 1884 a 1889, escritas entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, entretanto o deslocamento está associado às poesias de Maria Clara, visto que a única poesia de Presciliana que menciona local refere-se a Pouso Alegre. Vasconcellos (2004, p. 353) ao analisar as poesias de Maria Clara, destaca *As Bellas Artes*⁷⁵, dedicada ao Dr. Valentim Magalhães, pois “[...] consegue, em redondilhas, dar uma visão bem humorada e atual da relação entre pintura, música, escultura e poesia [...]”:

As Bellas Artes

Formosíssimas senhoras,
Amadas filhas dos Céus,
Sois quatro auroras raiando,
Ou quatro risos de Deus.

Outras vezes digo – a Musica
Tem a sua primasia,
Quando revela os encantos
Da doce melancholia!

E da Esculptura, que digo!
Ao bronze anima e dá vida,
Transformando o ferro bruto
Em vida estatua querida!

Como a Poesia embelleza
As suas irmãs amadas!
Pintura, Esculptura e Musica
Andam com ella abraçadas!

Nenhuma excede em belleza
As outras irmãs formosas,
Si esta canta, aquella fala,
Est’outra desenha as rosas!

Mas, quem quizer separal-as
Mate primeiro a Poesia,
Que as outras irmãs coitadas,
Morrerão no mesmo dia!
(Santos, 2012, p. 37-38)

⁷⁵ Fora publicada, posteriormente, na revista *A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 23, 15 set. 1898, fac-símile, v.1, 1987, p. 367-368.

Por fim, assinalamos que não foi possível acessar o original da obra⁷⁶ (figura 10). No entanto, encontramos em comercialização uma edição reproduzida nos Estados Unidos, em 2012, pela *Nabu Press*, a partir de um original da *Stanford University Library*.

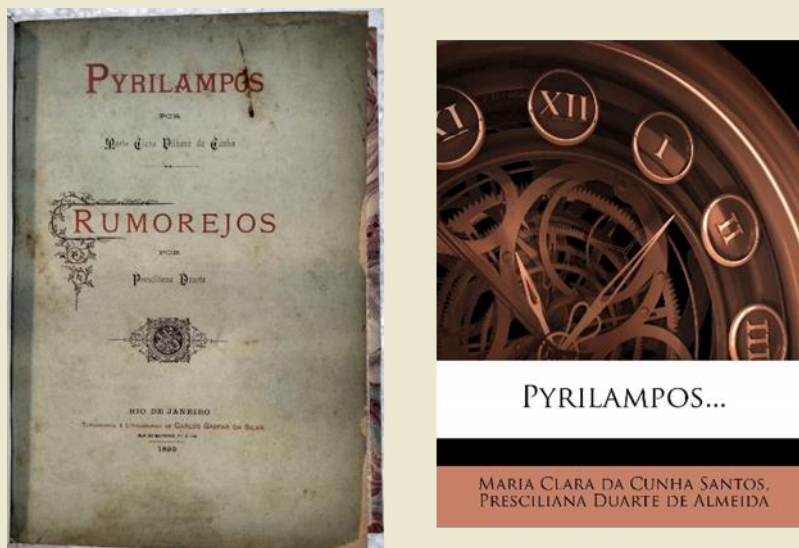


Figura 10 – *Pyrilampós e Rumorejos*, de Maria Clara Vilhena da Cunha e Presciliania Duarte, 1890 (esquerda); Reprodução da obra *Pyrilampós e Rumorejos*, pela Nabu Press, 2012 (direita)

O segundo livro, *Paineis* (1902), de autoria exclusiva de Maria Clara, é composto por 35 contos. Paloma Laitano (2020, p. 103) observa que os contos publicados nessa obra “retratam temas diversos, relacionados não somente com a cidade e o dia-a-dia das pessoas que por ali se movimentam, mas também o viver da roça, com suas paisagens, pessoas e lendas”. Alguns exemplos de contos que compõem o livro: *Na roça*, ambientado na fazenda Santa Justa, no qual a autora aborda a relação contrastante de um pai acostumado com a lida do campo e o filho advogado que estudou na Europa, num diálogo que explicita os benefícios do casamento; *João Valú*, tem como cenário o interior de Minas Gerais e através de um casório a escritora versa sobre as diferenças de classes sociais; *No sertão*, a narrativa alude à pitoresca cidade de Piumhy, oeste de Minas Gerais, após descrever a paisagem da região, ora exuberante, ora inóspita, conta a desventura de amigos urbanos, “moços da Corte”, que por lá transitaram. A história tem fim trágico para uma das personagens: Torres, homem casado, perde a vida quando decide maliciosamente cortejar uma “roceirinha”.

Nota-se que a temática do casamento possui presença marcante em suas histórias. Ainda referente a esse tema, merece rápido comentário o conto *Esposa modelo*. A história

⁷⁶ Capa da obra localizada no 3º Importante Leilão de Primeiras Edições e Edições Especiais dos Séculos XIX e XX, no *Escritório da Arte Miguel Salles*. Disponível: <https://www.miguelsalles.com.br/peca.asp?ID=4263343>. Acesso: 16 maio 2023.

aborda um triste casamento, contratado sem amor. Um homem que vivia intensos passeios noturnos, já em idade avançada, por indicação médica é orientado a se casar para encontrar sossego num remansoso lar. Um tanto contrariado, resolve seguir as orientações de seu médico. Entretanto, ao não possuir vínculo amoroso por nenhuma pretendente, o doutor sugere que finja amar a mulher cortejada, pois entende que “[...] as mulheres são sempre umas tolas; exigem que o amor entre em todos os casamentos, como se isso fosse possível” (Santos, 1902, p. 121).

Quando finalmente se casa, trata de manter a esposa isolada no lar, a exemplo da “esposa modelo”. Com muita artimanha, não a proíbe, mas cria empecilhos para qualquer saída ou recepção de amigos. Isolada, a esposa rapidamente envelheceu:

[...] tem as pernas inchadas pela vida sedentária que leva, o rosto de uma pallidez doentia, os olhos desbotados, o espirito embrutecido. Não faz nem recebe visitas, não vai a festa de qualidade alguma e, como o marido não é muito rico e não tem uma grande characa para passeios hygienicos e exercicios saudaveis, ella vive dentro das quatro paredes de sua casa pequenina, que, verdade seja dita, é irreprehensivelmente tratada. Os filhos, acostumados áquella educação especial, mal conhecem as crianças do visinho defronte. Tambem são modelos em miniatura: não correm, não gritam, não fazem barulho; brincam com umas gravuras velhas e vêm figuras numa collecção do “Novo Mundo” já muito antiga e mil vezes vista. (Santos, 1902, 125)

Notamos que Maria Clara sugestiona ao seu leitor os numerosos malefícios de uma mulher cerceada ao espaço doméstico, especialmente nos cuidados com a casa e na criação dos filhos. Esse discurso aproxima-se daquele pensamento positivista que vimos anteriormente, que circulava e ganhava espaço na sociedade brasileira do período. Acrescenta-se, ainda, a ideia higienista que, igualmente, aparece nesse texto.

Ademais, é de referir que diversos contos reunidos nessa publicação, circularam de modo avulso nos periódicos da época. É o caso do já citado *Brilhantes brutos, Martyr do amor* (dedicado à Áurea Pires), *O Juca da Generosa* (dedicado ao seu professor de pintura, Adolpho Malevotti), *Saudade Incuravel* (à Ignez Sabino), entre outros igualmente publicados na revista *A Mensageira*.

Vale mencionar, por fim, outro conto, dedicado a Silvio de Almeida, intitulado *Lições de Pintura*, que também fora publicado individualmente, dessa vez, no jornal *Rua do Ouvidor*, em 1901. A história trágica narra a morte de uma criança em tenra idade, cotejando a dor da perda que sofreu Silvio e Presciliana com a morte de Bolívar, anteriormente mencionada. No conto de Maria Clara, a mãe desolada com a morte prematura do bebê, começa a estudar artes com ávida dedicação. Rapidamente domina o desenho, depois a pintura de paisagem e,

finalmente, a figura humana. A sua demasiada dedicação, se solidifica no retrato da filhinha perdida: “A tela estava magnífica, era verdadeira, aquella criança parecia querer fallar; os olhos tinham expressão, os cabellos loiros projectavam reflexos dourados e dos labios vermelhinhos destacava-se um sorriso encantador” (Santos, 1902, p. 153).

Importante apontar que nesse conto Maria Clara centraliza na personagem da mãe o ato de criação. Motivada, todavia, pelos sentimentos de amor à filha e pela dor de sua perda, foi a partir da sua dedicação às artes que se desenvolve em exímia pintora. Logo, o estranhamento causado pela ausência de um modelo vivo, visto que as orientações do professor eram que “ao pintar a figura tivesse sempre em vista o modelo; nada de imaginação, a verdade acima de tudo” (Santos, 1902, p. 152), é minimizado pela fiel imaginação da pintora, confirmada pelo espanto do marido ao ver a obra. Dessa forma, o professor então comovido conclui que “a arte é sempre inspirada pelo amor” (Santos, 1902, p. 153). Cabe apontar que a ausência de modelo talvez se alinhe à ideia da “[...] nova postura do artista diante do real, era fundamental que aquilo que estivesse representado em seus quadros tivesse sido diretamente percebido por ele, independentemente de ter sido pintado no momento em que olhava para os temas escolhidos [...]”, conforme apontou Camila Dazzi (2012, p. 111) em estudo sobre a crítica de arte nos anos finais do Oitocentos, assunto que trataremos melhor adiante.

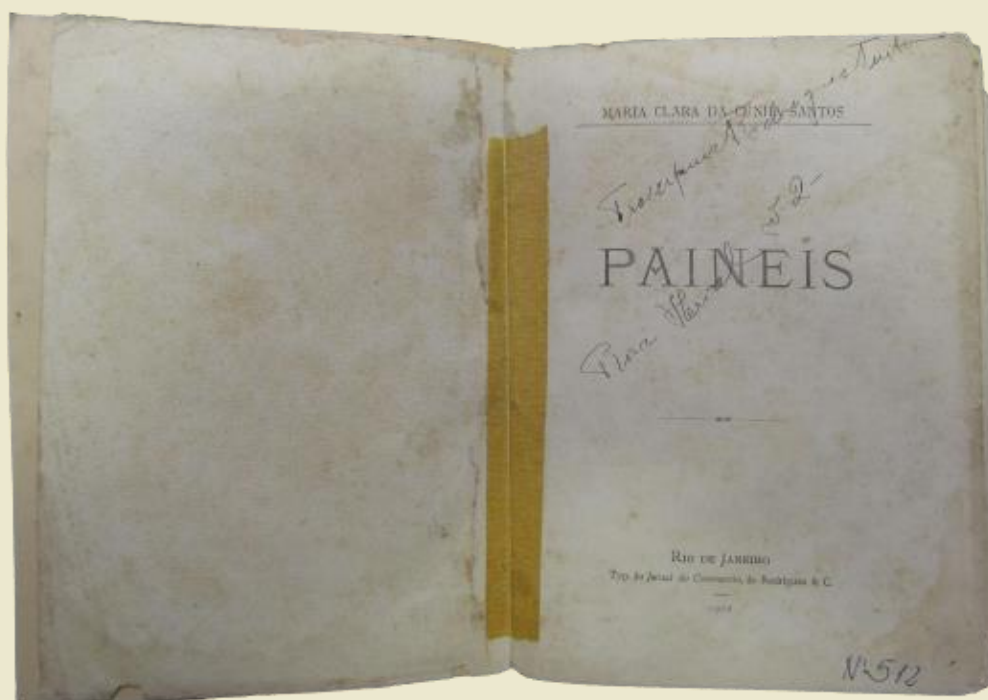


Figura 11 – *Paineis*, Maria Clara da Cunha Santos, 1902
Fonte: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, Pouso Alegre, MG

A última publicação de Maria Clara foi *America e Europa* (1908). Essa obra é composta por relatos da viagem que realizou com o marido, que estava a serviço do governo brasileiro na *Exposição Universal*, para St. Louis, Estados Unidos, em 1904. O casal também foi ao México, onde Dr. José Americo participou do *8º Congresso Internacional de Geographia*⁷⁷. Estiveram, ainda, como sugere o título do livro, na Europa, onde visitaram os seguintes países: Itália, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, Inglaterra, França e Portugal.

Essa obra de Maria Clara contou com o prefácio do então renomado Sylvio Romero. Inclusive, o escritor apresentou suas observações, sobre essa publicação, em seu livro *Provocações e Debates: Contribuições para o Estudo do Brazil Social* (1910), no capítulo intitulado *Um livro de viagens*. No início da sua análise, Sylvio aponta, num ligeiro parágrafo, alguns dos amigos e parentes saudosamente mencionados pela escritora:

Acham-se principalmente á pag. 11, quando falla da despedida na hora da partida; pag. 16, quando se refere aos amigos que, na Bahia, foram a bordo comprimentar a autora e seu distincto consorte, Dr. José Américo dos Santos; pag. 23, sobre a bella moça, que, cegando na ausencia do marido, fôra esperal-o ao caes em New-York; pag. 29, a respeito do quadro do *Desespero Materno* na Exposição das figuras de cêra ainda em New-York; pag. 80, encontro com moças brasileiras em St. Louiz; pag. 186, sobre Dr. Branner; 206, relativamente ao Dr. Bruno Chaves e sua esposa; 218, Eugenio Latour e Magalhães de Azeredo; 223, professor Adolpho Malevolti e Pedro Americo; 260, ácerca de Madame Paulo Fritz; 276, noticia da morte da sua irmã Judith; 282, Charles Neate; 284, D. Carolina de Rezende e o marido; 288, sua cunhada D. Alice; 291, a família do Dr. Cypriano Mascarenhas; 309, Maria Amalia, a *authoress* portugueza. (Romero, 1910, p. 70-71)

Ademais, Sylvio menciona que “Esses rápidos trechos são como deliciosos e floridos pontos que documentam a psychologia da escriptora” (Romero, 1910, p. 70). Nota-se, nesse recurso empregado pelo autor, uma certa intenção de destacar a *doçura*, a *bondade* e a *simpatia* como características da escrita feminina da autora.

Entretanto, na sequência de sua análise, vai abordar as cenas cotidianas observadas e descritas por Maria Clara nessa obra. Sobre esses “fenômenos sociais”, menciona as divergências analisadas pela autora entre Estados Unidos, Holanda, Inglaterra e Alemanha, em relação com Brasil, Itália, França e Portugal:

O caracter de independência dos moços e até dos meninos, a educação autônoma e pratica dos homens, o facto de rapazes, estudantes

⁷⁷ *O Fluminense*, Rio de Janeiro, 30 out. 1904. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=6405. Acesso: 24 maio 2023.

universitários, empregarem-se em officios manuaes que a nós se afiguram grosseiros e acima da infatuada pretenciosidade de certas gentes, a energia e independência das mulheres que ousam pensar por si, o prazer e attracção pelas carreiras chamadas usuaes, fontes de bem estar e conforto, de preferencia aos azares da politicagem e do parasitismo de certas profissões denominadas *liberaes*, são cousas que despertam logo a atenção do viajor intelligente e não podiam escapar á perspicácia de uma mulher de talento, como é a nossa patrícia. (Roméro, 1910, p. 73)

Segundo o entendimento de Sylvio, muitas dessas diferenças apontadas, a escritora “admirou e desejaria que fossem imitadas nesses últimos paizes” (Roméro, 1910, p. 73).

Até o momento, não tivemos contato com essa obra em sua completude⁷⁸. Entretanto, foi possível acessar o trecho intitulado *America*, disponibilizado no estudo de Vasconcellos (2004). Maria Clara narra a partida, do Rio de Janeiro, do navio *Byron*, a sua parada na Bahia e depois em Pernambuco, locais que, devido à peste bubônica, as autoridades sanitárias não permitiram o desembarque da tripulação. Sobre a passagem por Barbado, a escritora observa a pobreza e a miséria do lugar, além disso, menciona que havia mais pessoas negras do que brancas na região.

A chegada à Nova Iorque foi impactada pela monumental Estátua da Liberdade e, também, por certa melancolia devido ao clima frio, à neve e ao crepúsculo que envolvia o

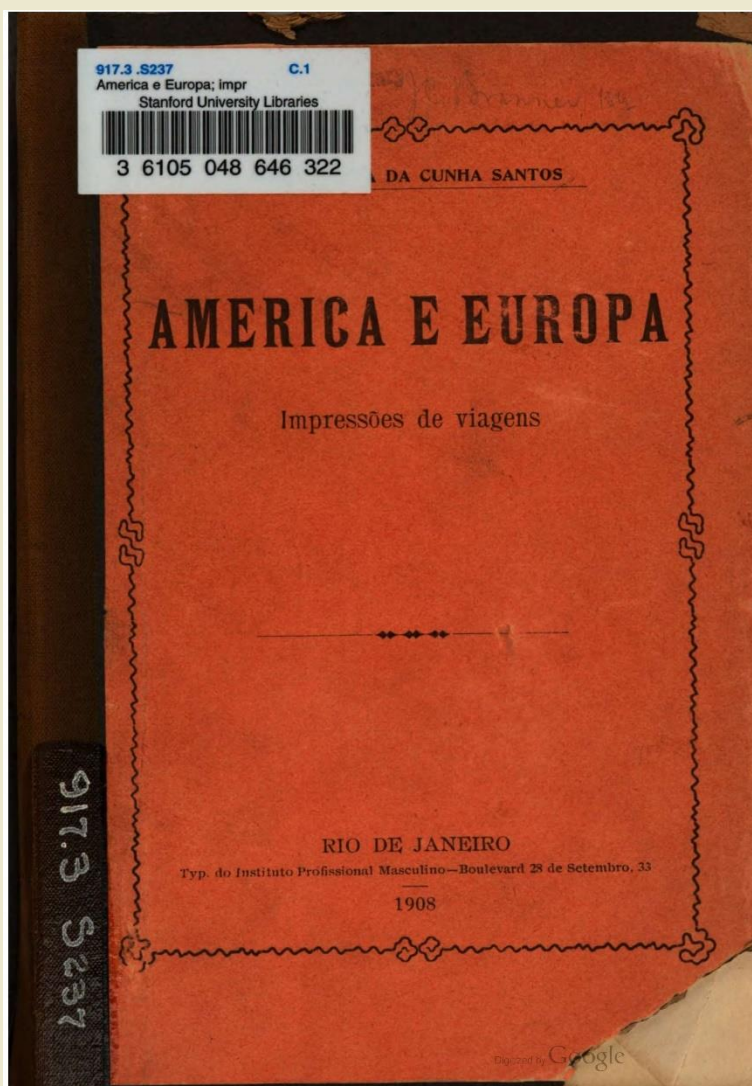


Figura 12 – *América e Europa*, Maria Clara da Cunha Santos, 1908
Fonte: Biblioteca da Universidad de Nuevo México

⁷⁸ Foi no momento de finalização dessa dissertação que obtivemos acesso à obra *America e Europa*, de Maria Clara, através da *Biblioteca da Universidad de Nuevo México*. Em virtude do pouco tempo que teríamos para retomarmos a análise da seção a partir da obra em si, optamos por manter o estudo deste subcapítulo que estava concluído com auxílio dos trechos dessa obra disponibilizados na pesquisa de Vasconcellos (2004).

local. No entanto, não demorou para que sua atenção se voltasse aos aspectos modernos da região: “Vencido aquele primeiro momento, comecei a prestar atenção a formosa e adiantada cidade. De súbito o carro parou à porta do hotel indicado. Que luxo! Que esplendor! A luz elétrica dava um aspecto suntuoso àquele edifício, tudo parecia brilhar naquele palácio [...]” (Santos, 1908 *apud* Vasconcellos, 2004, p. 376-377).

Passados cinco dias, tomaram o trem à St. Louis, para a inauguração da Exposição Universal. Nesse ínterim, Maria Clara que se propôs a descrever a viagem, realiza o que chamou de “ligeiro parênteses” para discorrer sobre algumas observações a respeito daquela sociedade. Especialmente sobre o que se referente à educação das mulheres, a escritora descreve as suas impressões:

A mulher americana desde criança encontra em seu país elementos favoráveis para o seu desenvolvimento intelectual. É assim que cursa conjuntamente, com rapazes as melhores escolas e os melhores liceus. Recebe a mesma instrução que é ministrada aos rapazes instrução literária, física e moral. Quando faz ginástica é com o mesmo desembaraço e liberdade dos meninos. Acostuma-se desde criança com a idéia de que o homem não é superior nem inferior a si, é igual na esfera de seus direitos e garantias. E assim cresce sem pavor das más línguas, sem os receios que nós outros temos de que uma menina criada na convivência de rapazes acabe por se tornar um ente a parte, sem atrativos, sem meiguice, para não acompanhar os pessimistas que levam seus receios para terreno muito mais ingrato e perigoso. (Santos, 1908 *apud* Vasconcellos, 2004, p. 380)

Consequentemente, Maria Clara observa que “Fortalecidas com uma educação toda especial as mulheres americanas atiram-se à vida pratica com o mesmo desembaraço e a mesma confiança dos homens” (Santos, 1908 *apud* Vasconcellos, 2004, p. 380). Logo, as vias do que atualmente podemos conceber como feminismo liberal é descrito pela escritora com entusiasmo ao observar o modo como as mulheres participavam e integravam aquela sociedade, compreendida, pois, como o país do progresso e da liberdade: “Na imprensa, nas artes, na ciência, no magistério, na indústria, no comércio, em todos os ramos da atividade humana, a mulher americana tem exercido sua influência de modo admirável” (Santos, 1908 *apud* Vasconcellos, 2004, p. 380).

Todavia, apesar do entusiasmo com a condição da mulher, não deixa de apontar, rapidamente, o preconceito acentuado que circunda aquela sociedade. Para Maria Clara, a América do Norte⁷⁹ seria “um país ideal se fosse possível libertá-la de certos preconceitos ferozes que são como o principal fator daquele país. Refiro-me ao problema negro, ao modo pelo qual o americano trata o homem de cor em geral” (Santos, 1908 *apud* Vasconcellos,

⁷⁹ Utiliza o termo América do Norte ao se referir aos Estados Unidos.

2004, p. 381). São cinco linhas que tecem o rápido comentário sobre o preconceito contra o “homem de cor”, logo, não sabemos precisamente quais situações presenciou e não temos maior aprofundamento do assunto.

Na finalização desse excerto textual, a escritora comenta que mesmo pessoas ilustres e cultas desconheciam o Brasil. Inclusive, menciona com certo aborrecimento que alguns o confundiam com a Argentina. Em entrevista a um jornalista, Maria Clara, já saudosa da terra natal, com patriotismo apresentou o país com as seguintes palavras:

[...] o Brasil é a maior potência da América do Sul pela grandeza e fertilidade do seu solo, pelas gloriosas páginas da sua história pátria, pela importância do seu comércio, pelo talento de seus filhos e sobretudo pelo entranhado amor que os brasileiros sabem tributar a terra que os viu nascer. (Santos, 1908 *apud* Vasconcellos, 2004, p. 382)

Para concluirmos a nossa investigação referente à trajetória profissional de Maria Clara, enquanto escritora, cabe mencionar ainda que ela participou de conferências, concedeu entrevistas e também prefaciou obras literárias. Por exemplo, em 1905 ocorreu o *3º Congresso Científico Latino-americano* e Maria Clara participou com o seguinte tema: *A aptidão da mulher no exercício da educação infantil é a razão suficiente para que o Estado lhe confie exclusivamente o ensino primário?* Por um lado, somos induzidos a considerar que essa aptidão que a escritora se refere, em certa medida, corrobora com a afirmação do papel social da mulher enquanto provedora dos cuidados com a família; entretanto, por outro, podemos notar que o destaque dado aqui direciona-se ao engajamento das mulheres na luta por espaço no mercado de trabalho, até então dominado por homens. Vale destacar que o *Jornal do Commercio* publicou os resumos das teses participantes desse congresso, logo, é possível observar o resumo de seu tema:

[...] synthetiso o meu pensamento nestas palavras: ‘O ensino primario lucraria immensamente, ficando em absoluto, nas mãos femininas’. Essa vantagem – pois, outro nome não cabe aqui, - é motivo sufficiente para que o Estado lhe conceda esse privilegio. Será um acto de inteira justiça, de grande proveito para a mocidade e de grande beneficio para o paiz. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 85, n. 222, 11 ago. 1905, p. 3)

Além de conferências, Maria Clara também concedeu entrevistas a alguns periódicos. Tomemos como exemplo a enquete *As nossas escritoras*, respondida por Maria Clara ao *Almanach do Paiz*, em 1910 (anexo A)⁸⁰. A escritora respondeu a 24 perguntas referentes à

⁸⁰ Localizamos outra enquete respondida ao jornal *A Imprensa*, datada de 1911, sob o título *Elegancia Feminina* (conforme anexo C).

carreira literária, como as suas principais influências, quando começou a se dedicar à escrita, as produções que considerava mais completas, as suas primeiras produções, entre outras, e, também, a assuntos mais diversos, como moda, culinária, amor, casamento, feminismo e assim por diante. Essa enquete é deveras interessante e mereceria uma análise mais profunda, entretanto, nesse momento pontuaremos algumas respostas. Por exemplo, quando discorre sobre as influências que a levaram ao interesse pelo cultivo das letras: Maria Clara começou o seu discurso destacando uma escritora, Maria Amalia Vaz de Carvalho (Lisboa, 1847 — 1921), para depois trazer outros nomes como de Victor Hugo (Besançon, 1802 – 1885) e Luiz Guimarães Junior (Rio de Janeiro, 1845 — Lisboa, 1898). Outra resposta significativa diz respeito ao modo de trabalho. A escritora explica que o tempo dedicado à carreira literária é compartilhado com as suas ocupações principais: dona de casa e senhora da sociedade. Por fim, é de nosso interesse a sua resposta à seguinte pergunta: “Que pensa do feminismo e da incorporação da mulher á politica?” (As Nossas Escritoras, 1910, p. 371). Observemos sua resposta:

O que se deve entender por feminismo? Mulheres que votam? que briga? que furtam urnas eleitoraes? que rasgam listas do sorteio militar? que espancam? Nesse caso sou contraria ao tal movimento. Mas se feminismo é educar, instruir, libertar a mulher de certos preconceitos e preparal-a para as luctas da vida, então muito bem, sou pela idéa e **entendo que tudo se deve fazer para esse tão nobre ideal.** (Santos, 1910, p. 382, grifo nosso)

Numa primeira leitura, poderíamos considerar a ideia de um “feminismo moderado” no tom de Maria Clara, conforme proposto por Neves (2009), se não nos chamasse a atenção o final de sua sentença. Ora, a escritora inicia a sua resposta questionando o que se entende por feminismo e elenca uma série de atitudes sobre as quais parecia discordar, todavia notemos que ao finalizar o seu argumento contrapõe tal posição ao afirmar que *tudo* deve ser feito para defender o nobre ideal. Talvez a posição de Maria Clara como “senhora da sociedade”, como ela mesma apontou, exigisse uma postura mais moderada, a qual parece que a escritora inteligentemente contornou.

Por fim, sublinhamos a sua atuação como prefaciadora. Rideline Ferreira (já mencionada colaboradora de *A Mensageira*), proferiu comentários no jornal *A Provincia*, em 1911, a respeito da obra *Trovas*, de Franklin Coutinho⁸¹. Entre as suas colocações mencionou que o livro fora “prefaciado por uma das minhas mais dilectas amigas, a mimosa escriptora Maria Clara da Cunha Santos” (Ferreira, 1911, p. 1).

⁸¹ Não encontramos muitas referências sobre o autor, possivelmente trata-se do letrista do Hino do Centenário de Nova Friburgo.

Diante do exposto, notamos que Maria Clara manteve uma carreira ativa. Além da sua dedicação ao periodismo, publicou obras, participou de conferências, prefaciou livros, entre outras atividades ligadas à profissão de escritora. Confirmando, dessa forma, a constância na sua produção literária.

2.2. PINTURAS E EXPOSIÇÕES

Maria Clara participou, sequencialmente, de seis *Exposições Gerais de Belas-Artes*, da *Escola Nacional de Bellas-Artes do Rio de Janeiro*, entre os anos de 1897 a 1902. Conforme indicam os títulos das suas obras (quadro 1), dedicou-se especialmente à pintura de paisagem e à pintura de natureza morta. Entretanto, há um quadro intitulado *Meu Gabinete*, que nos remete a uma cena de interior. Esse trabalho, inclusive, recebeu considerável destaque na crítica da época, assunto que retomaremos em seguida.

Quadro 1 – Relação das pinturas de Maria Clara da Cunha Santos expostas sequencialmente em seis Exposições Gerais de Belas-Artes, da Escola Nacional de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, de 1897 a 1902

Obras apresentadas nas Exposições Gerais de Belas Artes da Escola Nacional de Bellas-Artes (RJ)*					
(IV) 1897	(V) 1898	(VI) 1899	(VII) 1900	(VIII) 1901	(IX) 1902
Um lado da minha casa	Caminho do arvoredo	Cathaléia em copo d'agua	Fructas do Brazil	A tarde (paisagem mineira)	Marinha (Praia de Santa Luzia)
Fructas do Brazil	Margens do Tieté	Laranja e Manga	Margens do Sapuchay	Igrejinha (Copacabana)	
Meu Gabinete	Trecho de paisagem	Mangueiral	Serra do Cubatão	Sant'Anna (arrebade na capital de S. Paulo)	
		Minha fructeira	Trecho de via-ferrea		

*Levantamento realizado a partir dos catálogos das exposições, disponibilizados pela Biblioteca Digital de Obras Raras (UFRJ).

Fonte: a autora.

Observamos, nos catálogos dessas seis exposições, compreendendo os anos de 1897 a 1902, que logo abaixo do nome da artista, constava o nome de seu mestre, o italiano Adolpho Malevolti⁸², situação habitual naquele período. Maria Clara, além de trabalhos literários, como poesia e conto, dedicados ao professor, escreveu uma crítica, publicada na coluna *Carta do Rio*⁸³, em tom elogioso, referente a uma exposição, com vinte e seis telas, que o pintor realizava naquela ocasião no salão de uma casa na Rua dos Arcos, no Rio de Janeiro.

⁸² Nasceu em Florença, Itália, foi discípulo de Paulo de Nicolau Cianfanelli Marquez, Comendador Paulo Feroni e Comendador Arquiteto Emilio de Fabris. Foi premiado com a 3ª medalha de ouro na Exposição Geral de 1895 (Escola Nacional de Belas-Artes, 1897).

⁸³ Santos, 1987l, p. 351-352.

Por fim, é importante mencionar que a produção pictórica de Maria Clara se perdeu ao longo da história, e, até o momento, não localizamos nenhum de seus quadros. Os registros de sua produção se dão, principalmente, através dos comentários críticos que circularam timidamente nos periódicos da época e dos catálogos das exposições de que participou. Durante a elaboração dessa pesquisa, encontramos somente uma imagem de suas pinturas. Trata-se da obra *Marinha*, uma vista da Praia de Santa Luzia, reproduzida no catálogo ilustrado da *IX Exposição Geral de Bellas-Artes*, sendo, inclusive, a única obra apresentada pela artista no ano de 1902, último que participou.

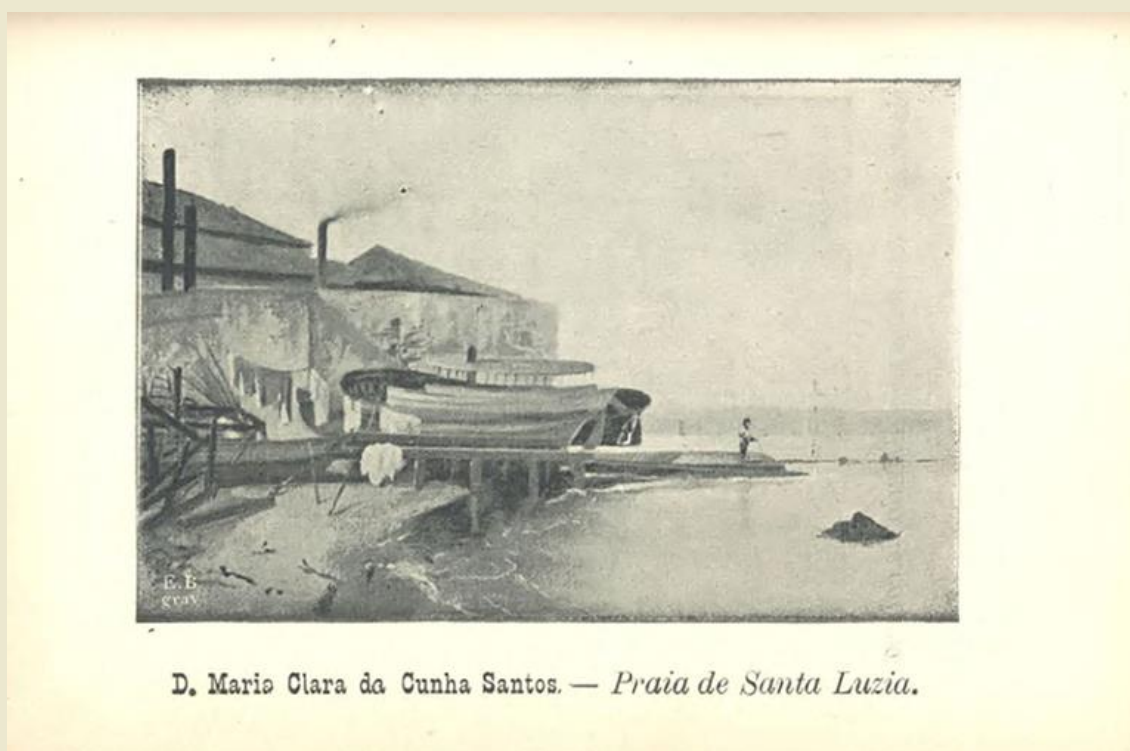


Figura 13 – Reprodução da obra *Marinha* (Praia de Santa Luzia), Maria Clara da Cunha Santos, *Catálogo Ilustrado da IX Exposição Geral, Escola Nacional de Bellas-Artes*, 1902

Fonte: Biblioteca digital de Obras Raras - UFRJ

2.3. MARIA CLARA VISTA PELA CRÍTICA

Para finalizar nossa análise referente à fortuna crítica de Maria Clara, iremos nos debruçar agora sobre a recepção de sua obra. Além do estudo de alguns textos, publicados nos periódicos de sua época, que apresentaram impressões sobre os seus trabalhos, nos interessa cotejar os espaços da crítica voltados as suas obras literárias e as pictóricas.

A dedicação de Maria Clara à literatura iniciou cedo, aos 14 anos; ou seja, por volta dos anos de 1880. Essa assertiva foi declarada pela escritora na já mencionada enquete

respondida ao *Almanach do Paiz*⁸⁴, em 1910. Alguns anos depois da escrita de seus primeiros versos, sabemos que se dedicou ao jornal manuscrito *Colibri*, em colaboração com a prima, Presciliana, e, ainda, com esta parceira, publicou seu primeiro livro de poesias em 1890. Sinalizar esses primeiros marcos temporais de sua produção é importante, no sentido em que nos ajudam a balizar o contexto histórico-social no qual se inseria.

Dito isso, é interessante retomarmos Pierre Bourdieu (2020) que, na obra *A dominação masculina*, aponta para os mecanismos estruturantes e suas estratégias de dominação. Mediante agentes institucionais, como a Igreja, o Estado, a família e a escola, o patriarcado firmou seu poder e legitimou a opressão sobre as mulheres. Em outras palavras, a primazia androcêntrica afirma-se na objetividade de estruturas sociais e do senso comum.

Aliada a essa ideia, Duarte (2016, p. 23) menciona que “Os ideólogos do patriarcado nacional — aí incluindo homens e mulheres, filósofos, moralistas, jornalistas, políticos e médicos — determinavam em seus escritos os novos comportamentos, direitos e deveres”. Logo, teremos a formação de um novo papel da mulher na sociedade do período em estudo: a “santa” mãe e esposa. Entretanto, apesar da mulher assumir um papel de maior relevância no seio familiar, Duarte (2016) ressalta, pertinentemente, que o domínio seguia na figura do homem, o mantenedor da instituição familiar. Em suas palavras: “Ela, a ‘rainha do lar’; ele, o cabeça, o chefe, o juiz” (Duarte, 2016, p. 24).

Como vimos anteriormente, a educação era considerada um dos caminhos para a sociedade civilizada. Não é de estranhar que com o alto índice de analfabetismo no país, constatado no censo de 1872, paulatinamente o discurso dos ideólogos se voltasse a favor do ensino das mulheres. No entanto, o direito das mulheres no acesso ao ensino, secundário e superior, não aconteceu sem resistência de uma parcela da sociedade, visto que “o senso comum patriarcal se opunha com firmeza à instrução feminina e às mudanças de comportamento que daí podiam advir” (Duarte, 2016, p. 24)

A partir de 1870, portanto, entidades feministas rapidamente crescem no Brasil, “minimizando o isolamento das mulheres, divulgando as conquistas e realizando uma espécie de rede de apoio e intercâmbio intelectual entre eles (Duarte, 2016, p. 26)”. Todavia, esse momento de mudança foi marcado por certa dicotomia nos propósitos dos periódicos daquela época:

Alguns se empenham em acompanhar a transformação dos tempos e defendem que as mulheres devem ser respeitadas, ter direito de frequentar

⁸⁴ *Almanach do Paiz*, Rio de Janeiro, 1910. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=3448.50&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=377>. Acesso: 06 jun. 2023.

escolas e o espaço público. Já outros reiteram sua fragilidade e delicadeza, a especificidade dos papéis sociais, e se limitam a falar de moda e criança. Ocorria muitas vezes, inclusive, de propostas antagônicas se misturarem no mesmo periódico, e artigos investidos de tom progressista ficarem próximos de outros com ideias contrárias. A emancipação intelectual, política e social da brasileira ficou, assim, à mercê de forças que ora a impulsionavam para frente, ora a queriam estacionada na ignorância e na dependência. (Duarte, 2016, p. 25)

Isto posto, podemos considerar que a produção literária de Maria Clara inicia num momento de movimentações ideológicas, sociais, e, como já vimos, com o fim do regime escravocrata e o advento da República, econômicas e políticas. Logo, é nesse cenário dicotômico e de transição que seus trabalhos foram recepcionados.

Como sabemos, Maria Clara e Presciliana formaram parcerias ao longo de suas vidas. Retomemos, agora, o livro de poesias, *Pyrilampos e Rumorejos*, que publicaram conjuntamente. Uma crítica intitulada *Poetisas* foi publicada no jornal *O Mercantil* em 8 de agosto de 1890, ano de lançamento do livro, e assinada apenas pela letra R. Nota-se, *a priori*, que a crítica enfatiza satiricamente a autoria feminina do livro quando aponta:

O que eu sei é que as sras. D.D. Maria Clara Vilhena da Cunha e Presciliana Duarte são duas poetisas, assim como também sei que **ellas pertencem ao sexo fragil**, e que outros injustamente dão o nome de bello sexo, quando ha por ahi tanta mulher feia de lhe tirar o chapéu. (R., 1890, p.1, grifo nosso)

Na sequência do texto foi explicitado que devido à autoria ser de mulheres, a obra não seria digna de discussão e análise. Observamos, dessa forma, que o autor desconsidera o livro, pois entende que o trabalho realizado por escritoras não teria qualidade, salientando o problema da falta de educação e instrução do país:

Agora, tomando a questão a serio, admitindo que os Rumorejos e que os Pyrilampos promettera um futuro deslumbrante, no que eu não creio o caso é outro e n'esse outro caso eu discutiria o livro, apontar-lhe-hia os defeitos e as incorreções, mas se os auctores não fossem, como agora, auctoras. Mulher, no nosso paiz principalmente, em que não ha civilização, nem instrucção, nem educação, nunca escrevem coisa que servisse. (R., 1890, p. 1)

O argumento que desmerece o estudo da obra — falta de instrução e educação — entra, de certa forma, em contradição no parágrafo seguinte, quando o autor, ao se referir à prefaciadora do livro, a já mencionada Adelina Amelia Lopes Vieira, entende que esta “Pertence á classe das mulheres bem educadas”, entretanto, considera que o papel da mulher

é “unicamente social”, e, dessa forma, “so devem aproveitar a sua inteligência para lerem apenas o que os outros escrevem e contentarem-se com isso, que já não é pouco”.

A formulação da mulher passiva e musa — ou seja, que inspira, consome, mas não produz — é ironicamente apresentada no seguinte trecho:

Pois então não queiram produzir. Leiam só e divirtam-se. Demais, as musas não querem senão homens. Se, em vez de musas, fossem por acaso *musos*, então em vez d'outro gallo outra gallinha cantaria. Podiam então chover as poetisas. Mas o triste é que sahiu o mundo às avessas, minhas senhoras. O gallo é que canta e n'este paiz, em que o homem de letras lucha com embaraços e difficuldades, que diabo pôde fazer a mulher de letras? (R., 1890, p. 1, grifo do autor)

Por fim, o autor menciona de forma direta: “Sou contra as poestisas, sejam ellas quaes forem”. Ao proferir essa frase, da mesma forma que “As poetisas que se sumam, que d'ellas já andamos nós fartos”, reforça a ideia da não análise das poesias, logo, sua crítica desfavorável à obra parece basear-se apenas no ataque à autoria feminina.

A *Revista Illustrada*, de setembro de 1890, também proferiu apontamentos críticos sobre a obra inaugural das poetisas. Intitulada *Olympo* e assinada apenas com o inicial M., a crítica em tom poético destaca temas como a natureza e a paisagem do sertão presentes nos trabalhos das duas escritoras “cheias de talento”. Ao contrário do que vimos na crítica publicada no jornal *O Mercantil*, aqui não há um ataque direto à autoria feminina.

Entretanto, é importante mencionar que o texto crítico insere, com certa dualidade, repetidamente variantes da palavra virgem: “a poesia apaixonada e casta das naturezas virgens” ou “ao aconchego tepido das suas alcovas virginaes”. A ideia da virgindade, a princípio, associa-se ao lançamento das poetisas no meio literário, visto que essa obra fora a primeira publicada pelas escritoras. Todavia, esse termo também nos remete à ideia de santidade, que naquele momento, sabemos, formulava-se à mulher através do “culto da virgem” (Hahner, 1978, p. 86).

Notamos, ademais, que a crítica parece precisamente utilizar palavras que remetam o leitor à ideia de uma produção que dialoga com a pureza, com o divino, com a natureza. Por exemplo, “os labios sequiosos do mel das flores” ou, ainda, “toda aquella linguagem divina da natureza”. Ora, lembremos que a pureza, a bondade e o amor eram considerados instintos próprios da mulher. Ou seja, o destaque dado pelo texto crítico foi aos temas que mais aproximam as escritoras a essa nova ideia de formulação da mulher. É verdade que muitas poesias apresentam como tema a natureza, a infância, a amizade, a morte; entretanto,

também estão presentes poesias que, em certa medida, apresentam questão de viés político ao tratarem de temas como a liberdade e a independência.

Aliás, não podemos deixar de notar a palavra que intitula o texto crítico, *Olympo*. A escolha do título, a qual não remete diretamente a nenhuma poesia, chama a nossa atenção, pois, considerando a mitologia grega, pode remeter tanto à morada dos deuses e, nesse caso, podemos interpretar como uma analogia positiva à obra; quanto à habitação das musas, e, à vista disso, aproximaria as escritoras (agente) daquela figura passiva (musa) proposta na crítica de *O Mercantil*.

Ao certo, esse texto pondera a respeito da obra, ao contrário da crítica anterior, visto que o autor, apesar de algumas ressalvas às estreantes, finaliza sua análise saudando-as:

Emfim, D. Maria Clara Vilhena da Cunha e Presciliana Duarte são duas poetisas que principiam. Com o talento de que dispoem e a vocação sensível que demonstram nos *Rumorejos* e *Pyrilampos* para as grandes lutas da forma e do pensamento, mais tarde, com estudo e tempo, hão, forçosamente, de ser classificadas no estado maior da poesia brasileira. Saudamos, pois, nas estreantes distinctíssimas de hoje as emeritas poetisas de d'aqui a pouco. (M., 1890, p. 3)

Por fim, o já bem mencionado jornal *A Família* iniciou uma crítica sobre esse livro, na seção *Livros e Jornaes*, em 3 de maio de 1890. Mantendo como título da crítica o próprio nome do livro, *Pyrilampos e Rumorejos*, quem assina esse texto é a redatora do jornal, Josephina Álvares de Azevedo.

Antes mesmo de uma leitura mais atenta da crítica de Josephina, já observamos o tratamento atencioso desprendido à análise da obra, visto que a autora realiza uma crítica de maior fôlego, dividindo-a em duas partes: inicialmente se debruçou sobre *Pyrilampos*, de Maria Clara, para num próximo número do jornal, dedicar-se aos *Rumorejos*, de Presciliana⁸⁵. O compromisso com a análise aprofundada do livro é logo confirmado quando a autora diz:

Compreende-se o fervor pressuroso com que folhei aquellas paginas impregnadas da candura poética de talentos tão bellos; rapida leitura immediata, deu-me logo ensejo de travar conhecimento com a obra, que, depois, no meditativo enlevo das minhas horas de applicação, **reli cuidadosamente**, saboreando, (devo dizer) folha por folha, n'um embevecimento dulcoroso de espirito despreoccupado. (Azevedo, 1890, p. 2, grifo nosso)

⁸⁵ *A Família*, Rio de Janeiro, 10 maio 1890. Disponível: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=379034&Pesq=%22maria%20clara%20vilhena%20da%20cunha%22&pagfis=415>. Acesso: 07 jun. 2023.

Vale destacar que Josephina abre espaços no seu texto para apresentar na íntegra três poesias de Maria Clara, a saber: *A Brisa*, *A Espada e a Penna* e, por fim, *A José Bonifácio*. Notamos que a sua seleção, feita ao acaso, segundo a autora, não se prende apenas a assuntos voltados à natureza, estão presentes duas poesias de teor político. Se a poesia *A Brisa* discorre sobre sonhos, suspiros, flores e seus perfumes; por outro lado, em *A Espada e a Penna* o mote concentra-se numa lenda a respeito de um diálogo entre uma espada, que pertencerá a um valente brigadeiro, e uma pena, igualmente glorificada. Percebe-se nessa poesia o sutil confronto entre o conhecimento e a força, sendo o primeiro mais valorizado pela escritora. Já o soneto *A José Bonifácio*, trata-se de uma homenagem póstuma ao político, que, como sabemos, é considerado o Patrono da Independência do Brasil⁸⁶.

Notamos um tom diferente na crítica de Josephina ao cotejarmos com as duas anteriores. Não somente pela escolha das poesias, que parece se afastar daquela ideia de escrita casta ou divina como único modo de criação feminina, revelando o espírito forte da poetisa, mas, também, pela seguinte frase: “São deveras encantadores aquelles versos, brotados dos cerebros e dos corações das duas mineiras [...]”. Aqui, observamos que Josephina valoriza e destaca, além da sensibilidade, a intelectualidade de Maria Clara e Presciliana. Logo, elogia a estreia das poetisas e, prenuncia trabalhos “mais bellos ainda”.

Passamos agora à recepção do segundo livro publicado por Maria Clara, *Paineis*. A começar pela rápida nota que saiu no jornal *A Capital*, que dizia o seguinte:

A distincta senhora auctora deste livro tem merecido já da critica muitos e calorosos elogios. Os *Paineis* são uma das repetidas provas de seu talento. Contos bem observados e bem escriptos, elles annunciam que a apreciada contista de hoje ha de ser a gloriosa romancista de amanhã. (*A Capital*, Niterói, ano I, n. 23, 11 mar. 1902, p. 2, grifo do autor)

A ligeira menção que o jornal trouxe do livro, nos dá vestígios de que houve uma recepção crítica relevante da obra, logo, nos determos em algumas amostras. O jornal *Cidade do Rio*, em 17 de março de 1902, publicou na seção *Livros Novos* alguns comentários a respeito dos contos de Maria Clara. Nessa crítica, que não possui autoria, percebemos um tom elogioso à obra e a trajetória da escritora, visto que os primeiros comentários mencionam o seu trabalho em versos, bem como a sua atuação pública e, além disso, apontam a sua dedicação à pintura. Sobre o livro especificamente, o texto crítico pondera: “Sem usar de artificios, de uma linguagem eriçada de figuras, de adjectivação sonora e frívola, D. Maria Clara conseguiu passar para o seu livro a emoção de sua alma, a nostalgia das grandes mattas

⁸⁶ Oficializado pela Lei n.º 13.615, de 11 de janeiro de 2018.

onde o silêncio, em fermatas, faz povoar a alma de trasgos e abusões” (Cidade do Rio, Rio de Janeiro, ano XV, n. 141, 17 mar. 1902, p. 2).

Entretanto, sublinham-se nesse texto algumas características da escrita feminina, como *pura*, *meiga* e *delicada*. Um exemplo dessa concepção pode ser observado no seguinte trecho: “Advinha-se no seu livro essa alma candida e boa, nos conceitos profundamente moraes de seus contos e apologos a virtude, que é apanágio da mãe de família brasileira”. Ou, ainda, quando diz: “PAINEIS, pois, constitue um livro em cuja leitura se póde engolfar um espírito são e puro”. Da mesma forma, corrobora a frase: “Em geral a sua prosa é chilra e meiga”. Por fim, o texto cumprimenta a “delicada contista” (Cidade do Rio, Rio de Janeiro, ano XV, n. 141, 17 mar. 1902, p. 2).

Agora, passemos à crítica de Alberto Sousa, publicada em *O Archivo Illustrado*, no ano de publicação do livro, 1902. Existem questões interessantes nesse texto, a começar pelo fato de que o autor, ao contrário do que observamos anteriormente na crítica publicada no jornal *O Mercantil*, referente às poesias de Maria Clara e Presciliana, parece realizar uma análise substancial da obra. Na concepção de Alberto Sousa, as narrativas constituídas da observação da prosaica vida social carecem de compreensão e interpretação. Embora os seus apontamentos não sejam tão favoráveis ao trabalho, notamos que há uma observação mais atenta. Por exemplo, o autor sugestiona:

Um maior escrúpulo na elaboração de seus entrecchos, um colorido mais vivo no seu estylo, uma precisão mais vigorosa e natural nas suas phrases – darão, de futuro, á illustre escriptora um realce mais distincto, um mais altivo e sobranceiro apurmo em meio á nossa resumida phalange intellectual de senhoras. (Sousa, 1902, p. 244)

Além disso, cabe apontar a seguinte colocação de Alberto Sousa: “O seu livro tem mais affectividade que intellectualidade: é perfeitamente um suave livro de boa mãe de família”. Essa colocação contrasta com a de Josephina, a pouco apresentada, na crítica publicada em *A Família*, que justamente mencionava o equilíbrio entre a intellectualidade e o sentimentalismo da escritora. No entanto, não parece que o autor esteja essencialmente colocando o trabalho de Maria Clara numa categoria de escrito feminino, visto que, num momento seguinte, parece convocar a escritora para um mergulho aprofundado no estudo literário. Em conclusão, considera:

O seu esforço opporá nova e categórica refutação ao severo e injusto conceito do lyrico inglez, relativamente á **função social da mulher**, e que Lima Leitão assim trasladou classicamente para nosso idioma: ‘Na mulher nada se acha mais amável que o estudo no doméstico regime e as coisas boas

a que induz o esposo’*. Seja a novellista mineira um exemplo triunfante de que a mulher pôde influir mais decisivamente nos destinos do mundo e na educação do homem do que limitando estreitamente o seu campo de acção moral ao circulo exclusivo das obrigações domesticas. * Paraíso perdido, Canto IX. (Sousa, 1902, p. 244, grifo nosso)

Por fim, não podemos perder de vista que essa crítica ocupou por inteiro a segunda página da revista e, ainda, apresentou em meio ao texto um retrato de Maria Clara (figura 14). Ou seja, é possível constatar-mos que naquele momento foi dado um significativo destaque a recepção da escritora.

244 O ARCHIVO ILLUSTRADO

“PAINEIS”
De D. Maria Clara da Cunha Santos

Os *Paineis* formam um voluminho elegante e bem impresso, encerrando, em pouco mais de 200 páginas, 35 novellas desprezenciosas, correntiamente escriptas por mão afeita aos torneios calligraphicos da penna.

Os assumptos que constituem a alma dessas novellas são colhidos, profusa e geralmente, na observação commum da prosaica vida social, sem que os transfigure e espiritualise o minimo esforço de consciente idealização esthetica.

Ao contrario, predomina em todos a fria exactidão dum appparelho photographico que surprehende mechanicamente os aspectos quaesquer da natureza e da vida, mas que não pôde intelligentemente comprehendê-los nem interpreta-los. Dahi a escassa aptidão do livro para conseguir bellos effeitos de emotividade.

O estylo que os reveste é limpo, ás vezes brilhante, quasi sempre fluente, mas sempre desigual. O que o caracteriza principalmente é a sua espontanea simplicidade, em geral graciosa, degenerando, porém, a miude, numa insipida vulgaridade. Não raro toma elle uma certa feição propria de estylo de noticiarista e, o que é singularmente curioso, de noticiarista de necrologio.

Dou, para fortalecimento de minha opinião, dous exemplos respigados ao accaso.

Estylo de noticiarista que vai narrar um acontecimento de sensação: «Extensa alameda de palmeiras abria caminho para a pittoresca habitação do dr. Alencar, conceituado medico.»

«No delictoso silencio daquella aprazivel vivenda, morava o medico e sua familia, que se compunha da mulher e de um filho, já moço, estudante do 4.º anno de medicina.»

O dr. Alencar, *summidade medica de reconhecido valor, era lente da Escola de Medicina e tinha seu consultorio em uma das ruas mais centraes da cidade.*» (Pag. 43.)

Agora, um modesto exemplo de estylo de necrologio: «De origem humilde descendia João Valeriano, que era por todos de sua terra conhecido por João Valú. Morava em Minas, em pequena cidade do interior, onde era geralmente estimado.

Seu genio servicial e coração delicado grangearam-lhe sympathia geral. Casara muito cedo.

João Valú era marceneiro e muito trabalhador (pag. 11).»

Exemplos como esses abundam nos 35 capitulos. Estou certo, porém, de que d. Maria Clara poderá definitivamente libertar-se de tão deploravel defeito, si quizer dispensar a seus trabalhos literarios um pouco mais de talento e de estudiosa perseverança.

Um maior escrupulo na elaboração de seus entretchos, um colorido mais vivo no seu estylo, uma precisão mais vigorosa e natural nas suas phrases—darão, de futuro, á illustre escriptora um realce mais distincto, um mais altivo e sobranceiro apurmo em meio á nossa resumida phalange intellectual de senhoras.

Sob a impressão, mais ou menos fugaz, dum episodio occorrente, d. Maria Clara deixa que sua penna deslise em franca liberdade sobre o papel, remontando, com temerario impulso, a arriscadas especulações (A PALAVRA DO SABIO) para cair de chofre na trivialidade da maioria de suas novellas. O seu talento é como o veio d’agua que irrompe, calado e tranquillo, do flanco silvestre dum morro e desdobra-se, ondula, espraia-se pela terra adiante, aqui, rolando sobre um leito magnificamente marchetado de pepitas de ouro finissimo; ali, espumando de encontro ás arestas scintillantes dum penedo, e acolá, desviando-se, num colleio caprichoso e brusco, da direcção primitiva, para regar o chão ingrato das charnecas esterilizadas.

O seu livro tem mais affectividade que intellectualidade: é perfeitamente um suave livro de boa mãe de familia. Composto na calma domestica dum lar amorosamente organizado, é elle um doce conjunto de narrativas singellas que a autora expõe ás pessoas que occupam logar de escolha na intimidade de seu coração, como o demonstram fartamente as dedicatorias ao esposo, ao pae, á sogra, aos irmãos, aos primos, ás amigas predilectas. Lembra deliciosamente uma santa avósinha, muito branca e muito bondosa, contando, na grande sala de jantar das vivendas mineiras, aos netinhos deslumbrados, casos ingenuos das idades preteritas. Salvo, ja se vê, as homenagens devidas respeitosa-mente á mocidade da escriptora.

D. Maria Clara não é estreira nas letras, mas tem perseverado sempre num periodo de vago e dissolvente dilettantismo que muito prejudica as suas qualidades fundamentais. Saia desse dilettantismo e professe a arte com a convicção e o amor duma sacerdotisa devotada, e, de prompto, conquistará a elevada posição a que seu talento lhe dá incontestavel direito, na milicia de nossas melhores escriptoras.

O seu esforço opporá nova e categorica refutação ao severo e injusto conceito do lyrico inglez, relativamente á função social da mulher, e que Lima Leitão assim trasladou classicamente para nosso idioma:

«Na mulher nada se acha mais amavel que o estudo no domestico regime e as coisas boas a que induz o esposo (*).»

Seja a novellista mineira um exemplo triunfante de que a mulher pôde influir mais decisivamente nos destinos do mundo e na educação do homem do que limitando estreitamente o seu campo de acção moral ao circulo exclusivo das obrigações domesticas.

ALBERTO SOUSA

(*) PARAISO PERDIDO, Canto IX.

—>>><<<—

O BOM SENSO é o guarda-portão do espirito: o seu mysterio é de não deixar entrar nem sair as idéas suspeitas.



D. MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Figura 14 – Crítica de Alberto Sousa à obra *Paineis*, de Maria Clara da Cunha Santos
Fonte: *O Archivo Illustrado*, São Paulo, ano, IV, n. XXXII, p. 244, 1902

Para concluirmos a análise referente à recepção dessa obra, observemos a crítica assinada por Alcides Munhoz, publicada no jornal *A Republica*, na seção *Lettras*, em 17 de outubro de 1902. O texto do autor inicia da seguinte forma:

Si é verdade, como diz Wendell Holmes, que as mulheres de **coração** devem ser preferidas ás mulheres de **cabeça**, porque aquellas deixam vir sempre aos labios os pensamentos calmos e subtis, que n'ellas se formam, por via do coração, ao passo que estas nunca nos interessam em cousa alguma, é mais verdade ainda, que as **mulheres de coração e cabeça**, conjuntamente, excedem em valor ás que devem ser preferidas. (Munhoz, 1902, p. 2, grifo nosso)

Semelhante ao que vimos no texto de Josephina, a ideia de equilíbrio na relação entre sentimento (“coração”) e intelectualidade (“cabeça”) foi logo trazida pelo autor, visto que, para ele, Maria Clara possuía estes dois valores, que “formam a verdadeira mulher”. Em tom elogioso, Munhoz enaltece a escritora: “Basta essa obra, somente, para D. Maria Clara Santos conseguir um nome salientissimo no mundo litterario – brasileiro. Essa distinctissima escriptora é uma estrella de primeira grandeza que paira no amplo céu azulado da litteratura nacional” (Munhoz, 1902, p. 2).

A partir da análise de alguns contos, o autor vai defender o “profundo domínio da filosofia racional” de Maria Clara, bem como o seu “espírito de crítica lindíssimo”, acompanhado de um estilo “puro”, “vernáculo” e “conciso”. Para ele, essa obra colocou a escritora no “posto altíssimo onde adormecem nos braços da gloria, os illustres campeões das patrias letras”. Nesse ponto, Munhoz compara a contista a reconhecidos literatos ao proferir o seguinte questionamento: “E que vae de D. Maria Santos aos reconhecidos homens de letras de nosso paiz?”. Logo, responde: “Por certo que a differença de sexo, somente. Quanto ao talento, tão masculino é um como os outros”. Aqui, é relevante sublinhar que ao considerar que o trabalho de Maria Clara, com boa dose de intelectualidade e sentimentalismo, ascendia ao dos homens de letras, ele associa-o às propriedades masculinas. Esse ponto foi retomado ao final da crítica e Munhoz afirma: “[...] é uma eximia manejadora da penna, é um talento masculino [...]” (Munhoz, 1902, p. 2).

América e Europa foi o terceiro livro publicado por Maria Clara, ao qual nos dedicaremos agora. Provavelmente este tenha sido o seu trabalho que mais circulou nas seções de crítica dos periódicos de sua época e com abordagem de fôlego. O livro, como sabemos, originou-se de uma viagem que a autora realizou em 1904 na companhia de seu marido, que representava o país no exterior, e, ademais, contou com o prefácio do conhecido escritor Sylvio Romero — pontos que possivelmente somaram à divulgação da obra.

Abordaremos inicialmente algumas ponderações de Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores, ambas colaboradoras do jornal *O Paiz*. Na coluna *Dois dedos de Prosa*⁸⁷, de Julia Lopes, publicada em 18 de agosto de 1908, a escritora faz um cotejamento de duas obras do gênero relatos de viagens: ao lado do livro de Maria Clara, estava o de Garcia Redondo, *Através da Europa*.

Dessa forma, a autora aborda alguns aspectos apresentados por Maria Clara sobre a sociedade dos Estados Unidos, como, no seu entendimento, a situação favorável das mulheres, contrastando com a desfavorável dos negros. Julia Lopes discorre ainda sobre a impressão da escritora relativa à paisagem diversa do Colorado. Os apontamentos seguintes da crítica passam a valer-se do livro de Garcia Redondo, sobre o qual Julia Lopes destacou alguns pontos referentes à passagem por Portugal. Por fim, é relevante dizer que não percebemos uma tratativa diferente entre as obras dos escritores, em outras palavras, nota-se um equilíbrio na análise de ambos os textos.

Como anunciamos, Carmen Dolores também escreveu sobre o livro *America e Europa*, na sua coluna *A Semana*, publicada no jornal *O Paiz*, em 16 de agosto de 1908. Embora tenham sido breves parágrafos, a autora destaca o seu apreço pela publicação:

A distinta senhora não precisa mais de recomendações para ser vantajosamente conhecida em nosso mundo das letras, onde tem o seu logar em evidencia: mas sempre direi que este livro – pela clareza, pela excelente orientação, pelo espirito lucido e justo que a elle preside – é uma das obras de viagem mais hei apreciado ultimamente. [...]. (Dolores, 1908, p. 1)

O livro, entretanto, foi retomado por Carmen Dolores na coluna de 13 de junho de 1909⁸⁸. O relato de viagem de Maria Clara foi utilizado como base para que a autora da coluna discorresse sobre alguns aspectos que, segundo ela, caracterizavam os Estados Unidos, como liberdade e igualdade. Logo, não se trata de uma análise mais apurada da obra de Maria Clara, mas, sim, de um ponto de partida para discussão de alguns aspectos daquele país.

Já na coluna *Impressões de Leitura*, publicada no jornal *O Suburbio*, em 17 de outubro de 1908, Xavier Pinheiro apresenta uma considerável crítica, com ar laudatório, sobre o

⁸⁷ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 8 set. 1908. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=17302. Acesso: 10 jun. 2023.

⁸⁸ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1909. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&Pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pagfis=19821. Acesso: 10 jun. 2023.

relato de viagem de Maria Clara. O autor inicia o texto caracterizando Maria Clara como “delicada poetisa”. O tom elogioso pode ser percebido em passagens como essa:

[...] são paginas que não enfastiam, que deleitam o espirito e quando essas narrativas são feitas por uma **mulher inteligente**, que sabe apreciar minudencias, destacando bellezas, imprimindo um cunho original nas suas observações como faz d. Maria Clara, o livro tornase delicioso, agrada-nos sobremodo. (Pinheiro, 1908, p. 3, grifo nosso)

Notemos que nessa crítica também se elogia a inteligência da escritora. E, na passagem seguinte, Pinheiro destaca novamente essa característica: “Lemol-o, acompanhámos a viajante inteligente [...]”. Entretanto, a sequência dessa frase é repleta de adjetivos como “simples”, “leve”, “despretensioso”, os quais, em certa medida, parecem enfatizar a escrita feminina, sobretudo, quando diz que o livro é “arejado por constante *sympatia*”. Dessa forma, embora o autor não apresente de modo direto a dualidade entre inteligência e sentimentalismo, como vimos em alguns exemplos anteriores, parece valer-se de características que remetam o leitor à ideia de uma escrita que atenda certos padrões de uma escrita feminina.

Talvez não por acaso, no final de sua análise, enfatize a informação de que a venda da edição era destinada à *Associação das Damas da Assistencia á Infancia*. Ora, não podemos esquecer que a caridade era parte relevante do trabalho destinado às mulheres da elite social. Observemos as suas palavras:

A poetisa rio-grandense, que tem um **grande coração**, sempre posto em evidencia quando ha lagrimas e soffrimento, com um **rasgo de generosidade que tanto a caracteriza, offereceu a edição da *America e Europa á Associação das Damas da Assistencia á Infancia***, para, com a sua venda, prestar um auxilio para a compra de um predio para a **benemerita sociedade protectora das creanças pobres**. Beijámos a mão da escriptora da *America e Europa* pelo offerecimento que nes fez de sua interessante obra. (Pinheiro, 1908, p. 3, grifo negrito nosso, itálico do autor)

De modo semelhante, *O Diário de Pernambuco*⁸⁹ publicou considerações a respeito do livro na seção *Cinematographo*, em 28 de agosto de 1908, sublinhando aspectos relacionados à bondade e à perspicácia, ao proferir sentenças como “coração tão bom” ou “ousados golpes de vistas”, como características relevantes observadas no relato de Maria Clara. No final do

⁸⁹ *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 ago. 1908. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_08&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=10013. Acesso: 10 jun. 2023.

texto, foi igualmente destacado o destino dos lucros da edição de *America e Europa* para a assistência à infância.

Por outro lado, sobre a rubrica P. R, o jornal *Gazeta de Noticias*⁹⁰ discorre sobre o livro de Maria Clara, quase dois anos após a sua publicação, em 27 de fevereiro de 1911. Com certa ironia, o autor menciona que a escrita de Maria Clara é “quasi infantil” e “profundamente feminina”. Parece haver uma irritação do autor, por entender que a escritora não realizou uma análise profundamente crítica ou filosófica das relações políticas, econômicas e sociais entre os países visitados. O autor parece reclamar a valorização dos Estados Unidos em relação à Inglaterra e à Alemanha, que segundo ele foi deveras acentuada na abordagem de Maria Clara. Logo, frente a sua insatisfação, nos parece que uma forma de desmerecimento da obra seria considerá-la profundamente feminina.

Favorável ou não, a produção literária de Maria Clara conquistou um espaço relativamente interessante na recepção crítica de sua época. Como observamos, os comentários às suas obras ocuparam páginas de destaque nos periódicos, inclusive de folha inteira, a exemplo da crítica de Alberto Sousa à obra *Paineis*, publicada no *Archivo Illustrado*. Todavia, neste momento, vamos nos concentrar na recepção da sua produção nas belas-artes, e tudo indica que ela teve um espaço consideravelmente mais limitado.

Ao investigar a trajetória de Maria Clara na pintura, observamos que quando se tratava de exposições coletivas, por exemplo, as exposições da *Escola Nacional de Bellas-Artes*, do Rio de Janeiro, era comum que as artistas recebessem um parágrafo único e ao final do texto crítico. Além disso, na maioria das ocasiões eram rotuladas de amadoras. Sobre esse aspecto, Simioni (2008, p. 37) aponta que essa denominação carregava “um tipo de classificação hierárquica que se baseava em uma contraposição implícita à figura do artista profissional, percebida como essencialmente masculina”.

Foi nesse formato, por exemplo, que João Ribeiro⁹¹ construiu sua crítica a respeito da 4^a *Exposição Geral de Bellas-Artes*, de 1897, da qual Maria Clara participou. Publicada na *Revista Brasileira*, a recepção da exposição foi formulada ao longo de cinco páginas. O crítico mostrou-se, de modo geral, descontente com a exposição. Entretanto, mais de quatro páginas foram destinadas à análise de trabalhos que no seu entendimento eram pouco significativos.

⁹⁰ *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1911. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%201911&hf=memoria.bn.br&pagfis=26073. Acesso: 10 jun. 2023.

⁹¹ *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, jun-set. 1897. Disponível: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=139955&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%201897&hf=memoria.bn.br&pagfis=11212>. Acesso: 11 jun. 2023.

Vale mencionar que a Sra. Diana Cid (1861 – 1938), em caráter de exceção, recebeu destaque do crítico em um parágrafo individual. Entretanto, as demais artistas participantes da exposição foram recepcionadas brevemente, no último parágrafo do texto, sob a sombra do amadorismo. Em tom elogioso, o autor deu ínfimo destaque à obra *Meu Gabinete*, de Maria Clara e um retrato da artista Mary Manso Sayão (1878 – 1958).

Para podermos melhor compreender como esse tipo de vinculação social da mulher ao amadorismo estava arraigado no pensamento do período, tomamos para análise uma nota publicada na revista *A Mensageira* também sobre a 4ª exposição da Escola Nacional de Bellas-Artes:

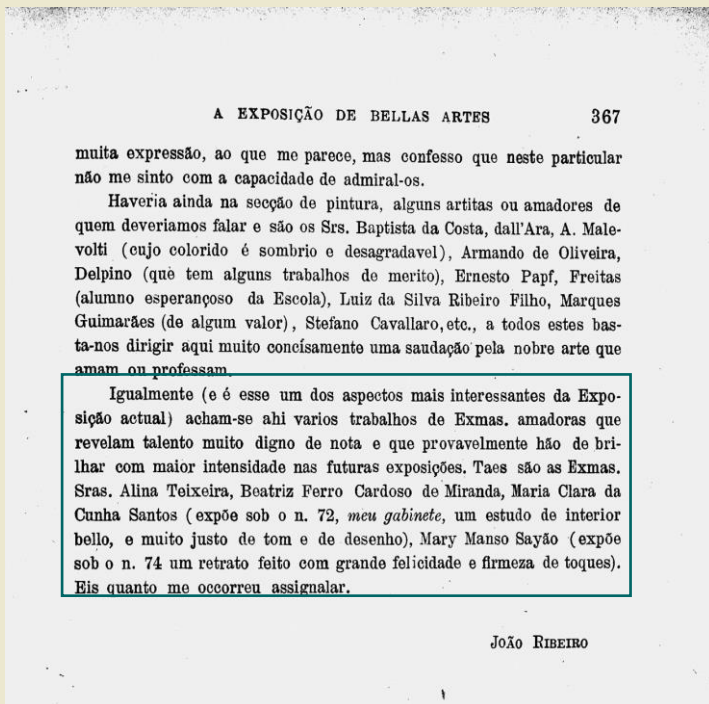


Figura 15 – Trecho da crítica de João Ribeiro à *Exposição Geral de Belas-Artes* (1897)

Fonte: *Revista Brasileira*, tomo XI, p. 367, jun- set.1897

Belas Artes – A’ exposição de pintura da *Escola Nacional de Bellas Artes* concorreram este ano as seguintes senhoras fluminenses, D. D. Alina Teixeira, Beatriz F. C. de Miranda, Maria Clara da Cunha Santos e Mary M. Sayão que sabem, cultivando seu espirito, **aproveitar as horas vagas no desenvolvimento do bello e do útil**. Sem podermos apreciar de *visu* os trabalhos apresentados ao publico do Rio de Janeiro pelas **amadoras**, avaliamos todavia o seu merito pela critica dos jornais daquela capital; e aproveitamos o ensejo para enviar d’aqui parabens áquellas distinctas senhoras pelos applausos que têm merecido da imprensa.

Não nos podemos furtar, entretanto, ao prazer de enviar em especial um aperto de mão à nossa prezada amiga e apreciadissima colaboradora Maria Clara da Cunha Santos pelos francos elogios que recebeu da critica geral o seu quadro intitulado *Meu gabinete*. (*A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 1, 15 out. 1897, fac-símile, v.1, 1987, p. 16, grifo negrito nosso, itálico do autor)

Embora tenha sido um destaque exclusivo para as senhoras que estavam em exposição, espaço incomum de observar nos periódicos do período, ponderemos que as artistas igualmente receberam o tratamento de amadoras na nota da revista. Além disso, é importante sublinhar que a revista, ao comentar o trabalho das artistas, vincula-as a um

certo ar de domesticidade, ao mencionar que as pintoras aproveitavam as horas livres para o desenvolvimento do belo. Enfim, novamente, Maria Clara está em proeminência com o quadro *Meu gabinete*.

Já a crítica de Arthur Azevedo⁹², publicada no jornal *O Paiz*, sobre a 8^a *Exposição Geral de Bellas-Artes*, de 1901, possui aspectos semelhantes às de João Ribeiro. Nessa crítica, o autor dedica dois pequenos parágrafos às irmãs Cunha Vasco (figura 16 – 1): Maria da Cunha Vasco (1879 – 1965) e Anna da Cunha Vasco (1881 – 1938). O crítico as aborda como artistas, afastando-as, em parte, da ideia de amadorismo. Porém, enquanto elogia o progresso no trabalho das alunas de Benno Treidler, também discorre sobre a falta de originalidade das artistas, como podemos analisar no trecho transcrito:

As senhoritas Cunha Vasco distinguiram-se este anno, como no anno passado, pelas suas magnificas aquarelas, pintadas com tanto sentimento da natureza; **entretanto, convem que essas duas artistas (porque o são) tratem de se ir a pouco e pouco libertando da influencia de Benno Treidler, seu mestre**, que figura na exposição, digamol-o de passagem, com cinco estudos de primeira ordem.

Procurem as senhoritas Cunha Vasco adquirir individualidade própria; no seu admiravel temperamento artistico encontrarão, de certo, alguma nota original e imprevista. (Azevedo, 1901, p. 1, grifo nosso)

Por fim, notamos que essa crítica possui um parágrafo comum para as demais artistas presentes na referida exposição. Percebemos que o autor troca a rotulação “amadoras” por “bello sexo” (figura 16 – 2). Ademais, não faz apontamentos críticos sobre os trabalhos expostos pelas artistas. Em relação à Maria Clara, menciona apenas que expunha paisagens.

A nossa última observação é referente a participação de Maria Clara, em 1902, na *Exposição de Trabalhos Femininos*, realizada no Liceu de Artes e Ofícios. O *Jornal do Brasil*⁹³ noticiou a visita do Presidente da República à exposição. Entre os trabalhos que receberam seus elogios, estava uma paisagem bucólica da artista. A notícia trouxe a seguinte nota: “O Sr. presidente percorreu a sala toda, demorando-se no exame de quasi todos os objectos expostos tendo palavras de elogio [...] para uma paizagem bucolica de d. Maria Clara [...]” (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano XII, n. 257, 14 set.1902, p. 3).

⁹² *O Paiz*, Rio de Janeiro, 4 set. 1901. Disponível:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&Pesq=bellas-artes&pagfis=3059. Acesso: 11 jun. 2023.

⁹³ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set.1902. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_02&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=5267. Acesso: 11 jun. 2023.

Feitas essas colocações, percebemos que a recepção crítica de Maria Clara, enquanto escritora, parece ter tido uma movimentação mais significativa que a sua atuação nas belas-artes. Acreditamos, todavia, que são diversos os fatores que contribuíram para esse cenário. Tudo indica, até esse momento, que a dedicação desprendida por Maria Clara para a literatura foi mais intensa e começou cedo em sua vida. Podemos considerar as proposições de Virginia Woolf, em *Profissões para mulheres*, quando menciona os aspectos relacionados à escrita e outras profissões para as mulheres, como a pintura ou a música:

Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar. Dezesesseis pences bastavam para comprar papel para todas as peças de Shakespeare – se a gente for pensar assim. Um escritor não precisa de pianos nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. (Woolf, 2012, p. 10)

Além disso, no Brasil daquele momento, o campo das letras parecia encontrar-se em terreno mais sólido que o das belas-artes; ao menos em alguns assuntos. Foi o que apontou Tadeu Chiarelli (1995, p. 21) a respeito da questão da busca de uma identidade nacional: “[...] o debate literário nacionalista da época ocorria sobre as bases sólidas de uma crítica e uma história literária que vinham se processando desde o final do século XVIII. O que não era o caso das artes plásticas”.

Em suma, percebemos que a sua recepção no campo das letras foi calorosa. Contribuem, ainda, para o reconhecimento da escritora, a sua presença no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*⁹⁴ e a homenagem póstuma⁹⁵ realizada pela escritora portuguesa Maria Amalia Vaz de Carvalho — lembremos: mencionada por Maria Clara na enquete do *Almanach do Paiz* como uma importante influência em sua carreira —, que lhe dedicou a obra *Cousas d’Agora*, publicada em Lisboa no ano de 1913.



⁹⁴ Zinani, 2018.

⁹⁵ Cabe mencionar que foram muitas as notas que saíram nos jornais em decorrência do seu falecimento no ano de 1911, inclusive, algumas apresentaram retratos da escritora (conforme anexo E).

3. CARTA DO RIO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Foram diversos os tipos textuais de autoria de Maria Clara da Cunha Santos que circularam na revista *A Mensageira*, como o conto, a poesia e a crônica. Todavia, nos deteremos de agora em diante na análise da sua coluna regular de crônica intitulada *Carta do Rio*. Para tal, vamos retomar alguns pontos fundamentais, a começar pela sua periodicidade: observa-se que a coluna esteve presente em 31 dos 36 números que constituíram o periódico. No primeiro número da revista, consoante ao que vimos anteriormente, ela enviou uma carta de aceite ao convite de colaboração feito pela diretora do periódico, Presciliana Duarte. Já os números 13 e 14, publicados em 15 e 30 de abril de 1898, trouxeram justificativa em nota sobre a ausência da coluna de Maria Clara, informando que ela se encontrava em viagem com o marido para a cidade de São Paulo. Novamente a coluna se ausenta da edição de número 31, dessa vez sem nota esclarecedora. Por fim, não publica sua *Carta do Rio* na penúltima edição da revista, número 35, de 15 de dezembro de 1899, devido a problemas de saúde, conforme foi pontuado nas *Notas pequenas*. Resumidamente, observamos que foram apenas 5 edições em que não publicou a sua coluna fixa⁹⁶.

No que diz respeito à ideia principal dessa coluna, como o próprio nome sugere, o objetivo era destacar alguns eventos ocorridos a cada quinzena no antigo distrito federal, o Rio de Janeiro; em outras palavras, Maria Clara atuava como missivista da capital. Maria Alciene Neves (2009, p. 60), em estudo dedicado à produção literária da escritora, corrobora ao enfatizar: “Enquanto cronista, a jovem senhora Maria Clara da Cunha Santos será uma das mulheres, no contexto do *fin du siècle*, a flunar o quotidiano da capital da República”. Os textos que compõem essa coluna, ainda nas suas considerações,

[...] constituem **trechos da vida carioca** de então, **impressões da escritora sobre arte**, considerações sobre comportamentos e relações familiares, **breves notas sobre publicações e exposições**, espécie de **colunismo social tratando de festas e eventos importantes**, algumas anedotas etc. (Neves, 2009, p. 60, grifo nosso)

Salienta-se entre essas ponderações a de que Maria Clara flanava com o cotidiano. A proposição de Neves (2009) faz referência à imagem do *flâneur* — errante observador, foi uma figura relevante, sobretudo, na Paris de meados do Oitocentos. Ancorada em Walter Benjamin, a autora descreve o *flâneur* da seguinte forma: “É o narrador do vagar sem destino,

⁹⁶ Importante ressaltar que nessas 5 edições, apesar da ausência da *Carta do Rio*, de todo modo, ela colaborou publicando contos; ou seja, Maria Clara esteve presente em todas as edições publicadas, confirmando a sua assiduidade e atenção despendidas à revista.

da experiência flutuante, desavisada. Dono de um olhar cuja sensibilidade impregna de poesia as cenas da vida cotidiana, retirando delas o riso, a reflexão, a moral, o espanto” (Neves, 2009, p. 59).

Para Benjamin (1989), esse escritor que observava o banal, o cotidiano, contribui para a formação daquilo que ele chamou de “literatura panorâmica”. Textos desse gênero se constituem, segundo o autor, “[...] em esboços que, por assim dizer, imitam, com seu estilo anedótico, o primeiro plano plástico e, com seu fundo informativo, o segundo plano largo e extenso dos panoramas” (Benjamin, 1989, p. 33). Ademais, se num primeiro momento esses textos se constituem da observação fundamentalmente dos tipos humanos, num próximo, as cidades ganham acentuado protagonismo. Nesse sentido, o cronista, assim como o *flâneur*, observa os fatos do cotidiano e os registra de modo que “os mais efêmeros parecem ganhar certa concretude” (Neves, 2009, p. 60). Neves sugere, então, uma aproximação entre essas duas figuras que observam a vida *en passant*.

Logo, olhar para as crônicas de Maria Clara a partir da aproximação do *flâneur*, visto que, a cronista circulava pelas ruas da capital, exercitando o olhar sobre as pessoas e a cidade que rapidamente crescia, de fato, pode ser interessante. Entretanto, seguindo esse caminho, nos parece ainda mais interessante aproximá-la da *flâneuse*, proposta por Lauren Elkin (2022), que entrelaça os seus próprios passos ao circular por diversas cidades, aos de mulheres do passado. Para essa autora, a *flâneuse* seria a forma feminina do *flâneur*, definindo-a como “uma ociosa, uma observadora errante, normalmente encontrada em cidade” (Elkin, 2022, p. 17).

Todavia, a figura do *flâneur*, por muitos momentos na história, especialmente no século XIX, foi vista como uma figura exclusivamente masculina, conseqüentemente, como observou Elkin (2022, p. 19), “Nossas fontes mais acessíveis sobre o panorama das ruas no século 19 são masculinas e enxergam a cidade à sua maneira”. Conforme discutido previamente, sabemos que havia espaços delimitados para a circulação de mulheres na sociedade Oitocentista — vale reforçar que essa imposição ao cerceamento doméstico acometeu mulheres de muitas regiões, além das burguesas brasileiras, as quais nos dedicamos nesse estudo, Elkin aponta comportamento social semelhante (e que não nos surpreende) na sociedade francesa. Entretanto, não podemos esquecer que a concepção da nova mulher nos fins do século XIX, a mulher moderna, paulatinamente foi possibilitando maior mobilidade e certa autonomia na circulação pelas ruas das cidades. Além disso, igualmente não podemos esquecer que as mulheres trabalhadoras (livres ou não) estavam presentes nesses espaços públicos. Diante disso, a autora defende que

[...] sem dúvida, sempre houve montes de mulheres em cidades e muitas delas escrevendo sobre cidades, falando da vida, contando histórias, tirando fotos, fazendo filmes, envolvendo-se com a cidade de todas as maneiras possíveis [...]. Sugerir que seria impossível existir uma versão feminina do *flâneur* é limitar as formas de interação das mulheres com a cidade ao modo como os *homens* interagem com ela. Podemos falar em restrições e costumes sociais, mas não há como negar que as mulheres estavam lá [...]. (Elkin, 2022, p. 22, grifos da autora)

Nessa perspectiva, as cartas de Maria Clara testemunham sua circulação pela cidade do Rio de Janeiro e suas observações referentes ao cotidiano da sociedade carioca e às rápidas mudanças que aconteciam naquele espaço. Exemplos para tal afirmação não faltam, recorreremos, pois, a dois pontualmente. Na primeira *Carta do Rio* publicada, a missivista inicia sua crônica descrevendo parte da sua rotina matinal, nos dias de verão, que compreendia deslocar-se à praia para banhos de mar. Foi a partir da sua movimentação cotidiana que a escritora, ao se deparar com uma trança postiça “despresada aos balanços das ondas”, inseriu suas reflexões acerca do envelhecimento, da carestia e da higiene das praias⁹⁷ — cabe mencionar que alguns anos depois da publicação dessa crônica, o crítico Gonzaga Duque também discorre sobre os descuidos com as praias em artigo publicado na revista *Kosmos*, com o título *Ao chegar o verão*⁹⁸.

Agora, vamos ao segundo exemplo, esse parece central para a pretendida aproximação da cronista à ideia da *flâneuse*. Na carta de 15 de março de 1899, Maria Clara, ao discorrer sobre os festejos de Carnaval — que naquele ano seriam realizados de forma individualizada por regiões da capital, ou seja, cada arrabalde realizaria sua própria festa, fato, aliás, que denota modificações na organização social da cidade — comenta acerca da sua relação com o bairro onde morava, como já sabemos era a Tijuca, e as suas andanças pelos bairros vizinhos:

Nós todos, inconscientemente, gostamos do nosso cantinho. E é por isso que a sociedade do nosso bairro, a gente que conosco **toma diariamente o mesmo bond, que gosa do mesmo panorama, que compra nas mesmas casas, que dança no mesmo salão**, nos desperta maior sympathia, embora sejam alheios às nossas relações de amizade. E’ um caso de observação. **Eu quando passeio pelos outros arrabaldes**, confesso, aprecio imenso a beleza e diversidade das variadas vistas e modernas construcções, mas o íntimo prazer, comparável somente ao encanto de estar em família, conversando, á noite, em torno á mesa de jantar, na verdadeira e unica felicidade — a tranquillidade do lar — eu só encontro quando **tomo o meu bond e venho** para estes lados tão saudaveis e tão, formosos da

⁹⁷ Santos, 1987a, p. 18-19.

⁹⁸ *Kosmos*, Rio de Janeiro, nov. 1906. Disponível:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146420&Pesq=%22ao%20chegAR%20O%20VERAO%22&pagfis=1931>. Acesso em: 18 ago. 2023.

incomparável Tijuca. Sahir da Tijuca para **ir** dançar na Gavea; deixar as Laranjeiras para **ir** prosear no Pedregulho são cousas difíceis. **Só muita amizade ou muita vadiação...** (Santos, 1987n, p. 41, grifo nosso)

Ora, notamos nesse trecho que a escritora, apesar de apontar os deleites do estar em casa, em família, na tranquilidade do lar, estava se referindo primordialmente ao ir e vir, logo, ao deslocar-se pela cidade — seja no bairro onde residia, seja nos bairros próximos. Nas primeiras linhas ela narra a rotina diária: sair de casa, pegar o bonde, apreciar a paisagem, etc. Na sequência, ela se coloca enquanto uma observadora dos espaços da cidade ao falar sobre os seus passeios por outros bairros e as suas impressões referentes às belezas arquitetônicas e às paisagens diversas. No final do excerto destacado, apesar de ela mencionar a dificuldade em deixar a Tijuca, sabemos que era isso o que fazia — por “amizade” ou “vadiação”: vagueava pelos bairros vizinhos, circulava pelas ruas, observava a cidade e os tipos humanos que habitavam àqueles espaços e depois escrevia e publicava suas considerações na sua coluna de crônicas, *Carta do Rio*.

Referente à seleção do gênero literário — crônica — feita por Maria Clara para sua coluna, talvez valha uma pequena digressão: a de estabelecer uma analogia entre a marginalização da crônica na hierarquia literária, da crítica no campo da arte e das mulheres na hierarquia social. A respeito da marginalização das mulheres na sociedade daquele período, assunto que viemos discutindo ao longo das seções, logo, sabemos da vulnerabilidade nas condições de vida das mulheres naquela sociedade, mas sabemos também que havia uma movimentação em prol da emancipação feminina. Entretanto, a respeito das outras duas marginalizações valem alguns apontamentos. No campo da arte, conforme Ana Maria Tavares Cavalcanti (2015), a crítica ora é desacreditada a partir de uma concepção de impurezas, por estar ligada ao exercício da literatura, ora é defendida pelo argumento de que não existe um registro puro e, além do mais, seriam esses textos que permitiram uma aproximação, dentro do possível, da experiência vivida à época. Ainda, corrobora com essa posição intermediária da crítica a colocação de Dario Gamboni (2012, s/p):

De um ponto de vista semiótico, ela se encontra, com efeito, ligada tanto ao sistema icônico quanto ao sistema verbal, os quais ela procura por em relação. Em termos sociológicos, podemos situá-la na interseção de vários campos, notadamente do campo artístico e do campo literário.

De modo semelhante, no campo literário, a crônica enfrenta desafios, navegando entre a inclusão e a exclusão da literatura, devido a sua aproximação com o jornalismo, ou pela taxação de gênero menor, como observado por Tiago Vieira (2018). Entretanto, ao

contemplarmos a concepção da *flâneuse*, observadora errante, é pertinente destacar que a crônica convida igualmente a uma movimentação em sua composição, como destacou Neves:

Falar da vida ao rés do chão: eis o propósito do dito “**gênero menor da literatura**”. [...] amiga da verdade, da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, a crônica, freqüentemente, também se utiliza do humor. Mas não é só isso. Põe seu criador numa terceira margem do rio: **ele não está aqui nem acolá, pois transita o tempo inteiro entre a literatura e o jornalismo, desconstruindo suas fronteiras e as reinventando**. (Neves, 2009, p. 49, grifo negrito nosso, aspas da autora).

Diante disto, podemos perceber que a crônica traz consigo uma riqueza de perspectivas e possibilidades. A movimentação e a fluidez da crônica, refletem sua capacidade de transitar entre diferentes esferas, desafiando fronteiras e reinventando sua própria essência literária.

Agora, antes de passarmos à análise específica dos textos em que ela comentou o cenário artístico que observou e vivenciou no Rio de Janeiro do finisséculo, propõe-se uma ponderação a respeito de um recurso muito presente em sua escrita: a ironia. Morgana Carniel (2019) fez um interessante exame sobre a presença da ironia como meio de subversão no discurso da escritora. Para ela, esse artifício contribuiu para que Maria Clara desestabilizasse e descentralizasse algumas das estruturas patriarcais vigentes no período. Ademais, a autora considera que ao olharmos para o processo irônico seja “possível perceber como a genialidade das produções de Maria Clara da Cunha Santos esconde-se por trás de um aparente tom didático/moralizante que, na verdade, configura-se como um instrumento de reflexão e convite à ação” (Carniel, 2019, p. 159).

Desse modo, analisar os escritos da cronista considerando a presença da ironia parece contribuir para um mergulho mais aprofundado nas nuances de suas ideias. Carniel chegou à seguinte avaliação:

Nas colunas intituladas “Carta do Rio”, Maria Clara utiliza-se de um discurso aparentemente superficial, homogeneizador e moralizante, aproximando-se das leitoras em um tom intimista, como se fosse uma amiga a dar conselhos – sobre a conquista de um bom marido, sobre o cuidado com a educação dos filhos e o culto à beleza, por exemplo. O que ocorre nessas colunas, na verdade, é uma sutil subversão dos discursos tradicionais instituídos socialmente. E essa transgressão ocorre através do emprego da ironia. (Carniel, 2019, p. 176, grifo da autora)

Cabe apontar que nesse estudo, Carniel observou quatro funções da ironia presentes nas crônicas de Maria Clara, a saber: a complicadora, a distanciadora, a provisória e a de

oposição. Sumariamente, a função complicadora da ironia é caracterizada pelo seu aspecto ambíguo — rico, complexo, enganador ou impreciso — observado em praticamente todas as crônicas de Maria Clara, conforme constatamos em diversos exemplos apresentados até aqui. Quanto ao papel distanciador da ironia, esse permite que o ironista (a escritora) e o interpretador (a leitora) se distanciem de uma determinada situação para observá-la a partir de outra perspectiva, por exemplo: “Outro dia surpreendi a interessante conversação de duas amigas que muito prezo, uma escriptora conhecida e outra pintôra de merecimento” (Santos, 1987, p. 87). Já a função provisória, trata de desmistificar os dogmas e as verdades absolutas. E, por fim, a função de oposição depende da participação e da decodificação da ironia pelo interpretador: “Dependendo da recepção, o processo irônico pode ser interpretado, por um lado, como transgressor e subversivo, e, por outro, como insultante e ofensivo” (Carniel, 2019, p. 174). Logo, deseja-se uma interpretação efetiva e não superficial do proposto. Para tal, Carniel (2019) destaca as diversas estratégias de aproximação do leitor utilizadas por Maria Clara, como tom coloquial, indagações/questionamentos, chamamentos e imposições, buscando uma compreensão efetiva de suas ideias, entretanto, sem expor completamente a sua natureza transgressora.

Algumas observações feitas por Neves (2009, p. 68) reforçam as estratégias de aproximação do leitor, quando diz que Maria Clara

[...] promove, muitas vezes, a aproximação do texto escrito com a oralidade. Basta observar a presença constante das exclamações que surgem para enfatizar determinadas passagens, aproximando-as da expressão falada. Outra característica que marca essa produção diz respeito ao uso das injunções. O leitor é provocado por meio dos verbos na forma imperativa e das construções interrogativas, sem falar, é claro, do fechamento, sempre com o uso de uma frase de efeito. Todas essas marcas acabam por despertar no leitor reflexões acerca das mais diversas temáticas: política, existencial, social, amorosa.

Podemos notar alguns desses recursos aplicados, por exemplo, na carta publicada em 15 de agosto de 1898, mais especificamente no trecho em que ela tratou da *Exposição de Arte retrospectiva*, organizada pelo *Centro Artístico*. Maria Clara iniciou a crônica situando o leitor a respeito do local onde ela se encontrava e do objeto de sua observação que irá envolver toda a narrativa; nesse caso se tratava do juízo proferido a um determinado quadro da exposição mencionada:

Outro dia, na Exposição de Arte retrospectiva, brilhantemente organizada pelo Centro Artístico, contemplava absorta, um quadro lindíssimo. Era o interior de uma sala de luxo, repleta de formosos objectos de arte.

Extraordinária composição em que se encontravam em harmonioso conjuncto, a riqueza do colorido, a luz vibrante e forte de um dia primaveril, o rigor técnico dos detalhes e sobretudo a elegância e naturalidade das figuras. Ao fundo do quadro havia uma janella ampla, francamente aberta e ao longe, muito ao longe viam-se, desenhados com a rigorosa precisão da perspectiva, arvores e arbustos que projectavam no chão deliciosa sombra. **Ao contemplar o formoso quadro, esquecime de consultar ao catalogo o nome do auctor.** (Santos, 1987k, p. 321, grifo nosso)

Vejamos que no final desse trecho ela mencionou, quase despretensiosamente, que desconhecia a autoria do quadro. Desse modo, sutilmente, a autora sugere que não havia necessidade de saber quem o pintou para que a obra fosse contemplada. Ora, essa informação era fundamental para o desdobramento da história, pois se tratava de uma certa preparação do terreno para a ideia que seria reforçada no parágrafo seguinte: “Apreciava-o incondicionalmente, como se aprecia o que é bello, o que é digno, o que é elevado”. Porém, a contemplação da autora frente ao quadro foi flagrada ao escutar o juízo de outro visitante: “De repente ressoaram a meus ouvidos palavras asperas de censura ao quadro. Alguem dizia, bem alto, que nenhum valor encontrava na tela que me enfeitiçava cada vez mais”. O juízo do visitante, todavia, foi logo confrontado quando tomou conhecimento da autoria da obra: “D’ahi a pouco, o mesmo critico, reconheceu o festejado nome do auctor do quadro e diz entre assustado e arrependido: Ah! é de Berne-Bellecour, não tinha reparado, é esse um pintor emérito, seus quadros têm grande cotação, etc” (Santos, 1987k, p. 321-322).

O clímax do texto acontece no próximo parágrafo, o qual a autora inicia envolvendo o seu leitor a partir de um questionamento:

Volto á Exposição, dias depois, e que havia de encontrar? O mesmo critico, embevecido, absorto quasi, a contemplar a tela que dias antes tanto o erritára. E mais surpreendida fiquei quando o vi, em phrases repletas de entusiasmo, chamar a attenção de um amigo e **descrever um por um os detalhes completos do quadro que realmente só o encantou depois de reconhecida a assignatura do pintor.** (Santos, 1987k, p. 322, grifo nosso)

O fechamento da narrativa, corroborando com a observação de Neves (2009), se deu com a seguinte frase de efeito: “Ha muito tempo que me preocupa o coração a dolorosa verdade que o Padre Antonio Vieira ha tantos annos disse, nesta phrase suggestiva: Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande” (Santos, 1987k, p. 322).

A partir dos indícios presentes nestes fragmentos, percebemos serem exploradas algumas funções da ironia, em especial a provisória e de oposição, por meio da qual a escritora tem em vista questionar a veracidade do juízo de valor emitido pelo crítico, que está

vinculado exclusivamente à consagração do artista e não à experiência da obra. Além disso, é possível observar a estreita relação estabelecida entre o texto e a oralidade, bem como entre a cronista e o leitor.

Isto posto, podemos considerar que a análise das crônicas de Maria Clara a partir da perspectiva da *flâneuse* e da presença da ironia, em suma, revela e aprofunda suas observações a respeito do cotidiano e da sociedade carioca num momento de rápidas mudanças. Ademais, a aproximação entre a cronista e o leitor, permeada pela ironia, estabelece um diálogo crítico e convidativo à reflexão. Desse modo, percebemos que através da sua escrita, Maria Clara teceu pensamentos sobre as relações de gênero, as mudanças urbanas e a busca por uma compreensão mais significativa das experiências vividas por aquela sociedade que intentava a modernização.

Feitas essas primeiras considerações mais gerais a respeito da coluna regular da cronista, nos concentraremos daqui em diante no estudo específico dos seus escritos sobre arte extraídos da *Carta do Rio*. Consoante o levantamento realizado a partir da edição facsimilar da revista, ou seja, da compilação dos 36 números publicados, ao todo 16, das 31 cartas publicadas por Maria Clara, abordavam a temática das belas-artes⁹⁹ (conforme resumo analítico disposto no apêndice 1). Dentre essas, 12 cartas apresentam alguma menção a artistas específicos, sendo 19 deles citados nominalmente ao longo de sua coluna (conforme apêndice 2). Cabe apontar que entre os nomes mencionados pela escritora, 4 referem-se a artistas mulheres, sendo: D. Hortencia¹⁰⁰, Maria Forneiro¹⁰¹, Rosa Bonheur (Bordéus, 1822 – 1899) e Nicolina Vaz de Assis (Campinas, 1866 — Rio de Janeiro, 1941).

Ainda sobre os comentários desprendidos a artistas mulheres, é relevante destacar a carta de 15 de setembro de 1899, em que ela discorreu a respeito da *6ª Exposição Geral da Escola Nacional de Bellas-Artes*. Notamos que no centro dos seus escritos estão as obras do artista Almeida Junior (tema que retomaremos mais adiante), todavia, o que nos interessa nesse momento são as linhas destinadas a destacar a presença feminina da exposição.

⁹⁹ Não foram contabilizados os textos que abordavam outras artes, como teatro e música, temáticas sobre as quais ela também proferiu juízo.

¹⁰⁰ Não encontramos muitas informações a respeito da artista. Entretanto, sabemos que se trata de Hortência Goulart e que foi discípula de Antônio Diogo da Silva Parreiras (Niterói, 1880 – 1937) na *Escola do Ar Livre* (Vale, 2002, p. 81).

¹⁰¹ Discípula de Nicolao Antônio Facchinetti (Treviso, 1824 — Rio de Janeiro, 1900), residia em Niterói e participou de *Exposições Gerais de Bellas-Artes* entre 1894 e 1900 (Vale, 2002, p. 54).

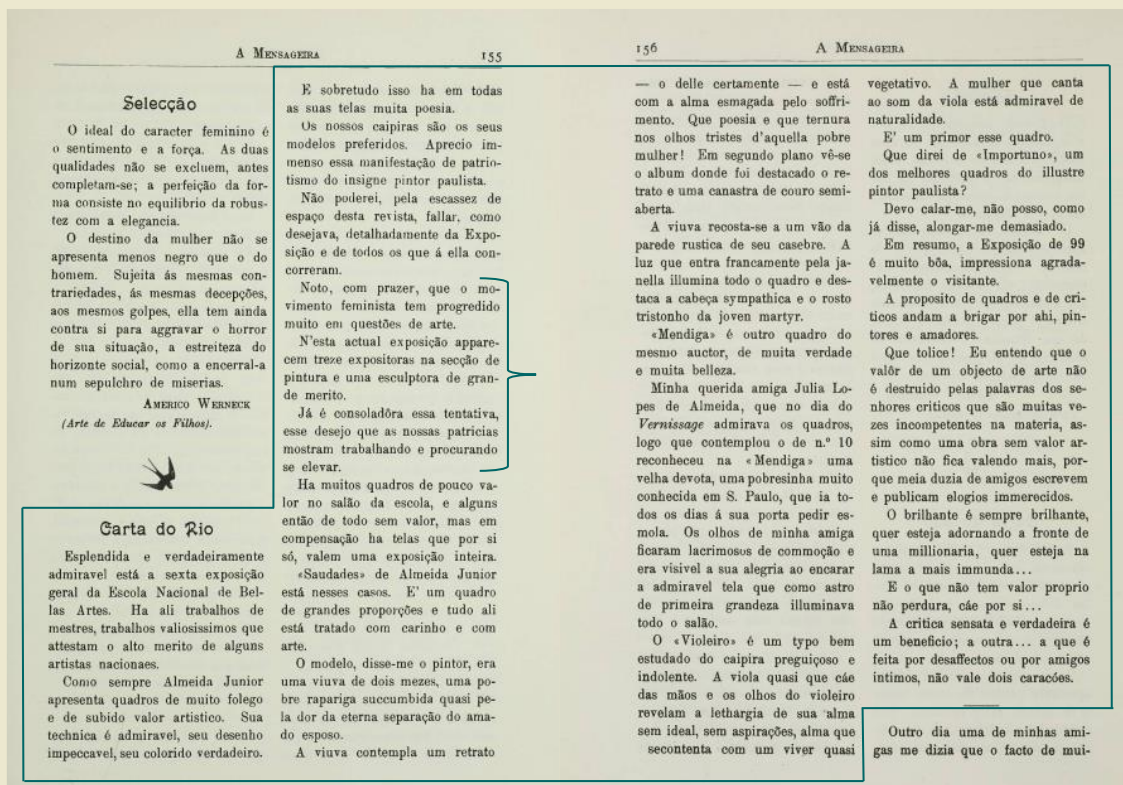


Figura 17 – Escrito sobre arte de Maria Clara com marcação em chave no trecho destinado à produção de mulheres

Fonte: *A Mensageira*, fac-símile, v.2, 1987, p. 155-156

Num rápido passar de olhos, poderíamos cotejar o espaço destinado às artistas mulheres no texto de Maria Clara (figura 17), ao espaço nos textos críticos destinados aos seus quadros, mencionados anteriormente na seção *Maria Clara vista pela crítica*. Quando analisamos a recepção crítica da produção de Maria Clara nas belas-artes, lembremos que quando se tratava de exposições coletivas, os comentários destinados às artistas, de modo geral, eram relativamente contidos e normalmente recebiam um parágrafo único e ao final do texto, bem como, na maioria das ocasiões, elas eram rotuladas de amadoras. Porém, aqui, além do deslocamento desse parágrafo para a parte inicial do texto, foi diferenciada a maneira como Maria Clara proferiu suas considerações às mulheres que participavam dessa exposição coletiva. Observemos:

Noto, com prazer, que o movimento feminista tem progredido muito em questões de arte. Nesta actual exposição apparecem **treze expositoras na secção de pintura e uma esculptora de grande merito.** Já é consoladôra essa tentativa, esse desejo que as nossas patricias mostram trabalhando e procurando se elevar. (Santos, 1987p, p. 155, grifo nosso)

Se o espaço textual de algum modo se aproxima das críticas como as proferidas por João Ribeiro ou Arthur Azevedo, os comentários, ao contrário, distanciam-se. A escritora

quantifica a participação de mulheres na exposição, chamando a atenção do leitor para a presença feminina que se movimenta em direção a esse espaço ocupado majoritariamente por homens. Além disso, diferentemente das críticas que vimos anteriormente, Maria Clara não utiliza a expressão *amadoras*. Logo, ao chamar a atenção para a presença das artistas na exposição, parece não se tratar apenas da ocupação daquele espaço por mulheres, e, sim, da ocupação por artistas mulheres de grande mérito. Ainda, não pode passar despercebido que ela traz o termo “movimento feminista” o qual, sabemos, representava naquele momento, sobretudo, a luta por direito à educação e ao exercício profissional. Desse modo, ela parece colocar as 14 mulheres em condição de trabalhadoras/profissionais da arte, confrontando a ideia da arte como um passatempo feminino — ponderação que permeava o pensamento da época — conforme apontou Simioni (2008, p. 301): “Para elas a arte era um empreendimento sério, uma profissão; para elas, um refinamento do espírito”.

Ainda nessa carta, outra questão relevante foi abordada: o valor de um objeto artístico. Recordemos que ao tratar da *Exposição de Arte retrospectiva*, organizada pelo *Centro Artístico*, a discussão central estava no juízo crítico de um visitante a um quadro do francês Berne-Bellecour (1838 – 1910). A opinião sobre a obra muda quando ele toma conhecimento da sua autoria, passando a admirar a tela que inicialmente não havia visto valor. Pois bem, o tema aparece novamente no final do texto a respeito da *6ª Exposição Geral*:

A proposito de quadros e de criticos andam a brigar por ahi, pintores e amadores. Que tolice! Eu entendo que **o valôr de um objecto de arte não é destruido pelas palavras dos senhores criticos que são muitas vezes incompetentes na materia, assim como uma obra sem valor artistico não fica valendo mais, porque meia duzia de amigos escrevem e publicam elogios immerecidos**. O brilhante é sempre brilhante, quer esteja adornando a frente de uma millionaria, quer esteja na lama a mais immunda...E o que não tem valor proprio não perdura, cáe por si... **A critica sensata e verdadeira é um beneficio**; a outra... a que é feita por desaffectedos ou por amigos intimos, não vale dois caracões. (Santos, 1987p, p. 156, grifo nosso)

Observamos que Maria Clara aborda a controvérsia em torno da disputa entre artistas, amadores e críticos de arte. Logo, argumenta que o valor de uma obra de arte não é afetado pelas opiniões de críticos, que muitas vezes possuem capacidades duvidosas para proferir juízos. Da mesma forma, ela sustenta que elogios imerecidos de alguns amigos não aumentam o valor de uma obra artística sem mérito. Para exemplificar seu argumento, Maria Clara se vale da metáfora do brilhante, sugerindo que a qualidade intrínseca de uma obra de arte não é alterada por circunstâncias externas. Por fim, a escritora faz uma distinção entre críticas sensatas e verdadeiras, que na sua opinião são validas, e as críticas feitas por inimigos

ou amigos íntimos, então, consideradas sem valor. Nesse discernimento ela enfatiza a importância da crítica imparcial. Em suma, Maria Clara questiona com perspicácia a autoridade dos críticos, destacando uma possível incompetência e a falta de conexão entre suas opiniões e o valor intrínseco das obras de arte.

Enfim, esse primeiro exame de alguns escritos sobre arte de Maria Clara revelam aspectos importantes em relação à representação das artistas mulheres e à crítica de arte da época. Nas cartas analisadas até aqui, constatamos que a cronista sublinhou notadamente a presença feminina nesse campo, destacando a existência de artistas mulheres de mérito e rejeitando a visão predominante da época que considerava a arte como um passatempo feminino. Além disso, a escritora questionou a autoridade dos críticos, argumentando que o valor de uma obra não é afetado por suas opiniões muitas vezes duvidosas e destaca a importância de um juízo imparcial. Podemos considerar que essa postura crítica e questionadora de Maria Clara desafiou algumas concepções predominantes da época.

Contudo, nosso foco será direcionado para alguns aspectos orientadores da crítica artística daquele período, a fim de cotejarmos os escritos sobre arte de Maria Clara com os escritos de críticos reconhecidos pelo campo historiográfico, como Luis Gonzaga Duque Estrada (Rio de Janeiro, 1863 – 1911). Para isso, vamos primeiro destacar algumas questões relacionadas à crítica de arte, especialmente nos últimos anos do século XIX, buscando identificar as temáticas e a estética que permeavam os valores daquela época, os quais, em certa medida, podem desafiar a noção essencialista de arte acadêmica que por tanto tempo envolveu o período em estudo. Com base nessas premissas, vamos examinar a produção crítica de Maria Clara publicada na revista e analisar como determinadas ideias se manifestavam nessas narrativas — como a nacionalista e do desejo pelo novo na arte.

3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DE ARTE NOS FINS DO SÉCULO XIX

Os estudos voltados à investigação da crítica de arte produzida no Brasil Oitocentista têm sido defendidos por pesquisadores que ressaltam, ainda, a importância de fomentá-los. Logo, antes de tratarmos de algumas considerações a respeito da crítica de arte no século XIX, ou, mais precisamente, nos seus momentos finais, iniciaremos essa seção trazendo um estudo que apontou para a carência de análise dos textos críticos produzidos nesse período. Nos referimos a parte do projeto de pesquisa, iniciado em 2017, coordenado pela professora Vera Pugliese, *Contribuições para o mapeamento de vertentes da Historiografia da Arte no Brasil em anais de eventos científicos: 2000 – 2015*. Maria Couto da Silva e Priscila do Nascimento

(2017) estavam em uma das frentes dessa investigação, que examinou os aportes teóricos-metodológicos da crítica de arte brasileira através dos artigos publicados nos eventos da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA). Ainda que parciais, a análise demonstrou que a crítica possui presença marcante nos artigos de história da arte. Porém, indicou que o uso da crítica é caracterizado como fonte primária de informações sobre obras, artistas e exposições; ou seja, não como objeto de análise em si.

Essa constatação aponta, então, para uma lacuna na abordagem dos estudos relacionados à crítica de arte no contexto histórico brasileiro do século XIX; visto que a análise dos textos críticos desse período pode oferecer valiosas percepções acerca das concepções estéticas vigentes, dos debates artísticos em curso e das tendências culturais que o caracterizaram. É nesse sentido que o presente estudo visa contribuir, ademais, somasse a experiência feminina sobre o campo — da mesma forma que Elkin (2022) nos alertou que as principais fontes disponíveis para entender o cenário urbano do século XIX são predominantemente masculinas, refletindo uma perspectiva particular da cidade; sobre o cenário artístico e cultural o modelo tende a ser o mesmo: os textos críticos sobre arte publicados naquele momento eram essencialmente de autoria de homens, ao menos é o que apontam as literaturas sobre o tema.

Por certo, sabemos que a figura do crítico de arte ainda não estava totalmente consolidada em um profissional específico. Boa parte dos textos que recepcionavam as obras produzidas em terreno nacional era realizada por literatos e/ou jornalistas e a circulação desses escritos ocorria, sobretudo, através da imprensa — em jornais ou revistas. Logo, um exemplo é a publicação de *A Mensageira*, que como sabemos, entre as colunas de variados autores, a escritora Maria Clara possuía um lugar marcado com a coluna de crônica *Carta do Rio*, na qual trazia apontamentos críticos sobre o cenário artístico e cultural, além de outras notícias da sociedade carioca. Todavia, não podemos deixar de mencionar que alguns trabalhos se esforçaram em estabelecer uma sistematização da arte e uma perspectiva de desenvolvimento da pintura no Brasil — como as publicações de Félix Ferreira (Rio de Janeiro, 1841 – 1898), *Belas Artes: Estudos e Aprescições* (1885), e de Luis Gonzaga Duque Estrada, *A Arte Brasileira* (1888).

Diante da diversidade de textos e profissionais que englobavam a crítica de arte no século XIX, as ponderações de Gamboni (2012) colaboram para uma análise mais apurada do tema. O autor propôs que ao olharmos para a crítica de arte desse período usássemos lentes ampliadas; apontando para o entrelaçamento entre os campos artístico, literário e jornalístico. Nessa perspectiva mais abrangente, a crítica de arte estaria relacionada à ideia

de “literatura artística”, incluindo além da resenha de exposição, a crônica de arte, o romance sobre arte e o artigo de imprensa, por exemplo. Sendo que, como bem destaca Gamboni (2012), diversas dessas categorias foram praticadas por autores legitimados enquanto críticos de arte pela historiografia. Nas suas palavras,

Percebemos, de imediato, que todas essas categorias foram praticadas por autores considerados como “críticos de arte”. Com efeito, os laços unindo o Salon ou, mais amplamente, a resenha de exposição, aos outros gêneros são numerosos e importantes, como testemunha o parentesco não somente de autores, mas também de órgãos de publicação, de canais de difusão e de públicos, assim como a complementaridade das funções. Dessa maneira, a fronteira separando a definição estreita e a definição ampla de crítica de arte se revela permeável e mesmo imprecisa, suscetível de se tornar objeto de debates e de constituir um tópico de discussão para os protagonistas, assim como para os seus historiadores. Eu proponho, portanto, considerar que, para compreender a estrutura da “crítica de arte” do século XIX, é necessário levar em conta a priori do conjunto da “literatura artística” do período. (Gamboni, 2012, s/p, grifo do autor)

Ora, vale reforçar que no Brasil Oitocentista essa escrita ficava a cargo principalmente dos literatos e jornalistas, isto é, em geral, não havia uma formação específica na área, como destacou Tadeu Chiarelli (2012, p. 10): “[...] aqueles que escreveram sobre arte, de forma geral, eram intelectuais com presença mais ou menos enfática no campo literário e/ou jornalístico”. O autor exemplifica essa tradição a partir de Raul Pompeia, “que também escreveu sobre arte, foi um dos principais romancistas brasileiros do século XIX”; Monteiro Lobato, com atuação no início do século XX, que “além de escrever sobre arte e ser respeitado como escritor, dedicou-se a várias questões políticas e econômicas”; além de Félix Ferreira, jornalista, editor, literato e autor do primeiro livro dedicado à história da arte publicado no Brasil, mencionado anteriormente.

Todavia, movimentação semelhante também foi observada na França — que no campo artístico do século XIX, sabemos, era uma grande referência para a arte mundial, logo para a arte brasileira (Silva, 2019); aliás, não podemos esquecer da *Missão Artística Francesa* que já agia no território nacional desde o início do século, com participação direta na fundação da *Academia Imperial das Bellas-Artes do Rio de Janeiro*, em 1816 (Chiarelli, 1995). Citemos, entre tantos nomes, dois exemplos, mencionados por Chiarelli (2012) e apresentados por Lionello Venturi (1984), na sua *História da crítica de arte*, que escreveram contribuições fundamentais para o entendimento da arte francesa daquele período: o poeta Charles Baudelaire (1821 – 1867), que na consideração de Venturi (1984, p. 207) “destaca-se dos outros [críticos] a grande distância” e, posteriormente, o romancista Émile Zola (1840 – 1902).

Ao discorrer sobre a crítica de arte francesa Oitocentista, Venturi (1984) menciona que “A importância assumida pela pintura na vida intelectual da França do século XIX foi enorme”. Desse modo, poetas, romancistas e artistas, através da escrita, promoveram, explicaram e discutiram a arte. Com exposições regulares, centralizadas em Paris, Venturi aponta que

De dois em dois anos, ou anualmente, uma série de escritores, entre os melhores, davam a sua opinião sobre as obras expostas e procuravam fazer generalizações sobre as condições da arte contemporânea ou sobre o método da crítica, e também prognósticos sobre as tendências do gosto. Todo esse trabalho tinha frequentemente o defeito da improvisação jornalística, era frequente faltar-lhe uma informação histórica e estética suficiente, mas tinha a incomparável vantagem de estar ligado à arte enquanto se fazia. Mudando muitas vezes com a mudança do gosto, a crítica francesa do século XIX foi fragmentária, mas manteve, no entanto, constante a sua aspiração aos valores estéticos universais. (Venturi, 1984, p. 198)

Devido à influência que exerciam naquele momento, cabe um pequeno panorama sobre os princípios artísticos franceses. De modo geral, somando-se a relevância do pensamento idealista, podemos considerar que a base ideológica da crítica francesa em meados do século XIX, estava em diálogo com a estética de Schelling (1775 – 1854) e de Hegel (1770 – 1831): “O interesse do pensamento desloca-se e conduz à sociologia de Auguste Comte sem, no entanto, perder a sua inspiração idealista de origem” (Venturi, 1984, 200). Todavia, por princípio considerava-se a arte como criação, partindo do mundo das ideias, e não mais como imitação da natureza. A pintura assumia um lugar de valorização singular no campo artístico.

Entretanto, não podemos esquecer que existiam tensões e oposições no campo da crítica francesa do período, sinalizando que são muitas as tendências que permeiam a crítica em coexistência ao longo das décadas. Quando Venturi (1984, p. 198) diz que a força da crítica francesa vale-se justamente da oposição “ao neoclassicismo em nome do romantismo” (discussão, inclusive, que acompanhou a *Missão Artística Francesa* no Brasil), reforça a existência das objeções que permeavam o período — movimentação que pode ser observada ao longo da sua narrativa sobre a história da crítica de arte francesa do século XIX, que inclui ainda as discussões sobre o realismo, o impressionismo e o simbolismo.

Por outro lado, em território nacional podemos considerar, *a priori*, que o Positivismo era uma das maiores referências para os intelectuais engajados na instauração da República e na luta abolicionista — inclusive, são discussões ressoantes nos textos da revista *A Mensageira*, como vimos. No campo das artes, da mesma forma, como apontou Chiarelli

(2012), contrapondo as práticas retrógradas da escravidão e da monarquia, desejava-se o moderno. Vale ressaltar, ainda, que no finisséculo a crítica assumia um papel de maior relevância na legitimação dos artistas, ao lado da Academia e dos colecionadores:

Nas últimas décadas do século XIX os artistas dependiam cada vez mais da compra de seus quadros, sobretudo, uma vez que o governo, principalmente devida à falência após a Guerra do Paraguai, possuía cada vez menos recursos para encomenda de obras. Além disso, as mudanças políticas, sociais e culturais demandavam um novo tipo de arte, que atendesse as exigências de gosto de uma elite burguesa e republicana [...]. (Dazzi, 2004, p. 3)

Entretanto, os artistas não eram figuras passivas, segundo Dazzi (2004, p. 3) a relação entre críticos e artistas acontecia de modo recíproco: “Ambos frequentavam os mesmos ambientes, trocavam idéias e experiências [...]”. Não podemos esquecer, por exemplo, que Maria Clara, ao mesmo passo que publicava seus apontamentos sobre arte na revista *A Mensageira*, expunha nos salões da *Escola de Bellas-Artes*. Além disso, diversos críticos e artistas compartilhavam o mesmo projeto em relação ao futuro da produção artística no país: a constituição de uma escola nacional de pintura. Nas palavras de Dazzi (2004, p. 7), “Os quadros deveriam representar a nossa história, a nossa cor local, a nossa gente, enfim, era necessário criar uma identidade nacional de preferência desvinculada da figura do Imperador, e que desse ao Brasil um caráter de país moderno”.

Ora, cabe enfatizar as observações de Sonia Gomes Pereira (2017), que ao apontar as diferenças entre a geração de meados do XIX, que dialogava sobretudo com o neoclassicismo e o romantismo, e a geração de passagem, ela constatou que estes artistas se voltavam para o realismo, bem como almejavam se atualizar. Em outras palavras, a geração de artistas do Entresséculos, estudada por Gomes, desejava romper com a tradição, fomentando uma modernização da arte.

Adentraremos, pois, em uma discussão que envolve particularmente a historiografia da arte nacional. Nas últimas décadas, tem-se problematizado o grande guarda-chuva que encobriu parte da história da arte brasileira: aquela anterior à Semana de Arte Moderna de 1922, sobre a ponderação praticamente exclusiva de arte acadêmica, alicerçada na reprodução de modelos europeus, especialmente franceses. Dazzi (2004), que tem dedicado criteriosa pesquisa sobre o cenário artístico nas décadas finais do século XIX, sinaliza para a necessidade eminente de lançarmos um olhar atento à produção e à recepção dos trabalhos realizados pelos artistas daquele período. Tal alerta é devido, sobretudo, ao fato de que a historiografia modernista propunha a revalorização do período colonial, “[...] celebrado

como as verdadeiras raízes do caráter nacional, que a arte moderna procurava reencontrar [...]”. E, nesse sentido, havia uma rejeição ao que fora produzido no século XIX, “[...] encarado genericamente como acadêmico e alienado – marcado pelo ‘afrancesamento’ da cultura brasileira [...]” (Dazzi, 2004, p. 1).

Quase duas décadas após os apontamentos de Dazzi, foi a vez de Rafael Cardoso (2022) colocar o assunto em pauta. No ano do centenário da *Semana de Arte Moderna*, Cardoso propôs um novo exame sobre a construção narrativa que surgiu na década de 1940 e foi incorporada de tal maneira que perdura até o presente em alguns discursos. Para o autor, ao ser inventada a tese de que o modernismo, especialmente o paulista, teria sido o responsável por resgatar o negro, o indígena e o rural de um certo apagamento — ou ainda, nas palavras de Cardoso (2022, p. 18), “[...] a noção de que o movimento modernista pôs em andamento a famigerada descoberta do Brasil profundo” — acabou-se por ignorar e encobrir toda uma produção anterior que se esforçava em firmar uma arte nacional e moderna. Não por acaso, Chiarelli (1995, p. 12) apontou:

Durante todo este século [XX] que agora chega ao fim, a idéia de uma arte nacional se manifestou de maneira explícita, quer na produção de artistas brasileiros significativos, quer no debate sobre arte no país. [...] tal necessidade, no entanto, não surgiu na cena brasileira do século XX. É, na verdade, um problema formulado no século anterior, cujas ressonâncias repercutem até hoje.

Talvez seja oportuna uma pequena observação a respeito dos termos *moderno* e *modernismo*; ou mesmo, *modernidade*. José Teixeira Coelho (2011) definiu algumas diferenças entre eles: *moderno* seria um termo ligado à ideia do novo ou algo do presente, porém não necessariamente possui um caráter de conceito — entretanto, Dazzi (2012, p. 90-91) acrescenta sobre termos, de acordo com a concepção de críticos do finisséculo, que além de demarcar diferenças em relação ao passado, ainda definia distinções dentro do próprio presente, isto é, era utilizado “para se referir a alguns aspectos do presente em contraposição a outros que viam como fora de moda ou tradicionais e, de certo modo, remanescentes do passado”; por outro lado, *modernismo* estaria vinculado à concepção de estilo ou a fabricação de um produto que se manifesta esteticamente; enquanto *modernidade* seria a reflexão sobre este produto fabricado, isto é, seria o exercício crítico sobre o modernismo.

Por fim, cabe mencionar ainda o termo *modernização*, caracterizado pelo sentido de processo, como fora proposto por Marshall Berman (2007). Visto que o período em estudo foi marcado por significativas mudanças — sociais, culturais, econômicas, políticas — é oportuno que em nossa análise consideremos essa concepção, aberta a movimentos e

contradições, para nos afastarmos de ideias lineares, rígidas e dicotômicas (como aquelas enraizadas no confronto entre vanguarda e academicismo).

Todavia, antes de finalizarmos essas primeiras considerações para então passarmos para a análise dos critérios presentes nos escritos sobre arte de Maria Clara e aprofundarmos a discussão a respeito dos juízos de valor nos anos finais do Oitocentos, bem como da formulação de uma arte nacional, contextualizaremos algumas das discussões efervescentes em torno da Academia. Para isso, retomemos rapidamente a sua história: em 1816 formula-se a criação da *Escola Real de Artes e Ofícios*, com cerne na *Missão Francesa*, mas irá de fato se concretizar dez anos depois, em 1826, já como *Academia Imperial das Bellas-Artes*. Passados alguns anos de intensas dificuldades, a Academia angaria destaque durante o Império, sendo dois diretores fundamentais na sua consolidação: Félix-Émile Taunay (Montmorency, 1795 — Rio de Janeiro, 1881), dirigindo a instituição de 1834 a 1851, e Manuel de Araújo Porto Alegre (Rio Pardo, 1806 — Lisboa, 1879), atuando como diretor de 1854 a 1857. Segundo Pereira (2016, p. 30) a importância dos dois diretores deve-se, sobretudo, aos seguintes fatos:

Taunay organizou as Exposições Gerais a partir de 1840 — em que trabalhos de professores e alunos da Academia eram expostos ao lado de obras de artistas externos —, e instituiu os prêmios de viagens à Europa em 1845. Porto Alegre empenhou-se na mudança dos currículos e na criação da Pinacoteca, além de uma evidente preocupação com os problemas da arte brasileira — lançando as bases de um verdadeiro projeto nacionalista, que é seguramente o ponto de partida da produção do Segundo Reinado.

O projeto nacionalista apontado por Pereira foi central para a elaboração do imaginário da nação então independente. Chiarelli (1995, p. 15) esclarece que a partir da proclamação da independência a ideia “de se construir um passado para o Brasil que de alguma maneira desvinculasse sua história e seu imaginário, daqueles de Portugal”, ganha força nos grupos intelectuais próximos ao poder. Logo, temas nacionais, pautados na história e na literatura brasileira, passam a ser priorizados pela Academia. Um importante exemplo desse projeto, que buscou apresentar a trajetória da arte brasileira desde os artistas coloniais aos vinculados à Academia, foi a apresentação da *Coleção de quadros nacionais formando a Escola Brasileira*, que ocorreu junto à 25ª *Exposição Geral da Academia*, em 1879.

Entretanto, a crise que envolvia o Império se agravou na década de 1880, logo, refletiu na Academia, como apontou Pereira (2016, p. 31): “As dificuldades financeiras limitavam a realização das Exposições Gerais e dos concursos para o Prêmio da Viagem. As críticas se avolumam, tanto externa quanto internamente”. Desse modo, alguns professores e alunos acabam deixando a Academia, como Rodolfo Amoedo (Salvador, 1857 — Rio de

Janeiro, 1941) e os irmãos Rodolfo (Guadalajara, 1852 — Rio de Janeiro, 1931) e Henrique Bernardelli (Valparaíso, 1857 — Rio de Janeiro, 1936), para trabalhar provisoriamente no espaço conhecido como *Atelier Livre*. Diante desse cenário de tensões, as propostas relacionadas à reforma da Academia dividiram-se entre os modernos e os positivistas, sendo que de um lado, propunha-se a modernização da instituição, do outro, a sua extinção, apostando na “generalização do ensino básico, em que as artes estariam incluídas” (Pereira, 2016, p. 47).

Por fim, em meio a mudanças políticas significativas, como a Abolição da Escravatura e a instauração da República, foi promulgada a Reforma de 1890, que resultou na conversão da Academia em *Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA)* (Pereira, 2016, p. 31). Além do nome, a instituição renovou o quadro de professores e, apesar de não realizar grandes mudanças estruturais nos modos de ensino, propôs “mudanças significativas, sobretudo na pintura, em relação à liberdade dos temas e à expressividade do artista” (Pereira, 2016, p. 240). Vale mencionar que em 1909 a Escola foi transferida para uma nova sede, e na concepção de Pereira (2016, p. 31), tanto a escala do novo prédio como a sua localização de prestígio, “atestam a importância da Escola no projeto de modernização da capital”.

A partir desse breve panorama sobre a trajetória da Academia, podemos considerar a impossibilidade de se estabelecer puramente uma dicotomia entre “o conservadorismo da ENBA e os esforços de modernização sempre postos do lado de fora da Escola”, como elucidou Pereira (2016, p. 247). Nesse sentido, olhar para esse período na perspectiva de um processo, em que habitam contradições e complexidades, pode nos proporcionar uma compreensão mais apurada sobre as mudanças e as permanências na produção artística daquele momento, dentro e fora da Academia.

3.2.0 ARTISTA MODERNO NOS ESCRITOS SOBRE ARTE DE MARIA CLARA

Com o propósito de analisarmos, através dos escritos sobre arte de Maria Clara, a presença do desejo pelo novo, isto é, pelo moderno que se processava naquela sociedade, é oportuno, pois, retomarmos as considerações de Dazzi (2012) sobre o cenário artístico do período. Segundo seu exame, as ideias de *originalidade* e *sinceridade* nos artistas eram pontos de significativa importância no juízo de valor da época. Além disso, em sua avaliação, o artista moderno deveria “[...] conferir o cunho da sua individualidade e o seu modo de sentir às suas obras e executá-las sem imitar nenhuma escola, nem respeitar convenções e regras estabelecidas” (Dazzi, p. 88, 2012). Tais constatações são reforçadas por Pereira (2017, p.

288), quando esta observa: “Os artistas [do Entresséculos] não se filiam estritamente a um ou outro movimento; ao contrário, expressam-se de diferentes maneiras, movimentando-se com desenvoltura num largo campo de possibilidades de linguagem”.

Mais precisamente, considerava-se moderno o artista que atendesse ao menos alguns dos seguintes preceitos: romper com padrões considerados acadêmicos, se desvinculando da convenção; orientar-se por suas impressões e sensações; ser original e deixar transparecer a sua individualidade e o seu temperamento; realizar todos os gêneros de pintura ou escultura, isto é, ausência de especialidades; estabelecer vínculos com a poética do urbano, da moda e do que é passageiro; e/ou, por fim, ser um artista atlético, errante, livre (Dazzi, 2012, p. 88).

Isto posto, propõe-se agora uma análise mais apurada de alguns conceitos constantes nos escritos sobre arte de Maria Clara. Importante apontar que ao realizarmos a análise dos trechos com temática das belas-artes presentes em 16 crônicas de Maria Clara, encontramos uma série de expressões que remetiam ao juízo de gosto da escritora (conforme Apêndice C). Constatamos, a partir da relação de expressões positivas e negativas, que o maior número de termos está ligado ao juízo favorável das obras, revelando a opção da escritora por trazer em suas cartas as obras que mais lhe agradavam. Em geral, as críticas negativas eram mais genéricas; ou seja, não eram direcionadas a determinada obra ou artista.

A palavra mais utilizada por Maria Clara como juízo de gosto nos textos sobre belas-artes é *verdade*, bem como suas variações: *verdadeiro(s)* e *verdadeira(s)*. Foram contabilizadas 13 ocorrências no juízo de obras e 1 no juízo da crítica de arte. Para demonstrar com o uso desse termo era expressivo, observemos o trecho extraído da primeira *Carta do Rio* publicada na revista:

Para toda a alma bem formada, a natureza é a melhor mestra, é o mais importante factor da perfectibilidade humana. Nenhum poeta consegue impressionar e arrabatar seus leitores se suas poesias não têm **verdade**, se suas dores são **mentirosas**, se suas descrições são **falsas**. O pintor que **inventa** marinhas, que **falsifica** paisagens e que de cór **pinta o que não vê** e por conseguinte **o que não sente**, não conseguirá jamais imprimir a seus quadros a nota característica e alegre da **verdade** e do bello. As naturezas muito sensíveis sentem-se impressionadas diante de quadros **verdadeiros** e cheios de criteriosa observação. Esta impressão, esta alegria é a consciencia da propria **verdade**. (Santos, 1987a, p. 19)

Notamos que *verdade* é um critério constante no julgamento de Maria Clara, presente nesse pequeno excerto. Entretanto, para acentuar a importância dada a esse critério, a escritora se vale ainda de termos e expressões que o contrapõem — “mentirosas”, “falsas”, “inventa”, “falsifica”, “pinta o que não vê” e “[pinta] o que não sente” —, logo desmerecem

uma obra.

Verdade parece ser o termo adotado por Maria Clara em acordo com as ideias de *originalidade* e *sinceridade* presentes no juízo de valor da sua época. Segundo Dazzi (2012, p. 106, grifo da autora):

A valorização da originalidade abria um espaço de liberdade, no seio do qual o autor podia se afirmar em toda a sua singularidade. O artista, a partir de então, deveria pintar como via, como sentia, respeitando o seu temperamento. É possível verificarmos que, nos escritos sobre arte do final do século 19, “sincero e original” se opunham a “falso e convencional”. A defesa dos teóricos e dos críticos por uma arte “original”, “sincera”, “autêntica” e a associação dessas qualidades à pintura moderna foi uma ação continuada, tornando-se, mesmo, uma das principais características dos escritos de arte das últimas décadas do século 19.

Ora, essas características presentes nos escritos sobre arte das décadas finais do Oitocentos, apontadas por Dazzi, dialogam diretamente com as observadas em muitos dos textos de Maria Clara. Vejamos outros exemplos: em 15 de novembro de 1897, visitou a exposição dos alunos do paisagista Parreiras¹⁰², e sobre o trabalho de Alvaro Cautanheda¹⁰³ disse: “De seus quadros destaco o de n.º 24 – Rua em ladeira – que me agradou muito pela correção do desenho e verdade das cores” (Santos, 1987b, p. 36). Do mesmo artista mencionou ainda outro quadro, que apesar da representação verdadeira, não a agradou pelo aspecto triste:

O quadro n.º 21 – Rancho de Camaradas – é difícil mas não agrada geralmente. As brazas daquelle fogão rustico que os camaradas costumam fazer nos ranchos, são brazas verdadeiras, sente-se que aquella côr é quente, é de fogo; mas o aspecto geral é triste, não impressiona bem. (Santos, 1987b, p. 36)

Aqui cabe mencionar que outro termo muito presente no juízo positivo de Maria Clara é *alegria*, bem como suas variações: *alegre(s)*. Logo, o contrário não iria lhe agradar, como foi o caso do quadro n. 21 de aspecto melancólico.

Já em 30 de junho de 1898, retomando os exemplos pautados no critério *verdade*, ao analisar a exposição do artista Aurelio de Figueiredo¹⁰⁴, caracterizará seus quadros como “[...] tão perfeitos, tão verdadeiros, tão sinceros!” (Santos, 1987i, p. 281). Ou, ainda, em 15 de

¹⁰² Antônio Diogo da Silva Parreiras (Niterói, 1880 – 1937).

¹⁰³ Não encontramos mais informações referentes a esse artista, mas observamos algumas variações na grafia do seu sobrenome nos textos da época, como Castagneda, Castanheda, Castañeda. Todos tratam do discípulo de Parreiras.

¹⁰⁴ Provavelmente refere-se à Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello (Paraíba, 1854 — Rio de Janeiro. 1916), irmão de Pedro Américo.

setembro de 1899, ao mencionar os trabalhos de Almeida Junior (São Paulo, 1850 – 1899) presentes na *Exposição Geral da Escola de Belas-Artes*, comenta: “‘Mendiga’ é outro quadro do mesmo auctor, de muita verdade e muita belleza” (Santos, 1987p, p. 156, grifo da autora).

Pois bem, voltemos as suas considerações a respeito do artista Cautanheda, agora a partir de outro pequeno fragmento extraído da crônica sobre a exposição da *Escola ao ar livre*.

A maneira do Snr. Cautanheda interpretar a natureza é bem **diversa** da de seu professor. Assim é que eu compreendo o talento de um artista. Abomino a rotina que entendia que o alumno seria a continuação de seu mestre! **Cada um deve pintar como sente, como compreende e como vê a Natureza** – a grande mestra. (Santos, 1987b, p. 36- 37)

Primeiramente, Maria Clara destaca que existem diferenças entre os trabalhos do artista que expõe e o de seu professor. Esse aspecto confere *individualidade* a Cautanheda, logo, é visto com bom grado. Num segundo momento, ela destaca que um artista deve pintar como *sente*, interpreta e observa a natureza, sugerindo uma ideia de afastamento de um estilo ou escola específicos e reforçando a concepção de *originalidade* na representação. Após mais alguns comentários sobre outros artistas expositores, o texto é finalizado em tom de satisfação: “[...] essa exposição denota que a arte da pintura vae fazendo progresso, entre nós” (Santos, 1987b, p. 37).

A ausência de especialidade também aparece entre os critérios de qualidade artística considerados pela escritora. Ao discorrer, por exemplo, sobre o pintor Adolpho Malevolti, do qual, sabemos, Maria Clara foi discípula, apontou: “Em todos os generos trabalha o illustre pintor que tanto honra e engrandece a sua arte” (Santos, 1987l, p. 351).

Referente à construção da imagem do artista moderno, cabe destacar um exemplo apresentado por Dazzi (2012): contrapondo a ideia de vitalidade idealizada na figura de Henrique Bernardelli, o artista moderno, Nicolau Facchinetti¹⁰⁵ (Treviso, 1824 — Rio de Janeiro, 1900) foi descrito por Gonzaga Duque, na circunstância da exposição compartilhada pelos artistas em 1886, como o arquétipo do artista do passado. Para o crítico, metaforicamente, “Facchinetti vê a natureza por uma janellinha de sótão, um pequeno óculo de parede; Bernardelli, ao contrario, olha para a natureza por uma grande janella aberta á luz, ao ar tonificante do campo” (Gonzaga Duque, 1886 *apud* Dazzi, 2012, p. 97).

Embora o preceito da imagem do artista não apareça de modo tão direto nos escritos de Maria Clara, observamos que nas suas considerações sobre Facchinetti, presentes na

¹⁰⁵ Ou Nicolao Antônio Fachinetti.

crônica de 30 de janeiro de 1898, sobre a exposição de pintura que acontecia na Ladeira da Glória, ela rapidamente associou a imagem do artista à ideia de velhice quando proferiu: “O Snr. Fachinetti é um velho que faz progressos. Sua maneira de pintar de hoje é muito melhor e mais agradável do que a de outros tempos em que a sua demasiada minuciosidade prejudicava muito a seus quadros” (Santos, 1987d, v.1, p. 117). Entretanto, apesar de afirmar que o artista era um “velho”, sobretudo, aponta para o seu progresso, isto é, ela identifica algo novo na sua pincelada, algo moderno, ou, ainda, uma modernização na técnica do artista. Logo, podemos perceber a sua predileção pela pincelada mais solta do artista, ao elogiá-lo por livrar-se da minuciosidade que o acompanhou no passado.

Na sequência de sua avaliação, destaca vigorosamente que a representação da paisagem de Teresópolis, no Rio de Janeiro, foi expressa de forma autêntica e consegue exaltar a abundância da terra brasileira. A paisagem em questão é bem avaliada pela autora, como podemos perceber no restante do seu escrito:

Uma vista de Theresopolis “Efeito de manhã” é um atestado de seu progresso. As sombras são muito bem projectadas e ha uma alegria nessa tela, uma alegria comunicativa e franca que faz bem a alma. Para nós, acostumadas ás magnificiencias deste ceu de anil e ás perspectivas tão grandiosas quanto encantadoras desta natureza exuberante e rica, o quadro a que me refiro é um estudo consciencioso da nossa terra. Sente-se que aquellas arvores, aquella luz, aquella ceu são nossos, são do Brazil. (Santos, 1987d, p. 117)

Mas existe outra passagem interessante nesse texto, em que Maria Clara descreve rapidamente o ateliê que o artista mantinha juntamente com Maria Forneiro. Observemos: “O atelier é muito bem montado, ha muita luz, muito espaço e sobretudo bellissimos panoramas desta incomparavel Guanabara”. Ora, se antes o artista observava a natureza por uma janelinha de sótão, como mencionou Gonzaga Duque, parece ter havido uma modificação nesse espaço de ateliê, ou uma nova concepção crítica.

Passemos agora a abordar um outro ponto importante em nossa análise: a valorização de temas nacionais. Como bem chamou a atenção Rafael Cardoso (2022), a tese criada nos anos de 1940, que apontava os modernistas paulistas da semana de 1922 como os responsáveis pelo resgate da representação de negros, índios e da paisagem rural, é facilmente desconstruída ao analisarmos a produção dos anos finais do século XIX. É possível, por exemplo, observar nos escritos de Maria Clara a predileção por obras que tinham como assunto a paisagem rural e interiorana, especialmente aquelas que representavam com maior veracidade os aspetos da paisagem brasileira, em acordo com ideia de consolidação de uma arte nacional.

O apontamento crítico de 30 de agosto de 1898, em que Maria Clara se refere à exposição de pintura de Adolfo Maleviti que ocorria no salão de uma casa na Rua dos Arcos, centro da cidade do Rio de Janeiro, demonstra a sua predileção por temas ligados à paisagem brasileira. Observemos:

Ha quadros, nessa exposição, que impressionam poderosamente ao visitante. Não posso, pelo pequeno espaço desta carta, tratar minuciosamente de todos elles. Recommendo entretanto, as appetitosas “Uvas brancas” tão **transparentes e verdadeiras**; as “Carambolas maduras” de encantadora belleza; aquellas “Arvores antigas” **tão nossas, tão brasileiras**; o bello “Efeito de sol” e a “Praia da Saudade”, quadro que deixa a alma do espectador repassada de doce melancolia. (Santos, 1987l, p. 351, grifo nosso)

Novamente observamos a ideia de *verdade* presente ao comentar sobre a pintura das uvas-brancas. Entretanto, sinaliza-se o comentário que direciona à pintura das árvores antigas — “tão nossas, tão brasileiras” —, por confirma a simpatia da escritora para as temáticas que reforçam a representatividade nacional.

Retomemos a crítica de 15 de setembro de 1899, sobre o trabalho de Almeida Junior. Mais especificamente ao ponto em que será comentado o quadro *O Violeiro*. Trata-se, sem dúvida, de uma crítica elogiosa ao artista, evidenciada por comentários como: “É um primor esse quadro”. Interessa-nos, porém, que a autora vai destacar a escolha do artista pela representação do caipira: “Os nossos caipiras são os seus modelos preferidos. Aprecio immenso essa manifestação de patriotismo do insigne pintor paulista” (Santos, 1987p, p. 155).

É importante mencionar que o artista Almeida Junior esteve presente em outras matérias de *A Mensageira*, sendo, inclusive, homenageado com uma das poucas imagens que figuraram nas páginas da revista (figura 18), conforme mencionado na apresentação do periódico. Logo, os elogios por ele recebidos não foram exclusivos de Maria Clara. Perpetua do Valle, pseudônimo de Presciliana Duarte, utilizado normalmente para assinar sua coluna *Impressões de leitura*, como sabemos, realiza em 15 de janeiro de 1898 uma homenagem ao

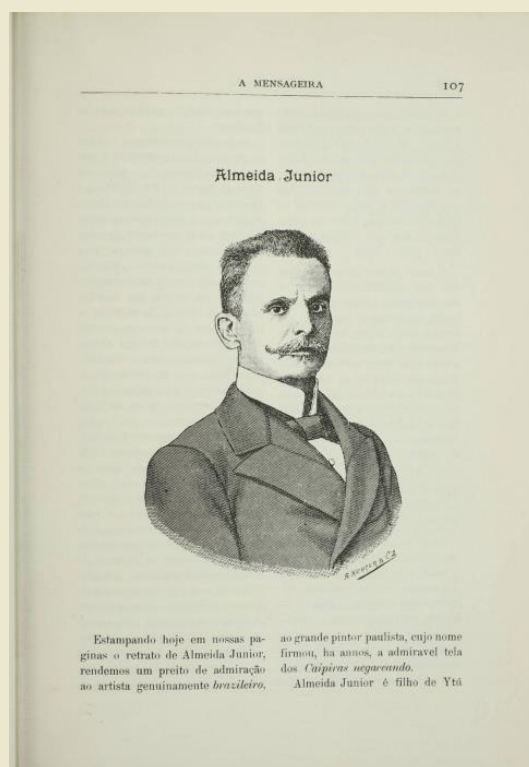


Figura 18 – Retrato de Almeida Junior, publicado na revista *A Mensageira*
Fonte: *A Mensageira*, São Paulo, ano I, n. 7, 15 jan. 1898, fac-símile, v. 1, 1987, p. 107

pintor “genuinamente brasileiro”. O texto abre com uma breve biografia de Almeida Junior, para então discorrer sobre seu novo trabalho, *Partida da Monção*. Após quase duas páginas, Perpetua do Valle encerra dizendo: “A terra que produziu Carlos Gomes, José de Alencar e Gonçalves Dias, não podia deixar de ter um Almeida Junior, que eternisasse na tela o *typo* dos caipíras brasileiros e as tradições da nossa pátria” (Valle, 1987, v. 1, p. 109).

Perpetua do Valle mencionará novamente Almeida Junior tempos depois, em 15 de janeiro de 1900, por ocasião da exposição de despedida do artista que havia sido assassinado. A escritora aponta:

A homenagem que a comissão de amigos presta á memoria de Almeida Junior com a monumental exposição, aberta a 11 do corrente, traz a todos que residem em S. Paulo ensejo de apreciar o *ensemble* grandioso dos trabalhos de um dos maiores artistas da terra americana. E sendo destinado o producto das entradas e venda dos catalogos a um monumento que perpetue a admiração nacional pelo insigne pintor que com tanto cunho de nacionalidade fazia os seus quadros, é de crer que não deixem de ir visitar a exposição todos que ainda tenham n'alma o culto do bello e a religião da pátria. (Valle, 1987, v. 2, p. 238, grifo da autora)

Podemos constatar que Perpetua do Valle sublinha de modo similar ao de Maria Clara a predileção por assuntos característicos da terra e do povo brasileiro, neste caso sobre a figura do caipira. Desta forma, igualmente em seus textos foi destacado o tema de caráter nacional escolhido pelo artista, assim como a valorização da “pátria”, ou seja, do Brasil.

Além dos comentários elogiosos de Maria Clara e Perpetua do Valle publicados na revista, vale mencionar que para Gonzaga Duque (1995, p. 181) na figura do caipira se espelhava a própria imagem do artista: “Ele é a sua obra. Forte, obscuro por índole, devotado ao estudo como é devotado ao canto de terra, [...] baixote e quase imberbe, simplório ao falar e simplório no traje, a arte é para ele uma nobre profissão e não uma profissão elegante [...]”. Ademais, o crítico satisfatoriamente comparou Almeida Junior ao pintor francês Jules Breton (1827 – 1906), conhecido por retratar o cotidiano dos camponeses de sua região:

[...] deste modesto provinciano, inalteravelmente roceiro, surgiu um artista de valor, e um dos mais intimamente ligados às condições estéticas da sua época; o mais pessoal, e, sem dúvida, um dos que melhor sabem expressar, com toda a clareza e nitidez de um estilo à Breton, os assuntos tomados de improviso a uma página da Bíblia, da História, ou simplesmente da vida de todos os dias e de todos os homens. (Gonzaga Duque, 1995, p. 181)

Logo, percebemos que a simpatia pelo trabalho de Almeida Junior, foi notória entre os críticos da época. Corrobora com essa afirmação o fato de os fragmentos do texto de

Gonzaga Duque, acima mencionados, pertencerem ao capítulo *Progresso*, da já citada obra *A arte brasileira*, referência importante para a historiografia da arte brasileira.

3.3. MARIA CLARA E GONZAGA DUQUE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Trataremos agora do cotejamento entre os escritos sobre arte de Maria Clara e Gonzaga Duque. Para tal, retomaremos algumas questões a respeito da produção do crítico, a começar pela sua obra *A arte brasileira*, publicada originalmente em 1888. Sabemos, que esse trabalho, ao lado do *Belas Artes: Estudos e Apreciações*, de Félix Ferreira, publicado um pouco antes, em 1885, são as principais referências historiográficas da arte do século XIX no Brasil. Logo, ponderar um diálogo entre a produção de Maria Clara e o renomado Gonzaga Duque, pode parecer à primeira vista uma proposta ousada. Entretanto, não desejamos uma comparação entre os escritores; longe disso, nosso objetivo é uma aproximação entre os discursos, a fim de analisar a possibilidade de situarmos os escritos sobre arte da escritora no campo da crítica de arte do seu tempo. Em outras palavras, nosso objetivo é traçar afinidades que deem luz e que possibilitem caminhos para a análise dos textos de Santos, considerando a inserção deles no campo da crítica de arte dos fins do século XIX e, com isso, situando-os na historiografia da arte brasileira.

Isto posto, seguiremos com algumas considerações a respeito do trabalho de Gonzaga Duque. Na mencionada obra, *A arte brasileira*, o crítico recorreu consideravelmente à crítica de arte francesa do século XIX, conforme apontou Daniela Kern (2013). A autora demonstra, em seu estudo, que a seleção dos críticos franceses elaborada por Gonzaga Duque foi, na maioria, composta por republicanos, logo, “[...] coloca em pauta não apenas questões estéticas, como a rejeição à cópia acadêmica e a valorização da expressividade, mas também as vinculações políticas [...]” (Kern, 2013, p. 8).

Entre os críticos referenciados por Gonzaga Duque encontra-se o influente Hippolyte Taine (França, 1828 – 1893). Em estudo sobre os modelos teóricos utilizados na passagem dos séculos XIX e XX, Pereira (2017) aborda o trabalho de Gonzaga Duque a partir da análise da obra *Filosofia da Arte* (1865), de Taine. O que a autora propõe, é destacar na proposta estética de Taine aspectos para além da filosofia Positivista. Demonstra, dessa forma, que a obra do crítico se distancia das características puramente vinculadas ao Positivismo quando entende a singularidade do artista e não apenas a arte como produto do meio. Nesse sentido, a arte teria a função de demonstrar, por meio da sensibilidade do artista, a essência das coisas. Em outras palavras, “o artista é fruto do seu meio — biológico,

geográfico e histórico”, porém, “deve refletir a realidade através de sua sensibilidade, através de uma vibração emocional interior que o coloca em comunicação simpática com a natureza e espelhando na sua obra uma reação pessoal e única.” (Pereira, 2017, p. 293).

Semelhantes concepções são observadas nos textos de Gonzaga Duque. Inclusive, o crítico brasileiro se vale de citações diretas do autor francês em várias passagens de seu livro. Desse modo, como já vimos, tramitava a ideia de uma arte sincera, *original* e o juízo de valor da obra estava, sobretudo, relacionado à *individualidade* e *sensibilidade* do artista e a sua *autenticidade* em “tornar visível a estrutura interna dos seres e objetos” (Pereira, 2017, p. 298).

Observamos, por exemplo, que no capítulo *Progresso* Gonzaga Duque, ao trazer apontamentos sobre João Batista Castagneto¹⁰⁶, o apresenta como um artista original. Destaca que Castagneto “sente, por uma maneira originalíssima” e que “Ele aprendeu consigo próprio”. Diz ainda sobre as paisagens do artista:

Impressiona fortemente, agarra o espectador e fá-lo sentir. Mas se alguém lhe for pedir uma tela à Desgoffe, ele voltando as costas, responderá como Cambronne aos ingleses. Será timoneiro, criado de servir, ajudante de pedreiro, moço de carretos, o que for preciso para ganhar subsistência; mas nunca, nunca abandonará o seu **estilo pessoal**, aquela nota livre e larga, que está intimamente ligada à sua natureza, que faz parte da sua organização e que é a nota mais luzidia e firme da sua crescente individualidade. (Gonzaga Duque, 1995, p. 200, grifo nosso).

Portanto, embora a natureza continue sendo um referencial importante, é no comportamento basilar de *sinceridade* frente ao modelo que se manifesta a *originalidade* da obra, refletindo a *personalidade* singular do artista. Se recordarmos do discurso de Maria Clara a respeito do artista Álvaro Cautanheda, na ocasião da exposição da *Escola ao ar livre*, em 1897, quando elogiou o fato do artista interpretar a natureza de maneira diversa de seu professor e na sequência defendeu que todo artista deve pintar a natureza como a sente, vê e compreende, observamos que as ponderações de ambos, Maria Clara e Gonzaga Duque, estavam próximas.

Porém, cabe reforçar que Gonzaga Duque, assim como Maria Clara e outros intelectuais coetâneos, se esforçava para atribuir tais concepções ao cenário local, logo se acrescenta essencialmente o desejo de uma arte nacional, isto é, uma arte genuinamente brasileira. Desse modo, outra questão interessante de destacar nas considerações de Gonzaga Duque diz respeito à paisagem brasileira — a qual, como vimos, permeou os textos de Maria

¹⁰⁶ Ou Giovanni Battista Felice Castagneto (Gênova, 1851 — Rio de Janeiro, 1900).

Clara. Se por um lado, o crítico demonstrou uma visão pessimista em relação à cidade e ao homem, por outro, valorizava a riqueza do cenário natural (Pereira, 2017). É o que podemos observar no seguinte trecho, ainda no capítulo de abertura de seu livro:

E raros países existem onde, à mercê de um pouco de bom gosto e de boa vontade, poder-se-ia levantar cidade tão bela. Nada nos falta. Temos muito perto de nós, inúmeras montanhas de granito de onde poder-se-ia retirar pedras para formosas construções e lajes para as mais largas calçadas; a terra tem viço, superabunda de vigor — delas surgem palmeiras gigantescas, mais airosas que o garbo escultural das colunas coríntias; copam-se árvores como engenhosos docéis, a vegetação brota rápida e feliz; cobre essa natureza exuberante um céu quase sempre limpo, alto, deslumbrante, banhado pelos raios do sol tropical. (Gonzaga Duque, 1995, p. 67).

Diante disso, podemos entender que embora existissem influências estrangeiras na produção nacional, sobretudo francesa, os agentes do meio artístico dos anos finais do século XIX desejavam firmar uma arte nova, mas, sobretudo, brasileira. Assim, não se sustenta a noção essencialista de arte acadêmica em que o período acabou sendo englobado, pois, primordialmente, desejava-se a modernização da arte e a afirmação da identidade nacional.

Para além das afinidades apontadas aqui entre os textos críticos sobre arte de Maria Clara e Gonzaga Duque, é necessário sublinhar que ambos os críticos, em concordância com as proposições de Gamboni (2012), circulavam entre outros gêneros literários e eram reconhecidos em seu tempo, sobretudo, como literatos e jornalistas. Gonzaga Duque, sabemos, se dedicou a escrita de romances, contos e crônicas, mas nos deteremos agora na sua atuação como periodista.

Desde o início da década de 80 até a sua morte em 1911, coincidentemente mesmo ano de falecimento de Maria Clara, trabalhou ativamente em diversos periódicos. No Rio de Janeiro atuou em jornais e revistas, como: *Gazetinha*, *O Globo*, *Os Annais*, *Kosmos*, *Diario do Commercio*, *A Semana*, *Cidade do Rio*, *Diário de Notícias*, *O Paiz* e *Rua do Ouvidor*. Vale sublinhar que nestes últimos, como vimos anteriormente, Maria Clara também colaborou. Vera Lins (2001, p. 25) ao olhar para os textos esparsos que Gonzaga Duque publicou nos periódicos de sua época faz a seguinte consideração:

[...] se mostra a atividade de um escritor que fala de tudo, desde a arte dos pintores brasileiros seus contemporâneos, como Castagneto e Parreiras, à de Rodin, Constantin Meunier, Gustave Doré, Manet e outros, às ilustrações de Natal ou às obras na cidade. Mais que um crítico de artes plásticas, atividades que exerceu com uma coluna em dois jornais, já em 1886, com vinte anos, se mostra um crítico da cultura. Exerce um pensamento constante sobre a emergência de uma cultura brasileira.

Na obra *Impressões de um amador* (2001), Lins e Guimarães organizam um compilado de texto esparsos de crítica produzidos por Gonzaga Duque e publicados nos periódicos cariocas, acima mencionados, entre 1882 e 1909. É interessante olharmos para esse material compilado, considerando que os escritos sobre arte de Maria Clara foram publicados no contexto periodista.

Diante das colocações de Lins referente a essa produção periodista de Gonzaga Duque, notamos como a construção textual dos dois escritores parece próxima. Observemos as palavras da organizadora de *Impressões de um amador*:

Seus artigos estão entre o ensaio e a crônica; um veio ficcional os percorre. **A aparência de um encontro casual como elemento motivador, propulsor da reflexão, se repete em vários e lhes dá um ar de crônica, fixando-os ao cotidiano [...].** O cotidiano do leitor, comum ao autor, também é motivo de reflexão. Nas colunas de arte acompanha os acontecimentos como um repórter, mas o crítico está presente o tempo todo, demorando-se em comentários de conhecedor da linguagem pictórica. (Lins, 2001, p. 31, grifo nosso)

Pois bem, agora tomemos como exemplo a coluna *Belas-Artes: impressões de um amador*, sob o pseudônimo Alfredo Palheta, publicada em 9 de setembro de 1888, no *Diário de Notícias*. Para proferir juízo ao trabalho do artista Pedro Weingartner (Porto Alegre, 1853 – 1929), Gonzaga Duque inicia seu texto remetendo o leitor a um momento cotidiano de sua infância, em que se distraía observando a rotina de um aprendiz de construção naval que passava as tardes trabalhando num pequeno modelo de corveta. O autor nos dá uma descrição detalhada do pequeno objeto e das minuciosas ações desempenhadas pelo paciente construtor. Foi a partir do recurso de apresentação da pequena historietta que o escritor passou a introduzir suas considerações a respeito do trabalho de Weingartner:

Vendo os quadros do Sr. Pedro Weingartner lembro-me do trabalho daquele obscuro construtor naval. Todos esses alfarrábios, panos, escrínios, leques, rosários, carteiras de colecionador, todas essas recordações de viagem, de tempos, de histórias, de artes, de arqueologia, e essas cabeleiras empoadas, esses rostos, esses corpos, do *Espólio*, custaram ao artista um trabalho fatigante, um ano de existência dispendido em alguns meses de paciência, de observação e de cuidados. E tudo isso reunido, dificilmente dá uma impressão intensa. (Gonzaga Duque, 2001, p. 185, grifo do autor)

Notamos que para o crítico a minuciosidade do artista não é vista com muito agrado. Vimos algo semelhante nas considerações de Maria Clara, publicada uma década depois, quando elogia o “velho” Facchinetti justamente por considerar que ele havia abandonado a

demasiada minúcia que prejudicava seus quadros. Vale sublinhar que este artista foi mencionado algumas vezes nos escritos de Gonzaga Duque que compõem o livro organizado postumamente. Em agosto de 1885, discorreu no jornal *A Semana*, sobre a exposição na casa *Gonçalves & Cia*. O “pincel minucioso” ou a “miniatura cuidada” foram pontos observados por Gonzaga Duque, que apesar de proferir um tom elogioso, mencionou:

[...] é preciso que se compreenda bem o trabalho de Facchinetti, que se o veja desprevenido de interesse por escolas, que se saiba diferenciar os gêneros na pintura, para não se exigir, ali, os atrevimentos de pincel em uma grande tela, os arrojados dos impressionistas. Ele baixa às minuciosidades. Quis ser exato e ser agradável. Fazer pequenino, porém fazer fiel; mostrar interesse pela arte e ser artista. E conseguiu o seu desejo. (Gonzaga Duque, 2001, p. 88-89)

No ano seguinte, no mesmo jornal, proferiu observações semelhantes ao artista que compartilhava exposição com Henrique Bernardelli, já mencionada anteriormente quando discutimos a construção de imagem do artista. Pois bem, nessa crítica Gonzaga Duque parece mais incisivo nas suas considerações (provavelmente por tratar-se de um texto comparativo entre os artistas), visto que proferiu frases como: “A natureza para ele é impassível, é uma estampa de academia. Ali está em sua frente, queda, silenciosa, inerte; sempre com o mesmo aspecto, sempre com os mesmos acidentes” (Gonzaga Duque, 2001, p. 137).

Entretanto, para concluirmos nossa análise, é interessante apontarmos outra obra de Gonzaga Duque, igualmente uma coletânea de artigos, porém todos publicados na mesma revista, *Kosmos*, a partir de 1904, e organizado pelo próprio autor em 1910. Trata-se de *Graves e Frívolos (por assuntos de arte)*. Nessa obra, Gonzaga Duque novamente dedica uma crítica, com mais de cinco páginas, ao então falecido Facchinetti. O crítico iniciou o seu texto descrevendo a imagem do artista e destacou o quanto este era reconhecido socialmente. Descreve a trajetória do artista desde sua chegada da Itália ao Brasil e a sua dedicação às artes, especialmente à paisagem brasileira. Sobre as pinturas de paisagens do artista, destacou, por um lado, a representação minuciosa da natureza, por outro, reconheceu o progresso nos estudos de cor. Por fim, reconhece que essas características conferiram a *individualidade* do artista, critério, como sabemos, relevante naquela época. Observemos as palavras do crítico:

A pouco e pouco foi-se aproximando da natureza, dando aos seus trabalhos o mérito da fidelidade, quase o valor duma estampa botânica. Mas, em compensação, melhorava a tonalidade, *entrava*, como se diz na gíria de

atelier, na cor dos nossos pores-de-sol, dos nossos verdes... Essas duas qualidades, pacientemente conseguidas, constituíram a sua *individualidade artística*. (Gonzaga Duque, 1997, p. 49-50)

Nessa retomada da trajetória do artista, Gonzaga Duque não chega a apontar para uma soltura no pincel de Facchinetti, como percebera Maria Clara, todavia, reconheceu certas qualidades no “mestre”, como percebemos na seguinte colocação a respeito de seus quadros: “[...] eles atingiram a uma intensidade colorida ainda não excedida e, como panoramas, a uma fidelidade incomparável” (Gonzaga Duque, 1997, p. 51). Por fim, Gonzaga Duque mencionou ainda a “glória de fazer escola” e sobre esta proferiu:

Existiu, contudo, uma utilidade nesta *escola*, consistindo ela no estudo do natural a que seus assuntos obrigavam. Ao lado do rude George Grimm, aquele inolvidável barbaças loiras que produziu Parreiras, Vasquez, Caron e França Júnior, foi Nicolau Facchinetti quem mais concorreu para o estudo da paisagem brasileira *d’après nature*. (Gonzaga Duque, 1997, p. 52)

Logo, percebemos que a rigidez acadêmica apontada na crítica de 1886, sede espaço para uma pintura que através da tonalidade pareceu ter conseguido aquilo que Arthur Valle e Camila Dazzi (2009, p. 124) apontaram como essencial à paisagem na arte brasileira no republicanismo: “capturar o ‘característico’ da natureza brasileira, sobretudo no que diz respeito à sua luminosidade e às suas cores típicas”.

Ao ponderarmos a respeito da crítica de arte nos anos finais do Oitocentos e do diálogo proposto entre o legitimado crítico Gonzaga Duque e Maria Clara, foi possível traçarmos algumas afinidades entre os seus textos. Tantos os critérios quando o formato de texto periodista dos autores, observa-se, eram próximos.

Nesse momento, talvez, não seja possível aproximá-los quando ao volume de produções no campo da arte. Gonzaga Duque é autor de uma das obras inaugurais da historiografia da arte no Brasil, além disso, seus textos periodistas formam um acervo digno de compêndios, como vimos.

Entretanto, não podemos esquecer que nesse recorte nos debruçamos exclusivamente aos textos que Maria Clara dedicou às belas-artes. Vera Lins (2001), ao organizar conjuntamente com Guimarães os textos de Gonzaga Duque para a obra *Impressões de um Amador*, se vale de publicações do escritor a respeito da literatura, da arquitetura, do urbanismo e do mobiliário, por exemplo. Logo, Lins (2001) pondera o crítico de arte como crítico da cultura. Se ampliássemos nossa abordagem para as demais tratativas de Maria Clara, ou seja, teatro, música, literatura, arquitetura, cidade, entre outros, ganharíamos um acentuado número de textos.

Além disso, é necessário lembrarmos das suas impressões de viagem, que resultaram na publicação de *America e Europa*, em 1908. Embora não tenhamos discutido essa obra, sabemos que Maria Clara visitou museus, escolas de belas-artes, exposições e demais instituições culturais nos Estados Unidos e nos países da Europa em que esteve. Logo, se não em outros periódicos, nesse livro podemos afirmar que a escritora dedicou parte de suas impressões ao cenário artístico e cultural.

Ainda em referência a essa publicação, não podemos deixar de destacar, apesar da obviedade, que essa viagem proporcionou à Maria Clara acesso a obras originais, que muitos críticos brasileiros conheciam somente mediante reproduções. Inclusive foi uma questão pontuada por Guimarães (2001), no estudo sobre Gonzaga Duque:

Em artigo na coluna “Belas Artes” de *A Semana*, de 23 de maio de 1885, artigo assinado pelas iniciais A. F. (cuja identidade não se pôde estabelecer), é comentado o livro de Félix Ferreira, *Belas-Artes: estudo e apreciações*, publicado no mesmo ano. Entre várias objeções que são feitas ao livro, interessam aqui as seguintes: “... inexatidão desculpáveis em um amador que nunca contemplou os verdadeiros cenários da arte”; “senões inevitáveis em crítico brasileiro que não saiu do seu país”. Essa ressalva feita aos conhecimentos de Félix Ferreira também se aplica a Gonzaga Duque (que, segundo consta, ao longo de sua vida só teria feito uma breve viagem a Portugal), salientando-se, por oposição, o imenso esforço para se aproximar de uma matéria que ele só podia conhecer pelas reproduções da época. (Guimarães, 2001, p, 14)

Essa questão é importante, na medida que reforça ainda mais a relevância de Maria Clara para a historiografia da arte. Ademais, ao realizarmos esse cotejamento dos escritos sobre arte de Maria Clara e as críticas de Gonzaga Duque, foi possível identificar algumas convergências entre suas abordagens, como a valorização da originalidade e da individualidade do artista, assim como a importância da representação de forma sincera e autônoma. Embora suas visões difiram em alguns aspectos, ambos desejavam a modernização da arte e a afirmação da identidade artística nacional. Essas aproximações nos possibilitam situar os escritos de Maria Clara no campo da crítica de arte do final do século XIX, enriquecendo a historiografia da arte brasileira e proporcionando uma compreensão mais abrangente do legado de Maria Clara, enquanto crítica de arte e/ou da cultura.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos dedicados à produção de Maria Clara são recentes e, também, poucos, especialmente no campo da arte. Logo, o que buscamos nessa dissertação não foi um diagnóstico completo a respeito dos seus escritos sobre arte, mas sim abrir caminhos para alguns diálogos e possibilidades de investigação. Desse modo, um tanto das questões que guiaram esse trabalho ainda aguarda respostas; enquanto outras, ao serem respondidas, suscitaram novos questionamentos.

Aliás, é relevante mencionar os comentários de Guimarães (2001, p. 12) a respeito das dificuldades de pesquisa sobre o trabalho periodista do crítico Gonzaga Duque. O pesquisador apontou os impasses na identificação dos pseudônimos, a problemática das referências incompletas ou equivocadas, bem como as falhas e o estado de conservação nas coleções dos periódicos.

Se considerarmos, diante das dificuldades pontuadas por Guimarães, que Gonzaga Duque é um autor legitimado no nosso campo e, sendo assim, uma certa gama de pesquisadores estão debruçados sobre sua produção (análise, recuperação e conservação); é possível dimensionarmos o longo trabalho de dedicação que requer o resgate e avaliação da produção de Maria Clara. Assim como percebemos o quão significativo foi o ato de Presciliana, ao disponibilizar a coleção completa da revista *A Mensageira* ao *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, na tentativa de sua preservação, culminado anos depois em sua edição fac-similar. E o quanto é importante a fomentação de pesquisas relacionadas ao trabalho de Maria Clara (e de outras mulheres) no campo da arte.

Como dito anteriormente, mais do que respostas, buscamos nesse percurso de pesquisa possibilitar diálogos a partir das cartas e demais produções de Maria Clara, e, nesse sentido, entende-se que conseguimos bons avanços. Inicialmente, o nosso diálogo começou entre os campos artístico, literário e jornalístico. Ademais, para uma análise mais apurada da produção de Maria Clara, era necessário o entrelaçando, mesmo que breve, com outras áreas, por exemplo, a sociologia, a história, a política, a economia.

Ao realizarmos o diálogo entre o contexto social, político e econômico com as discussões travadas na revista, conseguimos aprofundar as ideias que geriam aquela rede formada ao entorno de *A Mensageira*. Sobretudo, referente à trama fortalecida que as mulheres daquele círculo formavam e os direitos que reivindicavam. Além disso, olhar para os escritos de Maria Clara na totalidade, alicerçada nos estudos literários, históricos e sociais, para depois partirmos para a análise dos trechos relacionados ao nosso tema central, os

escritos sobre arte, possibilitou uma aproximação das nuances que permeavam os seus textos, bem como um olhar apurado sobre essa produção.

Finalmente, a partir do cotejamento entre os escritos de Maria Clara e Gonzaga Duque, foi possível traçar um diálogo entre os critérios de juízo presentes nos discursos dos críticos. Além disso, a respeito da produção periodista, foi possível notar a aproximação nas estruturas textuais. Essa análise reforçou a inserção de Maria Clara no campo da crítica de arte dos fins do século XIX e, com isso, possibilitou situá-la na historiografia da arte brasileira.

Isto posto, precisamos falar sobre algumas limitações dessa pesquisa e possíveis caminhos investigativos. Uma pergunta que não contentamos por completo, no ínterim dessa trajetória, foi referente à possibilidade de haver outros textos críticos de Maria Clara sobre o cenário das belas-artes em periódicos para além da revista *A Mensageira*. Ao estudarmos o contexto social e político da época, bem como os propósitos do periódico dirigido por Presciliana Duarte, compreendemos que aquele seria um espaço seguro para uma mulher proferir suas ideias e opiniões.

Entretanto, sabemos que as literatas daquele momento ocupavam espaços em periódicos gerais, ou seja, colaboravam em periódicos que não eram dirigidos ou voltados especificamente para mulheres. Ora, se é verdade que Maria Clara colaborou em revistas e jornais feministas e/ou femininos, como *A Mensageira* e *A Família*, igualmente é verdade que colaborou em jornais de comum abrangência, como *Cidade do Rio*, dirigido por José do Patrocínio, *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, *O Paiz* e *Gazeta de Notícias*, de sociedades anônimas.

Conforme elucidamos na Introdução, o levantamento dos periódicos de circulação nacional fora realizado através da plataforma *Hemeroteca Digital* e a busca concentrou-se por período (1890 – 1899; 1900 – 1910; 1910 – 1919¹⁰⁷); e por sentenças específicas, com variações do nome da escritora (“Maria Clara Vilhena da Cunha”; “Maria Clara da Cunha Santos”) e título de obras (literária: “America e Europa”; artística: “Meu Gabinete”). Todavia, percebemos que a busca nesse formato não era de todo precisa. Em outras palavras, o programa de busca por frases nem sempre dava resultados com exatidão. Devido ao tempo determinado dessa dissertação, não foi possível realizar a busca por paginação, mas ao realizarmos um pequeno teste, foi possível notar que algumas ocorrências haviam ficado de fora do relatório gerado nesse sistema de busca¹⁰⁸. Logo, é provável que outras contribuições de Maria Clara no periodismo de sua época ainda estejam por ser encontradas. Uma

¹⁰⁷ A plataforma disponibiliza a busca apenas por décadas.

¹⁰⁸ Soma-se ainda alguns erros de grafia ou abreviação do nome da escritora.

possibilidade de pesquisa futura seria percorrer as folhas dos jornais que mais mostraram ocorrências nesse primeiro levantamento, sendo entre as décadas de 1890 a 1909: *O Paiz*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Cidade do Rio*, *Correio do Amanhã*, *A Imprensa* e *A Família*.

Ainda, cabe enfatizar a *Carta do Rio* publicada no jornal *Escrínio*, em 1910, mencionada na pesquisa de Gautério (2015). Esse é um rastro investigativo relevante que surgiu no andamento da pesquisa e que não conseguimos concluir. Logo, entende-se como uma possibilidade relevante de busca, sobretudo, no período que compreende fevereiro de 1910, ano da publicação da carta saudosista de Maria Clara no *Escrínio*, a outubro de 1911, visto que ela manteve uma produção ativa até o seu falecimento.

Por fim, outra questão tocante aos escritos sobre arte, de autoria de Maria Clara, é a utilização de pseudônimos. Sabemos que a escritora era conhecida pelo apelido de “Mimosa”, mas não encontramos textos com tal autoria. Entretanto, não podemos descartar a possibilidade da utilização de outras assinaturas, visto que era uma prática comum naquele momento. Diversos colaboradores da revista utilizavam — como vimos a exemplo de Presciliana Duarte, que assinava alguns textos como Perpetua do Valle. Ou, ainda, Gonzaga Duque, que se valeu de pseudônimos para assinar alguns de seus escritos, como Alfredo Palheta e Barrabás-Brentano (Guimarães, 2001).

Todavia, se não encontramos, até este momento, escritos sobre arte de Maria Clara em outros periódicos; podemos, sim, ponderar que a obra publicada em 1908, *America e Europa*, é uma fonte com impressões da autora a respeito do cenário artístico e cultural dos países que visitou. Logo, um estudo dedicado à análise dos relatos que a escritora apresenta, é outro desdobramento importante para o campo.

Sendo assim, entendemos que a pesquisa não se encerra com essa dissertação. Consideramos que, neste momento, foram oferecidas algumas abordagens possíveis e feito uma parte do levantamento da produção da crítica de arte — ou crítica da cultura, se considerarmos a completude de suas *Cartas do Rio* —, Maria Clara da Cunha Santos.



FONTES PRIMÁRIAS

TEXTOS PUBLICADOS NA REVISTA *A MENSAGEIRA* (1897 E 1900)

A LITERATURA feminista na exposição de 1900. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 215, 1987.

A MENSAGEIRA. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v. 1, p. 155-158, 1987.

ALMEIDA, João Vieira de. Chronica omnimoda. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 12-13, 1987a.

ALMEIDA, João Vieira de. Chronica omnimoda. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 54-56, 1987b.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Entre amigas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 3-5, 1987.

ALMEIDA, Prescilina Duarte. Duas palavras. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 1-2, 1987.

ALMEIDA, Prescilina Duarte. Feliz Encontro. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 176, 1987.

ALMEIDA, Prescilina Duarte. Na Selva. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 270, 1987.

ALMEIDA, Silvio de. Cartão de parabens. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 10-11, 1987.

B. Tabella para o traçado das curvas de nível pelo engenheiro civil Dr. José Americo do Santos. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 232-234, 1987.

BELLAS artes. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 16, 1987.

CARDONA, Ibrantina. Carta à Presciliana Duarte de Almeida. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 38-41, 1987.

CARVALHO, Maria Amalia Vaz de. A mulher do futuro. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 133-139, 1987.

CARVALHO, Xavier de. O feminismo. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 97-99, 1987.

CORTINES, Julia. O Deserto. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 11, 1987.

DIREITOS da mulher. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 201-205, 1987a.

DIREITOS da mulher. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 217-222, 1987b.

FERREIRA, Ridelina. O Tio Job. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 51-58, 1987.

LEMOS, Maria Emilia. Carta com ares de chronica. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 43-44, 1987.

LEMOS, Maria Emilia. Falso encanto. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 17-18, 1987.

M.P.C.D. A nossa condição. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 49-51, 1987a.

M.P.C.D. A nossa condição. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 81, 1987b.

MELLO, Revocata Heloisa de. Felice Cavallotti. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 252-254, 1987.

MONTEIRO, Julieta de Mello. Recordando. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 372-373, 1987.

MONTEIRO, Julieta de Mello. Téla Sombria. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 361, 1987.

NOTAS pequenas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 15-16, 1987a.

NOTAS pequenas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 45, 1987b.

NOTAS pequenas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 127-128, 1987c.

NOTAS pequenas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 239-240, 1987d.

NOTAS pequenas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 23, 1987e.

NOTAS pequenas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 70, 1987f.

NOTAS pequenas. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 116, 1987g.

O SUFFRAGIO feminino em a Nova Zelandia. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 70-72, 1987.

OLIVEIRA, Andradina de. O Amador. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 328-333, 1987.

PIERRE, Eugénie Potonié. A solidariedade feminista. Tradução: Josephina Alvares do Azevedo. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 206-208, 1987.

PIRES, Aurea. De longe. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 42, 1987.

PIRES, Aurea. Dezoito de novembro. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 67, 1987.

RECEBEMOS e agradecemos. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 175, 1987a.

RECEBEMOS e agradecemos. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 95, 1987b.

RENNOTTE, Maria. A mulher é uma força ativa na sociedade. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 141-142, 1987.

SABINO, Ignez. Na Thebaiba. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 58-60, 1987.

SABINO, Ignez. Por montes e valles. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 309-313, 1987.

SANTOS, José Americo do. Seleção. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 57, 1987.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Brilhantes brutos. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 6-9, 1987.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 19-20, 1987a.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 36-37, 1987b.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 83-84, 1987c.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v. 1, p. 117, 1987d.

- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 163-165, 1987e.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 186, 1987f.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 244-246, 1987g.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 258, 1987h.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v. 1, p. 281, 1987i.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 305-306, 1987j.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 321-322, 1987k.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v. 1, p. 351, 1987l.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v. 2, p. 1, 1987m.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 41, 1987n.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 86, 1987o.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 155-156, 1987p.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. De Luto. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 13, 1987.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Martyr de amor. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 193, 1987.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Saudade incurável. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 143-145, 1987.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Uma carta. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 5-6, 1987.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha; VIEIRA, Adelina Lopes. Dois Oásis. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 44, 1987.

SELEÇÃO. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 14, 1987a.

SERRANO, Pelayo. Ainda um assunto feminino. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 129-132, 1987.

VALLE, Perpetua do. Almeida Junior. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 107-109, 1987.

VALLE, Perpetua do. Exposição Almeida Junior. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 238-239, 1987.

VALLE, Perpetua do. Impressões de leitura: Livro das crianças, Zalina Rolim, 1898. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 137-139, 1987.

VALLE, Perpetua do. Impressões de leitura: Phantasias, Candida Fortes, 1897. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 295-298, 1987.

VALLE, Perpetua do. Impressões de leitura: Plectos, versos de Ibrantina Cardona, 1897. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 72-76, 1987.

VALLE, Perpetua do. Maria Clara da Cunha Santos. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 353-355, 1987.

VALLE, Perpetua do. Mme. De la Fayette. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.1, p. 235-237, 1987.

VIEIRA, Damasceno. Julieta de Mello Monteiro. **A Mensageira**. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, v.2, p. 189-192, 1987.

LIVROS

GARNIER, M. J. Maria Clara da Cunha Santos. In: FREIRE, Laudelino (org). **Sonetos brasileiros** (edição completa): desenho dos sonetos. 5º vol. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cie Editores, 1913.

GONZAGA DUQUE. **Graves & Frívolos** (por assuntos de arte). Rio de Janeiro: Sete letras; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

GONZAGA DUQUE. **Impressões de um amador**: textos esparsos de crítica (1882-1909). Belo Horizonte: Editora UFMG; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

GONZAGA DUQUE. **A Arte Brasileira**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

ROMERO, Sylvio. Um livro de viagens. In: ROMERO, Sylvio. **Provocações e Debates** (Contribuições para o Estudo do Brazil Social). Porto: Livraria Chardron, 1910.

SABINO, Ignez. **Mulheres ilustres do Brazil**. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora das mulheres, 1996.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. **América e Europa**: Impressões de Viagens. Rio de Janeiro, Typ. Do Instituto Profissional Masculino, 1908.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. **Painéis**. Rio do Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, 1902.

SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliana. **Pyrilampos e Rumorejos**. Charleston: Nabu Press, 2012.

VIEIRA, Adelina Amelia Lopes. Prefácio. *In*: SANTOS, Maria Clara Vilhena da Cunha; DUARTE, Presciliana. **Pyrilampos e Rumorejos**. Charleston: Nabu Press, 2012.

CATÁLOGOS

ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Exposição geral de Bellas-Artes**. Rio de Janeiro: ENBA, 1897. Catálogo de Exposição.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Exposição geral de Bellas-Artes**. Rio de Janeiro: ENBA, 1898. Catálogo de Exposição.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Exposição geral de Bellas-Artes**. Rio de Janeiro: ENBA, 1899. Catálogo de Exposição.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Exposição geral de Bellas-Artes**. Rio de Janeiro: ENBA, 1900. Catálogo de Exposição.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Exposição geral de Bellas-Artes**. Rio de Janeiro: ENBA, 1901. Catálogo de Exposição.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES. **Exposição geral de Bellas-Artes**. Rio de Janeiro: ENBA, 1902. Catálogo de Exposição Ilustrado.

PERIÓDICOS

A MENSAGEIRA: revista literária dedicada a mulher brasileira. Directora Presciliana Duarte de Almeida. São Paulo, ano I, n. 1, 15 out. 1897. Disponível: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=352438&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 18 ago. 2023.

A. A. Palestra. **O Paiz**, ano, XV, n. 5233, p. 2, 2 fev. 1899. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_02&pasta=ano%20189&pesq=%E2%80%9Cbonito%20quadrinho%20pintado%20por%20D.%20Maria%20Clara%20da%20Cunha%20Santos%22&pagfis=22181. Acesso em: 18 ago. 2023.

ALMEIDA, Julia Lopes. Dois dedos de prosa. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 8741, p. 1, 8 set. 1908. Disponível: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=%22maria%20c

[lara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=17302.](#)
Acesso em: 18 ago. 2023.

AS NOSSAS escritoras (enquete). **Almanach Do Paiz**, Rio de Janeiro, ano I, p. 371-372, 1910. Disponível:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=344850&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=1>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ASSOCIAÇÕES. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 349, p.3, 15 dez. 1902. Disponível em:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_02&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=11653. Acesso em: 18 ago. 2023.

AZEVEDO, Arthur. Bellas-Artes. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 6175, p. 1, 4 set. 1901. Disponível:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&Pesq=bellas-artes&pagfis=3059. Acesso em: 18 ago. 2023.

AZEVEDO, Josephina Álvares de. Livros e jornaes: Pylilampos e Rumorejos. **A Familia**, Rio de Janeiro, ano II, n. 58, p. 2, 3 maio 1890. Disponível:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=379034&pesq=%22maria%20clara%20vilhena%20da%20cunha%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=407>. Acesso em: 18 ago. 2023.

AZEVEDO, Josephina Álvares de. Livros e jornaes: Pylilampos e Rumorejos. **A Familia**, Rio de Janeiro, ano II, n. 59, p. 2, 10 maio 1890. Disponível:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=379034&Pesq=%22maria%20clara%20vilhena%20da%20cunha%22&pagfis=415>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BANCOS e instituições mercantis. **Almanak Laemmert**: Administrativo, Mercantil e Industrial, Rio de Janeiro, n. A00050, p. 1128, 1893. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=%22Dr.%20Jose%20OAmerico%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=5888>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CINEMATOGRAFO. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 84, n. 196, p. 128, ago. 1908. Disponível:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_08&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=10013. Acesso em: 18 ago. 2023.

CLUBS e salões. **Cidade Do Rio**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 78, p. 2, 30 dez. 1901. Disponível:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=085669&Pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pagfis=12063>. Acesso em: 18 ago. 2023.

DIA social: casamentos. **Correio Da Manhã**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1750, p. 3, 27 abr. 1906. Disponível:
https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_01&pasta=ano%20190&pe

[sq=%22Maria%20Clara%20da%20Cunha%20Santos%22&pagfis=10467](#). Acesso em: 18 ago. 2023.

DOLORES, Carmen. A Semana. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 8718, p. 1, 16 ago. 1908. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&Pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pagfis=17068. Acesso em: 18 ago. 2023.

DOLORES, Carmen. A Semana. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 9018, p. 2, 13 jun. 1909. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&Pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pagfis=19821. Acesso em: 18 ago. 2023.

ESTRADAS de ferro (grupo 3º). **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial**, Rio de Janeiro, n. C00048, p. 1196, 1891. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=%22Dr.%20Jose%20Americo%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=1624>.

Acesso em: 18 ago. 2023.

ESTRADAS de ferro (grupo 3º). **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial**, Rio de Janeiro, n. A00053, p. 1277, 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=%22Dr.%20Jose%20Americo%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=12920>.

Acesso em: 18 ago. 2023.

EXPOSIÇÃO de trabalhos femininos no lyceu de artes e officios. **Jornal Do Brasil**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano XII, n. 257, p. 3, 14 set. 1902. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_02&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=5267.

Acesso em: 18 ago. 2023.

EXPOSIÇÃO nacional de 1908. **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial**, Rio de Janeiro, n. A00066, p. 2420, 1909. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pesq=%22exposi%C3%A7%C3%A3o%20nacional%20de%201908%22&pagfis=39042>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Ridelina. Estudos e opiniões: Trovas. **A Provincia**, Pernambuco, ano XXXIV, n. 262, p. 1, 22 set. 1911. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=22097.

Acesso em: 18 ago. 2023.

GONZAGA DUQUE. Ao chegar o verão. **Kosmos**, Rio de Janeiro, ano III, n. 11, s/p, nov. 1906. Disponível:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=146420&pasta=ano%20190&pesq=%22ao%20chegar%20o%20VERAO%22&pagfis=1931>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GRUPO de Santa Cecilia. **Jornal Do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 69, n. 329, p. 1, 26 nov. 1891. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_08&pasta=ano%20189&pesq=%22Maria%20Clara%20da%20Cunha%20Santos%22&pagfis=5869. Acesso em: 18 ago. 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, RJ, ano 85, n. 222, p. 3, 11 ago. 1905.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_09&pagfis=10009. Acesso em: 18 ago. 2023.

LIVROS e impressos. **A Capital**, Niterói, ano I, n. 23, p. 2, 11 mar. 1902. Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=223085&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=42>. Acesso em: 18 ago. 2023.

LIVROS novos. **Cidade Do Rio**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 141, p. 2, 17 mar. 1902.

Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=085669&Pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pagfis=12311>. Acesso em: 18 ago. 2023.

M. Olympo. **Revista Ilustrada**, ano 15, n. 602, p. 3, 6 set. 1890. Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747&pesq=%22maria%20clara%20vilhena%20da%20cunha%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=4394>.

Acesso em: 18 ago. 2023.

MUNHOZ, Alcides. Letras: Paineis. **A Republica**, Curitiba, ano XVII, n. 235, p. 2, 17 out. 1902. Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215554&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=13767>.

Acesso em: 18 ago. 2023.

NOTAS mundanas. Elegancia feminina: a nossa “enquete”. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 1238, p. 5, 13 maio 1911. Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=245038&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=12140>.

Acesso em: 18 ago. 2023.

O BRASIL no estrangeiro. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 5720, p. 2, 30 out. 1904. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_04&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=6405.

Acesso em: 18 ago. 2023.

P. R. America E Europa. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, ano XXXVI, n. 5827, p. 4, fev. 1911. Disponível:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=26073.

Acesso em: 18 ago. 2023.

PINHEIRO, Xavier. Impressões de Leitura. **O Suburbio**, Rio de Janeiro, ano II, n. 64, p. 317, out. 1908. Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=818747&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=182>. Acesso em: 18 ago. 2023.

R. Poetisas. **O Mercantil**, ano VII, n. 1782, p. 1, 8 ago. 1890. Disponível em:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720895&pesq=%22maria%20clara%20vilhena%20da%20cunha%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=137>.
Acesso em: 18 ago. 2023.

REVISTA DE ENGENHARIA. Rio de Janeiro, n. 231, p. 81, 14 abr. 1890. Disponível:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&pesq=%22Dr.%20Jose%20Americo%20dos%20Santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=3161>.
Acesso em: 18 ago. 2023.

RIBEIRO, João. A exposição de Bellas Artes. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, tomo XI, p. 367, jun-set. 1897. Disponível:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=139955&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=11212>.
Acesso em: 18 ago. 2023.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Ideal. **Correio Da Manhã**, Lisboa (Portugal), n. 3368, ano XII, s.p, 18 ago. 1895. Disponível:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890529&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=15621>.
Acesso em: 18 ago. 2023.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. *In*: AS NOSSAS ESCRITORAS [enquete]. **Almanach Do Paiz**, Rio de Janeiro, ano I, p. 380-383, 1910. Disponível:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=344850&pesq=%22maria%20clara%20da%20cunha%20santos%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=377>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SOUSA, Alberto. Paineis. **Arquivo Ilustrado**, São Paulo, ano, IV, n. XXXII, p. 244, 1902. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=719102&pasta=ano%20190&pesq=%22paineis%22&pagfis=214>. Acesso em: 18 ago. 2023.

UMA FESTA escolar. **O Malho**, ano V, n. 215, s/p, 27 out. 1906. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20190&pesq=maria%20clara%20da%20cunha%20santos&pagfis=8189>. Acesso em: 18 ago. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMBERT, Zuleika. A Mensageira: uma contribuição feminista. *In*: **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Diretora Presciliana Duarte de Almeida. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado e Secretaria de Estado e Cultura, v.1,1987.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas, volume III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar** – A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia geral, vol. 2: habitus e campo: curso no Collège de France**. Petrópolis: Vozes, 2021.

CABRAL, Ana Claudia de Moura. **Maria Clara da Cunha Santos e a crítica de arte em A Mensageira (1897-1900)**. 2017. 194 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CAMARA, Sônia. As Damas da Assistência à Infância e as Ações Educativas, Assistenciais e Filantrópicas (Rio de Janeiro/RJ, 1906-1930). **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 21, n. 53, p. 199–218, 2017.

CARDOSO, Rafael. A reinvenção da Semana e o mito da descoberta do Brasil. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 104, p. 14–34, 2022.

CARNIEL, Morgana. A ironia como meio de subversão do discurso em “Carta do Rio”, de Maria Clara da Cunha Santos. *In*: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). **Imprensa Feminista e Literatura: contribuições da revista "A Mensageira"**. Caxias do Sul: Educs, 2019.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. A crítica de arte como fonte de pesquisa para a formação de coleções e a História da Arte. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 24º, 2015, Santa Maria. **Anais do 24º Encontro da Anpap**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2015. p. 1963-1973.

CHAGAS, Floriza Garcia. **Álbum das Meninas, Revista Literária e Educativa Dedicada às Jovens Brasileiras: estudo de um Impresso de Anália Franco (1898-1901)**. 2016. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

CHIARELLI, Tadeu. Gonzaga-Duque: a moldura e o quadro da arte brasileira. *In*: GONZAGA-DUQUE. **A Arte Brasileira**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995. p. 11-52.

CHIARELLI, Tadeu. Introdução. *In*: FERREIRA, Félix. **Belas Artes: estudos e apreciações**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAZZI, Camila. Crítica de arte: uma nova forma de escrever o século XIX no Brasil. *In*: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2004, Belo Horizonte. **Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Belo Horizonte, 2004.

DAZZI, Camila. O moderno no Brasil ao final do século 19. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, v. 11, p. 87-124, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira, Volume 3: República – Memórias (1889-1950)**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX**: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ELKIN, Lauren. **Flâneuse**: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. São Paulo: Fósforo, 2022.

GAMBONI, Dario. Proposições para o estudo da crítica de arte do século XIX. Tradução de Arthur Valle. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. **Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s)**: entrelaços de um legado feminista. 2015. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Empenho crítico: Gonzaga Duque na imprensa. *In*: GONZAGA DUQUE. **Impressões de um amador**: textos esparsos de crítica (1882-1909). Belo Horizonte: Editora UFMG; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas**: 1850-1937. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

KAMITA, Rosana Cássia. Revista "A Mensageira": alvorecer de uma nova era? **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (N.E.): 264, p. 164-168, set. - dez. 2004.

KERN, Daniela Pinheiro Machado. Gonzaga Duque e a crítica de arte francesa. **Encontro de História da Crítica de Arte**: temas e arquivos, São Paulo: UNIFESP, 2013.

LAITANO, Paloma Esteves. As flores silvestres de Maria Clara da Cunha Santos. *In*: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Retratos de camafeu**: biografias de escritoras sul-riograndenses. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense; Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, 2020.

LINS, Vera. O crítico de arte como crítico da cultura. *In*: GONZAGA DUQUE. **Impressões de um amador**: textos esparsos de crítica (1882-1909). Belo Horizonte: Editora UFMG; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

LUCA, Leonora de. **"A Mensageira": Uma Revista de Mulheres Escritoras na Modernização Brasileira**. 1999. 578 f. Mestrado (Sociologia) – Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 1999.

MENDES, Bete. Apresentação. *In*: A MENSAGEIRA: revista literária dedicada à mulher brasileira. Diretora Presciliana Duarte de Almeida. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado e Secretaria de Estado e Cultura, v.1 e 2, 1987.

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Retratos de camafeu**: biografias de escritoras sul-riograndenses. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense; Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, 2020.

- NASCIMENTO, Priscila Amorim Coser do; SILVA, Maria do Carmo Couto da. Historiografia e crítica de arte brasileira no século XIX: uma análise em anais de eventos científicos de 2000-2015. *In: OS SILÊNCIOS NA HISTÓRIA DA ARTE*, 2017, Campinas. **Ata do XII Encontro de História da Arte do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas**. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2017, p. 411-417.
- NEVES, Margarida de S. Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. *In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 4, p. 14-44, 2003.
- NEVES, Maria Alciene. **Os Brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos**. 2009. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São José del-Rei, São José del-Rei, 2009.
- PEREIRA, Sonia Gomes. Algumas discussões sobre a historiografia da arte no Brasil: os modelos teóricos na passagem dos séculos XIX e XX. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 26º, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.286-300.
- PEREIRA, Sonia Gomes. **Arte, Ensino e Academia: estudos e ensaios sobre a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2016.
- SALDANHA, Benedito. **Luciana de Abreu e o Partenon Literário**. Viamão: Revolução Cultural, 2006.
- SÁNCHEZ, Laura; PINHEIRO, Rute. **Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual do século XIX**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2015.
- SILVA, Maria do Carmo Couto da. A arte francesa na crítica de José Duarte Ramalho Ortigão e de Mariano Pina. *In: III COLÓQUIO DE TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARTE*, 2019, Brasília. **Anais do III Colóquio de Teoria, Crítica e História da Arte**. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), 2019, p. 19-27.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. O Corpo Inacessível: às mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.-jun. 2007.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.
- TEIXEIRA COELHO, José. Moderno. Modernismo. Modernidade. O “projeto da modernidade”. Margens da “nossa” modernidade. Contemporaneidade. Modernidade na arte. *In: TEIXEIRA COELHO, José. Moderno pós-moderno*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VALE, Vanda Arantes do. **Pintura Brasileira do século XIX** - Museu Mariano Procópio. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2002.

VALLE, Arthur; DAZZI, Camila. “As bellezas naturaes do nosso paiz”: o lugar da paisagem na arte brasileira, do Império à República. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 10, v.1, n. 14, p. 122-135, jun. 2009.

VASCONCELOS, Eliane. Maria Clara Vilhena da Cunha Santos. *In: Escritoras Brasileiras do século XIX*. V. II. MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.), Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VENTURI, Lionello. A crítica francesa no século XIX. *In: VENTURI, Lionello. História da crítica de arte*. São Paulo: Martins Editora, 1984.

VIEIRA, Tiago de H. P. A crônica brasileira do século XIX: uma breve história, de Marcus Vinicius Nogueira Soares. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 37, n. 2, p. 1017-1030, 2018.

WOOLF, Virginia. **Profissões para Mulheres Artistas** e Outros Artigos Feministas. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). **Imprensa Feminista e Literatura**: contribuições da revista "A Mensageira". Caxias do Sul: Educs, 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). **Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX**: Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Caxias do Sul: Educs, 2018.



APÊNDICE A – RESUMO ANALÍTICO DA COLUNA *CARTA DO RIO*, CUJA TEMÁTICA RELACIONA-SE COM AS BELAS-ARTES (15 CARTAS)

Análise das <i>Cartas do Rio</i> * com tema relacionado às Belas Artes			
30 out., 1897, Ano I, n. 2, p. 19	15 nov., 1897, Ano I, n. 3, p. 36-37	15 jan., 1898, Ano I, n. 7, p. 102	30 jan., 1898, Ano I, n. 8, p. 116-117
Maria Clara fala sobre a importância da verdade nas artes. Compreende que a beleza se encontra na poesia ou na pintura de artistas que não falsificam o que sentem ou o que veem. Ela destaca a natureza como a grande mestra.	Aborda a Exposição da <i>Escola ao ar livre</i> , do paisagista Parreiras. Elogia os trabalhos do aluno Alvaro Cautanheda, destacando a verdade das cores e a correção dos desenhos. Menciona ainda D. Hortência, Sr. Alberto Silva e Silvio Moreira.	Menciona duas exposições de pintura que aconteciam no momento: da Escola de Belas Artes e a de Fachinette e Maria Forneiro.	Fala sobre sua visita à Exposição de Fachinette e Maria Forneiro, na Ladeira da Glória. Elogia a estrutura, a iluminação e a vista do ateliê para a Guanabara. Elogia Fachinette pela projeção de sombras e pela franquesa na representação da vista de Teresópolis. Menciona que Maria Forneiro tem talento, assim como seu irmão, Domicio da Gama, elogiano a sua representação da Praia de Icaraí.
30 jun., 1898, Ano I, n. 18, p. 281-282	15 jul., 1898, Ano I, n. 19, p. 301-303	31 jul., 1898, Ano I, n. 20, p. 305-307	15 ago., 1898, Ano I, n. 21, p. 321-323
Comenta sobre a Exposição de pintura de Aurelio de Figueiredo. Elogia seus quadros por serem perfeitos, verdadeiros e sinceros. Menciona a sua predileção pela paisagem mineira.	Crítica um artista brasileiro que copiou um quadro de gênero de um ilustre pintor que havia exposto no <i>Salão de Paris</i> . Menciona ainda a <i>Exposição retrospectiva</i> , organizada pelo <i>Centro Artístico</i> , entre os grandes acontecimentos da quinzena.	Elogia a <i>Exposição retrospectiva</i> , organizada pelo <i>Centro Artístico</i> , após rápida visita.	Retoma sua visita a <i>Exposição retrospectiva</i> , organizada pelo <i>Centro Artístico</i> , para comentar o seguinte fato que presenciou: um visitante direcionava palavras ásperas a um quadro, mas ao tomar conhecimento que se tratava da autoria de Berne-Bellecour, muda sua opinião e passa a elogiar a obra.
30 ago., 1898, Ano I, n. 22, p. 351-352	15 set., 1898, Ano I, n. 23, p. 364	15 abr., 1899, Ano II, n. 27, p. 59-60	15 maio, 1899, Ano II, n. 28, p. 87-88
Discorre sobre a Exposição de pintura de Adolpho Malevolti, que ocorria num vasto salão de uma casa na Rua dos Arcos. Menciona que estavam expostas 26 telas completas, perfeitas, exemplarmente desenhadas. Informa que o artista já havia conquistado diversos prêmios pelos países que apresentou suas obras, inclusive uma medalha de ouro em uma <i>Exposição da Escola Nacional do Rio de Janeiro</i> . Elogia a verdade nas pinturas expostas. E, ainda, revela que o artista é seu professor, sentindo-se suspeita para falar sobre a exposição.	Fala sobre a 5ª <i>Exposição Nacional de Pintura</i> , inaugurada no dia 1º de setembro. Comenta que a exposição estava magnífica e destaca o trabalho <i>Partida de Monção</i> , de Almeida Junior.	Fala do quadro <i>Ceia do Senhor</i> , de Leonardo Da Vinci, exposto na Igreja do Senhor Bom Jesus do Calvário. Elogia o movimento e a vida que há no quadro. Também comenta sobre as figuras em tamanho natural. Entende que há no quadro todas as regras técnicas da pintura, toda a verdade e sentimento necessários a uma obra de arte.	Narra o diálogo entre uma escritora e uma pintora. Ambas queixavam-se sobre o tratamento disprezado ao artista: a pintora comentava que as pessoas pediam suas obras de presente, enquanto a escritora observava o hábito comum das pessoas em solicitar que ela escrevesse sobre suas vidas.
15 jun., 1899, Ano II, n. 29, p. 103;105	15 ago., 1899, ano II, n. 30, p. 119-122	15 set., 1899, Ano II, n. 32, p. 155-156	15 jan., 1900, Ano II, n. 36, p. 230-232
Comenta o falecimento da artista Rosa Bonheur, apresentando um pouco da sua trajetória. Menciona ainda que Nicolina Vaz de Assis estava realizando um busto do Almirante Saldanha da Gama.	Ao discorrer rapidamente sobre os principais eventos da quinzena, menciona a exposição de quadros do pintor Baptista da Costa.	Discorre sobre a 6ª <i>Exposição Geral da Escola de Belas Artes</i> . Destacando os trabalhos de Almeida Junior. Elogia a técnica do artista, seu desenho impecável e a verdade das cores. Aprecia ainda o tema do caipira presente em seus quadros. Também destaca a participação feminina na exposição, mencionando a presença de 13 pintoras e 1 escultora de grande mérito. Por fim, fala sobre a crítica, entendendo que a crítica verdadeira traz benefícios, mas a oriunda de desafetos ou de amizades íntimas, não tem mérito.	Menciona rapidamente em tom elogioso a exposição de pintura de Madruga Filho e de B. Parlagreco. Com pesar comenta o assassinato de Almeida Junior.

*levantamento realizado a partir da edição fac-similar da revista *A Mensageira*, 1987.

Fonte: a autora.

**APÊNDICE B – TABELA DE ARTISTAS, OBRAS E/OU EXPOSIÇÕES MENCIONADOS POR MARIA CLARA NA COLUNA
CARTA DO RIO**

Carta do Rio*	Artistas	Obras	Exposições
15 nov., 1897, Ano I, n. 3, p. 36-37	Parreiras	—	Escola ao ar livre
	Alvaro Cautanheda	n.º 24 – Rua em ladeira; n.º 21 – Rancho de Camaradas	
	Hortencia D.	—	
	Alberto Silva Snr.	Mangueiras; Amendoeiras; Roça; n.º 31 – Porteira	
	Silvio Moreira Snr.	n.º 50 (praia)	
30 jan., 1898 Ano I, n. 8, p. 116-117	Fachinette	vista de Theresopolis “Efeito de manhã”;	Ladeira da Glória
	Maria Fomeiro	Praia de Icarahy	
	Domicio da Gama	—	
30 jun., 1898, Ano I, n. 18, p. 281-282	Aurelio de Figueiredo	n.º 31 – Poço das Aguas Virtuosas (Lambary)	—
15 ago., 1898, Ano I, n. 21, p. 321-322	Berne-Bellecour	—	Centro Artístico - Exposição de Arte retrospectiva
30 ago., 1898, Ano I, n. 22, p. 350-352	Adolpho Malevolti Sr.	Uvas brancas; Carambolas maduras; Arvores antigas; Efeito de sol; Praia da Saudade	Salão de uma casa na Rua dos Arcos
15 set., 1898, Ano I, n. 23, p. 364	Almeida Junior	Partida da Monção;	5ª Exposição Nacional de Pintura
15 abril, 1899, Ano II, n. 27, p. 59-60	Leonardo de Vinci	Ceia do Senhor	Igreja do Senhor do Bom Jesus do Calvario
15 jun., 1899, Ano II, n. 29, p. 103	Rosa Bonheur	—	—
15 jun., 1899, Ano II, n. 29, p. 105	Nicolina Vaz de Assis	Busto do Almirante Saldanha da Gama	—
15 ago., 1899, ano II, n. 30, p. 120	Baptista da Costa	—	—
15 set., 1899, Ano II, n. 32, p. 155-156	Almeida Junior	Saudades; Mendiga; Violeiro; Importuno	6ª Exposição Geral da Escola de Bellas Artes
15 jan., 1900, Ano II, n. 36, p. 230-231	B. Parlagreco	—	—
	Madruça Filho	—	—

*levantamento realizado a partir da edição fac-similar da revista *A Mensageira*, 1987.

Fonte: a autora.

APÊNDICE C – TABELA COM TERMOS DE JUÍZO SOBRE AS BELAS-ARTES PRESENTES NO DISCURSO DE MARIA CLARA

Principais expressões de juízo presentes no discurso de Maria Clara sobre o tema das belas artes*	
Positivos	Negativos
admirável de naturalidade	copiada
alegre	copiou
alegría	falsas
alegria comunicativa e franca	falsifica
bella	imaginação
bella exposição	inventada
belleza	mentirosas
belleza surprehendente arrebatada e commove	minuciosidade
bello	não têm verdade
bello estudo	pinta o que não sente
bonito	pinta o que não vê
colorido verdadeiro	triste
correção do desenho	
criterosa observação	
desenho impecavel	
digno	
diversa (sentido de originalidade)	
elegancia e naturalidade das figuras	
elevado	
encantadora belleza	
estudo consciencioso	
extraordinária composição	
fiel	
figuras parece que fallam	
geometricas proporções	
grande valor artistico	
harmonico	
harmonioso conjuncto	
impressão	
irreprehensivelmente desenhadas	
lindissimo	
luz vibrante e forte	
manifestação de patriotismo	
muita poesia	
muita vida	
muito movimento	
natureza é a melhor mestra	
observação	
original	
perfeitos	
muita perspectiva	
perspectivas tão grandiosas quanto encantadoras	
pintar como comprehende	
pintar como sente	
pintar como vê	
poesia	
quadro extraordinario	
quadros alegres	
quadros claros	
quadros de muito folego	
regras technicas da pintura	
rigor technico	
rigorosa precisão da perspectiva	
riqueza do colorido	
sente-se que aquella côr é quente	
sinceros	
sombras são muito bem projectadas	
subito valor artistico	
tão brasileiras	
tão nossas	
technica admiravel	
telas completas	
telas perfeitas	
temura nos olhos	
verdade	
verdade das côres	
verdade e sentimento	
verdadeiras	
verdadeiros	

* Expressões extraídas dos trechos das 16 cartas com tema relacionado às belas artes

Fonte: a autora.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA COLUNA *CARTA DO RIO* EM ORDEM CRONOLÓGICA DE ACORDO COM A EDIÇÃO FAC-SIMILAR DE 1987 (31 CARTAS)

30 de outubro de 1897, ano I, n. 2, p. 18-20¹⁰⁹

Começam agora os formosos dias de verão! Levanto-me muito cedo para os banhos de mar e aprecio immensamente estas deliciosas manhãs, que me enchem a alma de sã e benéfica alegria.

O mar é um encanto! Nadar — eis um dos maiores prazeres concedidos por Deus aos miseros mortaes. Outro dia, estava no mar, admirada, esquecida a contemplar a magestade das ondas que plácidas e serenas davam ao mar o aspecto de um manso lago. De repente sinto bom juncto a mim um objecto estranho que aos balanços preguiçosos das ondas se aproximava da praia. Contemplo-o admirada! Que havia de ser? Uma trança postiça de cabello grisalho, presa ainda a um grampo de tartaruga!

A trança despresada aos balanços das ondas approximava-se e afastava-se de mim.

Pobre trança perdida! disse eu! De quem és? A quem pertences? Quem seria a tua primitiva dona? Comecei a imaginar mil cousas exquisitas.

Aquella trança era velha, estava cheia de cabellos brancos, e seria a velhice a causa de seu despreso? Não creio. Fôra talvez perdida no banho, quando prestava á sua velha dona o serviço precioso de não lhe deixar a calva á mostra.

Neste tempo de horrível carestia, aquella trança daria ainda alguns nickeis em um belchior qualquer da rua da Carióca.

Trança postiça — que ignominia!

A falar verdade, todas as tranças postiças deviam ter um fim trágico, não direi que fossem lançadas ao mar, por hygiene e formosura das praias, mas lançadas ás chammas de uma fogueira enorme!

Para toda a alma bem formada, a natureza é a melhor mestra, é o mais importante factor da perfectibilidade humana.

Nenhum poeta consegue impressionar e arrabatar seus leitores se suas poesias não têm verdade, se suas dores são mentirosas, se suas descripções são falsas.

¹⁰⁹ Grafia original conforme edição fac-similar.

O pintor que inventa marinhas, que falsifica paisagens e que de cór pinta o que não vê e por conseguinte o que não sente, não conseguirá jamais imprimir a seus quadros a nota característica e alegre da verdade e do bello.

As naturezas muito sensíveis sentem-se impressionadas diante de quadros verdadeiros e cheios de criteriosa observação.

Esta impressão, esta alegria é a consciencia da propria verdade.

A *Mensageira* teve feliz acceitação aqui no Rio. Ouvi de muitas pessoas auctorizadas, palavras de animação e apreço.

Ainda bem !

Projecta-se para breve uma bella festa ao ar livre, no Passeio Publico, organisada por senhoras das principaes famílias desta Capital. Haverá corridas de bicycletas, baile infantil e mil outras cousas encantadoras. Applaudo essas festas campestres, onde as creanças podem brincar á vontade, sem receio de abalar o *porte -bibelots* com as [sic] solavancos dos pulos ou fazer em muitos pedaços um bello e precioso vaso de Sèvres.

A proposito de creanças: minha vizinha tem uma filhinha adoravel, formosa e loura, de 4 annos de idade. Em casa acostumaram-se (que maldito costume!) a amedrontar as creanças quando fazem manhas com a invocação do nome de *seu* Azevedo. É preciso que eu explique que *seu* Azevedo é um bom amigo de familia, muito velho e horrivelmente feio. É carinhoso para as creanças, mas não consegue a affeição desses anjinhos por causa de sua horrível careta, que a falar verdade, assusta até a gente grande.

A menina da vizinha, querendo mostrar a sua coragem, o seu grande heroísmo ás outras creanças, suas companheiras, approximou-se de seu Azevedo, que todo grave e sentencioso conversava com a avó da creança, no sofá da sala.

A pobresita queria-se mostrar valente e conseguiu dar alguns passos para juncto do homem, mas era impellida por uma força extranha e afastava-se, depois, novamente se approximava, toda tremula, com a voz entrecortada pelo pavor e dizia, meio rindo meio chorando: “Seu Azevedo, estou pertinho do Senhor e não tenho medo nenhum.”

As outras creanças, pasmas com a coragem desta menina, gritavam: volta, volta, que elle te péga.

O pobre velho, desapontado, fingia não entender a historia das creanças; a avó, envergonhadíssima, disfarçava como melhor podia.

De 15 em 15 dias conto poder palestrar com as leitoras desta revista. Prometto ser laconica e contar só cousas alegres, mesmo porque com tristezas, como já disseram, não se pagam dividas.

Os jardins estão lindíssimos agora. Em minha casa as margaridas e jasmins do Cabo abundam em profusão. As flores, além das muitissimas virtudes que têm, possuem mais uma que percebi por esperiencia propria: falam-nos das pessoas amadas que estão ausentes, com imperiosa e doce insistência, e é por isso que ao ver margaridas brancas e roxas juntas em um ramilhete lembro-me saudosa de Zalina Rolim que em um dia, de agradável palestra, me contou sua predileção por essas duas especies de margaridas — as brancas e as roxas.

Por hoje, faço ponto.



15 de novembro de 1897, ano I, n. 3, p. 36-38

Ha dois dias que esta grande capital está sob a dolorosa impressão que causou o nefando atentado contra o Presidente da Republica e occasionou a morte do inclyto e valoroso Marechal Bittencourt. A expressão do pezar e da magoa lê-se em todos os semblantes.

Nós, mulheres brasileiras, envergonhamo-nos desse triste acontecimento que enlutou a alma nacional, porque foi um brasileiro o autor de tão barbaro crime.

O Marechal está hoje immortalizado. O seu enterro foi uma apothese, sentia-se que a alma do povo soluçava diante de seu tumulo coberto de flores! E que morte cheia de heroismo! Quanta abnegação! Para salvar um amigo querido e um chefe respeitável, ele o valoroso e bravo Marechal não trepidou em expor seu peito ao punhal assassino.

Morreu como vivera — legando num exemplo de altruismo e de heroica disciplina aos republicanos sinceros.

“Victima do dever” foi o distico que se lia nas fitas da riquíssima grinalda que o estado de Minas offereceu ao grande morto. Expressiva e verdadeira essa inscrição tão singela!

Duzentas e tantas grinaldas sobre a sua sepultura! A’ desventurada esposa do Marechal e aos 11 queridos filhinhos que deixou, essa manifestação espontânea de pezar e de respeito do povo, ha de commover em extremo. Sobre o tumulo do glorioso Marechal Bittencourt — martyr de seu grande coração — eu verto sinceras lagrimas de dor!

O mais importante acontecimento artistico da quinzena foi, sem duvida, a exposição de pintura da “Escola ao ar livre”, dos alumnos do paysagista Parreiras. São 4 os expositores,

entre elles uma senhora, e 60 os quadros. Alvaro Cautanheda expõe 25 telas. Elle é o mais adiantado dos discipulos de Parreiras. De seus quadros destaco o de n.º 24 – Rua em ladeira – que me agradou muito pela correção do desenho e verdade das côres.

Ha nesse trabalho muita perspectiva, a gente vê que as pilastras d'aquelle portãosinho são feitas com geometricas proporções.

O quadro n.º 21 – Rancho de Camaradas – é dffcilimo mas não agrada geralmente. As brazas daquelle fogão rustico que os camaradas costumam fazer nos ranchos, são brazas verdadeiras, sente-se que aquella côr é quente, é de fogo; mas o aspecto geral é triste, não impressiona bem.

A maneira do Snr. Cautanheda interpretar a natureza é bem diversa da de seu professor. Assim é que eu comprehendo o talento de um artista.

Abomino a rotina que entendia que o alumno seria a continuação de seu mestre! Cada um deve pintar como sente, como comprehende e como vê a Natureza – a grande mestra.

D. Hortencia apresenta 3 bons trabalhos. Incontestavelmente os melhores quadros do Snr. Alberto Silva são Mangueiras e Amendoeiras. Quanta verdade, observação e poesia nesses trabalhos! Advinha-se logo que o pintor é um poeta. Os reflexos da luz do sol são feitos por mão de artista. Do mesmo pintor destacarei ainda o quadrinho “Roça”.

Ha muita alegria nessa téla e eu adoro os quadros claros e alegres.

Faz-nos lembrar, esse quadro, umas casinhas rusticas que vimos na infancia, assim vagamente, sem poder precisar a epocha e nem o logar.

O quadro n.º 31 – Porteira – é muito bello. Fala-nos á alma das paysagens do sertão.

O Snr. Silvio Moreira apresenta um bello estudo de mar no quadrinho n.º 50. A espuma da praia é fiel e parece que as aguas vão e voltam nas ondas impetuosas d'aquelle mar agitado.

Os quadros tinham grande abundancia de verniz, principalmente sobre o verde das arvores e dos montes e o verniz usado assim, em demasia, prejudica os effeitos da luz.

Em todo o caso essa exposição denota que a arte da pintura vae fazendo progressos, entre nós.

Parabens sinceros a Parreiras e seus talentosos discipulos.

Não quero terminar esta carta como principiei, com uma nota triste; muito ao contrario quero contar aos leitores da *Mensageira* cousas alegres.

Assisti, ha dias, a uma festa intima, por occasião do anniversario natalicio do marido de uma amiga. O programma da festa, originalissimo, começava pela “Manifestação dos Bébês — um grupo de engraçados rapazes que vestidos como creancinhas de 2 annos, de

touca, camisola ampla, babadouro e pandeirinho á mão — faziam-nos rir a morrer. Imaginem, os rapazes pareciam verdadeiras creancinhas, falavam em linguagem incerta, titubeando e andavam como quem ensaia os primeiros passos, cáe aqui, cáe acolá. A festa continuou pela noite a dentro, cheia sempre de surpresas e originalidades e terminou com uma engraçada comedia e um entusiasmado Cotillon. Arremedar uma creança com graça e naturalidade é muito mais difficil do que arremedar o Fregoli. Quem duvidar...experimente, é um brinquedo inoffensivo.

7 de Novembro.



30 de novembro de 1897, ano I, n. 4, p. 51-54

Desta vez mestre Flammarion ficou com pouquissima cotação para os cariocas.

Os sábios erram, os philosophos mentem...

A annunciada chuva de estrellas não veio. Debalde muita gente ficou acordada, trocando inutilmente as melhores horas de somno por uma vigilia inutil.

Para compensar tamanha decepção, o céu quiz nos consolar e no sabbado passado, entre onze horas e meio dia, muita gente viu um phenomeno metereologico interessante, um arco-iris enorme a roda do sol. Sinto realmente não ter observado esse holophote celeste que, segundo me disseram, foi bellissimo.

Os sábios erram, os philosoplios mentem...

Para mim, a melhor filosofia consiste em saber viver, supportar com paciencia os defeitos alheios e procurar diminuir ou attenuar os proprios.

Conheci, no sertão de Minas, um homem de mediana educação e que, no emtanto, era um philosopho perfeito. Elle encarava a vida como a vida é: uma serie de factos, uns alegres e outros tristes, mas todos naturaes e esperados. Tinha esse homem muitos filhos, era fazendeiro e remediado de fortuna. A sua filha mais velha era muito talentosa, mostrava muito gosto pelas lettras e pela musica. O pae mandou educal-a em um excellente collegio em Ouro-Preto, fez contente as grandes despezas que obrigavam as penosas e longinquas viagens e durante 5 annos a filha foi todo o seu cuidado e todo o seu orgulho.

Concluida a educação no collegio, voltou para a Fazenda, onde tinha escolhida bibliotheca e excellente piano. Lia, estudava e, sempreultivando com esmero seu espirito delicado, conseguiu tornar-se uma mulher illustrada e util.

Hoje, casada com o Juiz de Direito de lá, vive feliz e transmite a seus filhos a educação solida e benefica que possue.

A segunda filha do fazendeiro não gostava absolutamente de estudar. Os livros e o piano causavam-lhe somno. Aos 14 annos mal sabia assignar o nome. O pae — isto é que é ser philosopho — ccmprehendeu depressa a inclinação da filha e chamou-a á fala um dia. Depois de longas ponderações, disse-lhe: a gente neste mundo deve servir para sala ou para cosinha; a utilidade das creaturas é a mesma, quer interprete Chopin, como tua irmã, quer cultive a terra, como eu; quer amamente os filhos e remende a roupa velha, como tua mãe, quer finalmente, como teu irmão, dome animaes bravios. O que é preciso é que cada um siga a sua inclinação, ahi é que está o grande segredo da vida. Acho que esta historia de livros e de musica não te agrada; vê lá se queres outra vida, por exemplo — casar. Se queres te casar, dize-me, falarei ao filho do Compadre Lopes, que está nos casos, é bom rapaz, trabalhador, sadio.

— E' isso mesmo, meu Pae, sou de sua opinião, não dou para estudos, quero me casar.

Em menos de dois mezes o filho do Compadre Lopes recebia como esposa a formosa roceirinha.

Passaram-se os tempos. Quando a terceira filha estava na idade de ir para o collegio, o pae chamou-a e, em um discurso cheio do verdades incontestáveis, depois de lhe dizer o que era a vida na sua dolorosa accepção, perguntou-lhe: queres estudar, como tua irmã mais velha ou casar, como a outra?

Papae, eu quero estudar e depois...mais tarde...casar.

— Perfeitamente, iremos então na próxima semana para Ouro-Preto, vaes para o collegio onde esteve tua irmã.

A quarta filha, mais disposta á vida material do que ás letras, pediu em vez de livros — um marido. Desta sorte o homem philosopho não contrariou a vocação das filhas e vivem hoje as quatro muito felizes, a seu modo, está claro.

A terceira, casada com um medico, é amiga inseparável da primeira, tocam piano juntas, lêem os mesmos livros, estudam e criam seus filhos muito diversamente da segunda e da quarta, que, também muito amigas, vivem lá a cultivar a terra, plantando favas e pepinos e creando os filhos a laçar bois, pescar, caçar; emfim, uma vida completamente material. O velho — o philosopho, ama-as por equal. Bem razão tinha elle em afirmar que cada um deve seguir a sua inclinação.

Não foi muito melhor assim?

Eu prefiro um bom hortelão a um medico mediocre, do mesmo modo que gosto mais de uma mulher que faça excellentes biscotinhos fritos na gordura do que de uma que faça sonetos do pé quebrado.

E assim é que deve ser a vida.

Na quinzena passada tive o grande prazer de ir á bordo do “La Plata” abraçar a minha distincta amiga Mrs. Speers, esposa do illustre superintendente da S. Paulo Railway, ingleza de nascimento e paulista de coração, pois que, há vinte annos, reside nessa capital, que é a patria de seus filhos.

Voltava de Londres. Estava esplendido o dia! Um sol brilhante — parecia de encomenda. As montanhas, o mar e toda esta bahia ostentavam o mais bello panorama possivel.

Mrs. Speers, encantada, saudosa desta terra sem igual, não se cançava de admirar a nossa rica natureza.

A’ bordo vinha um inglez velho; ora a primeira vez que vinha ao Brazil. O velho — que já viajou a Africa, a Asia, a Europa quasi toda, dizia embevecido que o panorama do Rio de Janeiro era o mais esplendido que elle conhecia.

Desembarcaram e durante as horas que passaram em terra visitaram o pittoresco arrabalde do Cosme Velho, a rua do Ouvidor e alguns edificios notáveis, adquirindo algumas vistas da formosa Guanabara. E note-se que o inglez já devia estar muito acostumado com bellos panoramas porque ele é da Escossia, onde a natureza, dizem, é exuberante e formosa!



15 de dezembro de 1897, ano I, n. 5, p. 67-70

Durante toda a quinzena os telegrammas de Pariz não cessaram de falar sobre o emocionante caso do Capitão Dreyfus, sobre a campanha de reabilitação que em seu favor se move em França. Realmente, não pode deixar de impressionar todos os espiritos esse caso assombroso!

Eu li a dolorosa historia do soffrimento desse homem, de sua ignóbil degradação militar, dos despresos, humilhações, insultos e ultrajes que soffreu e senti uma grande admiração por aquella alma torturada quando respondia a seus algozes estas palavras tão simples mas tão expressivas e cheias de heroismo: Eu sou innocente, eu sou innocente!” A’ esposa de Dreyfus, conforme o uso de França, facultou a lei o direito de desligar do seu o degradante nome do marido. Mas a esposa não quiz; o amor — o eterno regenerador da humanidade — falou mais alto a seu coração magoado que o desprezo e o odio da multidão enfurecida, não desprezou o nome ignominioso de seu companheiro de existencia, continuou a amal-o. Passaram-se os tempos.

Hoje, mais calmos os espiritos de seus contemporaneos, passado o primeiro momento do delirio da vingança, eis que a possibilidade da innocencia d'aquelle homem, começa a apparecer.

O seu martyrio foi tão profundo, tão dolorosa foi a sua tortura, que, se elle provar que é innocente, eu creio que a unica reparação possivel a tão negra injustiça, seria a sua canonisação.

Extremeço ao pensar no remorso dos algozes de um dos maiores martyres do século dezenove!

No Hospicio Nacional de Alienados também appareceu uma historia commovente: trata-se de uma senhora que foi recolhida áquelle estabelecimento como louca e como louca alli conservada ha mezes. Dizem que ha um mysterio em tudo isso, que a mulher não é louca, o que está provando o seu advogado com attestados médicos. Realmente, se a Snr.^a em questão provar que não é louca e sahir do Hospicio ainda em pleno goso de suas faculdades mentaes, provará que tinha juizo de sobra quando lá enrou [sic], pois que a grande dôr de se ver encerrada em um quarto de Hospicio, para satisfazer a vingança de um desaffecto, não teve a força precisa para escurecer-lhe a razão. Outras creaturas que não se tivessem declarado ainda, teriam em vista de tão cruciantes provas, excellente occasião de mostrar que sofriam da telha...

O Riachuelo, o formoso couraçado que durante alguns mezes esteve em concerto no dique Guanabara, ha dias que fluctua garboso nas aguas de nossa bahia. Quando o Riachuelo aqui chegou quasi inutilisado, com o casco arreventado e a roda da proa partida, houve quem dissesse ser preferivel envial-o a qualquer bom estaleiro da Europa, onde pudesse ser reconstruido com perfeição. Mas um brasileiro que tem confiança em sua terra e em seus patricios assegurou que os reparos, comquanto muito difficeis, poderiam ser praticados aqui mesmo. E de facto, o Riachuelo está prompto, garboso de sua força, orgulhoso de suas tradições, a balançar-se tranquillo sobre as aguas da nossa formosa bahia.

Que por longos annos não precise de outro concerto, é o que desejo para economia dos cofres publicos, já tão depouperados e para gloria dos operários brasileiros.

Se, em epochas remotas, alguém ousasse affirmar que os surdos-mudos, com o estudo de methodos scientificos, viessem, ao fim do algum tempo, a falar intelligivelmente, duvidariamos, e com razão. No emtanto, os últimos exames do Instituto dos surdos-mudos desta Capital acabam de provar que não é uma utopia o que nos pareceria impossivel, ha

annos passados. Dois alumnos falaram, é verdade que monotonamente, com uma só inflexão de voz e quasi aphonics, mas, em todo caso, é um progresso que devemos assignalar contentes. São dignos de maiores elogios o Director do Instituto, Dr. João Paulo, e os profesores, particularmente o Snr. Candido Jucá. Já não é tão desgraçado, como era em outras epochas, o surdo-mudo. E' bastante consoladora a ideia de que um homem que seria fatalmente um inútil, um peso para a humanidade, o benemerito Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro educa e aparelha para as luctas da vida com o mais valioso dos capitaes — a instrucção.

Os bonds, os bonds... que tormento! Não ha logar, passam os bonds repletos, e a gente, que não sabe gymnastica não se aventura a um assalto tão perigoso como o de embarcar em um bond, nesta cidade, a certas horas do dia.

Sei de uma amiga que hontem perdeu duas horas e tanto a ver se arranjava logar em um bond de Villa Izabel para ir ás touradas, nas Laranjeiras. Eram precisos quatro logares, havia quatro senhoras nessa família. Os bonds passavam repletos, de vez em quando, á laia de consolação, lá um ou outro tinha um logarzinho, mas um só! ...óra ellas queriam quatro! — tambem que exigentes! — e esperaram, esperaram. Afinal, quando conseguiram os desejados logares, estavam já cançadíssimas e aborrecidas. Mas quem mora em Villa Izabel e quer ir á Praça de touros em Laranjeiras tem que tomar dois bonds; por conseguinte, supplicio duplo.

Para encurtar razões, quando as minhas amigas chegaram ás touradas, nem lá entraram; para que? O povo sahia em massa, acotovelando-se, contente, a discutir o merito dos toureiros e a brabura dos bois: tinha-se acabado a função.

Recebi o livro de Ignez Sabino intitulado “Noites Brasileiras” com uma captivante dedicatória. O livro foi impresso em Pariz e é ornado com gravuras. E' muito bonitinho. A auctora dedica-o ás creanças e ella propria me disse que elle tem tido muita procura e acceitação.

Ainda bem. Gósto disso. Em carta dirigida ao A. A.¹¹⁰ do *Paiz* e publicada na “Palestra”, Ignez Sabino diz francamente que não necessita das palavras de louvor dos nossos literatos, inclusive o A. A., pois que teve os maiores elogios de distinctos homens de letras. E é por isso que eu, a mais humilde das collaboradoras da “Mensagem”, abstenho-me de falar sobre o merito do livro; faria má figura a minha desauthorisada opinião. Que poderia eu dizer que valesse a pena, quando a auctora tem, como diz, em seu abono, a opinião dos mestres?

¹¹⁰ Trata-se de Artur Azevedo.

De coração agradeço o conto “Entre rosas” que ella bondosamente me offereceu.

Aproxima-se o Natal. Ahi vem o tempo das festas e das alegrias, dos presentes, das amendoas, das folhinhas e dos *bonbons*.

Termino esta *Carta* enviando boas-festas ás assignantes da “Mensageira”.



30 de dezembro de 1897, ano I, n. 6, p. 82-85

A litteratura franceza acaba de soffrer grande perda com a morte do genial escriptor Alphonse Daudet. O telegrapho transmittiu-nos essa noticia que tem contristado geralmente a todos os amantes das letras de aquem e de além mar.

Lembro-me ainda da deliciosa impressão que me causou n’alma a leitura de um conto de Daudet — O dedal de prata.

Eu era muito creança e esse foi um dos primeiros contos que li.

Foi a historia commovente de uma menina pobre que fôra seduzida e mais tarde abandonada pelo seu ingrato amante.

Depois... de quêda em quêda a misera abandonada atirara-se á toda a sorte de devassidão.

Tinha joias e sedas, palacios e carruagens...Um dia, admirando a fascinante riqueza de suas custosas joias — escrínio das mais ricas e formosas pedras preciosas — encontrou, por acaso, um dedal de prata, antigo, que lhe fôra dado por sua pobre mãe, nas festas do Natal. Aquelle modesto dedal obrigou-a a uma divagação pelo passado. N’aquelle tempo — que differença! — esse simples dedal de prata lhe causara vivissima impressão, sua alma candida não sonhava com as seducções do mundo. Era simples e pura, tinha ainda sua mãe e tinha honra!

E triste, hallucinada, traspassada de dôr, a misera chorou horas e horas. Divagando pelo passado viu claramente que a joia mais preciosa d’aquelle escrínio riquissimo era aquelle singelo dedal de prata. E teve um momento de indizível tristeza!

Ainda hoje ao recordar esse conto do grande escriptor que acaba de desaparecer dentre os vivos, sinto minh’alma inundada de vaga rnelancholia.

A mulher de Daudet é devotada cultora das letras. A ella se deve o magnifico livro *Femmes d’artistes*.

Daudet deixa um filho, que já é também um escriptor de nome, e cujo destino se acha ligado ao de Joanna Hugo.

Ha dias appareceu uma onça pintada lá para os lados do Irajá, e tem pintado o sete a tal onça. Já foi vista muitas vezes pelos moradores d'aquelle bairro. Imagino que a forasteira veiu explorar o logar e ver se lhe convem para trazer a familia.

Sim, eu penso que a onça tal qual o homem, não é propheta em sua terra e por isso entende que de tempos a tempos um passeio a outra cidade, a outro paiz, instrue e fortific a alma, do mesmo modo que fortifica e retempera o corpo. Uma onça em Irajá, tem graça! Amanhã si a onça ampliando mais o seu passeio, vier até aqui ao Engenho Velho, não nos poderemoss queixar caso algum estrangeiro nos chame botocudos.

Decididamente a onça de Irajá é uma forasteira que procura novos sitios, certa de que ninguem é propheta em sua terra; ou é uma apaixonada que procura o bulicio das grandes cidades para esquecer amores não correspondidos, ou é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilizado. A civilisação e as onças são incompativeis.

Oiço [sic] o canto das cigarras no momento em que escrevo esta "Carta". O verão este anno não esteve á espera da folhinha, entrou abertamente, furiosamente, muito antes do dia marcado pelo calendário, que é, se não me engano, a 21 de Dezembro.

Quatro incêndios em um só dia tivemos na semana passada! Isto é que é progresso!

Nessa proporção medonha, si o *negocio* continuar, esta Capital fica liquidada em pouco tempo.

Contou-me, hontem, uma amiga que sua vizinha tenciona fazer da filha — menina de doze annos — uma boa poetiza. A menina, coitada, não tem vontade, a mãe quer e é quanto basta, ha de ser poetiza... á força. E' original. Depois da Inana — a mulher que, ao fim de doze annos de esforço, conseguiu voar sem um ponto de apoio, só mesmo onças em Irajá e poetizas...á força.

A 24 do corrente o Club de Engenharia commemorou dignamente o seu 17º anniversario, offerecendo a seus socios e convidados uma diversão ao Corcovado. Magnifica esteve a festa dos engenheiros. Em bond e trem especiaes subimos ao pitteresco pico do Corcovado. O dia estava nublado e por isso não pudemos descortinar muito bem o rico pandrama [sic] desta bella cidade. Mesmo assim, nos rápidos momentos em que o sol apparecia, gosavamos de uma vista deslumbrante. Explendido almoço ao ar livre aguardava a chegada dos convidados ao hotel das Paineiras.

Houve muitos discursos, flores, saudações e alegria. A pequenez do espaço de que dispõe a Mensageira não me permite descrever minuciosamente a bella festa do Club de Engenharia.

Agradecendo a saudação que por um dos engenheiros presentes foi feita á mulher brasileira e particularmente á mulher do engenheiro, eu disse aljumas palavras [sic] simples e sinceras. Dois motivos imperiosos levarem-me a usar da palavra em resposta a esse [sic] saudação: ser mulher brasileira e ser esposa de um engenheiro.

Confesso que tive uma pequena parcella de orgulho pelo triumpho da festa dos engenheiros. Meu marido foi um dos socios fundadores do Club e é um de seus mais devotados amigos.

Que o Club viva e prospere — eis o que desejo — para garantia de uma classe distinctissima a qual o Brazil já deve muito e da qual ainda muito espera.

Expira 97. E' costume muito nosso apedrejar o anno que finda e cobrir de flores o que nasce.

E' mau esse costume. Não devemos esperar muita cousa do anno que começa, porque assim qualquer beneficio ou favor que Deus nos conceda, alegrará em extremo nossa alma, inundando-a de salutar contentamento.

E...até o anno que vem, gentís leitoras!



15 de janeiro de 1898, ano I, n. 7, p. 101-103

Mais um melhoramento — e muito importante, vão ter as senhoras desta terra. Um engenheiro distincto, o dr. Cordeiro da Graça, que regressou agora dos Estados Unidos da America do Norte, trouxe em sua companhia e na de sua família, Miss Elisabeth Ambler, que veio contractada pelo prazo de um anno para ensinar ás nossas patricias tachigraphia e manejo das machinas de escrever. Para esse fim resolveu o dr. Cordeiro da Graça abrir um curso gratuito pelo prazo de oito mezes, a contar de 15 de Março proximo futuro. Aquellas de nossas patricias que desejarem dedicar-se a esse genero de trabalho deverão dirigir-se á rua do Hospicio, 88, afim de se inscreverem, exigindo-se apenas que tenham conhecimentos preliminares da lingua ingleza.

As vantagens resultantes de um tal ensino para as moças brasileiras são de facil comprehensão. E' uma excellente profissão para a mulher a tachigraphia; é decente e rendosa.

Ninguém ignora a economia, a presteza, o asseio e todas as vantagens da machina de escrever. Associar a esse delicado serviço todo o auxilio que nos póde vir da mulher que precisa, por circumstancias de vida, procurar meios de subsistencia para si e para os seus — é já um dever que todos temos.

Ao dr. Cordeiro da Graça saúda a “Mensageira” pelo valioso auxilio que presta ás mulheres brasileiras proporcionando-lhes mais esse precioso cabedal, com o qual muitas de nossas patricias poderão suavemente ganhar a sua vida.

La Fronde é o titulo de um jornal diário que appareceu agora em Paris. A directora da nova folha é Mme. Durand. O jornal é todo redigido, collaborado e mesmo typographicamente composto por mulheres.

Essa noticia de algum modo nos encoraja! Gostaríamos que o exemplo fosse imitado aqui no Brazil.

Quantas senhoras de talento, aptidões e fortuna conhecemos que se deixam envelhecer inutilmente. A rotina é tudo em nossa terra. Ainda ha muita gente — e gente da alta sociedade — que tem horror á mulher litterata. No emtanto, seja qual for a posição do marido, sempre a coadjuvação de uma intelligencia cultivada de uma mulher superior será um preciosissimo auxiliar.

Acabo de ler na “Gazeta de Noticias” que Brahms, o distincto compositor allemão, que ha pouco morreu, passava no ultimo periodo da vida por detestar as mulheres. O “Echo Musical” affirma entretanto que o homem não foi sempre assim. Emfim o tal Brahms não detestava somente as litteratas, detestava as mulheres em geral.

Sabem o de que eu desconfio? E’ que elle nunca foi amado. Quando lhe perguntavam se era solteiro, respondia: “Louvado seja Deus, nunca me casei.” Não ha duvida, o misero “*só passou pela vida e não viveu*” como dizia o saudoso poeta Octaviano.

Actualmente temos duas exposições de pintura nesta cidade: a da Escola de Bellas Artes e a de Fachinette e Maria Forneiro, na ladeira da Gloria. Não as visitei ainda por falta de tempo, o que farei brevemente. É uma delicia para mim estar em frente a um bom quadro. Esqueço-me de tudo, perco a noção do tempo enquanto admiro a formosa arte de Raphael!

Assisti, a 29 do mez passado, uma bella festa em casa de uma amiga. O programma, variado e interessante, foi cumprido rigorosamente. Representaram alguns amadores duas comedias originaes de Coelho Netto, intituladas “Raio X”, e “Goto”.

A primeira é conhecida já, a segunda era inedita. Coelho Netto, o grande escriptor, é também um grande actor. Elle fez com admirável perfeição o papel de *jagunço*. Estava tão bem caracterizado que delle proprio só ficaram os olhos e esses mesmos obedeciam a uns impulsos exquisitos do olhar do sertanejo da Bahia. A dona da casa — é uma verdadeira fidalga de raça — sabe receber seus convidados com as maneiras mais captivantes e distinctas.

Quando voltamos da festa, vinha rompendo o dia. Só assim é que eu comprehendo perder uma noite de somno.

Por toda a parte, em quasi todas as lojas, eu vejo em letras garrafaes este letreiro: Liquidação real. Pois vou lhes contar, caras leitoras, o que fez um intelligente negociante para vender uma peça de seda muito feia, de um padrão horrivel: — inutilisou o principio da peça da seda, ennodou os dois primeiros metros. Fez um preço...commodo e immediatamente vendeu toda a fazenda.

As freguezas com sentido na barateza, nem olhavam a feiura do padrão.

O mundo é mesmo assim!



30 de janeiro de 1898, ano I, n. 8, p. 115-118

Quantas vezes se não tem fallado das crueis decepções que a todo instante encontram os amorosos corações nesta vida tão cheia de sonhos e de mentiras!

O amor é sempre a causa dessas quédas tremendas. A's vezes a vida de uma creatura parece deslizar serena e calma como as aguas de um manso lago. Nenhum leve pezar, nem o mais pequenino desgosto turvam a serenidade de seu viver pacato e feliz; de repente muda-se o scenario, empallidecem os doirados raios de luz e sobre a vida ha pouco povoada de aparições formosas projectam-se apenas dolorosas realidades. Apagam-se, como por encanto, as alegrias e esperanças todas.

Tal foi o que se deu com uma doente, ha já algum tempo, nesta cidade, e que ainda hoje no Hospicio Nacional de Alienados está suhmettida a criterioso tratamento.

Chama-se Theodora, a infeliz, e seu caso foi largamente commentado pela imprensa diaria. Sua historia é muito interessante para a medicina.

Tão acostumadas estamos a ver, em questões de amor, ingravidões e perfidias que dizemos ser o caso interessante para a medicina, unicamente. Theodora amava com todo o

ardor de uma paixão purissima e acreditava-se amada tambem. Passaram-se os tempos. Uma rival mais feliz despedaçou todos os seus sonhos, todas as suas alegrias!

Theodora, de ha muito que desconfiava de seu amado, mas elle, o pérfido, jurara-lhe eterna fidelidade e amor eterno.

Avisos prudentes de velhos e atillados amigos, conselhos carinhosos e bons, tudo, tudo Theodora despresava para só crer em seu amado!

Um dia, lendo na *Gazeta* os proclamas de casamento deparou subitamente com o nome *delle* e o da *outra*.

Era certo, não havia duvida, ali estavam aquelles nomes que lhe queimavam os olhos como se fossem de fogo. O que pensou nesse instante a pobre abandonada? Ninguém soube, nenhuma palavra articulou, apenas estatica, dura, hirta, com as unhas enterradas no jornal, os dentes cerrados e pallida como se estivesse morta, cahio de todo o cumprimento, vencida pela grande dor d'aquelle golpe fatal.

Correram [sic] todos, acudiram pressurosos, foram prestados todos os soccorros medicos e nada fazia com que ella tornasse á vida.

Morta! morta! pensaram todos. Distincto facultativo aífirrou entretanto que aquillo não era a morte, era um somno, uma especie de morte é verdade, mas enfim era um somno.

Durante 20 longos mezes dormio Theodora; os medicos interessados por esse caso tão curioso trataram-na com todo o carinho e desvelo da sciencia. Recolheram-na ao Hospicio, onde ha mais elementos para longos estudos e variadas experiencias scientificas. Ha pouco tempo a doente acordou, foi a pouco e pouco despertando como quem acorda de um somno natural; não póde fallar ainda, mas ouve, trabalha, alimenta-se regularmente e as vezes sorri.

Vi-a no Hospicio, um dia destes e senti uma grande compaixão ao vel-a! O interno, 5.º annista de medicina, a cuja gentileza devo o favor de me haver mostrado a doente, disse que ella por ora não fallava por ter uma paralyisia na garganta, mais tarde é provável que fique completamente restabelecida. Fiz-lhe algumas perguntas que ella promptamente comprehendeu e sorriu.

Pobre victima do amor! O mundo dá tantas voltas e é tão bella a lei divina da compensação que eu não me admirarei se um dia encontrar Theodora completamente curada, resignada, consolada e casada...com outro. Ella, pelo muito que já soffreu, mais do que todas, tem direitos a ser largamente compensada !

Muito bonita está a exposição de pintura de Fachinetti e Maria Forneiro e seus discipulos, na Ladeira da Gloria. Vi muito quadros que me impressionaram agradavelmente.

O atelier é muito bem montado, ha muita luz, muito espaço e sobretudo bellissimos panoramas desta incomparavel Guanabara. O Snr. Fachinetti é um velho que faz progressos. Sua maneira de pintar de hoje é muito melhor e mais agradavel do que a de outros tempos em que a sua demasiada minuciosidade prejudicava muito a seus quadros. Uma vista de Theresopolis “Efeito de manhã” é um attestado de seu progresso. As sombras são muito bem projectadas e ha uma alegria nessa tela, uma alegria comunicativa e franca que faz bem a alma. Para nós, acostumadas ás magnificencias deste ceu de anil e ás perspectivas tão grandiosas quanto encantadoras desta natureza exuberante e rica, o quadro a que me refiro é um estudo consciencioso da nossa terra. Sente-se que aquellas arvores, aquella luz, auquelle ceu são nossos, são do Brazil.

Ha ainda muitos quadros de valor, que não menciono por falta de espaço.

A “Praia de Icarahy”, vista em uma noite de luar, forma um grande quadro muito harmonico e bonito. D. Maria Forneiro é irmã de Domicio da Gama e como seu irmão possui muito talento e amor pelas artes.

Termino esta ligeira e despretensiosa noticia enviando um punhado de flores á D. Maria Forneiro, Snr. Fachinetti e seus talentosos alumnos.

Aviso util ás mães de familia: não consintam em vossas casas uma ave que é muito prejudicial a avestruz. Ha dias deu-se nesta cidade um facto dolorosissimo. Uma menina que eu conheço e estimo, de 6 annos de idade, bonita, intelligente, sadia e alegre, foi victima dessa ave cruel.

Era uma tarde bonita como são as tardes de verão nesta terra.

A menina transpunha o degráo da porta da rua p.^a brincar com o irmãozinho, no jardim. Vinha vindo, a pequena distancia, um carregador trazendo ao collo uma avestruz.

A menina mal teve tempo de fitar o homem que trazia a avestruz, quando esta, traiçoeiramente, desprende-se dos braços possantes do carregador, que não pode contê-la e certa como uma flecha, fura com o bico esguio um dos olhos da formosa creança. Não houve um segundo de demora na realização deste desastre. A ave chupou o olho da menina, deixando na órbita um vacuo profundo e medonho.

O carregador, embaraçadissimo, não podia explicar como se déra o facto, affirmou entretanto que a avestruz quando se desprendeu de seus braços teve uma força enorme, inqualificável, força muito superior á sua.

Tanto chorava o pobre homem, como a creança e as pessoas de sua familia em vista desse desastre.

A menina já está hoje com um olho de vidro, pobresinha!

Realmente os olhos de Laura, de tão bonitos e scintillantes que eram, causavam admiração geral. A inconsciente avestruz se deixou fascinar também e tomou-os, quem sabe? por brilhantes negros. Tenho pena de encontrar a formosa Laura assim deformada! Pobre creança!

Grande exemplo de philosophia acaba de nos dar, em Pariz, um cocheiro de tilbury. Tirou uma sorte na loteria, de alguns milhares de francos correspondentes a 200 contos de nossa moéda.

Pensaram os tilbureiros que teriam um collega de menos, e que, como é natural, o felizardo cocheiro fosse gozar sua fortuna e empregar sua actividade em cousas mais altas. Engano. O homem continuou no seu modesto emprego, disse que jamais se acostumaria com a vadiação, que é um crime segundo o seu character, e que não sabia trabalhar em outras cousas senão em tilburys, como cocheiro.

Confiar seus capitaes a outros... não queria, tinha receios e bem fundados, por isso continuava a trabalhar n'aquillo que sabia.

Decididamente é um grande philosopho esse cocheiro! tem a rara virtude de conhecer a sua ignorância!



15 de fevereiro de 1898, ano I, n. 9, p. 132-133

Desde creança que ouço falar com muito desprezo sobre a falta de segurança que ha, em segredos em bocca de mulher.

Ha muita gente que diz: confiar um segredo á uma mulher... é o melhor meio de botal-o na rua, no dominio publico.

Nessa injustiça, o que nos dóe mais vivamente, o que mais nos fere o coração, é ouvirmos essa opininão de algumas mulheres.

Pois bem, nesta capital, tivemos agora um desmentido formal dessa calumnia que tem corrido seculos e gerações. Um facto altamente sympathico para o nosso credito, acaba de se dar na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro.

Como se sabe, no trabalho material da fabricação do Diario Official, muitas mulheres encontram aqui elementos para ganhar sua vida, ora compondo livros e paginando, ora auxiliando nos trabalhos de revisão e encadernação. Um facto de subida monta – a publicação do relatório sobre o attentado do dia 5 de Novembro, no Arsenal de Guerra, facto que tem agitado vivamente toda esta população, reclamava grande sigillo, absoluta reserva.

Era preciso que os compositores da peça official soubessem ser discretos. Uma só palavra, a revelação de qualquer dos pormenores do relatorio poderia perturbar a ordem e o bom exito do mesmo. Em taes emergencias, pensaram os interessados nesta questão em obter para os trabalhos materiaes do relatorio pessoas criteriosas, que não trahissem... que não contassem os segredos que só a Policia tem o direito de perscrutar e em bôa hora escolheram para esse 131 serviço 22 mulheres. Nenhum homem trabalhou nessa composição, as mulheres sósinhas fizeram todo o relatorio.

Tambem ninguem soube das minuciosidades do processo senão depois que a folha foi lançada á publicidade. Convém notar que a preferencia ás mulheres foi dada pelos homens, que quizeram occultar segredos dos outros homens.

E' bella a lei da compensação; se em parte o nosso descredito vem de algumas mulheres que abertamente falam de seu sexo, desprestigiando-o, vemos de outro lado alguns homens que sabem fazer justiça á nossa discreção e preferem para uma emergencia melindrosa, como essa da publicação do relatorio sobre o attentado de 5 de Novembro – as mulheres e não os homens, que extremados em politica e com ideias diversas poderiam esquecer o seu dever e trahir a patria.

Ainda bem, os factos vão destruindo as accusações insensatas. Ninguem mais venha dizer ao pé de mim: “Segredo em bocca de mulher...” Saberei defender o sexo fraco lembrando o recente facto a que acabo de alludir!

“Livro das Crianças” é o titulo de um formoso livrinho que Zalina Rolim acaba de publicar. E' todo escripto em versos — como os sabe fazer a inspirada poetiza paulista — tem bonitas gravuras e foi impresso em Boston. O plano dessa obra foi traçado pelo emerito professor Dr. João Kopke e é isto bastante para um sincero elogio. O Dr. Kopke tem o segredo do ensino. O magisterio para elle é um sacerdocio e um plano seu deve ser o mais completo e edificante. Dando noticia do “Livro das Crianças” eu saúdo cordealmente a sua auctora, a mimosa poetisa que é também a talentosa Directora do Jardim da Infancia e desejo que continue a enriquecer a nossa litteratura escrevendo livros tão uteis como o das “Crianças” e tão formosos como o “Coração”.

Transcrevendo de uma revista ingleza o “Jornal do Commercio” disse que a imprensa de Londres tem a gloria de contar entre seus confrades a Rainha Victoria, em pessoa. Sua Magestade dirige com muito talento o *Court Circular*, que publica quotidianamente todos os incidentes da Côrte. A' noite a Rainha revê as provas, trabalho que não confia a ninguem. A

calamidade dos *pasteis* não é poupada á augusta directora do *Court Circular*, tal qual como aos outros miseros plumitivos.

Approxima-se o Carnaval. Quanta alegria e quanta loucura! E' a festa mais querida do nosso povo. Os custosos e bonitos carros de ideias ostentam toda a sua riqueza e espirito passeando alegremente pela cidade na terça-feira gorda.

Os que a tanto não aspiram, os resignados, que não pódem gastar tanto dinheiro, contentam-se em passeiatas pelos arrabaldes, em pequenos grupos. Esses, cansados, suados, roucos de tanto dar vivas e perguntar: Você me conhece? divertem-se tambem lá a seu modo.

Na quarta-feira de cinzas, quanta tristeza, mãe do ceo! quanta gente que perdeu o emprego para folgar á vontade nos 3 dias dedicados a Momo!

Sei de uma amiga que em um sabbado de alleluia mandou o copeiro, um rapagote de 15 annos, buscar um feixe de lenha á venda proxima.

Nunca mais voltava o copeiro, minha amiga desanimou e deu novas providencias. Passaram-se os tres dias da loucura, na quarta-feira de cinzas, muito cedinho, entra o moleque pela porta a dentro, com o feixe de lenha ás costas, muito espantado, ainda vestido de diabinho.

- Que é isso rapaz, pergunta aminha amiga.

- Nada, patrôa, tambem o vendeiro, o caixeiro, o moço do açougue e todos foram...não fui só eu...foram todos.

O copeiro decerto raciocinava assim: desde que a loucura é geral, não é tão grave a minha falta.

E elle tinha razão!



28 de fevereiro de 1898, ano I, n. 10, p. 145-149

Desta vez as honras do carnaval couberam não a este ou áquelle club, não a esta ou áquella sociedade, mas exclusivamente ao popular e sympathico bairro de S. Christovam. O antigo arrabalde, tão cheio de saudosas tradições, teve a palma da victoria este anno, e *metteu em um chinello* o aristocrático Botafogo, o risonho Cosme Velho, o barulhento Cattete e a incomparável Tijuca. O Club de S. Christovam sahio em alegre passeata no Domingo, ostentando riquissimos carros de phantasias e de espirituosas criticas.

Os confetti e serpentinas foram em tanta profusão que me fizeram — que optimista que sou! — duvidar do que andam por ahi a dizer: que a vida está horrivel e que o cambio apresenta a mais dolorosa das perspectivas.

Ha ainda muito dinheiro nesta terra, ao contrario as ruas não estariam atapetadas de *confetti* e serpentinas.

Um negociante muito pratico calculou em algumas centenas de contos de reis a despeza que o povo fez, nestes tres dias de festas e de delirio, com os taes papezinhos picados!

O illustre critico portuguez, da Academia de Sciencias de Lisbôa, Alberto Pimentel, acaba de prefaciari o bello livro de Ignez Sabino “Luctas do Coração”. Por estes dias teremos cá o livro, que já está em viagem.

Ignez Sabino, a distincta oscriptora [sic], acaba de receber uma justa homenagem ao seu talento. O seu livrinho Noites Brasileiras, recentemente publicado, traz um Bosquejo Historico offerecido á Patria e esse trabalho valeu-lhe a entrada de socia correspondente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, sendo a primeira senhora brasileira que tem tal distincção. Sinceros parabéns da “Mensageira”.

Recebi, ha dias, uma cartinha gentil, escripta em perfumoso papel cor de rosa e com uma calligraphia admiravel. Advinhava-se que vinha das mãos de uma pessoa apaixonada. Não tenho o prazer de conhecer a interessante senhorita que me pede conselhos acerca de seu futuro *menage*.

Darei a meus leitores a copia da carta e da resposta que dei, certa de que, serei perdoada dessa indiscrição se alguma — uma só que seja — das formosas meninas que lêem a nossa revista, se aproveitar dos meus conselhos que a experiencia me tem ensinado.

E’ preciso, antes que tudo, e para meu exclusivo beneficio que eu declare que a minha experiencia é garantida por factos de observação. Para que não me tome por alguma mulher velha, devo declarar á minha interessante missivista que não tenho ainda cabellos brancos e nem rugas no rosto, o que não me priva entretanto de ser a experiencia em pessôa. (Modestia aparte!) Eis as cartas:

“*Minha Senhora.*”

Disseram-me, pessôas de sua intima amizade, que a Senhora é uma mulher feliz, na verdadeira acepção desta palavra. Eu que não tenho o prazer de conhecê-la pessoalmente, vou, fiada em sua bondade, pedir-lhe alguns conselhos sobre a felicidade. Sou noiva e muito

amada! Também, creio, meu noivo é o mais adorado dos viventes deste mundo. Apesar desse entranhado affecto que nos une e da excellente perspectiva de vida que nos espéra, eu receio o futuro. Sim! receio e a culpa desse medo, desse inqualificavel pessimismo tem as pessoas de minha propria família. Todos os dias ouço mamão dizer: não julgues que o amor de teu noivo será sempre o que é hoje, nem penses que a vida é um favo de mel.” E fico a pensar em mil cousas exquisitas. Serei feliz? O amôr, que é o resgate de tantas imperfeições e que me parece a mim — creança inexperiente de 20 annos — o supremo bem da terra, não terá a força precisa para garantir a minha felicidade?

A sorte ser-me-ha tão cruel que reduza a cinzas e esphacele o meu sonho doirado? Não creio e nem quero crer. Papae, devido talvez, a tantos golpes da adversidade, é um homem timido, elle tem receios pelo meu futuro, no emtanto conhece bem o coração leal de meu noivo e já o ama como se fosse um filho. Donde vem, pois, esse medo? Quem é que pode affirmar que são mentirosos os meus sonhos e verdadeiras as apprehensões de meus paes?

Tudo isso me faz nervosa e triste. Se eu podesse sondar o mysterio impenetrável do futuro!! Se, entre outras pessoas que me amedrontam, relativamente ao meu destino, dizendo: tudo no mundo é mentira, tudo é chiméra, engano de um momento, apparição phantasmagórica que brilha e que se esvae, não estivessem meus queridos paes, meus anjos protectores, eu saberia repellir esse pessimismo doentio e fechar meus ouvidos a taes prophcias.

A senhora deve ter já comprehendido, pelo que ficou escripto, que eu sou tal qual uma creança medrosa, quero que alguém me console e dê coragem para que eu encontre no casamento o que aspiro e sonho — a verdadeira felicidade. E é por isso que a consulto e supplico que me ensine o seu segredo — de ser feliz e ser alegre — pois mamãe vive a dizer que uma mulher alegre é um thesouro. Eu posso ser alegre quando vivo assim tão assustada? Espero que me responda, é proprio das almas bem formadas não conhecer o egoismo e quem é feliz, assim penso, deve estender suas azas beneficas por sobre todos que o cercarem. Sua constante leitora e amiga affectuosa

CARMEN DE OLIVEIRA.

(Resposta)

Minha gentil amiga.

Sua carta veio trazer-me uma grande alegria! Respondo-a agradecendo os bons conceitos que de mim formou e retribuo as suas affectuosas saudações. Realmente não a enganaram quando lhe disseram que eu era feliz. Sou e a Deus agradeço, e todas as noites em

minhas orações peço á Nossa Senhora que sempre me dê o que óra tenho. Não quero mais nada, nada mais do que tenho, ambiciono.

E' muito difficil ou quasi impossivel prescrever regras sobre a base da felicidade. Feliz é quem assim se julga, diz um sabio provérbio. Em todo o caso eu posso lhe dar alguns conselhos que lhe hão de garantir, se os observar discretamente, a tranquillidade do lar.

Disse-me que amava muito o seu noivo e que era por elle muito amada.

Muito bem! O primeiro e mais forte alicerce está construido. O casamento sem amor ou o amor sem juizo são os melhores agentes das dissidências e dos divorcios.

Quem ama tem o maior prazer em agradar. Já vê que não é preciso ensinal-a que trate seu marido com todo o agrado, com todo o carinho.

Evite, sempre que poder, as discussões, principalmente sobre religião e política.

Conheço um casal que era relativamente feliz e que por causa do Floriano e do Custodio brigaram muitas vezes. E depois de terminada a revolta, perderam a cerimonia e brigam como creanças mal educadas, todo o dia, a toda a hora. Convêm que haja uma certa cerimonia na vida conjugal, quebrado o encanto...adeus.

A verdadeira felicidade consiste em cada um estar contente comsigo mesmo e com sua casa. Faça de sua nova residência um logar aprazivel e para isso haja sempre muito aceio, muitas flores, muita luz e muito ar.

Se não puder ter cortinas e estofos, moveis de luxo e objectos de arte, não se incommode, isso tudo nada vale.

Eu conheço uma mulher que é muito desgraçada com o marido, muito infeliz e que tem, no emtanto, toda a apparencia de felicidade. A mim, essa apparencia não conseguiria illudir, eu vejo n'aquelles moveis e tapeçarias apenas as mãos mercantis de um estofador; nem um toque especial! nem a mais leve impressão pessoal! advinha-se que aquillo tudo só serve para encantar os outros, as visitas!

Acho muito mal feito um costume que constantemente observo: ha pessoas que são muito amaveis e engraçadas e gentis com as de fóra, em casa tudo as aborrece.

Eu sou justamente o contrario: nunca me falta assumpto para conversar com meu marido e com as pessoas que amo e que me cercam e ás vezes só Deus sabe como me custa supportar uma visita de cerimonia e dizer meia duzia de banalidades obrigatórias!

Houve um tempo em que eu pensei que a nossa felicidade poderia vir exclusivamente de outrem. Hoje modifiquei minhas ideias. A propria pessoa é quem traça, com o seu procedimento, o seu futuro. Um velhinho, muito pobre que vivia de pedir esmolas e que eu conheci no sertão, me disse um dia: menina, quem planta arroz não cólhe feijão. E' o caso: quem faz de seu lar um logar aprazivel, quem vive satisfeita com o que tem, quem não inveja

as grandezas ephemerias que a outros seduz e enlouquece, não terá o desgosto de ver um dia deserto seu lar, deserto de carinhos e de affeições porque o marido, aborrecido, foi procurar distrações nos Clubs ou em casa dos visinhos. Faça tudo quanto eu disse que não se ha de arrepender. E se alguma duvida tiver futuramente, encontrará remedio prompto nesta observação: depois da tempestade vem a bonança; depois dos dias impiedosos do inverno vem a primavera; depois das rusgas passageiras veem as pazes deliciosas.



15 de março de 1898, ano I, n. 11, p. 163-165

Pariz e S. Paulo foram os pontos donde emanaram todas as noticias de sensação durante a semana.

Zola e Dreyfus, a exposição de uvas e as maravilhosas curas do engenheiro Eduardo Silva encheram os 7 dias da semana que hoje expira.

Realmente nada mais era preciso para occupar a attenção dos cariócas. O estranho caso do capitão Dreyfus já havia causado doloroso espanto a todos nós, mas a condemnação do grande romancista, cujo unico crime foi o de ter tido a coragem de defender publicamente o infeliz prisioneiro, veio abalar ainda mais o nosso coração já tão rudemente ferido por esse caso tão extranho quanto emocionante.

Nos obscuros tempos medievaes, creio, não seriam mais barbares os homens do que os que hontem, em pleno Pariz, — o fóco da civilisação — condemnaram ao degredo e ao exilio o genial escriptor que honrou o século que o vio nascer!

As uvas de S. Paulo, que bellas! que ricas e que deliciosas! Excederam muito a minha espectativa. Nunca vi e nem pensei que houvesse uvas assim tão ricas e formosas!

Ao descer as escadas do salão nobre da Prefeitura, onde está a exposição de uvas, ouvi a seguinte exclamação de uma senhora que, deslumbrada com a riqueza da terra paulista, dizia: Que bellas uvas! parecem da Europa!

E' verdade, pensei eu, as apparencias illudem, as uvas parece que são da Europa, assim como a condemnação de Zola parece um facto que se tenha dado no centro da África ou nos sertões de Goyaz!

As maravilhosas curas do engenheiro Eduardo Silva enchem de admiração a todos! Outro dia ouvi um medico dizer, espirituosamente, que se o engenheiro continuasse a curar que elle iria fazer estradas de ferro.

E' o caso: ninguém é propheta em... sua profissão!

Conheço uma pobre lavadeira que me contou outro dia que foi captiva e que ficou liberta no dia 13 de Maio. “Nesse dia, disse-me ella, eu estava empregada como ama de leite de uma criança rica. Meu filho estava sendo criado por uma preta velha, eu não o via senão de mez em mez. A creança que eu creava, eu a amava tanto que as vezes – que loucura! quando a beijava e affagava sentia que beijava o meu filho e que diferença – meu filho negro como carvão, e a creança alva como jasmim, mais o coração não quer saber dessas cousas!

No dia 13 de Maio, quando chegou a noticia de que a Princeza tinha forrado todos os captivos, eu senti uma alegria sem conta e uma tristeza sem nome! Alegre! poderia viver com o meu filhinho! triste! – porque me lembrava que minha mãe morreu captiva e era tão velha! sempre trabalhou e não pode gosar desse favor da Princeza. Depois, continuou a lavadeira, quando acabou a festa da rua e os fogos e a musica, o meu patrão – porque é preciso que explique – eu era captiva e meu senhor me alugou para ama de leite dessa creança, de que eu falo, por 120\$000 por mez – o meu patrão chegou ao pé de mim e me disse que d’aquelle dia em diante eu era livre mas que continuasse a amamentar seu filho.

Meu ordenado seria d’hai por diante de 40\$000 por mez porque o dinheiro era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico.”

Eu fiquei pasma com essa historia revoltante e perguntei-lhe: porque você não se despediu? era já livre e não deveria se sujeitar a ganhar menos. – “Ah! sinhazinha! me disse a lavadeira com os olhos rasos d’agua, eu já tinha dado meu leite 5 mezes á creança e já a amava tanto que não tive coragem para reagir. O patrão poderia despedir-me, elle era homem zangado.

- E seu filho? perguntei.

- Meu filho, respondeu soluçando, morreu nesse dia 13 de Maio, mas eu só soube muitos dias depois!”

A lavadeira despediu-se e partiu.

Eu fiquei a pensar na alma angelica dessa creatura e na abnegação de seu proceder tão nobre.

Todos conhecem casos hediondos e atrozes de barbaridade comettidas no tempo do captiveiro, por isso não é demais que eu conte esse da lavadeira e do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mez enquanto um outro homem – tambem rico – recebia o aluguel para consumil-o em capitosos vinhos e luxuosas ostentações e que no momento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o terço do seu valor! Edificante, não acham?

Foi reeleita como presidente do *Orpheon Carlos Gomes* a notável escriptora e primorosa poetisa Adelina Vieira! Não podia ser melhor a escolha. O Orpheon é presentemente todo o enlevo da nossa poetisa e é pena que para dedicar-se de corpo e alma ao *Orphéon*, se esqueça da litteratura em geral e da “Mensajeira” em particular, a qual prometteu umas Palestras Femininas” e que pelos modos vão ficar para o dia de S. Nunca, de tarde.



31 de março de 1898, ano I, n. 12, p. 183-187

Ha dias recebi a visita de uma amiga que ha muito tempo não via.

Comprehende-se bem porque passamos tantos mezes sem nos encontrarmos: moramos em extremos oppostos, eu aqui á entrada da Tijuca, ella lá nos confins de Botafogo.

Depois das primeiras expressões de saudades e abraços, ella poz-se a falar em tudo e em todos que conhecemos. Dava-me noticias agradaveis umas e outras tristes, tudo de mistura, sem quasi descansar.

Incidentes engraçados vinham cortar o fio das longas divagações e ella sempre a falar contava-me que a nossa amiga A. estava em excellente villegiatura em Lambary, que D. Fulana mudara de casa por ter brigado com a vizinha, que o filho do Coronel C. foi reprovado em francez e mil cousas mais de que me não lembro agora. Depois, com voz muito triste e olhos rasos d’agua, disse-me: Sabes de uma desgraça? Nossa amiga Laura está pobre!! O Commendador está muito atrazado, deram balanço no negocio e elle ficou sem cousa alguma, a mudança lá na casa de familia foi horrivel, não imaginas! venderam os carros e cavallos, quadros e estatuas e o prédio nobre vae ser entregue em pagamento de divida a um negociante de S. Paulo.

Olha, causa dó! Laura está inconsolável e vexada! O Commendador vae ter um emprego muito secundário, que o seu amigo Dario arranjou na Alfandega e ella, a pobre Laura, quer ausentar-se desta cidade, onde viveu folgadamente e ostentou e deu festas e recepções e agora... coitada!”

— Mas, francamente, não acho motivo para ella estar assim tão desanimada e tu tão contristada!

Estão todos fortes, teem saúde, podem trabalhar. Precisamos ter coragem. A fortuna é um bem, não ha duvida, mas sem ella também se vive e póde-se mesmo ser feliz. Deus me livre de pensar assim como pensas! A respeito da fortuna eu tenho minhas ideias muito

especiaes. Acho que o luxo é o maior factor da desgraça. Na mulher principalmente é que o luxo actua do modo mais desastroso! Nota bem que o que a nossa amiga sente e patenteia por esse pezar enorme é a falta do luxo que váe ter d'ora em diante.

Aquelle vexame nada mais é que o reflexo da vaidade, ella sente que vae terminar a febre dos theatros e dos bailes e das occasiões de brilhar ostentando custosas *toilettes*. Coitada! Eu sinto por sabel-a tão acabrunhada, mas não que o facto em si inspire dó.”

— Mas, minha amiga, continuou a visita — achas que um homem depois de ter sido, como o Commendador, chefe de uma casa bancaria, póde, sem quebra de dignidade, ser um empregado qualquer e andar ainda com a cara alegre?

— Perfeitamente, respondi. Vejo que pensamos, neste ponto, de modo muito diverso. E, para certificar-te do pouco valor que tem a fortuna relativamente á felicidade conjugal, vou te contar um facto que eu sei contado por minha querida avó, que Deus haja no Ceo. Havia, em Nictherohy, uma moça muito rica e que dava á sua fortuna apreço demasiado. Para ella o dinheiro era tudo. Acostumada, desde creança, a ouvir falar com desprezo da pobreza e endeosar o dinheiro, começou por dar toda importância somente á gente rica. Lá um bello dia, porém, a moça sentiu no coração o tal tic-tac que toda a gente sente quando tem vinte annos e por uma fatalidade o rapaz era pobre. O coração dos moços é sempre bom e por isso, apesar da repugnancia que a pobreza lhe inspirava, venceu o coração, e o casamento effectuou-se

O rapaz era muito digno para poder ouvir insinuações de qualquer ordem. Limitava suas despesas ao que ganhava com a sua advocacia da roça. A moça, — que levava dote — não estava por isso — e dizia ao marido constantemente que queria vestidos de sedas e joias e que para isso tinha fortuna, gastava do que era seu.

Promptamente era servida. As exigências repetiam-se todos os dias, a moça não pensava que a fortuna pudesse um dia se acabar e inventava gastos de toda ordem; um dia era uma viagem, outro dia uma festa, emfim, ella julgava que a vida era isso mesmo — folgar, rir e gastar dinheiro. O que, porém, ella não imaginava era o que o marido fazia: assentava todas as despesas extraordinarias da mulher — essas despesas que ella fazia exclusivamente com o dinheiro do dote — em um livro diario onde podia provar a verdade com os recibos e documentos. Um dia, minha amiga, o dote acabou. Bem sabes que, a gastar por essa fórmula, não ha mãos a medir. A moça, como sempre, imperiosa, disse: quero um vestido de velludo, tiro do meu dinheiro. O marido chamou-a docemente, fel-a sentar-se a seu lado e com todo o carinho obrigou-a a lèr aquelle livro.

A principio ella não quiz: que iria lucrar com isso?

Mas o marido disse-lhe energicamente que era preciso que ella soubesse que o dinheiro do dote estava esgotado — ella o dissipara exclusivamente em suas phantasiosas despesas e que d'aquella data em diante tinha que se sujeitar ás suas condições e receber o que elle lhe pudesse dar, exclusivamente.

Ella quiz chorar, pudera! a perspectiva da economia aterrorisava-a! Ahi então o marido, como homem ajuizado e verdadeiro amigo, fel-a calar-se e disse-lhe que novos horizontes de felicidade vinham illuminar o lar, a querida paz do lar que até então só era perturbada pela ideia do luxo, que é a ostentação da vaidade e de mil outras paixões despresaveis.

Viveram d'ahi por diante muito felizes, — o marido livre d'aquelle vexame constante de ouvir falar em dote e em dinheiro humilhante, — ella mais feliz também, porque, livre de toda preocupação do luxo, começou por dar ao dinheiro o valor que elle tem.

Eis ahi um dote que só serviu para a interrupção da felicidade na vida d'aquelle casal.

— Se todos os maridos fossem como esse advogado, exclamou sorrindo minha amiga...mas a historia é que a arte da *chicana* só a possuem esses senhores que aprendem a discutir e convencer em cinco annos de estudo!!

Mais um melhoramento para o nosso formoso bairro: uma fabrica de gelo. Decididamente o Engenho Velho está na ponta. O Snr. Arthur Aguiar, proprietario da fabrica de gelo, tem concorrido muito para o aformoseamento das ruas deste arrabalde, edificando muitos predios bonitos e elegantes e agora de um modo muito poderoso, com a fundação da fabrica de gelo, que se serve da celebre Agua do Vintem para sua fabricação. A festa do dia da inauguração foi muito bonita e muito concorrida.

Diversos brindes foram feitos ao Snr. Aguiar, á imprensa, ao progresso e á França, porque é preciso que se saiba que foi um engenheiro francez o auctor da montagem das machinas. Aos convidados foi servido um profusso *lunch*. A Exm.^a esposa do Snr. Aguiar, D. Maria da Gloria, foi quem iniciou os trabalhos da machina fazendo com que o vapor entrasse na gaveta da distribuição. Ao progresso do Engenho Velho foi a saúde que bebi com mais prazer e mais entusiasmo!

Noticia o *Jornal do Commercio* que na igreja parochial de Santa Maria, em Quebec, realisou-se ultimamente uma curiosa cerimonia.

Dous vizinhos de origem franceza tinham cada um oito filhos, quatro rapazes e quatro raparigas.

Ora, os filhos de Marin apaixonaram-se das filhas Reaume, ao mesmo tempo que as filhas deste dos filhos d'aquelle. Conclusão: no mesmo dia realisáram-se oito casamentos.

Eis ahí o que é ser-se pratico. As despezas de um casamento, por mais simples que sejam, alteram forçosamente o orçamento das pessoas que não são ricas.

Por isso os filhos do paiz mais pratico do mundo acabam de nos dar a proveitosa lição de casamento por atacado. Excellente moda para as familias pobres!



15 de maio de 1898, ano I, n. 15, p. 225-229

Depois de um passeio de vinte e tantos dias á formosa capital de S. Paulo, eis-me emfim aqui no Rio, a escrever a minha costumada carta.

Vinte e quatro dias que se passaram tão rápidos! tão felizes!

A S. Paulo eu levanto um hymno de agradecimento pelo generoso agasalho que nos deu, e espero que esta impressão deliciosa de gratidão que se aninhou em minh'alma, nunca mais me abandone! Não quero e não posso jamais me esquecer de S. Paulo.

A tantos obsequios recebidos e a tão captivantes provas de affeição que recebemos — meu marido e eu — seremos gratos eternamente. E haverá prova mais edificante de um affecto generoso do que a gratidão?

Bellissimos edificios possui São Paulo. Por toda a parte se veem construcções modernas e elegantes. Os estylos variados dos predios e a quantidade e riqueza dos jardins dão um aspecto encantador á cidade. Ha, especialmente, um quarteirão de palacetes nos Campos Elyseos que deslumbra a vista e encanta a alma!

Visitei a Avenida Paulista em uma manhã sombria! A paizagem, resentida com a falta do sol, não nos proporcionou todos os attractivos de sua belleza.

Admira principalmente a arte apurada dos bellos predios e a harmonia dos tons que se notam em toda a alameda. A caixa d'agua situada no alto do morro, é cheia, de poesia e sente-se prazer em aspirar o perfume das flores ao som das aguas que se desdobram crystallinas no grande chafariz central. No interior da Avenida, ouvindo o canto mavioso dos passaros e aspirando o perfume delicioso das flores, a gente se esquece das agruras da vida!

Presciliana, minha querida e devotada amiga, minha adorada companheira de todos os tempos, chamou-me a attenção para o grande echo da caixa d'agua e dizendo uns versinhos

que todos nós sabemos desde creança, esperou que o echo reproduzisse fielmente o que um poeta já disse ha tanto tempo:

“Nas horas tristes do cair da tarde,
Não te esqueças de mim que te amo tanto!”

O dia do passeio á Cantareira, foi um dia de sol, um bello dia! Parece-me ainda estar percorrendo o lindo jardim, delicioso de folhagens e de flores exquisitas e contemplar no reflexo das aguas a belleza das arvores. Era de um verde encantador a côr das aguas; ao longe, atravez das frondosas arvores antigas, uma nesga azul do céu entrava triumphante de luz a completar a harmonia do quadro. Era um domingo; muitas familias lá estavam com seus providos farneis para passar o dia todo, alegremente.

Respira-se um ambiente de saúde e de conforto n’aquelle logar, onde se encontram em deliciosa harmonia os primores do céu e as bellezas da terra!

O Ypiranga é um dos passeios obrigados a todos os excursionistas de S. Paulo. Ao pisar a grande e riquissima escada de mármore do monumento, senti um entusiasmo intimo, um entusiasmo repleto de patriotismo e orgulho por este Brazil, que estremeço.

E’ que ali, naquelle logar sagrado, onde o grito de independência ou morte foi dado como um protesto energico de nossa liberdade, até então oppressa, meu coração sentia uma onda de mel, uma onda de ternura inundal-o completamente.

Visitei o monumento como quem visita um templo: cheia de respeito e religião. O musêo é importante e variado. O edificio do monumento foi projectado pelo Engenheiro Thomaz Bezzi, que dirigio a sua construcção. De tudo o que lá vi do que mais gostei foi da secção de mineralogia. As pedras exquisitas e preciosas absorveram quasi que exclusivamente a minha attenção. A cadeira e a cama do Regente Feijó, a penúltima camisa que vestio o General Carneiro, a cadeirinha da Marqueza de Santos e muitas outras curiosidades formam uma secção interessante do musêo.

De noite em S. Paulo ha muito movimento e muita alegria. Tres vezes por semana ha musica no jardim do Palacio e é agradavel ver-se a animação d’aquella gente. Ha nesse jardim uma arvore esplendida — um carvalho magestoso. Fiquei pasma quando me disseram que aquelle colosso tem apenas 9 annos. Eu, a julgar pelas apparencias, calculava que o frondoso carvalho fosse do século passado!

S. Paulo deve muito ao illustre engenheiro Dr. Ramos de Azevedo, considerado o constructor do São Paulo moderno. As mais bellas construcções da cidade são de planos seus.

A esse engenheiro devemos nós a obsequiosidade de nos haver mostrado alguns edificios e proporcionado o excellente passeio que fizemos a Juquery, para ver o monumental Hospicio de Alienados, que, sob sua administração, está sendo construido. E' um edificio esplendido, moderno, feito sob esclarecida e lúcida direcção.

Falta-me tempo e espaço para descrever aqui tudo o que vi nesse agradável passeio.

Bellissima vegetação circumda Juquery! No meio do matto avistamos algumas flores vermelhas, muito bonitas e exquisitas, de um formato bizarro e delicado. Admiradas — Presciliana e eu — nos mostramos encantadas pela flor tão rara! O Dr. Ramos de Azevedo, com incedível gentileza, fez parar o wagonzinho que nos conduzia e ordenou ao machinista que fosse colher as flores que tanto nos encantavam! D'ahi a pouco tínhamos nas mãos as cubiçadas flores!

Vi em São Paulo uma fructa exquisita que nunca vi em parte alguma; chama-se *kaki*, é de côr alaranjada viva, de sabor agradável e um tanto semelhante ao abio.

Vou terminar esta longa narrativa...Antes, porém, quero enviar á minha boa amiga Zalina Rolim um abraço pela sua efficaz collaboração no formoso “Jardim da Infancia”. Também que melhor jardineira poderiam aspirar as creanças do que a meiga e talentosa poetiza do “Coração”?

Tal qual o outro que foi a Roma e não vio o Papa, eu fui a S. Paulo e não vi o Eduardo Silva!

Um dia em Santos

Também fomos gozar das bellezas naturaes da viagem, na subida da serra do Cubatão. E' encantador o panorama e a viagem, toda cheia de surpresas, enleva-nos a alma prodigiosamente. Devido á gentileza e obsequiosidade do Snr. Speers, superintendente da *S. Paulo Railway*, tivemos excellentes e confortáveis logares para a pittoresca viagem [sic]

O panorama é o mais rico possível! Verdes valles intercalados entre altíssimas montanhas, formam um contraste imponente! Ha um despenhadeiro medonho no alto da serra; quando a locomotiva, cercada pela fumaça, chega ao ponto culminante da serra, a gente sente a pequenez das miserias da vida ante a perspectiva atroz do desconhecido!

Um nevoeiro intenso domina o horizonte. Tem-se a illusão de uma viagem aerea. Nos declives perigosos ha cabos de segurança para evitar accidentes. No alto da serra ha uma especie de cidade, onde vivem e trabalham mais de duas mil almas. Ahi o trem faz uma pequena parada. Pode-se então, a pouco e pouco, descortinar a bella perspectiva. Era um espectáculo imponente para nós, que nos surprehendiamos com as variegadas scenas de tão phantastico panorama.

Chegamos finalmente a Santos, onde meu primo Affonso Vieira da Cunha nos recebeu na estação, com a sua costumada lhaneza. Depois de excellente almoço, fomos visitar, de relance, a pittoresca cidade.

O tempo escasseava; era preciso saber aproveitá-lo avaramente. Acompanhados pela mais gentil das *cicerones* — minha prima Laia da Cunha — fomos visitar Miramar. Que encanto! Meu marido, que comsigo levava seu *pocket-kodak*, aproveitou a belleza da praia para tirar algumas vistas. Estavamos todos saudosos pelo mar! As ruas de Santos são amplas, limpas, alegres e ha muito movimento e vida. Tomamos o bond e fomos por ahi afora, contentes, a conversar em tudo e em todos, com a soffreguidão de quem sabe que tem pouco tempo para dizer muitas cousas.

Excellent situação balnearia encontra-se em Miramar. Que bella praia! Quanta poesia e quanta saudade nos desperta o mar!

O sol do meio dia brilhava e os reflexos luminosos doiravam as aguas agitadas do oceano. Um velho e abandonado navio, encalhado a pequena distancia da praia, ali estava quebrado e desfeito como um protesto energico do prestigio antigo. As ondas vinham e voltavam e ao quebrarem-se, preguiçosas, de encontro ao casco abandonado e triste d'aquelle navio sem dono, faziam pensar na constancia de certos corações sensiveis, que, mesmo abandonados e perdidos no mundo da ingratição, conservam a mesma crença e o mesmo ardor dos primeiros tempos.

Em piedosa romaria fomos visitar o tumulo de José Bonifacio, que se acha em uma area da igreja do Carmo. A estatua do grande brasileiro jaz deitada sobre seus ossos, em um caixão de marmore, coberta por uma colcha de bronze. E' uma obra de arte muito bem acabada. José Bonifacio, o homem que reunio em si a triplice aureola da sciencia, da poesia e da politica, o homem cuja vida foi um exemplo de acrisolado patriotismo, repousa serenamente na sua mudez de estatua, na sombria area do uma igreja velha! Ao contemplar o grande vulto, senti no intimo da alma fortissima commoção!

E' que os grandes homens, os campeões do bem e da verdade, vivem em nossos corações eternamente, mesmo que a morte se apodere do seu corpo e que de suas feições de outr'ora só tenhamos uma ideia nas linhas artisticas de um mármore sem vida.



30 de maio de 1898, ano I, n. 16, p. 244-246

Expira Maio, o formoso mez de Maria, mez das rosas e das borboletas de azas cor de saphira! O cheiro suave das flores do jardim entra pela janella aberta de meu gabinete, onde penetra um raio de sol fortíssimo, cheio de belleza e de poesia. Maio é o mez querido das almas contemplativas! A natureza tem encantos particulares para estas [sic] dias que não participam ainda da aridez do inverno e que deixam distantes os dias entontecedores de verão desta formosa capital. Os passaros guardam para este mez os seus mais suaves e melodiosos cantos e as flores toda a pujança e esplendor de sua graça. E como se tudo isso não bastasse para sua primazia, Maio, o mez de Nossa Senhora, encerra em si a mais gloriosa data da historia do Brazil — o dia 13 — o grande dia da redempção dos captivos. No meio das festas e das apotheoses, da alegria e dos folguedos desse dia 13 de Maio, meu coração volta-se agradecido para o passado e o vulto sympathico e bondoso da princeza Izabel vem, docemente, receber os applausos de meu entusiasmo sincero.

Vejo-a, como uma carícia materna, por entre os azulados veos da phantasia, na apoteose enthusiastica e sublime que o povo lhe fez, ha 10 annos passados, quando ella assignou a aurea lei que redimia uma raça, por tantos annos, egoisticamente usurpada pela outra!

José do Patrocinio, o valente defensor da emancipação dos escravos, o bravo campeão que tão brilhantemente soube pugnar pelos fracos nessa lucta tremenda, foi o iniciador das festas commemorativas da grande data. Ainda bem! em nossa patria não passa despercebido o glorioso 13 de Maio!

Por associação de ideias, ao lembrar a campanha da abolição, vem-me á lembrança o nome sympathico do eminente engenheiro André Rebouças, fallecido ha dias na Madeira. Como é sabido, elle foi um grande abolicionista, e teve como companheiro, nessa campanha, meu marido, seu intimo e dedicado amigo.

Seu nome, a historia de seu passado brilhante e glorioso, suas obras scientificas, seus trabalhos technicos, seu illibado character e grande coração não podem ser tratados no estreito espaço desta Carta. Elle foi sempre um trabalhador e um justo. Morreu pobre e em

paiz longinquo, longe dos seus. A classe de engenharia brasileira perde com a morte de André Rebouças um de seus mais illustres representantes.

A formosa Tijuca vae ser devassada pela civilisação! A electricidade vae ter ingresso n'aquellas mattas seculares, é o que noticiam as folhas desta capital. D'aqui a alguns annos, quando a Tijuca estiver cortada de bonds e avenidas, quando as confeitarias e casas de modas ostentarem suas vistosas placas, quando houver coretos para as bandas marciaes e miasmas e desinfecções e hyppodromos e clubs, os passaros que agora cantam e alegram aquelles sitios fugirão em demanda de outros logares, onde possam viver em liberdade; as arvores frondosas terão caído por terra, derribadas para dar passagem aos vehiculos e espaço para modernas construcções; as flores exquisites e raras d'aquelle logar, não se aclimando com as mãos de jardineiros mercantís, terão emmurchecido para sempre e a luz e o ar purissimo e o cheiro agreste e saudavel d'aquella luxuriante vegetação, estarão corrompidos pelo progresso! Pobre Tijuca. Maldicta civilisação!

Disse-me hontem um de meus primos que perdeu alguns numeros da “Mensajeira” em emprestimos contínuos que faz da revista a amigos que a apreciam muito. E terminou por me dizer que o n.º 12 havia sido emprestado a cinco ou seis amigos, que esse n.º estava em Nictheroy actualmente, depois de haver estado uns dias em Cascadura. Ouvi e...não fiquei alegre, como era de esperar. Ninguém deve emprestar a “Mensajeira”. Esse pedido eu o faço a todos os assignantes. Quem quizer lêl-a que a assigne ou compre avulsa, custa tão pouco..., é só dar um pulo á rua do Ouvidor, 93, na conhecida casa de Julia Filippone. Se todos fizerem como meu primo... adeus “Mensajeira”, sua historia, no futuro será está: morreu, mataram — na [sic] os seus amigos; cuidando que lhe faziam *reclame*, davam — na [sic] a lèr de graça a pessoas que bem podiam ter tomado uma assignatura.

Adeus Maio, formoso mez de Maria, mez das rosas e das borboletas de azas côr de saphira!



15 de junho de 1898, ano I, n. 17, p. 257-259

Chego tarde para falar das esplendidas festas do centenario da India; da estrondosa apotheose á memória de Vasco da Gama; da grande perda que soffreu a Inglaterra com a

morte do eminente estadista Gladstone; da irreparável perda que tivemos com o fallecimento do mais inspirado dos poetas contemporâneos — Luiz Guimarães Junior.

Estes factos foram todos largamente commentados pela imprensa, durante a quinzena finda.

Tudo, porém, quanto tenho lido sobre Luiz Guimarães ainda está, em minha humilde opinião, abaixo de seu merito. Que elle foi um poeta inspirado e correcto e mimoso — é o que leio em quasi todas as folhas desta capital. E isto basta para qualificar o poeta suavissimo, cujos sonetos são paginas divinas arrancadas ao livro do coração?

Quem, como elle, cantou com tanta graça e tanto amor as scenas da vida intima? Quem alevantou tão alto o sentimento da justiça, da verdade e do bem?

E' grande a lista dos trabalhos que deixou o mavioso poeta, mas dentre todos avulta como estrella de primeira grandeza os "Sonetos e Rimas".

Com este livro de versos dá-se uma cousa singular: tanto consola e conforta ás almas contemplativas e tristes como agrada e delicia os corações alegres e bem dispostos. E' o mais popular dos poetas modernos, affirmo sem medo de errar.

Haverá alguém que, sabendo lêr, não conheça aquelle magistral soneto que começa assim: *O coração que bate neste peito?*

Eu dou valor á poesia muito mais pela ideia do que pela forma. Sacrificar uma expressão verdadeira e que photographe bem os sentimentos da alma por uma palavra bonita, por uma rima difficil e rara, é cousa que eu não comprehendo. Luiz Guimarães foi sempre um escriptor correcto e impecavel, mas nunca em seus versos alguém notou que a ideia fosse sacrificada pelos effeitos da forma. Bem sei que os modernissimos poetas me hão de acusar, mas...paciência.

Tenho ao menos a virtude, hoje tão rara, de dizer o que sinto e o que penso. Conheço muita gente que acompanha a onda, isto é, as opiniões alheias, com as quaes intimamente não concorda, sómente para ser moderno, para fazer bonito. Que ignominia! não ter coragem para sustentar as suas opiniões!!

Luiz Guimarães dorme hoje o derradeiro somno junto á sua querida companheira, cuja morte prematura tanto lhe abalára a alma apaixonada.

Camillo Castello Branco referindo-se aos "Sonetos e Rimas" disse esta phrase: E' o livro mais bello que se tem escripto em portuguez, desde que leio versos".

Abençoada seja a memória do suavissimo poeta que tantas emoções de júbilo, de ternura, de compaixão e de consolo soube inspirar!

Um passeio á Tijuca é um dos mais delicados prazeres que se pode proporcionar á alma! Lá fui um dia destes, para aproveitar o formoso domingo de sol, tão claro e tão alegre!

Arvores gigantes, cipós entrelaçados, rumorejar da cascatinha em alvas pedras e despenhadeiros, cantos maviosos de passaros, perfume inebriante da saudavel vegetação, lindas flores de manacá desde o branco ao roxo escuro e por sobre todas estas bellezas o ceo azul sereno a perder-se no horizonte, onde se confundia com o verde negro dos longinquos montes!

Encontramos no passeio com alguns caçadores que voltavam, acompanhados por cães de caça e sobraçando grande quantidade de passaros mortos. Um dos caçadores trazia á tiracollo, uma enfiada de sabiás, unidos uns aos outros, por uma cordinha. Tive pena, confesso. Os pobres cantores, que tanto alegram as nossas florestas, bem podiam ser poupados!

Que linda parasita avistei no tronco de uma arvore colossal! Era de uma côr muito viva, amarella, e de formato miudo e original.

Chama-se *Chuva de ouro*.

Trouxe-a para meu jardimzito bem como alguns crotons exquisitos que me prenderam a attenção.

E espero que dentro em pouco, eu seja largamente compensada do trabalho de trazer-os de tão longe, quando, bonitos e viçosos, elles enfeitarem os canteiros de meu jardim, para regalo de meus olhos e cubiça dos transeuntes!

Neste mundo tudo tem serventia e todos têm seu dia!

Quando morei no sertão, assisti a uma scena muito engraçada, que se passou na loja de um amigo de nossa familia. O negociante, á moda da roça, tinha de tudo em sua casa commercial, desde a sêda á carne secca, desde as panellas ás rendas. Um sujeito lá entrou para comprar preparos para o enterro de um parente querido. Depois de uns tantos metros de setim e de galões, de fitas e de flores de panno, deparou com uns sapatos de borracha, que estavam ao fundo de uma prateleira e foi logo pedindo os taes sapatos com esta exclamação: Excellentes para defunto! O que mais não inventarão? é verdade!!” O negociante comprehendeu de prompto a ignorância do freguez, mas como tinha interesse em ver-se livre d’aquelle alcaide — concordou sobre a vantagem de tão util melhoramento. Conclusão: a moda pegou emquanto, na cidade, houve taes alcaides, todos que partiram para a viagem eterna, foram de sapatos de borracha!



Tiveram um brilho excepcional as festas commemorativas da gloriosa data — 11 de Junho, que lembra a victoria do Riachuelo e o denodo e a coragem dos brasileiros quando, ha 32 annos, souberam, desaffrontando nossa patria, alevantar bem alto nossos creditos de nobreza e de heroismo e aniquilar nossos inimigos — os paraguayos — fazendo-os perder sua esquadra e suas esperanças! Devemos todos estar alegres com esse festejo patriota. A marinha de outr'óra foi saudada pela marinha de hoje, tal qual um filho estremecido saúda seu velho páe no dia de seu natalicio. O enthusiasmo febril do povo, a alegria communicativa e sã dos officiaes superiores, as sacadas repletas de formosas damas que jogavam flores aos victoriosos marinheiros e o bello dia de sol primaveraíl concorreram para que as festas em honra da mais gloriosa batalha naval da America do Sul tivessem um esplendor digno de applausos!

Eram cinco horas da tarde. Voltavamos de Icarahy, onde haviamos passado muitas horas alegres a contemplar a belleza d'aquella formosa praia. A barca deslisava suavemente. O mar estava calmo e limpido. Nem um lufar de ventos. O sol doirava os altos montes e fugia para o occaso, lentamente...E além, no horizonte, uma sombra azulada apparecia, de leve, derramando por sobre as aguas tão calmas, deliciosa poesia.

Ao contemplar este quadro suggestivo, deixando-me prender pelos encantos da natureza, bem longe estava de suppor que d'alii a algumas horas esse mesmo mar, iracundo e fúidioso, engoliria duas vidas preciosas, arrebatando brutalmente, duas jovens, cheias de sorrisos, cheias de esperança! Foi em Copacabana que se deu o tragico drama. A amizade unira as duas amigas que nem a morte pode apartar. Contentes, com as almas despreoccupadas, no verdor de seus 16 e 17 annos, as duas amigas, confiando no trahiçoeiro mar, deixaram-se levar pelas ondas perfidas!

A lucta foi horrivel, como é facil de imaginar. Um cavalheiro, n'um impeto de generosidade, atira-se ao mar, no intento de salvar as jovens que luctam contra o furor das ondas! Consegue apenas salvar uma e a conduz para terra; ella, porém, n'um lance de altruísmo, num rasgo de abnegação e coragem precipita-se novamente ao mar a ver se salva a amiga que, sósinha, luctava e quasi succumbia. Esforço inútil, baldado sacrificio! Dahi a pouco, já sem vida, os dois corpos foram transportados para terra. Amigas na vida e companheiras na morte!

Dois brasileiros distintos vieram, esta semana, em demanda da patria querida. Um veio morto, para nesta terra, que tanto amou, dormir o derradeiro somno. André Rebouças não podia repousar em solo extranho! Os brasileiros reclamaram os restos mortaes do sincero abolicionista, que tanto elevou sua patria.

Ultima homenagem ao grande homem que tinha o coração do ouro e a alma de criança!

Clotilde Maragliano, a brasileira illustre cujo talento tem sido applaudido nas cultas capitaes da Europa, veio também nos encantar, com os primores de sua voz e receber os applausos a que têm direitos os seus dotes artisticos e real merecimento.

Muito interessante está a exposição de pintura de Aurelio de Figueiredo. Não cabe, no estreito espaço desta *Carta* a detalhada noticia que eu deveria dar de seus quadros tão perfeitos, tão verdadeiros, tão sinceros! Visitando a exposição, tive ensejo de notar minha grande predilecção pela paysagem mineira, a qual meus olhos tão acostumados estão a apreciar! Os trabalhos que mais me agradavam e dos quaes eu logo procurava, no catalogo, a explicação, eram de Minas!

O quadrinho n.º 31 – Poço das Aguas Virtuosas (Lambary) foi o que mais me impressionou dentre tantos outros dessa rica exposição. Parabens ao grande artista, que é tambem eximio litterato, tendo já obtido o primeiro premio em um concurso de litteratura, na Gazeta de Noticias, se não me falha a memoria.

Li, no “Jornal do Commercio” uma noticia muito interessante. Imaginem... até as vaccas já usam oculos. E’ o que póde verificar-se nos steppes da Russia.

Os steppes ficam cobertos de neve durante mais de seis mezes no anno.

As vaccas alimentam-se de pequenas moitas de capim que transparecem atravez da neve, e os raios do sol sobre a neve tornam-se tão brilhantes que produzem a cegueira. Para obviar a esta calamidade, um homem de bom coração lembrou-se de proteger os olhos desses animaes da mesma fórma que se protegem os dos homens e poz-se a fabricar oculos de vidros enfumaçados que podem ser trazidos com toda a segurança pelo gado. Estes eculos [sic] produziram resultado satisfactorio e são actualmente usados por mais de 40.000 cabeças de gado, que desde então não são mais victimas da cegueira da neve, que tanto os fazia soffrer.

E’ o que ha de mais *fim de seculo*, não acham?



A proposito dos chapéus das senhoras no theatro lyrico tem-se gasto muita tinta e muito papel. Tem havido brigas, discursos e questões, mas o certo é que nenhuma senhora mais se apresenta lá com os taes chapeos, cuja unica serventia era impedir a vista dos espectadores. Ainda bem! As chapeleiras deram o cavaco com a nova moda, em compensação os cabelleiros estão radiantes de alegria. Pudéra! O chapéu, de algum modo encobria o penteado deselegante, mas agora muda de figura... ficam á amostra muitas calvas!

Ouví censurar a “Mensageira” por haver transcripto um trabalho litterario.

E a propria pessoa que censurava esse facto, falava com entusiasmo do trabalho transcripto, que até então não conhecia. Não acho razão nessa censura. Se a “Mensageira” não tivesse tido a franqueza de declarar a procedencia do trabalho transcripto, passaria despercebido talvez, como a muita gente passou, certamente, o que vou referir.

O “Novo Mundo” publicou em Maio de 1879, o bellissimo conto “Sonho de um sabiá” original de Sylvio Dinarte, transparente pseudonymo do illustre Visconde de Taunay. Pois bem, a “Semana” de memoria gloriosa, revista litteraria por excellencia, publicou a 8 de Junho de 1895 , por conseguinte 18 annos depois, o mesmo conto sem alteração de uma virgula, apenas em vez do pseudonymo o proprio nome do auctor. Não declarou a procedência do conto...de modo que todos ou quasi todos o leram e o apreciaram devéras. Isso de memoria bôa... não é para todos. A mim, graças a Deus, difficilmente me enganarão em questões de arte. Ha pouco tempo encontrei no mesmo “Novo Mundo”, a copia de um quadro de genero, original de um pintor illustre, que figurou no “Salon de Pariz”, ha muitos annos.

Sabem o que aconteceu? Um dos nossos pintores copiou fielmente a principal figura do quadro e o impingiu como feito do natural, de um modelo vivo. A gente vendo essas cousas entristece. A Arte deve ser tratada com mais respeito.

Os grandes acontecimentos da quinzena são: a proxima exposição retrospectiva, organizada pelo Centro Artistico; a fundação de creches e Jardins da Infancia, generosa ideia que tem a sympathia de todas as brasileiras, e a inauguração da monumental igreja da Candelaria.

Esse templo, que é considerado o primeiro da America, foi iniciado ha cento e tantos annos. E’ riquissimo e imponente. A musica que cantaram no dia da festa inaugural, e que é bellissima, é original do maestro Padre José Mauricio e tem tambem mais de cem annos de idade. Tudo n’aquelle templo magestoso obedece e respeita a tradição.

Contam que uns naufragos, prestes a succumbir, invocaram a protecção de Nossa Senhora da Candelaria e prometteram construir uma capella á virgem se Ella os valesse nessa dolorosa situação.

E a promessa foi cumprida. A imagem de Nossa Senhora é ainda a mesma. Ella que ouvio e piedosa attendeu aos naufrages do seculo passado, tem protegido tantas outras gerações, que em seu seio encontram sempre o sublime consolo da fé, a alegria da esperança e o beneficio da caridade.

Neste fim de seculo, as noivas estão muito ariscas. Uma dellas, outro dia, desmanchou o casamento por uma futilidade apparente mas que é falta muito grave para quem só encara a vida pelo seu lado pratico. Eis o caso: A noiva guardava em casa de seu *futuro*, os doces que ia fazendo para o dia do casamento. A casa do noivo era mais commoda, prestava-se melhor para guardar o *stock* dos doces.

Um dia a noiva desconfiou...ali faltava grande quantidade de doces.

Tirou a limpo a questão: quem os comia era o noivo. Ahi então ella raciocinando disse: quem não tom capacidade para guardar algumas bandejas de doces, muito menos terá para guiar o futuro da mulher e proteger e amparar a familia. E por causa de ter comido os doces do casamento, o noivo foi despedido!



31 de julho de 1898, ano I, n. 20, p. 305-307

A exposição retrospectiva organisaada pelo Centro Artistico teve um exito brilhante. Não imaginava eu que nesta terra houvesse tantos primores de arte. Em uma rapida visita apenas não é possivel que eu tenha visto tudo que lá existe de bello e original. Com mais vagar voltarei ao assumpto, que bem merece toda a attenção.

A sympathica ideia da fundação de Creches e Jardins da Infancia, nesta capital, tem sido acolhida em geral com muito enthusiasmo e amor. Julia Lopes de Almeida, a brilhante escriptora que tão conhecida e estimada é, está trabalhando com afan para tornar em realidade o seu sonho de tantos annos.

Com effeito, é uma necessidade e um dever que todos temos de cooperar com o contingente de nossas forças para a realisação dessa obra grandiosa, cujos beneficos resultados não se farão esperar.

A Creche é feita para descanso dos pobres e tranquillidade dos ricos. Uma mulher pobre que precisa ganhar o pão de cada dia no trabalho penoso de creada de servir,

encontrará na Crèche, conforto para o filhinho que ahi será bem tratado e alimentado convenientemente. A' noite, ao voltar do trabalho, receberá seu filhinho amado.

Ao contrario é impossivel se conciliarem as cousas. Trabalhar com o filho ao colo é um supplicio para a creança e para a mãe. Será um fardo pesado para os braços, embora não seja para o coração.

E a mulher rica que pode pagar creadas exige, e com razão, que o serviço seja bem feito.

Assim pois, a generosa ideia da fundação das Creches, nesta cidade, é de grande beneficio para as famílias ricas ou pobres.

Não se contando absolutamente com o auxilio official para a realização deste sonho — sonho? não, ideia muito pratica, devemos nós mulheres, as mais interessadas em bem organizar nosso *ménage*, trabalhar com coragem para esse fim.

Já resoaram a meus ouvidos planos muito felizes. Sei que se organizará um leilão de prendas — de trabalhos de nossas gentis patricias — e como não desejo que alguém alegue falta de tempo para execução de um trabalho bonito e delicado, aviso desde já as cariocas, ou melhor ainda, as brasileiras em geral. Irei, nestas “Cartas” contando tudo o que souber acerca desta ideia que hoje me preocupa inteiramente o cerebro e o coração.

Passar de um bom conselho a um conselho bom é cousa facil. Pedindo pelas Creches é aconselhar o bem e ensinar a prudência na vida conjugal é também um excellento conselho. Eis o caso: Morava no sertão de Minas um casal feliz. O marido amava a mulher como geralmente as mulheres amam os maridos — com extremos.

Nunca tinham brigado e o que um queria, queria o outro. Lá uma bella tarde estavam ambos sentados na varandinha da frente, gosando da frescura deliciosa d'aquelle logar quando ouviram muito ao longe o pio estridulo de uma ave do matto.

— Que bello canto tem o jacú, disse o marido, escuta, elle está cantando.

— Não é jacú, é jacutinga, affirma a mulher.

— Estás enganada, é jacú.

— Não é, eu sei, é jacutinga.

— Não teimes commigo.

— Teimoso és tu, grandississimo malcreado.

E a discussão foi augmentando, augmentando...já nenhum dos contendores ouvia o que o outro dizia, cada qual queria mostrar maior conhecimento de adjectivos insultuosos.

E para encurtar razões, o marido como mais forte, venceu a discussão quebrando nas costas da cara metade uma bengala de junco.

A pobre mulher voltou para casa dos paes — refugio de quem naufraga no casamento. Não poude mais tolerar aquelle barbaro que se esquecera de seu amor, da deferencia que devia á mulher, de tudo, tudo, para espancal-a assim!

Passaram-se muitos mezes. O marido já muito arrependido procurou reconciliar-se com a mulher. Lagrimas, rogos, perdões, promessas, tudo elle invocou em seu auxilio e o certo é que ella perdoou a offensa e...reconciliaram-se.

(Conselho: não se mettam em brigas de marido com mulher, tenham em vista a reconciliação deste casal). Mas, como ia dizendo, voltaram para a casa abandonada pela futil discussão do pio de uma ave do matto. E a alegria, a paz e a felicidade voltaram também áquelle lar. Muito bem, estava tudo como dantes. Lá um bello dia, entre beijos e caricias, a mulher docemente suspirando, disse: faz hoje um anno, lembras-te? que brigamos por causa do jacú e da jacutinga, tu teimavas que era jacú.

— E era mesmo, tu não tinhas razão.

— Era jacutinga.

— Não era. — Era.

— Não era.

Em resumo, repitiu-se a scena do anno passado, mais forte ainda, porque em vez da bengala de junco, quebraram ambos toda a louça da casa no bombardeio que improvisaram de repente.

E dessa vez então não foi possivel mais a reconciliação. Os insultos reciprocos tinham sido de tal ordem que derribaram para sempre a felicidade conjugal d'aquelles dois teimosos!



15 de agosto de 1898, ano I, n. 21, p. 321-323

“Vale o esforço ou vale a victoria?” Eis o problema. Esta pergunta intrincada fazia, ha dias, no Jornal do Commercio, em um vibrante artigo, a distincta escriptora Maria Amalia Vaz de Carvalho. Vale a immolação dos que deram a um ideal sonhado toda sua alma, ou vale a felicidade dos que attingirain o seu fim e colheram na apothese final, a palma appetecida? O mundo, accrescenta a illustre escriptora, só vê os que venceram.” Triste verdade essa! Os factos da vida pratica, demonstram bem que o povo só leva em conta os feitos dos vencedores. E é por isso que eu fico pensativa a scismar quando vejo desses factos tão communs e com os quaes meu espirito e coração rebeldes á rotina que domina o mundo, não se acostumam, e a que não se submettem.

Outro dia, na Exposição de Arte retrospectiva, brilhantemente organizada pelo Centro Artístico, contemplava absorta, um quadro lindissimo.

Era o interior de uma sala de luxo, repleta de formosos objectos de arte. Extraordinaria composição em que se encontravam em harmonioso conjuncto, a riqueza do colorido, a luz vibrante e forte de um dia primaveril, o rigor tecnico dos detalhes e sobretudo a elegancia e naturalidade das figuras. Ao fundo do quadro havia uma janella ampla, francamente aberta e ao longe, muito ao longe viam-se, desenhados com a rigorosa precisão da perspectiva, arvores e arbustos que projectavam no chão deliciosa sombra. Ao contemplar o formoso quadro, esquecime de consultar ao catalogo o nome do auctor.

Apreciava-o incondicionalmente, como se aprecia o que é bello, o que é digno, o que é elevado. De repente ressoaram a meus ouvidos palavras asperas de censura ao quadro. Alguem dizia, bem alto, que nenhum valor encontrava na tela que me enfeitiçava cada vez mais.

D'ahi a pouco, o mesmo critico, reconheceu o festejado nome do auctor do quadro e diz entre assustado e arrependido: Ah! é de Berne-Bellecour, não tinha reparado, é esse um pintor emerito, seus quadros têm grande cotação, etc.

Volto á Exposição, dias depois, e que havia de encontrar? O mesmo critico, embevecido, absorto quasi, a contemplar a tela que dias antes tanto o erritára. E mais surprehendida fiquei quando o vi, em phrases repletas de entusiasmo, chamar a attenção de um amigo e descrever um por um os detalhes completos do quadro que relamente só o encantou depois de reconhecida a assignatura do pintor.

Ha muito tempo que me preocupa o coração a dolorosa verdade que o Padre Antonio Vieira ha tantos annos disse, nesta phrase suggestiva: Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.

Entrou para o prelo o formoso livro de estréa, "Flocos de Neve", da talentosa e inspirada poetisa Áurea Pires. A poetisa é muito jovem mas já tem um nome vantajosamente conhecido em nosso meio litterario. Apezar da fraternal amizade que me prende á meiga e intelligente poetisa não sou suspeita garantindo desde já o exito de seu livro [sic] Lendo as poesias de Aurea, a gente, involuntariamente, se lembra de Luiz Guimarães Junior.

São fluentes e naturaes os versos, inspirados quasi todos nas bellezas da natureza, nos sentimentos generosos e sobretudo no amor sincero e nobre que tanto eleva e arrebatava as creaturas! Ninguém encontra uma palavra *forçada* nos versos desta poetisa. A rima é facil sem ser banal; a cadencia é doce e a factura natural.

Comparando os versos de Aurea Pires aos de Luiz Guimarães Junior, eu faço o maior elogio possível á poetisa; pois tanto ella como eu prestamos ao poeta, recentemente morto, o maior preito e a maior homenagem e admiração!

Não sei porque, entendem as nossas patricias, que quem escreve para a imprensa deve ter muita pratica da vida e conhecer perfeitamente os factos e as pessoas. E assim devia ser, na verdade.

Recebo sempre cartas gentilissimas que me solicitam conselhos sobre vários pontos. A ultima que recebi era de uma noiva.

Notaram já como as noivas gostam de escrever e receber cartas?

Perguntava-me a gentil missivista se a mulher educada deve ou não abrir as cartas do marido e vice-versa. E' um ponto este de importância summa. Parece uma questão ridicula e comesinha; mas não é. Entendo que entre marido e mulher não deve absolutamente haver segredos, mas entendo também que qualquer dos dois póde ser o depositário do segredo de um terceiro e nesse caso não pode e nem deve, em absoluto, confial-o a quem quer que seja.

E' mais prudente, pois, que cada um respeite o outro e não abra cartas que não são suas. E' muito problemática a ventura que nos póde trazer uma carta a outrem dirigida e é muito mais provável que ella nos traga um desapontamento ou uma decepção.

Também é um máo habito o costume de lêr cartas que se encontram abertas sobre os moveis de uma casa. Ha muita gente cobarde, que sendo incapaz de frente a frente dizer o que sente, se prevalece desse meio commodo e cynico para dizer o que quer. Em resumo, a verdadeira norma a seguir é esta: ninguém deve abrir ou lêr cartas que não lhe são dirigidas. Deste modo evitam-se muitos aborrecimentos futuros.

Contou-me, ha dias, um pintor illustre que seu irmão – tambem tambem (sic) pintor emerito e de grande nomeada – tivera a encommenda do retrato á óleo de um menino, mas do modo mais exquisito que se pode imaginar. O menino tinha fallecido ha seis annos já, e o pae queria que o pintor, auxiliado por uma photographia velha, fizesse o retrato do menino, como elle deveria ser, se fosse vivo, isto é, se tivesse treze annos.

— Mas, seu filho, por esta photographia mostra ser um menino de sete annos, pouco mais ou menos, disse o pintor.

— Justamente, replica o pae. Elle tinha sete annos quando morreu. Mas o senhor como bom pintor, com o auxilio desta photographia e com um pouco de bôa vontade e de imaginação póde, perfeitamente, pintar o retrato como eu quero, isto é, de um rapazinho de treze annos, muito parecido commigo, com a differença apenas que tinha os olhos azues.

Haverá cousa mais estúpida do que isto? Não creio.

Decididamente, para se ser pintor, nesta terra, é preciso possuir, além de todos os conhecimentos technicos indispensaveis á grande arte, a sublime virtude da paciencia.



30 de agosto de 1898, ano. I, n. 22, p. 350-352

As demonstrações de regosijo e sympathia que a população desta capital, representada por diversas classes sociaes, prestaram ao illustre Dr. Campos Salles, por occasião de seu regresso á patria, bem mostram o alto conceito em que é tido o presidente eleito dos E. U. do Brazil, que tanto honrou, no estrangeiro, o nosso amado paiz. Ao presidente eleito saúda o povo em delirio, cheio de enthusiasmo e esperanza pela risonha perspectiva de seu governo criterioso. Eu o saúdo também, sem me esquecer entretanto do illustre Dr. Prudente de Moraes, que tanto tem se esforçado pela pacificação e progresso desta terra.

Com o desenvolvimento da instrucção ao povo, até a propria desgraça é attenuada de um modo consolador! E é por isso que hoje em dia, não é tão dolorosa, como dantes era, a desgraça de ser cego.

O benefico Instituto Benjamin Constant, desta cidade, tem prestado os mais relevantes serviços aos cegos, principalmente aos que não são ricos. Assistí a festa da distribuição de prêmios aos alumnos d'aquella casa de educação e fiquei satisfeita com o excellento resultado obtido pelo digno director Dr. Brazil Silvado.

A festa musical e litteraria foi esplendida. Fizeram-se applaudir distinctos litteratos e artistas de mérito consagrado.

Os cegos, resignados quasi, com o seu viver — eterna noite que não tem aurora — mostraram-se merecedores dos mais calorosos elogios.

Soube que uma menina cega, que recebeu prêmio, era engeitada! Pobresinha!

Quanta dedicação, perseverança e esforço não foi preciso para aquella pobre alma não succumbir nos primeiros tempos de sua vida! Não ter pae! não ter mãe! não ter a luz dos olhos e ter coragem para lutar e ter mérito para vencer é de um character privilegiado!

O Instituto váe iniciar uma serie de conferencias litterarias, proporcionando assim excellento e util distração aos cegos. Quanto vale o progresso! Na communhão da sociedade, é hoje recebido como um homem util aquelle que privado da vista, seria em outros tempos, um pesadelo para a familia e para a patria. Bemdicto progresso! abençoada civilisação! Parabéns ao Dr. Brazil Silvado — a alma do instituto — e aos ceguinhos que apesar de

muito beneficiados hoje pela instrução — que espanca as trovas do espirito, são ainda dignos de toda nossa piedade, de todo nosso carinho.

O distincto pintor Sr. Adolpho Malevolti, faz actualmente bella exposição de pintura, em vasto salão de uma casa, á rua dos Arcos.

Ha ali vinte e seis telas completas, perfeitas, irreprehensivelmente desenhadas. Em todos os generos trabalha o illustre pintor que tanto honra e engrandece a sua arte. Os premios diversos que o Sr. Malevolti tem conquistado em varios paizes onde tem apresentado seus trabalhos, são prova eloquente de seu merito real. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, já recebeu o Snr. Malevolti uma medalha de ouro, em uma Exposição da Escola Nacional. Eu não posso falar do illustre mestre tudo o que devia sobre o seu merecimento, sou suspeita. Desde creança tenho me affeioado de tal forma a todos os meus professores, que no fim de algum tempo em cada um delles conto um amigo. Está explicada, pois, minha suspeição. Com o Sr. Malevolti tenho aprendido tudo o que sei em pintura — é verdade que muito pouco, mas a culpa, neste caso, não é do professor, garanto.

Ha quadros, nessa exposição, que impressionam poderosamente ao visitante. Não posso, pelo pequeno espaço desta carta, tratar minuciosamente de todos elles. Recommendo entretanto, as appetitosas “Uvas brancas” tão transparentes e verdadeiras; as “Carambolas maduras” de encantadora belleza; aquellas “Arvores antigas” tão nossas, tão brasileiras; o bello “Efeito de sol” e a “Praia da Saudade”, quadro que deixa a alma do espectador repassada de doce melancolia. Um punhado de rosas sobre a venerada cabeça do distincto filho de Florença que tanto engrandece a nossa patria, que elle considera sua pelo muito que a ama.

Cento e quarenta annos bem sommados tinham os dois, elle e ella, ou simplificando a operação, setenta annos cada um delles, o raptor e a raptada.

E’ verdade! pelo menos foi o que publicaram os jornaes desta capital.

Aos setenta annos ainda póde uma mulher, naturalmente feiticeira, incendiar paixões e provocar desordens, e com equal idade, ainda existe nesta terra poderosa, homem de coração apaixonado e cheio do vigor para cavallarias tão altas!! E’ o caso do sabio provérbio: não falta nunca para um pé inchado um chinello velho. Para uma Julieta de setenta annos ha sempre um Romeu da mesma idade!



15 de setembro de 1898, ano. I, n. 23, p. 364

A Sociedade Commemorativa das Datas Nacionaes iniciou de modo brilhante seus festejos com o nosso glorioso 7 de Setembro. E' o caso de não saber a quem dirigir parabéns, se á Sociedade Commemorativa, se aos brasileiros em geral.

O illustre presidente eleito de Minas, Dr. Silviano Brandão, tomou posse de seu alto cargo, no dia 7 do corrente, no meio de applausos e regosijo popular. No grande brasileiro que reúne em si os mais nobres e elevados dotes de coração e espirito, veem os mineiros um amigo sincero e tolerante que saberá administrar brilhantemente a terra que lhe foi o berço. Novo embaraço para mim, que não sei a quem saudar, se ao illustre presidente pelo seu elevado cargo, se aos mineiros, pela excellente escolha que fizeram elegendo-o para dirigir os altos destinos da poderosa terra, glorificada pelo sangue de Tiradentes.

O Rio Grande do Sul, o meu querido Rio Grande, não quiz ficar atraz de S. Paulo, o adiantado Estado que tanto se tem distinguido no caminho das artes e da sciencia. Não tinham ainda terminado os applausos delirantes em honra da talentosa artista Clotilde Maragliano, e outra artista, não menos digna, não menos talentosa, veio nos encantar com sua voz educada e bella. Amalia Iracema, a riograndense do sul, é digna émula da cantôra paulista e ambas vieram despertar grande enthusiasmo no coração de seus compatriotas!

A quinta Exposição Nacional de Pintura, inaugurada a 1 de Setembro, nesta [sic] capital, está magnifica. Para que a Exposição fosse excellente, bastava o grande quadro de Almeida Junior, "Partida da Monção", que lá está, como um raio de sol, illuminando o salão. Ha quadros de principiantes collocados bem proximos á grande téla do pintor paulista. Mas, que mal ha nisso? pergunto eu. Cada um enterra seu pae como póde.



30 de setembro de 1898, ano. I, n. 24, p. 375-377

Completa a "Mensageira" com o presente numero, seu primeiro anno de publicidade. E' motivo de jubilo para mim, esse facto. Se o grande interesse que tenho por esta revista, não me tornasse tão suspeita aos olhos dos leitores criteriosos, eu teceria hoje os mais calorosos elogios á directora desta folha, cujos primeiros passos ella tão brilhantemente tem guiado, por via de regra, os mais difficeis de guiar.

Um anno de existência o que é ? — Nada; um rápido abnr e fechar de olhos; uma illusão que se esvae; um sonho que se dissipa; uma nuvem que passa. No emtanto, se a

semente de um máo conselho ou de uma falsa educação, fica em uma alma infantil e brota e viça e cresce...quantos prejuizos e desgraças podem se desenvolver no curto espaço de um anno! Tudo é relativo, pois. Um anno pode ter a rapidez de um minuto ou a lentidão de um século. Depende do ensinamento que delle soubermos tirar.

Se a “Mensageira” tiver despertado, com suas ideias aqui externadas, uma vocação ao menos; se tiver alevantado em um coração descrente uma energia digna; se tiver consolado um triste e encorajado uma alma timida e medrosa, terá cumprido dignamento [sic] o seu dever. Mais vive quem faz bem do que quem muito vive.

A “Mensageira” tem em suas columnas, sempre francas aos escriptores de bôa vontade, embora principiantes, apresentado algumas escriptoras de talento e divulgado o mérito de muitas outras que eram até então bem pouco conhecidas.

E não é que eu estou me esquecendo que sou suspeita e vou entrando em divagações que terminarão fatalmente em francos elogios a esta revista? Cala-te, coração!

Outro dia nos A pedidos do “Jornal do Commercio” deparei com algumas linhas interessantes que me fizeram rir gostosamente. Era uma felicitação banal, muito cheia de elogios. Mais ou menos dizia assim: A’ minha querida e formosa e bôa e intelligente filha Fulana de Tal, saúdo pelo seu natalicio etc.” E a venturosa mãe, que quiz ver em letra redonda os decantados dotes da ditosa filha, assignou seu nome por extenso!

Por associação de idéas, lembrei-me desse caso ao saudar hoje a “Mensageira” e tive a necessária prudencia de calar-me a tempo. Ainda bem!

Crotalos é o titulo — que extravagante titulo! — de um livrinho de versos que o joven e talentoso poeta Carlos Góes acaba de publicar. Lê-se de uma só vez o gracioso livrinho que tem muitas poesias bonitas. Agradeço o exemplar que me foi offerecido pelo auctor. Sem querer fazer critica — genero esse de litteratura ao qual eu sou avessa por indole e por precaução — destacarei entretanto dois sonetos que impressionam agradavelmente ao leitor. *Magna Força e Clown*. E’ uma bella promessa esse livro, e, o poeta que tem apenas 17 annos — tem diante de si um bonito futuro se continuar a estudar e não prestar ouvidos a elogios banaes. Aos 17 annos, como é grande a influencia da critica! eu que o diga! Uma palavra de louvor ou uma phrase de censura causa-nos tamanho abalo que ficamos por muito tempo dominadas por essa impressão tão forte!

E é por isso que eu aconselho ao joven poeta que não se sinta muito lisongeados se a critica lhe for favoravel e nem se mostre subjugado se ella for inclemente. Continue a estudar e muito e a ler os bons poetas. A enriquecer o seu espirito na solida comprehensão da

verdadeira arte, lucrará muito mais do que a escutar criticas litterarias que muitas vezes não têm valor, que muitas vezes não são sinceras.

Pediram-me, ha dias, para escolher um nome bonito para um recém-nascido [sic]. Antes que eu respondesse, uma seuhora [sic] presente, muito dada a litteratura franceza, lembrou o nome de Victor Hugo. E a pobre creança recebeu na pia baptismal a responsabilidade desse grande e glorioso nome. Horror! Pelo amor de Deus, mães de familia, livrae vossos amados filhinhos de tamanho desfructe. Victor Hugo de Souza! Floriano Peixoto de Azevedo! Que vem a ser isso? Que cousa ridícula!



15 de fevereiro de 1899, ano II, n. 25, p. 1-2

Com o presente numero entra a Mensageira em seu 2.º anno de existencia.

Esse facto — que attesta a estima e merecimento desta folha — por si só deveria encher de júbilo o coração de sua illustre directora, se elle não estivesse, como está, sangrando ainda de dor!

A perda, quasi que repentina, de seu ultimo filhinho, o adoravel Bolivar — formoso lyrio que enchia de alegria o seu lar e de esperanças o seu coração — abalou-a fortemente, como é facil de imaginar. Por esse motivo, aliás muito justo, esta revista suspendeu por 4 mezes, sua publicação. E se hoje reaparece, vem provar a força de vontade, a digna energia de sua directora, que continúa a trabalhar e a lutar, tendo embora o coração dilacerado de dôr, pela magua sem consolo, pela saudade inextinguível, da separação eterna de um filhinho idolatrado....

Quantas cigarras, neste momento, cantam alegres por sobre os galhos verdes das trepadeiras em flor! Graças a Deus, o inverno se recolheu aos bastidores. Ha quem adore o frio e no emtanto é commum corapararem-no sempre á velhice. Que é isso? que incoherencia! Ninguém se lembrou ainda de chamar a mocidade, o amor, o entusiasmo e a alegria de sentimentos frios. Fria é a indiferença; fria é a ingratitude; frias são as almas sem fé e sem ideal; fria é a morte. Hosanna pois, ao verão que vem enriquecer do rosas e de azaleas os nossos jardins, tornando-os exuberantes de viço e de esplendor!

Os concertos symphonicos, no salão do Instituto Nacional de Musica, organizados pelo Centro Artístico estiveram magnificos.

Não se pode imaginar goso de espirito mais fino e mais elevado do que ouvir esses concertos, em bôa hora confiados ao eximio professor que com tanto brilho e auctoridade exerce o importante cargo de Director de Nosso Instituto. A musica eleva a alma e ennobrece o coração. Não posso crer que alguém depois de assistir a um concerto clássico, como os sabe organizar o professor Miguez, saia lá do Instituto com a alma pesada por algum desgosto intimo. Todas as maguas se dissipam, como por encanto ao som da sublime musica de Wagner e a gente, involuntariamente, se transporta aura mundo melhor, a um mundo ideal, aonde não chegam as tristezas e onde tudo é puro e transparente como a alma de uma criança.

Sabbado, duas horas da tarde! Deve estar correndo a grande loteria dos 500 contos. Quantos corações batem, neste momento, repletos de fagueiras esperanças. Quanto sonho que vae se dissipar d'aqui a pouco; quanto castello que vae cair no duro chão da realidade. Quem compra um bilhete, faz logo os seus cálculos, não ha duvida. Ir á Europa, posso afirmar, que é o mais geral dos sonhos dos brasileiros. Ver Paris... que delicia!

Paris é um céu que a phantasia engrandece talvez — quem sabe? — mais do que merece. Vale a pena pensar alguns dias na sorte grande. E' um dinheiro bem empregado o do bilhete... mesmo que saia branco. Tal qual um dispeptico que precisa de appetitivos para excitar o estomago cauçado e doentio, ha muita gente, que precisa de vez emquando de um bilhete de loteria para reanimar a imaginação abatida e proporcionar ao espirito o suavissimo goso de sonhar acordado.



15 de março de 1899, ano II, n. 26, p. 40-42

Nunca é tarde para falar de um morto illustre! E' certo que a imprensa brasileira, em geral, tem tratado do illustrado Visconde de Taunay com amoroso respeito e grande admiração! Seriam, pois, dispensáveis as minhas palavras de pezar, se ellas não fossem tão sinceras.

Fala-se em uma estatua para o grande brasileiro. E' uma homenagem justa e merecida.

Tenho em minha estante um livro que adoro, que me delicia o espirito todas as vezes que o folheio e que me causa maior satisfação ainda pela sua côr nacional, pelo seu estylo singelo, de puro brasileiro. E' a *Innocencia* de Taunay. Ha livros que não ficam velhos, são sempre novos, agradaveis e queridos. Não admira que com os livros aconteça isso, se também com as creaturas se observa o mesmo facto. Ha pessoas cuja *verve* é sempre nova e

encantadora; creaturas cujo espirito não envelhece. Bemaventurados, pois, os bons livros como a *Innocencia* e bemaventurados as pessoas que sabem encantar a todos com a eterna presença de seu espirito sempre novo. E' pena que tanto os livros desse theor e as pessoas que possuem taes qualidades sejam tão raras!

O carnaval este anno teve uma nova orientação. Cada arrabalde fez a sua festa, conforme poude e somente na terça-feira a cidade tomou os seus ares festivos e luxuosos para a passagem das tres principaes sociedades carnavalescas.

Assim é que deve ser. Cada bairro deve ter seus clubs e suas sociedades. Nós todos, inconscientemente, gostamos do nosso cantinho. E é por isso que a sociedade do nosso bairro, a gente que comnosco toma diariamente o mesmo bond, que gosa do mesmo panorama, que compra nas mesmas casas, que dança no mesmo salão, nos desperta maior sympathy, embora sejam alheios ás nossas relações de amizade. E' um caso de observação. Eu quando passeio pelos outros arrabaldes, confesso, aprecio immenso a belleza e diversidade das variadas vistas e modernas construcções, mas o intimo prazer, comparável somente ao encanto de estar em familia, conversando, á noite, em torno á mesa de jantar, na verdadeira e unica felicidade — a tranquillidade do lar — eu só encontro quando tomo o meu bond e venho para estes lados tão saudaveis e tão, formosos da incomparável Tijuca.

Sahir da Tijuca para ir dançar na Gavea; deixar as Larangeiras para ir prosear no Pedregulho são cousas difficeis.

Só muita amizade ou muita vadiação ...

O *Lar Domestico* de Vera Cleser, tem agradado extraordinariamente.

E' um livro util. Suas receitas muito praticas provam bem. Vê-se que a auctora é uma excellente *menagère*. Aconselho a leitura do *Lar Domestico* ás jovens noivas e a todos que se interessam pelo bem estar de suas casas.

Nada mais agradavel do que uma casa confortável e alegre!

E Vera Cleser ensina, intelligentemente, todos os meios de conservar o encanto do lar.

E' um livro esse que as donas de casa devem estimar muito e os homens, principalmente, os homens devem adorar-o. A mulher que seguir a risca todos os salutareos conselhos de Vera Cleser, fará de seu lar uma especie de paraizo, para o descanso e completa ventura do esposo.

Um sabio allemão acaba de prognosticar que o mundo terá fim no dia 13 de Novembro proximo futuro. Esse vaticinio tem feito mal á muita gente, que anda nervosa e apprehensiva.

A mim... não me abala. Com o genio communicativo e alegre que tenho, confesso que não me desagradaria este fim trágico e divertido.

Todos juntos, que barafunda, Santo Deus!!

Seria uma verdadeira festa fim de século e sobretudo muito original.

O Dr. Cruls affirma que haverá apenas uma notável chuva de estrellas cadentes.

No dia 14 de Novembro não haverá mais duvidas a respeito e nós teremos então *verificado* qual disse a verdade, se o sabio da Allemanha, se o sabio do Rio de Janeiro.



15 de abril de 1899, ano II, n. 27, p. 58-60

Março é o mez das almas religiosas, das creaturas idealitas, que acreditam nas preces, confiam nas orações e sonham com a vida eterna. E' o mez de S. José, o casto esposo da Virgem Maria, o santo protector dos bem casados. Muitas famílias piedosas celebram o mez de S. José, rezando todos os dias ou todas as noites orações apropriadas para cada dia do mez de Março. A vida do grande santo é estudada sob todos os aspectos por escriptores sacros de real merecimento. E' uma devoção salutar que fortifica e retempéra a alma, dando-lhe fé e coragem para soffrer os rudes golpes da adversidade.

Desde creança acostumei-me a ver minha querida mãe rezar este mez com particular devoção.

Muitas pessoas sem fé e sem religião não acreditam na efficacia desta pratica tão simples e tão confortativa. Eu creio, felizmente.

Para pensar que S. José não existio, que não foi um santo virtuosíssimo, que não foi o guarda fiel da sagrada mãe de Deus, que não foi o protector dos fracos e dos desamparados, era preciso não crer na Biblia, não crer na Igreja, não crer na virtude, não crer em Deus!

O que me admira ás vezes é esta flagrante contradicção que tenho observado: ha pessôas que duvidam até da existência do grande santo e acreditam entretanto que existio Plutarcho, Homéro, Socrates, Nero e uma infinidade de creaturas, umas boas, outras más, umas dignas, outras abjectas, mas que dellas todas temos noticias, unicamente, pelos livros que ficaram, e pela Historia que é o attestado da vida do passado. A crer nos sábios devemos crer nos santos. E' racional o meu argumento.

O Dr. Moncorvo Filho communicou á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro a criação, sob sua iniciativa e com o auxilio poderoso da imprensa e de um grupo de cidadãos caritativos, do Instituto de Protecção e Assistência á Infancia.

E' inutil encarecer a utilidade deste piedoso Instituto. E' uma necessidade e um dever que todos temos de amparar e proteger, na medida de nossas forças, as creanças desventuradas, sem tecto, sem pão, sem conforto e sem carinho.

O nome do illustre Dr. Moncorvo Filho ficará d'ora avante gravado em todos os corações sensiveis e amorosos. Que a ideia floresça e encontre o apoio indispensavel por parte da imprensa e das pessôas ricas é o que desejo sinceramente.

“Puerilidades de um Macrobio” é o titulo do decimo quinto livro de versos do Padre Corrêa de Almeida. Os versos quasi todos satyricos, são bem medidos e interessantes. O Padre Corrêa de Almeida abre seu livro com este pensamento de Nicoláo Tolentino:

“Querem saber quem é velho? E' velho quem o parece.”

Isto justifica perfeitamente a posição do laborioso poeta, que sendo já adiantado em annos, conserva todavia o espirito novo e são, alegre e jocoso, prompto sempre para ciitica fina e delicada, que sem offender a pessôa alguma, mostra o comico de muitos acontecimentos e de muitos personagens.

E' um livro interessante, cuja leitura amena e desopilante, provoca, por vezes, gostosas risadas.

Na Igreja do Senhor do Bom Jesus do Calvario está exposto um quadro extraordinario, cuja belleza surprehendente arrebatada e commove. É a ceia do Senhor, o conhecido quadro de Leonardo de Vinci. Jesus e os Apostolos estão representados em tamanho natural. Ha muita vida e muito movimento nesse quadro.

As figuras parece que fallam, a conspiração dos Apostolos é patente e Jesus, o doce e meigo Jesús, tem nos labios um sorriso de resignação e nos olhos uns lampejos de bondade.

Ao fundo da tela vê-se Jerusalem n'uma onda de luz sonora e triste. Ha nesse grande quadro todas as regras technicas da pintura e toda a verdade e sentimento indispensaveis em uma obra de Arte.

31 – Março – 1899.



Sinto ainda a deliciosa impressão que me causou o agradável passeio a Minas, em dias da semana passada.

A convite da directoria da Empreza Lambary e Cambuquira fomos — meu marido e eu — assistir a inauguração do seu estabelecimento balneario em Cambuquira.

Em trem especial partimos todos os convidados, cerca de sessenta pessoas.

A gentileza dos directores da Companhia, a fidalguia do tratamento, a belleza da viagem, a amenidade e a alegria dos convivas, daria para um longo artigo se eu tivesse a vaidade de monopolisar, só para mim, as paginas desta revista.

Foi uma esplendida festa que deixará, estou certa, gratíssimas recordações a todos que tiveram a ventura de assistil-a.

Os verdes montes, as formosas campinas, o ar puro e vivificador de Minas encantaram a todos da comitiva.

Em Cambuquira, houve a cerimonia da benção das fontes, que receberam os nomes de Dr. Fernandes Pinheiro e de D. Regina Werneck, justas homenagens ao illustre director da Companhia e á esposa do actual secretario da agricultura, em Minas, Dr. Américo Weneck, que muito trabalhou para o feliz exito da Empreza. Hymno nacional e foguetes houve a granel.

Em Cambuquira, durante o esplendido banquete que nos offereceu a Empreza, a musica do logar executava bonitos trechos de seu repertório. Um violão, rebeca, saxophone e violoncello apenas. As musicas que tocaram, todas ternas e maviosas, davam á festa a nota característica da genuina musica mineira: eram plangentes e sentidas como o queixume sincero de um coração apaixonado.

Voltamos para Lambary, em seguida, onde passamos uma noite agradável ouvindo bôa musica e bellos recitativos.

Partimos no dia seguinte depois de havermos visitado a cidade e apreciado as deliciosas aguas mineraes, encantados com a fidalguia da hospedagem e gentileza dos directores, incansáveis em obsequiar seus convidados.

Um passeio como este á formosa terra mineira, ao menos uma vez por anno, seria o melhor tonico possivel para retemperar o corpo e a alma, dando áquelle uma bôa dóse de forças e de vigor e a esta um forte manancial de alegria e bom humor.

Outro dia surprehendi a interessante conversação de duas amigas que muito prezo, uma escriptora conhecida e outra pintôra de merecimento.

Queixavam-se ambas, censurando uns tantos costumes impagáveis da nossa terra e do nosso povo. Dizia a pintora, com um ar de sarcasmo muito fino: “se eu fosse dar quadros e trabalhos meus a todos que me pedem, nada mais faria do que pintar para galantear o próximo. E o que é mais engraçado, em tudo isso é que os pedintes julgam que nos fazem um obsequio, com o tal pedido a queima roupa, entre um sorriso e uma phrase amavel, que a força de repetidos já não tem sal. Quero um trabalho seu... é uma amabilidade tão vulgar como esta outra: muito prazer em conhecê-la, tem uma casa ás ordens... (emquanto não precisar della.)

A escriptora tambem contava passagens interessantes que tinha observado. Entre outras, notou o habito commum dos nossos patricios em offerecerem os seus dados biographicos e contarem suas historias, algumas das quaes bem sem graça, aos fazedores de romances e de novellas para base de uma (sic) trabalho commovente. “Quero que escreva um romance com a historia da minha vida”, eis uma phrase muito commum. Que vontade tem essa gente de ver em letra redonda e sob um titulo de sensação a historia de sua vida!

— Ignorância ou vaidade? Pergunta a pintora.

— Creio que ambas as cousas, minha amiga, diz a escriptora!

Contam que um homem muito grosseiro, muito bruto, ia andando o seu caminho, em uma estrada de Goyas. Ia a pé e levava ás costas o seu farnél.

Encontrou com um sujeito rico, muito bem vestido, montado em vigoroso cavallo, ajaezado de prata.

No caminho havia uma porteira muito pezada. O homem rico disse ao outro, em tom imperioso: abre a porteira.

— Quem é você? retruca o bruto, para assim querer me governar!

— Sou um Doutor, responde.

— E que é que vem a ser um Doutor?

— Doutor é um homem que sabe tudo.

— Pois, meu amigo, quem sabe tudo, sabe abrir porteira.

A resposta do homem bruto foi tão bôa que mais parece ser a de um doutor.



Duas visitas illustres vae receber esta formosa cidade: Saint Saëns o grande maestro, o consumado organista europeu e Lucilia Simões a talentosa artista brasileira, que é um genio e uma gloria nacional.

Lucilia, que conta apenas vinte annos, tem já deslumbrado a Europa com o seu talento excepcional.

Vendo-a e ouvindo-a lembrei-me de Sarah Bernhardt.

Esse factio que observei tem sido já observado por algumas pessôas.

Creio que é o maior elogio possivel á joven artista, essa comparação que nos vem á lembrança, inconscientemente.

Projectam-se grandes festas e recepção aos illustres hospedes.

Bem merecidas e bem justas.

Os jardins desta cidade estão lindos, lindissimos! Ha muitas rosas variadas, frescas, cheirosas. É um encanto. Parece-me que as flores adivinharam ou sonharam com a visita dos illustres artistas e querem se mostrar fidalgas, gentis e cavalheiras. Decididamente houve alguma intriga... ou então é certo o que dizem... os [sic] flores advinham!

O telegrapho transmittio-nos, em menos de oito dias, a noticia da morte de tres artistas distinctos: Emilio Castelar, o tribuno valoroso, o litterato distincto que tanto elevou a Hespanha com a sua penna adestrada e a sua palavra eloquente; Sarcey, o critico notavel que tanto se elevou nessa ardua tarefa de dizer o que pensava, com auctoridade e justiça, sobre o trabalho alheio; e Rosa Bonheur, a pintora celebre, a artista de raça que tanto se distinguiu em sua arte, chegando a receber honras especiaes, conferidas tão sómente aos talentos de primeira ordem.

Rosa Bonheur era a directora da Escola de Pintura para o sexo feminino, de sua terra natal e era membro da Legião de Honra e do Instituto de Autuerpia e da Ordem Leopoldo, da Belgica.

Seus quadros atingem a preços elevadissimos. A illustre pintora falleceu com a idade de 79 annos.

Domingo passado houve no Hospital dos Lazaros, em S. Christovam, a festa da Santíssima Trindade, na capella do proprio Asylo.

Após a missa cantada houve a tradicional procissão que percorreu o edificio, fazendo-se em seguida a distribuição do pão de Loth aos enfermos.

Que cerimonia grandiosa e tocante! O Hospital é um primor de aceio e conforto. O edificio está situado no alto, e tem aspecto sumptuoso e nobre. A vista do mar é esplendida.

Actualmente existem 71 doentes n'aquelle caridoso Hospital. A procissão que percorreu os aposentos dos enfermos, trazia em dois altares ricamente enfeitados as imagens da Virgem Dolorosa e de S. Lazaro.

Os dormitorios amplos e claros estavam abertos á visita publica. Cada enfermo junto de sua cama aguardava de pé ou de joelhos a passagem do prestito sagrado. A sineta tilintava de leve, a banda de musica tocava uma melodia arrastada, tristissima... e a imagem de Nossa Senhora das Dores, carregada por gentis senhoritas, entrava no aposento dos pobres degredados da sociedade. Em seguida vinha S. Lazaro e no seu rosto soffredor parece que havia uns laivos de resignação e piedade.

A irmã esmoler distribuia o pão de Loth aos enfermos, que o recebiam com lagrimas nos olhos. Que scena triste! Sinto ainda o coração esphacelado de dor ao lembrar-me d'aquelle espectáculo medonho e tocante.

A enfermaria de S. João Evangelista é só de creanças.

Vi uma menina, enferma, de quatro ou cinco annos de idade! A pobresinha estava toda vestida azul e ainda tinha vestígios de belleza. A deformidade da molestra não lhe apagára ainda os encantos da primeira idade.

A creança estava contente com aquella festa, com aquelle movimento fóra do commum, com aquelle vestido novo e ria-se — pobresinha — inconsciente de sua incomparavel desgraça.

Na enfermaria das mulheres encontrei uma moça medonhamente deformada. Ao encaral-a, vieram-me as lagrimms [sic] em borbotão. Quiz disfarçar o meu pranto e não pude. A enferma desatou a chorar também, como creança, soluçando alto.

Os homens trajam uniforme de brim. Na cama de um delles, sobre a alva colxa, destaquei umas iniciaes feitas com pétalas de rosas.

Que quereriam dizer aquellas lettras? Pobre infeliz.

A festa foi honrada com a presença do Presidente da Republica e de muitas outras pessoas gradas.

O illustre sacerdote, senador Alberto Gonçalves, pregou um brilhante sermão tendo por these a esperanza e a resignação como o balsamo no soffrimento.

“Noites Brasileiras” o volumezinho de contos de Ignez Sabino, destinado á mocidade, entrou em nova edição, para o 4.º milheiro. Esse facto, que muito abona a talentosa escriptora, é por si um grande elogio e dispensa os meus commentarios.

Um livro de que se vendem, em pouco tempo, tres mil e tantos exemplares, é um livro de merecimento.

Consola e agrada em extremo, principalmente ao auctor que terá os proveitos de seu talento e as algibeiras recheiadas... que é o melhor da festa.

Antes do ponto final devo dizer que estiveram brilhantes as festas de 24 de Maio, commemorativas da grande batalha de Tuyuty. Em frente a estatua do legendário General Osorio houve uma festa imponente e popular.

Ainda bem!

Preparam-se tambem bonitas festas para o proximo Onze de Junho. A talentosa esculptora brasileira Nicolina Vaz de Assis trabalha assiduamente no busto do glorioso Almirante Saldanha da Gama, que deve ficar prompto para esse dia, de festa para a Marinha do Brazil.

E que melhor homenagem pódem prestar á Patria os nossos Officiaes de Marinha do que inaugurando nesse dia, o busto d'aquelle que foi o orgulho e a honra de sua classe?



15 de agosto de 1899, ano. II, n. 30, p. 119-122

E' o caso de se prometter um prêmio — e bom prêmio — ao chronista que conseguir durante uma quinzena como esta — só de festas e de alegrias — escrever duas linhas que não sejam discriptivas dos festejos esplendorosos e dizer duas palavras que não se refiram á festa, que tudo absorve. Aos jornaes diários, exclusivamente, devia caber a tarefa de relatar, por miudo, as festas e os festejos.

Aos escriptores que escrevem chronicas bem podia se poupar esse trabalho, aliás inútil. Mas como? Si elles proprios são os primeiros a não poderem se libertar dessa influencia!

Por toda parte, em todo o recanto desta capital, na praça publica, na intimidade do lar, só se houve fallar no General Roca e sua luzida officialidade, na Republica Argentina, na fraternidade dos dois paizes amigos, nas festas que preenchem todo o dia e que absorvem toda a attenção, todo o tempo.

Ha quasi nove annos que resido nesta formosa Capital e — francamente — nunca vi tanto entusiasmo como nesta ultima quinzena.

A principio foram as festas por occasião da chegada do Dr. Luiz Vianna, governador da Bahia; depois a exposição de quadros do notável pintor Baptista da Costa, depois Bordallo Pinheiro e suas admiráveis faianças das Caldas da Rainha e theatres e companhias de primeira ordem, lyrica e dramatica, uma infinidade de encantadoras festas.

Tivemos também a visita illustre de Francisca Julia, a gloriosa poetisa paulista. Infelizmente não pude abraçar-a quando fui visitá-la e nem recebê-la quando me veio procurar.

Esses desencontros involuntários fizeram-me muito pezarosa.

Tivemos ainda a visita de Silvio de Almeida, o notável educador, lente de portuguez no Gymnasio de S. Paulo, e delicado poeta, acompanhado de sua esposa, minha adorada amiga Presciliana Duarte de Almeida, que aqui esteve cerca de mez e meio, tempo esse em que *A Mensageira* esteve suspensa.

Agora reaparece a nossa revista, publicando os números atrasados, sem prejuizo para os assignantes. O prazer e a alegria que experimentei ao abraçar a minha querida amiga, só pôde ser avaliado por quem conhece a nossa amisade, tão antiga, tão solida, tão verdadeira.

A proposito da educação moral da mulher, escreveu Maria Amalia Vaz de Carvalho, no “Jornal do Commercio”, um excellento artigo intitulado “A mulher do futuro”. A illustre escriptora penitencia-se em publico e raso do seu antigo modo de pensar a proposito das profissões que as mulheres deviam adoptar.

Até então Maria Amalia aconselhava e dizia em bonitos e bem lançados artigos que a mulher devia estudar e se instruir para embellesar a vida de seu companheiro de existência, do eleito de su’alma, para se tornar a flor delicada do lar, centro de todo o carinho, para ser, em summa, o ideal e o unico pensamento do marido; hoje, mais pratica e mais positiva, ensinada, talvez, por grandes desillusões, ella aconselha o estudo como uma arma de combate; a profissão liberal como uma providencia immediata e mostra com elevado estylo e fortes analyses de factos incontestáveis a necessidade que a mulher tem de se preparar para a lucta, procurando pelo esforço proprio a sua independencia, a sua vida.

Ainda bem! Causava-me espanto o antigo modo de pensar da illustre escriptora relativo a esse ponto de magna importância no momento actual.

Hoje, que ella publicamente se mostra arrependida de seu modo de pensar — poético em demasia — eu venho annunciar, com alegria, esse facto aos leitores desta revista.

Mais uma para o nosso lado! e uma que vale o que pesa, que sabe pensar, que sabe ver, que sabe meditar e que além de tudo isso tem a rara virtude de confessar o seu erro e abraçar um novo ideal que lhe parece ser o verdadeiro.

Ainda bem. E’ o caso de se dar parabéns ás mulheres em geral.

Fiel ao meu programma, deixo aos jornaes diários o direito de discrever as festas excepçionaes destes dias. Abro apenas um parenthesis para a extraordinária festa do mar, o passeio veneziano na bahia de Botafogo.

Imaginem o quadro: o mar sereno e bello, a noite clara e bonançosa, o céu tranquillo, sem uma nuvem.

Centenas de embarcações, illuminadas artisticamente com variegadas cores moviam-se por sobre as ondas, ostentando com garbo a sua extraordinária belleza.

A orla toda da enseada, desde o Gigante de Pedra até o morro da Viuva estava repleta de gente.

Os balões venezianos, a illuminação *a giorno*, as lanternas de mil côres que se reflectiam docemente nas aguas, os poderosos holophotes e a musica suggestiva e tocante concorreram para o deslumbramento desta festa — a mais bella que a imaginação póde conceber.

Um escriptor já disse que a praia de Botafogo, fechada n'uma verde moldura, é um pedaço da Grécia e um pedaço da Italia, a um tempo, fundidos no Brazil. Tem da Italia o céu e tem da Grécia o mar.

Não sei. Não conheço a Italia, não conheço a Grécia. Para mim, a praia de Botafogo, como estava na noite da festa veneziana, era um pedaço de céu, era a phantasia mais linda que Deus construiu para mostrar o seu grande poder, o seu enorme valor e a sua extraordinaria obra prima.



15 de setembro de 1899, ano. II, n. 32, p. 155-158

Esplendida e verdadeiramente admiravel está a sexta exposição geral da Escola de Bellas Artes. Ha ali trabalhos de mestres, trabalhos valiosissimos que attestam o alto merito de alguns artistas nacionaes.

Como sempre Almeida Junior apresenta quadros de muito folego e de subito valor artistico. Sua technica é admiravel, seu desenho impecavel, seu colorido verdadeiro.

E sobretudo isso ha em todas as suas telas muita poesia.

Os nossos caipiras são os seus modelos preferidos. Aprecio immenso essa manifestação de patriotismo do insigne pintor paulista.

Não poderei, pela escassez de espaço desta revista, fallar, como desejava, detalhadamente da Exposição e de todos os que á ella concorreram.

Noto, com prazer, que o movimento feminista tem progredido muito em questões de arte.

N'esta actual exposição apparecem treze expositoras na secção de pintura e uma esculptora de grande merito.

Já é consoladôra essa tentativa, esse desejo que as nossas patricias mostram trabalhando e procurando se elevar.

Ha muitos quadros de pouco valor no salão da escola, e alguns então de todo sem valor, mas em compensação ha telas que por si só, valem uma exposição inteira.

“Saudades” de Almeida Junior está nesses casos. É um quadro de grandes proporções e tudo ali está tratado com carinho e com arte.

O modelo, disse-me o pintor, era uma viuva de dois mezes, uma pobre rapariga succumbida quasi pela dor da eterna separação do amado esposo.

A viuva contempla um retrato – o dele certamente – e está com a alma esmagada pelo soffrimento. Que poesia e que ternura nos olhos tristes d'aquella pobre mulher! Em segundo plano vê-se o album donde foi destacado o retrato e uma canastra de couro semiaberta.

A viuva recosta-se a um vão da parede rustica de seu casebre. A luz que entra francamente pela janella illumina todo o quadro e destaca a cabeça sympathica e o rosto tristonho da jovem martyr.

“Mendiga” é outro quadro do mesmo auctor, de muita verdade e muita belleza.

Minha querida amiga Julia Lopes de Almeida, que no dia do Vernissage admirava os quadros, logo que contemplou o de n.º 10 reconheceu na “Mendiga” uma velha devota, uma pobresinha muito conhecida em S. Paulo, que ia todos os dias á sua porta pedir esmola. Os olhos de minha amiga ficaram lacrimosos de commoção e era visivel a sua alegria ao encarar a admiravel tela que como astro de primeira grandeza illumina todo o salão.

O “Violeiro” é um typo bem estudado do caipira preguiçoso e indolente. A viola quasi que cæ das mãos e os olhos do violeiro revelam a lethargia de sua alma que secontenta com um viver quasi vegetativo. A mulher que canta ao som da viola está admiravel de naturalidade.

É um primor esse quadro.

Que direi de “Importuno”, um dos melhores quadros do illustre pintor paulista?

Devo calar-me, não posso, como já disse, alongar-me demasiado.

Em resumo, a Exposição de 99 é muito bôa, impressiona agradavelmente o visitante.

A proposito de quadros e de criticos andam a brigar por ahi, pintores e amadores.

Que tolice! Eu entendo que o valôr de um objecto de arte não é destruido pelas palavras dos senhores criticos que são muitas vezes incompetentes na materia, assim como

uma obra sem valor artistico não fica valendo mais, porque meia duzia de amigos escrevem e publicam elogios immerecidos.

O brilhante é sempre brilhante, quer esteja adornando a fronte de uma millionaria, quer esteja na lama a mais immunda...

E o que não tem valor proprio não perdura, cáe por si...

A critica sensata e verdadeira é um beneficio; a outra... a que é feita por desaffectedos ou por amigos intimos, não vale dois caracões.

Outro dia uma de minhas amigas me dizia que o facto de muitas creaturas viverem se lamentando, é uma doença, como outra qualquer. E doença perigosa e grave... por ser contagiosa.

Realmente citou-me casos, que eu conheço, e me provou a verdade de sua asserção, que parece, a principio, um paradoxo.

Observa, disse-me ella, ha pessôas que sentem enorme prazer em contar ao proximo os seus soffrimentos.

Que terrivel mania!

Conheço uma senhora, aliás muito bôa, que entende que nós todos viemos ao mundo exclusivamente para trabalhar e soffrer.

Procurar se divertir, buscar uma alegria, dar um passeio, são no entender dessa excentrica senhora, cousas superfluas e dispensaveis.

Em consequência da vida sedentaria e triste que leva essa infeliz creatura, a sua palestra é tetrica como um luto pesado. Outro dia ouvi debicarem-n' a. Eu tive pena, confesso. Tudo aquillo é effeito da educação. Ensinaram-n'a quando menina a tomar a vida como um fardo e a trabalhar como mouro, e quando ella se lamentava, ninguem a reprehendia, ninguem a censurava. Em vez de amenisarem-lhe a existencia, proporcionando-lhe diversões saudaveis e passeios e festas, deixavam que a menina se lamentasse...para desabafo e continuasse na mesma vida. De que pode se lamentar uma creança que é sadia e tem seus paes?

Hoje essa menina é uma senhora e tem, portanto, obrigações impressendiveis a cumprir, como esposa e como mãe. Trabalha o mais que é possivel e passeia o menos que pôde. Evita os divertimentos; em seu espirito escurecido pela falsa educação que lhe deram, o divertir-se uma senhora que é bôa esposa e bôa mãe é quasi um crime.

Qualquer contrariedadezinha, inevitavel á uma dona de casa, toma diante de seus olhos, proporções enormes. Se de manhã algum famulo a contraria, algum desarranjo se nota em seu ménage, que a outra qualquer seria facil esquecer, a pobre senhora tem panno para

mangas, como se diz entre nós. Rejeita o camarote do Lyrico que o marido lhe quer dar e se accede e váe ao theatro...não se diverte.

O insignificante contratempo da manhã é um pretexto para amofinar seu espirito durante uma semana.

Nada de lastimas, minhas leitoras. Deixemo-nos disso. Com lamentos e tristezas só conseguiremos uma cousa: enfastiar as pessôas a quem amamos e afugentar as que nos amam.

D'antes, quando eu via uma velha toda enfeitada, faceira, com as sombrancelhas e os cabellos pintados de preto; os lábios e as faces de carmim, os dentes postiços, os olhos requebrados querendo a força ser moça, eu lamentava que alguém não pudesse descobrir um remedio, uma pintura ou qualquer cousa para evitar as rugas, as terriveis rugas que em familia são chamadas — *pés de gallinha* e que tanto enfeiam e desfiguram.

Imaginem que uma mulher, Madame Levy, que acaba de chegar ao Rio de Janeiro, annuncia ter descoberto um remedio esplendido para extinguir as rugas do rosto. Usa a extraordinaria mulher de um processo de massagem, que só ella conhece.

Quanta gente irá consultal-a, Santo Deus!

Estou aqui e estou a ver Mme.Levy eclipsar o Eduardo Silva!

A mocidade é tão agradavel e tão seductora, tão bella e tão cobiçada que se Mme.Levy realmente tiver descoberto um meio de exterminar as rugas do rosto, terá também descoberto o segredo de se tornar millionaria em pouco tempo.



15 de outubro de 1899, ano. II, n. 33, p. 173-175

O lindo mez de Setembro de 1899 ficou gloriosamente assignalado nos annaes da sociedade artistica e litteraria desta cidade. A primeira audição da opera Saldunis do maestro Miguez e a primeira defeza perante o jury feita por uma mulher, são dois acontecimentos que marcam uma epocha. Falemos primeiro da opera, mesmo porque a defeza da Dra. Myrthes de Campos foi no dia immediato ao da festa musical.

O vasto salão do Instituto Nacional de Musica estava repleto de distinctas pessôas, convidadas pelo auctor para a primeira audição da opera que deve figurar por occasião das festas commemorativas do 4.º centenario do Brazil. O libreto é escripto por Coelho Netto, que o leu em publico, antes de começar a opera, afim de explicar o enredo da peça.

Pela distancia em que eu estava, mal pude entender o que leu o distincto litterato. Percebi no entanto, que o facto alludido, cujo resumo é o episodio do Saldunis, foi tirado da historia da França.

Destinada a opera á commemoração de uma festa puramente nacional, eu prefereria que o assumpto fosse também nacional.

Os factos historicos de todos os paizes cultos interessam a todos nós, em geral, mas com franqueza, para uma opera genuinamente brasileira e destinada a uma festa do Brazil, mais interesse nos despertaria um episodio de nossa terra.

A parte musical é um prodigio, agrada, interessa, arrebatada.

E' de um sentimento delicadissimo e é ao mesmo tempo imponente e magestosa, fazendo lembrar, por vezes, as extraordinarias operas de Wagner. O desempenho foi magnifico. Alguns amadores de subido merito auxiliaram os artistas conhecidos e o conjuncto foi perfeito, nada deixando a desejar.

Quando a bella opera Saldunis estiver orchestrada e fôr á scena, representada com todas as exigencias da arte, comprehenderão então as pessoas descrentes do valor artistico do nosso paiz, que aqui no Rio de Janeiro já se fazem e se executam operas difficeis e sublimes, e que o nosso povo pode apparecer de cabeça erguida nas cultas capitães do velho mundo.

Ainda bem! Uma braçada de flores ao eximio maestro Miguez e as seus talentosos interpretes.

A Dra. Myrthes de Campos, formada ultimamente pela Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes desta Capital é uma mocinha debil e franzina, tem vinte annos apenas, a voz é delicada como a de uma criança e em seus olhos, pequenos e myopes, ha uma expressão de firmeza, de confiança e de tenacidade, que agrada logo a primeira vista. No dia de sua estreia no jury, havia no tribunal um movimento extraordinário.

A's onze horas do dia já não havia mais um logar nas galerias. Era geral a curiosidade, muitas senhoras lá estavam para ouvir a Dra. fallar.

Quando a jovem advogada subiu á tribuna uma salva de palmas resoou no salão. O Juiz fez arrefecer o enthusiasmo, dizendo que o auditorio não podia se manifestar.

Bellissimo exordio proferiu então a oradora. Demonstrou, com eloquencia, o progresso do movimento feminista e trouxe factos históricos da Grécia e de Roma para corroborar suas asserções. Referiu-se ao advento do Christianismo que proclamou a igualdade entre todos, não podendo, portanto, ficar excluida a mulher. O seu discurso foi breve, judicioso e sem o menor vislumbre de pedantismo.

Na parte jurídica a oradora mostrou muita lógica analysando os factos com bastante habilidade.

A estréa da Dra. Myrthes de Campos foi uma victoria, o réo foi absolvido por 11 votos contra 1.

Não está ainda decidido, pelos supremos magistrados de nosso paiz, se é permittido ou não á mulher exercer a advocacia no Brazil; e se a Dra. Myrthes fez uma defeza no jury, foi porque o juiz Dr. Viveiro de Castro tomou a responsabilidade desse acto, que por emquanto não tem ainda a força de um direito garantido pela lei.

Se a mulher, depois de formada, não puder advogar, não devem consentir então que ella frequente as Academias e que perca cinco annos do trabalho para conquistar um titulo que nada pode valer. Deve haver lógica nesta intrincada questão. Realmente ter nas mãos um diploma que só pode servir para enfeitar a sala, emmoldurado n'um vistoso quadro, não vale a pena.

Seria uma vaidade tola levada ao ultimo gráo da estupidez.

E por falar de vaidade...

Disseram-me outro dia que Mme. Levy, a extraordinária mulher que tira as rugas do rosto com o seu segredo de massagem especial, tem tido muito maior numero de clientes nos homens do que nas mulheres!!

Quem seria capaz de imaginar isso?

As pobres mulheres que carregam aos hombros por tantos séculos os feios titulos de frivolas e de vaidosas, estão agora dando um desmentido formal.

A justiça tarda mas não falta...



15 de novembro de 1899, ano. II, n. 34, p. 185-188

Que terrivel furacão houve outro dia, nesta Capital! O vento vergava as palmeiras mais altas e jogava para longe as telhas das casas e os galhos das arvores. A chuva torrencial em poucos minutos alagou esta cidade, que seja dito de passagem, não exige muita agua para ficar completamente alagada.

Faixas electricas cahiam a miudo e a poeira das ruas era tanta que interceptava a vista. Um horror! Minutos antes do terrivel furacão, fazia um calôr senegalesco e o sol queimava como brazas.

Quando vi aquelle destempero do céu lembrei-me do proximo dia 13 de Novembro e raciocinei: se nesse dia houver um furacão igual a este, muita gente morrerá de medo, imaginando que é o começo da degradingolada.

Por isso é bom estarem prevenidos e não morrerem sinão no momento opportuno.

Morrer de medo deve ser o cumulo da cobardia! Haja em vista esta historia que me contaram a proposito da peste bubonica em Santos.

Um sujeito, excessivamente medroso, ia fugindo da peste indiana que arrasou a Inglaterra em 1665.

Em caminho, adormeceu, de cansado e sonhou que vira em um jardim magnífico uma mulher [sic] pallida e feia, definhada e antypathica a colher flores. O jardim era enorme e muito bem tratado. Só tres pessôas lá estavam, a mulher pallida e feia e dois rapazes fortes e robustos. Emquanto a mulher, que tinha um ar de preguiçosa, colhia uma flor, os rapazes colhiam dezenas e centenas de lindas e viçosas flores.

A mulher afinal foi descendo as escadas do jardim, desanimada e triste.

Os incançaveis mancebos continuavam sua faina, devastando o jardim.

O medroso que espreitava, perguntou á mulher: que gente ó essa? de quem é esse jardim? A horrorosa mulher fez um tregeito macabrio, e respondeu: “o jardim pertence a Deus, é o mundo, as flores são as creaturas...eu sou a Peste Bubonica e aquelles guapos rapazes são um o Terror e outro o Boato.”

E esta? Como o Boato e o Terror fazem muito mais victimas do que a Peste!

Foi um sonho, me dirão.

Mas um sonho, respondo eu, que dá a idea da realidade da vida.

Que lindo o ultimo concerto do Centro Artistico! Ouvi o grande orgão do Instituto pela primeira vez.

Custa a crer que o genio do homem possa conseguir tamanha maravilha! Com algumas taboas, bronze, cordas e metaes. ebano e marfim, compõe-se um instrumento tão extraordinario que traduz os sentimentos humanos com todas as suas delicadezas e variedades, com todos os seus segredos e paixões.

Recebi, ha dias, a amavel visita da talentosa Dra. Myrthes de Campos. Veiu a illustre senhora acompanhada por sua extremosa Mãe, agradecer-me a saudação que lhe fiz por esta revista, em seu numero proximo passado.

Eu nada fiz sinão o meu dever de brazileira e de patriota. A Dra. Myrthes é de uma delicadeza captivante.

Disse-me que havia escripto uma carta á illustre collaboradora do “Paiz” Ecila Worms, reclamando contra o engano que esta commettera, quando descreveu sua *toilette* do dia da sua estreia no Jury.

A escriptora da “Moda” lamentou que as mulheres superiores queiram se masculinizar pelas *toilettes* e se esqueçam de seus encantos particulares e começou o seu artigo descrevendo a vestimenta da jovem advogada no grande dia em que a illustre brasileira alcançou a bella victoria de elevar a sua voz na tribuna judiciaria com tão brilhante resultado!

“Depois da carta escripta, disse-me a Dra. Myrthes, rasguei-a, achei futil demais a questão para estical-a pela imprensa. Que diriam os homens adversários da emancipação moral da mulher se a esta questão nós emprestassemos importancia e pretendessem os occupar a attenção dos leitores do “Paiz”? Não, nunca.

Preferi a censura da escriptora...e rasguei a carta explicativa.”

Agora eu desmancho o engano que houve. Ecila Worms não foi ao Tribunal do Jury no dia da defeza da Dra. Myrthes e em seu artigo que a descrevia com trajés masculinizados, a distincta chronista se guiou, naturalmente, pelo retrato que a “Gazeta de Noticias” deu, retrato antigo e que trazia uma *toilette* de costume, aliás muito usada por senhoras avessas ás artes e ás lettras. Essa deselegante *toilette* é muito commoda para quem sendo pobre tem por obrigação sahir todos os dias á rua.

Foi, com certeza, por essa razão que a Dra. Myrthes adoptára essa *toilette* no seu tempo de estudante.

Eu assisti á brilhante defeza de nossa patricia e tive o prazer de abraçal-a nesse dia. Ella estava elegantemente vestida, sua *toilette* era tão graciosa e bem feita, tão feminina e catita que dir-se-ia ser uma das apontadas pela fidalga escriptora tão apreciada na sua “Moda”, não só pelos bellos modelos que apresenta como pelo valor literario que trescala do seu nome, mal occulto por transparente pseudonymo.

A’ Dra. Maria Coelho saúdo pela brilhante defeza que fez no Jury e pela victoria que alcançou: o réu foi absolvido.

Estrearam com muita felicidade as nossas patricias.

Em minha humilde opinião mais vale um facto do que mil discursos. Que os réus que forem deffendidos pelas bacharelas continuem a sahir livres e ellas triumpharão a despeito de todo o mal que dellas digam.

A noite convida ao aconcego do lar, á palestra da familia em torno á mesa de jantar, principalmente quando a chuva nos priva de um passeio agradável ou de uma visita interessante. Uma noite destas em que todos nós conversavamos alegremente e liamos e

brincavamos, meu marido abrindo os últimos números da “Scientific American”, leu, com surpresa, a descrição da photographia do som.

Realmente é uma maravilha da sciencia. Ficamos por algum tempo pasmos e admirados.

D’ahi a pouco, depara-se-me uma noticia no “Jornal do Commercio” muito engraçada. Imaginem o que foi. Conhecem as leitoras o que é Mariola de Capote? E’ um doce secco, feito de banana ou de goiaba, envolvido em folha de bananeira. E’ doce de pouca importância e de infimo preço, quo [sic] não vae ás mesas ricas e que quando muito póde agradar ao paladar das creanças. Pois bem, o Mariola de Capote chegou á altura de um principio, merecendo a attenção da Recebedoria e Directoria das Rendas Publicas do Thesouro Federal, do sr. Ministro de Fazenda e de mais funcionarios de alta monta. A questão é esta: se deve ou não estar isento de sello esse producto genuinamente brasileiro.

E o bonito é que o Mariola de Capote mereceu as honras de um privilegio, não terá sello. Ah! Mariola quem te vio e quem te vê! Como subiste! Quem diria que havias de deixar na bagagem os fios d’ovos, o *marron glassé*, os *bonbons fondants* e o creme de chocolate!

Quem te vio e quem te vê Mariola de Capote!!



15 de janeiro de 1900, ano. II, n. 36, p. 230-232

Com o presente numero encerra a *Mensageira* o seu 2º anno de existencia.

Dois annos de vida...que é isso? Nada, absolutamente nada, o desabrochar de uma rosa, um rápido e fugitivo sonho que se desfaz aos primeiros clarões da aurora.

Mas se olharmos para todas as difficuldades, para a má vontade de uns e para a intolerancia de outros, veremos que a campanha vencida não é das menores.

Se durante estes dois annos de trabalho a *Mensageira* cumpriu bem ou mal o seu programma é o que eu não posso saber pela suspeição que sinto n’alma ao falar desta revista que tanto estimo, que tanto estremeço.

A bella exposição de pintura que fez Madruga Filho ultimamente e a não menos bella que faz nestes dias B. Parlagreco, são de grande valor artistico, dignas portanto de calorosos elogios. E por falar em pintura... Durante muitos annos, neste paiz, ninguém que tenha coração delicado, poderá contemplar um bello quadro, principalmente se for um quadro de figura, sem se lembrar com saudades, do glorioso pintor paulista, tragicamente assassinado

em Piracicaba. É uma homenagem íntima essa reminiscência, e tanto mais eloquente por ser espontânea e sincera.

O anno que findou foi bem diverso de muitos outros que se têm ido para a escala dos séculos, formar o pedestal do Passado.

Bem diverso pelo menos para o Brazil. Vejamos: a invasão da peste bubônica, só por si bastava para lhe dar uma nota extranha e medonha. O anunciado fim do mundo, o terrível 13 de Novembro, que passou finalmente como qualquer dia passa — bom para uns e máo para outros — marcou uma epocha. A primeira audição de uma opera nacional e de real merecimento; a primeira defesa de uma mulher no jury, cujo exito excellento todos nós sabemos, são factos que raras vezes se reproduzem.

Disse algures um chronista elegante que todos os annos se parecem uns com os outros. A principio as festas do anno bom, as mesmas esperanças em todos os corações de um anno fértil e alegre, depois...decepções que não se fazem esperar, as mesmas tristezas, as mesmas dores.

O anno de 99 teve muitos accidentes, alguns medonhos como a invasão da peste e outros alegres e deliciosos como o triumpho da mulher brasileira nos arraiaes da sciencia, tão dignamente ganho nesta campanha em que andam empenhados partidos fortes e poderosos.

Outro dia, em um bond de Botafogo, tive occasião de apreciar um facto muito engraçado:

Na rua dos Voluntários da Patria, em frente a um prédio rico, de magnifico jardim, duas velhinhas já arcadas e tropegas fizeram signal para o nosso bond parar. O cocheiro travou o bond immediatamente, e as velhinhas, cuja idade sommada devia orçar pelos 150 annos, despediram-se ternamente.

Uma embarcou, era a menos velha, tinha a apparencia de uns bons 70 annos. A mais enrugadinha ficou encostada á pilastra do jardim e de lá, por entre os dedos mirrados e tremulos enviando um beijo á amiga que partia, disse, sorrindo: — adeus Bebê. Em paga desse beijo carinhoso, a meiga Bebê respondeu com o mais terno sorriso e dizendo: adeus Nenê.

O bond partio e a Nenê lá do portão, com o peso de seus 80 annos prováveis, sacudia, carinhosamente, o seu lenço grande de tabaquista respeitável.

Riam-se todos da infantil ternura. Eu confesso... achei adoravel aquella despedida.

Aos 80 anos de idade, termos alguém que nos lembre a infância com voz cariciosa e branda; alguém que nos recorde, por um momento, o nome delicioso de creança, é termos ainda um resto das illusões desse tempo doirado que não volta mais...

ANEXO B – ENQUETE *AS NOSSAS ESCRITORAS*, RESPONDIDA POR MARIA CLARA AO *ALMANACH DO PAIZ*, 1910

Relação das 24 perguntas realizadas pelo *Almanach do Paiz*:



A direcção do *Almanach*, desejando incluir entre os capitulos deste uma *enquête* ás nossas illustres escriptoras, dirigiu-lhes o seguinte questionario :

- 1º — Quando e como resolveu V. Ex. abraçar a carreira litteraria ?
- 2º — Quaes os autores que mais influencia tiveram no seu espirito e quaes os que ainda admira ?
- 3º — Qual das producções de V. Ex. a que mais completa considera ?
- 4º — Como trabalha V. Ex. ? Qual a hora preferida ?
- 5º — Das esthesias sensorias, qual a que mais a predispõe para a elaboraçãõ e producção ?
- 6º — Recorda-se das condições em que fez o seu primeiro trabalho litterario ? Vale a pena de as descrever ?
- 7º — Qual o pintor nacional que prefere ?
- 8º — Qual o dramaturgo mundial ?
- 9º — Qual o compositor musical ?
- 10º — Qual o actor ?
- 11º — Qual a actriz ?
- 12º — Que perfume prefere ?
- 13º — Que côr ?
- 14º — Que flôr ?
- 15º — A sua divisa ?
- 16º — A sua opiniãõ sobre a moda ?
- 17 — A sua opiniãõ sobre o amor, o casamento, a maternidade e o divorcio !
- 18º — Que pensa do feminismo e da incorporaçãõ da mulher á politica ?
- 19º — Dos inventos modernos, qual o que mais admira ?
- 20º — Entre a *crèche* e o jornal qual, segundo a opiniãõ de V. Ex., o que mais interessa ao progresso e á solidariedade humana ?
- 21º — Que pensa do homem como representante do sexo forte ?
- 22º — Qual o prato caseiro que V. Ex. julga mais saboroso ?

- 23º — Acredita V. Ex. que haja uma cozinha nacional brasileira ?
- 24º — Acredita V. Ex. na necessidade da instituiçãõ, no nosso meio, de escolas de ensino domestico ?

Respostas de Maria Clara à enquete:

VI

Respondendo aos amáveis questionários organizados para o *Almanach do Paiz* para 1910, envio junto a minha modesta opinião e sinceros agradecimentos pela consideração dispensada á minha pessoa.

Preferi dar a resposta em paragrafos; é mais simples.



Exma. Sra. D. MARIA
CLARA DA CUNHA
SANTOS

Tudo quanto disse é sentido e o fiz com a naturalidade que preside sempre todos os actos da minha vida.

1º — Comecei a cultivar as letras pelo muito amor que ellas sempre me inspiraram, sem pretender fazer carreira; foi pois uma attracção, direi mesmo seducção, pela leitura de obras boas e escolhidas.

Tinha 14 annos quando escrevi meus primeiros versos.

2º — Maria Amalia Vaz de Carvalho concorreu muitissimo para que eu cultivasse a litteratura. Adimirei-a sempre e ainda hoje tenho pela grande escriptora portugueza uma amizade cultual, augmentada pelo conhecimento pessoal com tão illustre personalidade. Victor Hugo foi sempre para mim o maior escriptor, não direi de França, mas de todo o universo. Devo confessar que os *Sonetos*

e *Rimas* de Luiz Guimarães Junior tiveram grande influencia sobre meu espirito e principalmente sobre meu coração.

3º — A que se me afigura menos má é o livro de viagens, intitulado *America e Europa*.

4º — Quando minhas occupaões principaes de dona de casa e senhora de sociedade me deixam tempo. Prefiro sempre as primeiras horas do dia.

5º — Quando escrevo poesias, a saudade; quando escrevo prosa, a hypocrisia social.

6º — Era muito criança quando escrevi os *Pyrilampos*. Os versos brotavam espontaneos em meu coração como flôres sylvestres. Lembro-me que a primeira quadra que fiz foi a proposito da morte de uma perúa, que tendo perdido o companheiro, entrou a definhar... definhar e morreu... de tedio talvez ou de saudades. Essa quadrinha humoristica andou de mão em mão, lá no interior de Minas onde se abriram e desabrocharam as primeiras rosas do meu coração.

7º — Rodolpho Amoedo interpreta a natureza de um modo tão original e tão brilhante, o seu colorido é tão forte e tão natural ao mesmo tempo, que eu não receio julgal-o o primeiro dos nossos pintores vivos.

8º — O dramaturgo que mais tem me commovido até á presente data foi Ibsen. Ainda hoje quando me recordo da *Casa de Boneca* sinto uma sensação deliciosa. Sou pois, pelo grande Ibsen.

9º — Chopin é o poeta da musica por excellencia, é um sonhador, mas onde collocarei Wagner, o grande e genial compositor? Difficil se me afigura a preferencia, mas já que é necessario manifestar-me, direi Wagner é maior, é unico. Parece-me que ainda estou na Scola de Milão ouvindo o *Tannhäuser* que tanto me deliciou, ou no Theatro Constanzi, em Roma, assistindo á estréa de *Walkyria*, portanto... Wagner.

10º — Emanuel, sempre Emanuel.

11º — Sarah Bernhardt. Creio bem que quem já teve a ventura de ouvir esta divina artista, não vacillará em affirmar ser ella a maior estrella do palco universal.

12º — Em questões de perfume não sou forte. Em todo o caso, prefiro os perfumes inglezes pela sua delicadeza. *Crab-apple blossoms*, é o melhor para mim, faz evocar o delicioso aroma da maçã sylvestre combinado com o da raiz do vetivér.

13º — Azul... sempre azul. Para que tivesse a minha preferencia bastava ser a côr do ceu, e a de certos olhos que eu acho lindos. Portanto, sou pelo azul.

14º — Das flores, a rosa. Nenhuma outra a eguala em belleza, perfume, nobreza, poesia. Uma rosa, em pleno desabrochar, perfumosa, ostentando todo o seu viço, é uma das maiores obras primas da natureza.

15º — Não tenho nenhuma, todavia acho que a que a America do Norte tem adoptado «Viver e deixar viver» é a mais generosa dentre todas. Um grande brasileiro, o saudoso André Rebouças, usava desta: Não ter medo da verdade. Realmente é encantadora em sua simplicidade. Se eu não tivesse manifesta predilecção pela divisa americana, daria preferencia a esta do Rebouças.

16º — Que ella devia ser muito simples, e não dar tanto trabalho á imaginação das mulheres, que muitas vezes obsecadas pelo despotismo da moda, esquecem de cultivar o espirito com boas leituras e o coração com obras de philantropia. Em resumo, a moda é uma deusa muito incommoda e a quem, geralmente, se presta mais attenção do que ella merece. Esta é a grande verdade. Si os exa-geros do culto pela moda ficam feios em uma mulher, que dizer em um homem?

E' a apotheose do ridiculo. Causa-me desagrado vêr um homem muito enfeitado; não sei porque, lembro-me sempre dos manequins dos alfaiates.

17º — O amor é sublime em sua essencia; o casamento, o estado natural das creaturas que attingem a idade do *crecei e multiplicai-vos da Biblia*; a maternidade, a mais sublime das manifestações da vida; o divorcio, o unico remedio para os naufragos do casamento; mas é preciso não confundir o amor com os simples desejos dos sentidos, o casamento com a especulação commercial, o saber «ser mãe» com o facto material de «ser mãe» e o divorcio com a dissolução dos costumes. A cousa é mais difficil do que parece e é necessario muito cuidado para evitar os sentimentos falsificados, agora muito em moda.

18º — O que se deve entender por feminismo? Mulheres que votam? que brigam? que furtam urnas eleitoraes? que rasgam listas do sorteio militar? que espancam? Nesse caso sou contraria ao tal movimento. Mas se feminismo é educar, instruir, libertar a mulher de certos preconceitos e preparal-a para as luctas da vida, então muito bem, sou pela idéa e entendo que tudo se deve fazer para esse tão nobre ideal.

19º — O telegrapho sem fio. Penso que é a maior manifestação do genio humano.

20º — O jornal, porque advogará os direitos de todas as classes, de todas as boas causas e sendo assim, será pela *crèche*, que indubitavelmente é uma das maiores provas da solidariedade humana.

21º — Que sempre que pôde, abusa de seu poder.

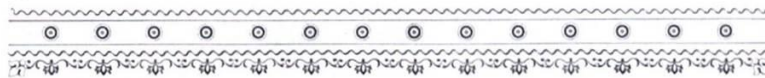
22º — Teria vergonha de dizer, tão grosseiro elle é, se não soubesse que é o popular de nossa terra. Sou pelo feijão preto, não se riam de mim; perguntaram-me, sou simples, não sei mentir... e sobretudo não sou ingrata com o meu feijão, companheiro de todos os dias.

23º — Não creio. A nossa cozinha é filha da portugueza, a unica originalidade, se ha, cabe á Bahia, com as suas pimentas

malaguetas, seus cuscús, dendês e outras cousas exquesitas, apimentadas e gostosas. Mas... não haverá, em tudo isso uma reminiscencia da Costa d'Africa? A nossa cozinha brasileira é filha de Portugal, convençamo-nos da verdade.

24° — Acredito que sim para casos muito especiaes, para quem estiver privado do carinho e do conforto de familia. A melhor escola domestica é uma boa mãe, carinhosa, economica, trabalhadora e simples. Tudo mais será para beneficiar os orphãos ou filhos de gente mal equilibrada, em qualquer sentido.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.



ANEXO D – PROVOCAÇÕES E DEBATES, UM LIVRO DE VIAGENS (CAPÍTULO V), DE SYLVIO ROMÉRO

Prefácio do livro *America e Europa* publicado na íntegra como um capítulo do livro de Sylvio Roméro:

A ex.a sr.a D. Maria Clara da Cunha Santos, vantajosamente conhecida nas pátrias lettras hodiernas por um volume de contos e outro de poesias, brinda-nos agora com um livro de viagens.

A' generosa bondade da distincta escriptora devo a incumbência de prefaciá-lhe a interessante publicação.

Serei breve: uma rápida *causerie* e nada mais.

*

Sejam as minhas primeiras palavras a expressão dum anhelô.

Fôra para desejar que um dos nossos críticos de mais saber, mais philosophia, mais largueza de idéas, mais competência no trato dos phenomenos intellectuaes e, sobretudo, de mais alma, enfeixasse num vasto e sympathico estudo as figuras das nossas mais distinctas escriptoras das ultimas décadas do século xix a esta parte.

Nas regiões da poesia, do conto, da novella, do romance, do folhetim, da chronica, da phantasia, da critica mesmo muitas se teem revelado com talento merecedor de applausos geraes.

E' um assumpto que está ahi a exigir a analyse dos genuínos críticos, um França Pereira, um Theotonio Freire, um Nestor Victor, um Augusto Franco, um Phaelante da Câmara, para iallar nos mais jovens e não citar mestres, como Arthur Orlando ou Clovis Beviláqua, mais distrahidos hoje, um, com os problemas polí- ticos e sociaes, e outro com as árduas questões do direito.

E' livro para ser feito por um espirito entusiasta, moço, são, cheio de idealismo e poesia e não por certos *rates* da critiquice nacional, capazes, talvez, de enfiar anzóes nas pescarias do Amazonas, mas de todo fechados á comprehensão duma alma de mulher, intelligente, espirituosa, elevada, honesta e boa.

A' obra, pois, os críticos de saber e coração que podem achar a vida e o tumultua dos sentimentos e das idéas, onde os *rates*, os rapsodistas das cousas alheias, encontram apenas motivos para rhetorices banaes.

*

O novo livro da distincta rio-grandense lê-se dum fôlego, porque é simples, despretencioso, leve, arejado por constante sympathya.

Conhece-se, logo nas primeiras paginas, que se está em companhia duma *causeuse*, cuja inspiração mais constante é a de um inalterável optimismo. Ella quasi só sabe vêr o lado bom de todas as cousas; a sua musa é a de um franco enthusiasmo pelo espectaculo da natureza e da vida. As palavras que mais se multiplicam no livro são: *bello, esplendido, admirável, magnífico, encantador, inolvidavel, deslumbrante, maravilhoso...*

A excursão, que não foi nem demasiado prolongada nem por demais extensa, está cheia de psquenas notas, doces traços, ás vezes em duas ou três linhas, que reçamam bondade e sympathya da autora por amigos ou parentes com que se encontrava ou de quem se recordava e tinha saudades.

Esses rápidos trechos são como deliciosos e floridos pontos que documentam a psychologia da escriptora.

Não farei citações para não tirar aos leitores o prazer de encontrar por si mesmos essas paragens.

Acham-se principalmente á pag. 11, quando falia da despedida na hora da partida; pag. 16, quando se refere aos amigos que, na Bahia, foram a bordo comprimentar a autora e seu distincto consorte, Dr. José Américo dos Santos; pag. 23, sobre a bella moça, que, cegando na ausência do marido, fora esperal-o ao cães em New-York; pag. 29, a respeito do quadro do *Desespero Materno* na Exposição das figuras de cera ainda em New-York; pag. 80, encontro com moças brasileiras em St. Louiz; pag. 186, sobre Dr. Branner; 206, relativamente ao Dr. Bruno Chaves e sua esposa; 218, Eugênio Latour e Magalhães de Azeredo; 223, professor Adolpho Malevolti e Pedro Américo; 260, acerca de Madame Paulo Fritz; 276, noticia da morte da sua irmã Judith; 282, Charles Neate; 284, D. Carolina de Rezende e o marido; 288, sua cunhada D. Alice; 291, a família do Dr. Cypriano Mascarenhas; 309, Maria Amalia, a *authoress* portugueza.

Fazem bem ao coração esses effluvios duma alma amoravel, que sabe sympathisar e vêr sempre o bem e revelal-o.

*

O livro contem scenas das sociedades do9 Estados-Unidos, México, Itália, Áustria, Allemanha, Hollanda, Bélgica, Inglaterra, França e Portugal, o que importa dizer que se refere a gentes que, na escola de sciencia social dos discípulos e reformadores das idéas de Le Play, se chamam *povos de formação communaria e povos de formação particularista*.

E' viajando que se apprehendem ao vivo as largas differenças que afastam essas duas qualidades de populações, differenças que prendem raizes no âmago mesmo do character.

Ou esse character seja explicável, no que tem de mais intimo, em grande parte pelas divergências essenciaes dos vários centros de apparição dos homens primitivos, ou pura e simplesmente pelas emigrações posteriores de um centro commum para regiões demasiado antitheticas, o certo é que, como processos descriptivos e ao mesmo tempo explicativos, das qualidades intrincadas das nações, não conheço methodos mais adequados do que os dos continuadores do famoso sociólogo francez.

As influencias originadas do passado da raça, dos vários meios phisicos, dos regimens de trabalho, da natureza dos recursos e modos de viver, da organização que dahi se impõe á familia, da indole das culturas e industrias são pegadas em flagrante em seu jogo múltiplo, em sua trama complicada e infallivel.

Depois que os conheci, não tenho cessado de aconselhar aos meus compatriotas o estudo acurado de livros como os de Henri de Tourville — sobre *A Formação dos Povos Particularistas*; de Edmond Demolins acerca *d'Os Francezes de hoje* e ainda sobre *As Repercussões Sociaes*; de Rousiers referentes á *A Vida Americana, a Hamburgo e a Allemanha, A Questão Operaria na Inglaterra, As Industrias Monopolizadas nos Estados-Unidos*; de L. Poinard — no que se refere á *A Produção, o Trabalho e o Problema Social nos Começos do Século XX*; de A. de Préville — dedicado *A's Sociedades*. [picanas, livro que interessa sobre maneira ao Brasil, não esquecendo do mesmo autor prestimosos escriptos — relativos ao *Japão*, ao *Thibet*, ao *Egypto*; de G. de Azambuja, illustre provençal, sobre a *Grécia Antiga* e um não menos valoroso tendo por objecto a *Macedonia Moderna*.

E, como esses, em geral — todos os estudos inspirados pelos methodos e ensinamentos dessa grande escola da *Sciencia Social*. (1)

A escriptora brasileira em *America e Eurlopa*, o bello livro que se vae lêr, viu e notou, nomeadamente nos Estados-Unidos, Hollanda, Inglalerra e Allemanha, umas poucas de cousas, assás divergentes de suas congêneres no Brasil, Itália, França e Portugal, muitas das quaes admirou e desejaria que fossem imitadas nesses últimos paizes.

O character de independência dos moços e até dos meninos, a educação autônoma e pratica dos homens, o facto de rapazes, estudantes universitários, empregarem-se em officios manuaes que a nós se afiguram grosseiros e acima da infatuada pretenciosidade de certas gentes, a energia e independência das mulheres que ousam pensar por si, o prazer e attracção pelas carreiras chamadas usuaes, fontes de bem estar e conforto, de preferencia aos azares da politicagem e do parasitismo de certas profissões denominadas *liberaes*, são cousas que despertam logo a attenção do viajor intelligente e não podiam escapar á perspicácia de uma mulher de talento, como é a nossa patricia.

Ella não poderá, talvez, explicar muitos destes phenomenos sociaes, cuja genesé e comprehensão resultam das lições do pugilo de pensadores referidos.

A mendicidade que se lhe deparou em Nápoles, o *dolce-far-niente*, — trapilho e embellezado de musicas e canções; a decadência de Veneza; o movimento e opulencia de Hamburgo; o bem estar e a limpeza de quasi toda a gente na Hollanda e na Bélgica do Norte; a prosperidade, o poder, a riqueza da Inglaterra; a marcialidade actual da Allemanha; certas exquisitices d'Áustria estão por ventura neste numero.

Além desses problemas que podiam ser debatidos a propósito das impressões de viagens de Maria Clara, releva notar em seu livro bellas scenas que se não apagam mais da memória do leitor.

Neste caso estão as dedicadas ao acto da abertura da Exposição de S. Luiz, o grande Canyon, a floresta petrificada, a catarata do Niagara, e vinte outras, todas sobriamente descriptas em estylo singelo, despretençioso, correntio e leve.

Pondo remate a estas rápidas observações, só me resta agradecer á autora a honraria conferida a este humilde e fervoroso admirador de seu talento.

11 de Junho de 1908.

- (1) É claro que da *Escola de Le Play* só admitto os processos e alguns resultados perfeitamente provados. Não aceito as idéas catholicas, que, aliás, não lhe são essenciaes, tanto que a doutrina tem sectários de todos os credos religiosos. Faço esta observação para tapar a booca a certos ignorantes. O tardio catholicismo do Le Play é caso isolado e secundário.

A Faceira

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO

→ DAS ←

Damas da Assistencia á Infancia

N. 2

D. Maria Clara da Cunha Santos

A associação das Damas da Assistencia á Infancia acaba de perder um dos seus melhores ornamentos na pessoa da illustre escriptora D. Maria Clara da Cunha Santos, a 1.ª Secretária da Directoria que devia terminar o seu mandato em 14 do corrente mez.

Como disse o *Jornal do Commercio* D. Maria Clara era «um dos mais brilhantes typos representativos da cultura feminina, no Brasil, que desaparece».

Espirito solicitado para todas as manifestações da arte e da litteratura, ao mesmo tempo que manejava o verso e a prosa, cultivava com amor a pintura, tendo figurado em varias exposições quadros com a sua assignatura.

D. Maria Clara deixa um volume de versos, *Paineis*, e dous de prosa, o primeiro, *Impressões de viagem*, algumas das quaes publicadas no *Jornal do Commercio*, e outro, *Pyralampas e rumorejos*, feito de collaboração com D. Presciliana de Almeida.

Além disso, collaborou na imprensa diaria e realizou varias conferencias, deixando ainda uma grande quantidade de trabalhos ineditos.

A fallecida era esposa do engenheiro Dr. José Americo dos Santos.»

De todas as produções de D. Maria Clara sem duvida a que mais sensação produziu foi o seu brilhante livro sobre a «America e a Europa» cuja edição offeteceu á associação a que pertencia para ser vendido em beneficio das creanças pobres.

Pouco tendo sobrevivido a Carmen Dolores e a Ignez Sabino, tambem duas apreciadas escriptoras, D. Maria Clara da Cunha Santos deixa um vacuo difficil de preencher.

Pezames as «Damas da Assistencia á Infancia.»

No intuito de ser util a todas as mães que honram a *A Faceira* com a sua leitura, reproduzimos aqui um interessante *A. B. C.* que é nada menos do que o resumo dos con-

selhos de hygiene infantil pelo Dr. Moncorvo Filho ministrados as familias que recorrem ao benemerito estabelecimento por elle fundado e dirigido — o *Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro*.



D. Maria Clara da Cunha Santos

O
A. B. C.
DAS MÃES

CONSELHOS DADOS NO

Dispensario Moncorvo

E NA

Crèche Sra. Alfredo Pinto

DO

Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro

Fundado pelo Dr. Moncorvo Filho

A leitamento materno. E' o melhor e aquelle que mais contribue para diminuir a mortalidade infantil. Até um anno pelo menos, toda a creança deve ser sómente alimentada com o leite humano; quando de todo fór impossivel o leite materno, dê-se-lhe o de uma ama rigorosamente examinada. E' perigoso dar-se ás creanças menores de um anno qualquer alimento solido.

Bastará que a mãe amamente o filho a principio (até o primeiro mez) de tres em tres horas e depois de duas em duas horas (dando o seio apenas 5, 10 ou 15 minutos, conforme a idade), fazendo durante a noite sempre um intervalo de cinco horas entre as mamadellas.

Creanças de peito não devem dormir com as mães porque pôde haver o perigo de asphyxial-as.

Devendo haver o maior cuidado na alimentação das creancinhas de poucos mezes, procure-se sempre lhes dar o leite humano; só em ultima analyse se deve recorrer ao aleitamento artificial. Neste caso é ao leite de um animal (*egua, jumenta, vacca ou cabra*) que se deve recorrer, sempre, porém, administrado esterilizado e misturado com agua fervida da seguinte maneira: Durante os 8 primeiros dias: — metade de agua e de leite — duas a tres colheres de sopa de tres em tres horas. Até o fim do primeiro mez: — duas partes de leite e uma de agua — quatro a cinco colheres de sopa de tres em tres horas. Até o fim do segundo mez: — tres partes de leite e uma de agua — meio copo de duas em duas horas.

Do terceiro mez em diante: — ir diminuindo a quantidade de agua até dar o leite puro — na mesma dose e espaço de tempo.

E' chamada *mamadeira assassina* a antiga mamadeira de tubo e que jamais deve ser usada. A mamadeira quanto mais simples melhor. O proprio vidro de esterilisação é o melhor e o bico nunca deve ser de borracha ciuzenta porque é venenosa.

Ferver todos os objectos que servem para o preparo do leite é medida imprescindivel e da maior vantagem para evitar que o alimento se altere, azéde e vá produzir collicas e diarrhéa na creancinha.

Gastro-enterite é o nome da molestia que os vícios de regimen mais frequentemente produzem e a causa da maior mortalidade dos pequeninos que ainda mamam.

Ha toda a vantagem em insistir que o aleitamento artificial exclusivo é um mal irremediavel e só dará resultados relativamente bons, quando praticado sob as vistas da familia, com cuidados minuciosos e por pessoas experimentadas, o que aliás não é difficil.

Indicando a pratica que o aleitamento mixto (a um tempo o aleitamento materno e o artificial) dá tambem bons resultados, é a elle que se deve recorrer sempre que a mãe não tiver leite sufficiente para, ella só, alimentar o filho.

Já se pôde, com certo cuidado, administrar a uma creança maior de um anno os mingãos, os caldos e o pão torrado. As farinhas de arroz, de aveia, de maizena, de tapioca e outras, prestam-se a excellentes mingãos. As sopas irão habitando a creança, já na proximidade dos dois annos, á alimentação commum. Quando a dentição da creança já está completa é que se deverá iniciar, com muito cuidado, a administração de alimentos mais solidos, (carne etc.) o desmame far-se-á sempre numa época fresca (o inverno de preferencia).



Recepções.

O Club dos Diários dará recepção na próxima sexta-feira, das 4 às 6 e 7 horas da tarde.

Concertos.

Amazal realizou-se o recital de piano de alto executoras as estuadas pianistas Susana e Helena Figueiredo.

Conferências.

Realizou-se ante-hontem, no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, a amena conferência do distinto professor Dr. Otávio Laurent sobre a Medicina da mulher e da criança.

Casamentos.

No dia 21 de novembro próximo, realizou-se o enlace matrimonial de Sr. Otávio Jayme de Souza com a senhora Otávia Valdeir, filha de Sr. Alfredo Rego Valdeir, antigo diretor da despesa pública do Theatro Faria.

Enterros.

Adoeste enterra-se hoje, em nome do Ilustre cônego Abade Guimaraes, o corpo de Sr. Manoel de Jesus, filho de Sr. Henrique José de Magalhães.

Falecimentos.

Faleceu hoje, em São Paulo, pela última vez, o Sr. Manoel de Jesus, filho de Sr. Henrique José de Magalhães.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Enterros.

No cemitério de S. João Baptista fizeram enterros, ante-hontem, os restos mortais do ex-cavaleiro impetuoso deus praça Sr. Ignacio Masses.

Missa.

Na matriz da Candelária, realizou-se hoje missa de 8ª hora, por ordem do Sr. Manoel de Jesus, filho de Sr. Henrique José de Magalhães.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Enterros.

No cemitério de S. João Baptista fizeram enterros, ante-hontem, os restos mortais do ex-cavaleiro impetuoso deus praça Sr. Ignacio Masses.

Missa.

Na matriz da Candelária, realizou-se hoje missa de 8ª hora, por ordem do Sr. Manoel de Jesus, filho de Sr. Henrique José de Magalhães.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

Partidas.

Partiu ontem para a Europa o illustre Ilustre Otávio Bilac.

D. Maria Clara da Cunha Santos



Falleceu, ante-hontem, ás 3 1/2 da madrugada, a distincta brasileira d. Maria Clara da Cunha Santos, que foi uma vigorosa escriptora e um espirito eminentemente educado e essencialmente bom. Muito conhecida e admirada em nossa alta sociedade, d. Maria Clara fez sempre profundas amizades, pois, o seu grande coração cari-hoso attrahia para si quantos della se approximavam.

Era dedicada e virtuosa esposa do illustrado engenheiro civil dr. José Americo dos Santos, a quem "A Imprensa" envia as mais sinceras e sentidas condolencias.

A finada era uma organização artistica: a musica, a pintura, ella cultivava como fazia a literatura, em que deixa varias obras, todas muito bem aceitas pela critica mais exigente. "A Imprensa" teve a honra de havel-a tambem como sua collaboradora, o que faz que ella sinta muito particularmente a grande dôr do desaparecimento de tão culta quanto virtuosa e boa senhora.

